

ANA PATRÍCIA DE SOUSA MARQUES

**A DISCRIMINAÇÃO NA VELHICE – A
INFANTILIZAÇÃO DA PESSOA IDOSA**

Orientadora: Prof^a. Doutora Sibila Fernandes Magalhães Marques

Coorientadora: Prof^a. Doutora Maria Irene Lopes Bogalho de Carvalho

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Instituto de Serviço Social

Lisboa

2016

ANA PATRÍCIA DE SOUSA MARQUES

**A DISCRIMINAÇÃO NA VELHICE – A
INFANTILIZAÇÃO DA PESSOA IDOSA**

Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias para a obtenção do grau de Mestre conferido pela Universidade De Humanidades Tecnologia, no dia 29 de Novembro de 2016, perante o júri, nomeado pelo Despacho de Nomeação 389/2016, de 20 de Outubro de 2016, com a seguinte composição:

Presidente: Prof^o. Doutor Carlos Diogo Moreira

Arguente: Prof^a. Doutora Maria Teresa Cardoso Pereira Ramilo

Orientadora: Prof^a. Doutora Sibila Fernandes Magalhães Marques

Coorientadora: Prof^a. Doutora Maria Irene Lopes Bogalho de Carvalho

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Instituto de Serviço Social

Lisboa

2016

Agradecimentos

Agradeço...

Aos meus pais pelo apoio e pelo exemplo que têm sido ao longo de toda a minha vida;

À minha irmã Inês pelo contributo;

Aos meus avós pelos muitos ensinamentos ao longo da vida;

Ao João Pedro por me ter ajudado a percorrer este caminho;

Aos meus colegas de Mestrado, em especial à Fernanda com quem partilhei intensivamente este desafio;

À minha amiga de infância Nélia com quem tantas vezes partilhei frustrações e conquistas;

Aos participantes desta investigação, os utentes do Centro de Apoio a Idosos da Fundação Dr. Agostinho Albano de Almeida e aos alunos da Universidade Sénior de Ourém.

À Universidade Lusófona e aos Professores que dela fazem parte e com quem tanto aprendi;

À Professora Doutora Maria Irene de Carvalho, minha coorientadora, pela partilha de conhecimentos e ensinamentos ao longo deste mestrado;

À Professora Doutora Sibila Marques, minha orientadora e uma inspiração na área da investigação. Agradeço todos os ensinamentos que foi gentilmente partilhando comigo ao longo desta caminhada.

A todos, agradeço do fundo do coração!

Resumo

O envelhecimento da população acentuou-se fortemente nos últimos anos, trazendo consigo novas exigências e problemas sociais. Um desses problemas, ainda é pouco visível e abordado, o idadismo.

O idadismo é uma forma de discriminação social, transmitida nas interações através de atitudes, comportamentos e preconceitos.

A presente investigação tem como tema central esta problemática associada às pessoas idosas, mais concretamente a discriminação subtil transmitida através da linguagem e atitudes infantilizadas. Desse modo, definimos como objetivo principal investigar se a comunicação e as atitudes infantilizadas para com as pessoas idosas são consideradas discriminação pelos mesmos.

A investigação foi realizada no concelho de Ourém, com 5 utentes do Centro de Apoio a Idosos (CAI) da Fundação Dr. Agostinho Albano de Almeida e 5 alunos da Universidade Sénior de Ourém (USO).

Foi adotada uma metodologia qualitativa, sendo que a recolha de dados foi realizada através da entrevista semiestruturada ou não estruturada/ não uniformizada, uma vez ser a técnica que melhor se adequou ao estudo.

Os dados foram sujeitos a uma análise de conteúdo que teve como objetivo analisar o material recolhido e reduzi-lo de forma a ficar apenas com o material mais relevante.

Após a análise dos resultados foi possível constatar que todos os nossos entrevistados são pessoas ativas, com uma visão positiva do envelhecimento, à exceção de um, e no seu dia-a-dia estabelecem várias interações positivas, nos mais diversos contextos. Constatamos também que o cenário preferido dos entrevistados foi o cenário a) (cenário neutro) em detrimento do cenário b) (cenário infantilizado), que classificaram maioritariamente como negativo. Relativamente ao objetivo principal podemos constatar que cinco dos entrevistados consideram o cenário b) discriminatório e os restantes cinco não, podendo concluir também haver uma maior tolerância à linguagem e atitudes infantilizadas por parte dos entrevistados da USO, ou seja, os entrevistados não institucionalizados.

Palavras-chave: Envelhecimento, Pessoas Idosas, Discriminação e Idadismo.

Abstract

The population aging has accentuated in the past years, bringing with it new social demands and problems. One of those problems is still barely visible and addressed, the Ageism.

The Ageism is type of social discrimination, transmitted in the interactions by attitudes, behaviours and preconceptions.

The present investigation has as main focus this problematic associated with elderly people, more specifically the subtle discrimination transmitted by language and infantilized attitudes. Thereby, we defined as main objective to study if the infantilized communication and attitudes towards old people are considered discriminative by them.

The investigation was conducted in Ourém County, on five patients of the “Centro de Apoio a Idosos” (CAI), part of the “Dr. Agostinho Albano de Almeida” Foundation, and on five students of “Universidade Sénior de Ourém” (USO).

We adopted a qualitative methodology, and the data gathering was done by resorting to semi-structured or non-structured/non-uniformed interviews, since it was the most adequate technique for the study.

The data was subject of a content analysis that had as objective to analyse the material collected and reduce it to the most relevant information.

After analysing the results it was possible to verify that all our interviewees, were active people, having a positive view on the aging process, except one person, and in their daily life they establish many positive interactions in several contexts. We also found that their favorite scenery was the scenery a) (neutral scenery) and they classified scenery b) (infantilized scenery) mostly as negative. Relatively to the main objective, we found that five of the interviewees considered b) scenery as discriminative, and the other five did not, which leads us to conclude that there is also a bigger tolerance to infantilized language and attitudes by USO interviewees, in other words, the non-institutionalized interviewees.

Key-Words: Aging, Elderly, Discrimination and Ageism.

Lista de abreviaturas

CAI- Centro de Apoio a Idosos

USO- Universidade Sénior de Ourém

INE- Instituto Nacional de Estatística

IPSS- Instituição Particular de Solidariedade Social

Índice

Introdução	8
Parte I - Enquadramento Teórico.....	10
1.1- Conceito de envelhecimento, velhice e pessoa idosa.....	10
1.2- Aspetos demográficos do envelhecimento da população.....	12
1.3- Aspetos sociais do envelhecimento	14
1.3.1- Representação social do envelhecimento e da pessoa idosa – Passado e presente	14
1.4- Discriminação pela idade – Idadismo	17
1.4.1- Discriminação subtil – Comunicação infantilizada para com a pessoa idosa.....	20
Parte II- Enquadramento Metodológico	24
2.1- Investigação Qualitativa.....	24
2.2- Participantes	25
2.2.1- Universo	25
2.2.2- Amostra	27
2.3- Instrumentos	32
2.3.1- Técnicas de Investigação.....	32
2.4- Procedimentos	33
2.4.1- Seleção e contacto das Instituições e dos entrevistados.....	33
2.4.2- Preparação da entrevista.....	33
2.4.3- Realização da entrevista	34
2.4.4- Tratamento das entrevistas	35
2.4.4.1- Transcrição das entrevistas	35
2.4.4.2- Análise das entrevistas	35
Parte III- Apresentação e discussão dos resultados da investigação	36
3.1- Resultados	36
3.2- Discussão dos resultados.....	67

Observações Finais	75
Bibliografia	77
Apêndices	I
Apêndice 1 - Ficha dados biográficos	II
Apêndice 2 - Gráficos de percentagens das diversas categorias da caraterização da amostra no seu total.....	IV
Apêndice 3 - Gráficos de percentagens das diversas categorias da caraterização da amostra do CAI	V
Apêndice 4 - Gráficos de percentagens das diversas categorias da caraterização da amostra do USO	VI
Apêndice 5 - Guião da entrevista	VII
Apêndice 6 - Consentimento informado.....	XII
Apêndice 7 - cenários a) e b).....	XIII
Apêndice 8 – Transcrição das entrevistas.....	XIV
Apêndice 9 – Grelhas de análise de conteúdo	CIV
Apêndice 10 - Dicionário de categorias	CVIII
Anexos	CXXIV
Anexo 1 - Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia – Artigo 21.º	CXXV
Anexo 2 - Constituição Portuguesa – Artigo 13.º	CXXVI
Anexo 3 - Princípios das Nações Unidas para as Pessoas Idosas – Princípio da Dignidade	CXXVII
Anexo 4 - Localização do Concelho de Ourém.....	CXXVIII
Anexo 5 - Localização e imagem do CAI	CXXIX
Anexo 6 – Localização e imagem da USO.....	CXXX
Anexo 7 - Horário das aulas do ano letivo 2015-2016 USO	CXXXI

Índice de tabelas

Tabela 1 - Palavras mais utilizadas para descrever as pessoas idosas	16
Tabela 2 - Características da linguagem infantilizada ou discurso paternalista	21
Tabela 3 - Dados biográficos dos entrevistados do CAI	29
Tabela 4 - Dados biográficos dos entrevistados do USO	31

Índice de gráficos

Gráfico 1 - Dia-a-dia do Entrevistado	39
Gráfico 2 - Outra atividade exterior à Instituição	40
Gráfico 3 - Interações diárias	41
Gráfico 4 - Interações positivas	41
Gráfico 5 - Diferenças entre o cenário a) e o cenário b)	47
Gráfico 6 - Reação ao cenário a)	49
Gráfico 7 - Reação ao cenário b)	50
Gráfico 8 - Cenário preferido	51
Gráfico 9 - Concordância com o cenário b)	52
Gráfico 10 - Cenário b) é discriminatório	53
Gráfico 11 - Sentimentos face ao cenário b)	55
Gráfico 12 - Ser Idoso	60
Gráfico 13 - Visão da população sobre as pessoas idosas	62
Gráfico 14 - Situações de discriminação face a uma visão negativa do envelhecimento	63
Gráfico 15 - Intervenção para diminuir a discriminação face às pessoas idosas em Portugal	67

Introdução¹

Atualmente o envelhecimento demográfico é um dos desafios mais importantes que enfrentamos e por isso há cada vez mais uma maior necessidade de aquisição de conhecimentos que visem melhorar a vida das pessoas idosas. Estes passam pela valorização dos direitos fundamentais de liberdade, a participação, a autonomia, a dignidade humana e a justiça social.

Todos nós sabemos que envelhecemos, e que um dia iremos chegar à velhice, porém a visão que a sociedade tem sobre esta fase de desenvolvimento não é a mais positiva (Barreto e Cunha, 2009), chegando mesmo a ser discriminatória.

A presente dissertação, intitulada “A discriminação na velhice – A infantilização da pessoa idosa”, tem como tema central o idadismo, um tipo de discriminação baseada na idade, mais concretamente a discriminação subtil através da linguagem infantilizada ou comunicação paternalista.

Assim, pretendemos analisar em que medida a comunicação e as atitudes infantilizadas em contexto de interação diária com pessoas idosas são consideradas discriminação face à idade pelos mesmos? Para conseguirmos dar resposta a esta grande questão foi elaborado um objetivo geral: Investigar se a comunicação e as atitudes infantilizadas para com as pessoas idosas são consideradas discriminação pelos mesmos; e nove objetivos específicos: Conhecer a vida diária dos entrevistados; Compreender as interações diárias existentes na vida da pessoa idosa; Analisar quais as diferenças entre o cenário a) (Cenário neutro) e o cenário b) (Cenário infantilizado) identificadas pelos entrevistados; Perceber de que forma os idosos reagem a situações de linguagem e atitudes de infantilização; Investigar quais os sentimentos associados à linguagem e às atitudes de infantilização; Identificar qual o cenário preferido dos entrevistados; Perceber se a linguagem e as atitudes infantilizadas para com idosos são consideradas discriminação pelos entrevistados; Identificar qual a imagem que a pessoa idosa tem de si, bem como a que considera que os outros têm das pessoas idosas; Perceber o que poderia ser feito, na opinião dos entrevistados, para diminuir a discriminação face às pessoas idosas.

O estudo deste fenómeno é recente e ainda se desconhece a extensão deste tipo de atitudes (Lima, 2010), neste sentido consideramos pertinente a sua abordagem e estudo, uma vez que é considerado “um problema sério em todos os países do European Social Survey” (Lima,

¹ A presente dissertação foi realizada segundo as normas APA e o novo acordo ortográfico.

2010:3). No grupo de 28 países do ESS, Portugal é um dos cinco países que considera o idadismo como um problema grave, sendo que a discriminação subtil é a que ocorre com maior frequência, nomeadamente a infantilização da pessoa idosa (Lima, 2010). Este tema tem sido pouco abordado na sociedade portuguesa, nomeadamente na literatura e estudos dedicados ao tema, e por esse motivo torna-se relevante e pertinente o seu estudo e compreensão (Marques, 2011).

Assim, pretendemos com esta dissertação, colaborar com novos contributos para a comunidade académica, nomeadamente na área da Gerontologia Social e contribuir também para o esclarecimento da sociedade sobre o idadismo, de forma a promover intervenções mais adequadas e prevenir atitudes discriminatórias junto das pessoas idosas.

A metodologia adotada para esta investigação foi a qualitativa, e a técnica de recolha de dados selecionada foi a entrevista semiestruturada ou não estruturada/ não uniformizada (Marconi e Lakatos, 2003; Fortin, 2009), uma vez que, segundo Moreira, “Os métodos qualitativos estudam a vida social no seu próprio quadro natural sem o distorcer ou controlar” (Moreira, 2007:50).

Na primeira parte (Parte I), apresentaremos o enquadramento teórico, sendo que numa primeira fase serão abordados os conceitos de envelhecimento, velhice e pessoa idosa. No ponto seguinte, falaremos dos aspetos demográficos mais relevantes sobre o envelhecimento da população. Os aspetos sociais do envelhecimento, nomeadamente a representação social do envelhecimento e da pessoa idosa no passado e no presente, é outro dos pontos abordados nesta fase. Em seguida, de forma a abordar o tema central desta investigação, abordaremos o tema da discriminação pela idade, a que se dá o nome de idadismo. Ainda dentro desse tema, falaremos da discriminação subtil, nomeadamente de como esta se transmite através da comunicação infantilizada para com a pessoa idosa.

Na segunda parte (Parte II), abordaremos o enquadramento metodológico. Neste falaremos da investigação qualitativa e dos participantes desta investigação através da sua caracterização. Em seguida falaremos dos instrumentos utilizados, dos procedimentos, nomeadamente a seleção e contacto das Instituições e dos entrevistados, a preparação, a realização e o tratamento das entrevistas bem como a sua análise.

Na terceira parte (Parte III), apresentaremos os resultados da investigação e em seguida realizaremos uma discussão dos mesmos, tendo em conta a literatura sobre o tema.

Para terminar, apresentaremos a conclusão desta investigação.

Parte I - Enquadramento Teórico

Ao iniciar a investigação há que ter bem claro que esta deve ser realizada de forma a contribuir para “uma melhor compreensão do fenómeno social em estudo” (Coutinho, 2011:55) e dos conceitos a ele associados. Neste sentido, foram realizadas pesquisas sobre o que foi publicado anteriormente acerca do tema em questão.

Após terem sido analisados vários livros, documentos, legislação, estudos e relatórios foi possível identificar diversos conceitos tais como Envelhecimento, Pessoas Idosas, Discriminação e Idadismo. Estes conceitos devem ser explorados de forma a haver uma melhor compreensão do tema, seja elaborada uma boa planificação, seja bem executada, bem como para facilitar a interpretação dos dados obtidos através da investigação e da sua difusão (Coutinho, 2011). Esta revisão da literatura visa situar o contexto do estudo de forma a estabelecer uma relação entre o conhecimento existente e o problema que se pretende investigar, de maneira a reforçar a credibilidade do estudo (Coutinho, 2011).

Assim, começamos por falar do conceito de envelhecimento, velhice e pessoa idosa. Em seguida apresentaremos alguns aspetos demográficos do envelhecimento da população, nomeadamente dados sobre as transformações ocorridas nos últimos anos e projeções futuras. Depois abordaremos os aspetos sociais do envelhecimento, mais concretamente as representações sociais do envelhecimento e da pessoa idosa no passado e no presente. Por fim falaremos da discriminação pela idade, o idadismo. Abordaremos também ainda dentro desta categoria a discriminação subtil através da comunicação infantilizada para com as pessoas idosas.

1.1- Conceito de envelhecimento, velhice e pessoa idosa

Ao longo dos anos o envelhecimento e a sua consequência natural, a velhice, têm vindo a ser cada vez mais uma preocupação da humanidade (Netto, 2011).

Envelhecimento e longevidade são conceitos que estão relacionados entre si, porém têm significados diferentes. A longevidade diz respeito à “duração da vida de um organismo e depende da progressão do envelhecimento, pois este impõe-lhe um limite mais tarde ou mais

cedo” (Almeida, 2012:23). Ou seja, se o envelhecimento ocorrer de uma forma rápida, como acontece nas síndromes progeroides humanas, a longevidade é menor; se o envelhecimento ocorrer de uma forma mais lenta, aumenta a longevidade (Almeida, 2012).

Atualmente, com o aumento da longevidade, diversos autores começaram a falar de uma nova etapa, para além das que já existiam, a 4ª idade (Paúl & Fonseca, 2005).

Este conceito foi criado pela geriatria e define as pessoas idosas que estão dependentes de terceiros, enquanto na 3ª idade a pessoa idosa ainda tem independência, autonomia e se encontra bem ao nível físico e mental. Neste sentido, não há uma idade que defina a passagem à 4ª idade, uma vez que esta depende essencialmente do grau de funcionalidade.

O envelhecimento pode ser definido de diversas formas, nomeadamente através de várias disciplinas como a Biologia, a Sociologia, a Psicologia, entre muitas outras. Porém, a definição apresentada segundo cada uma destas disciplinas, não contempla toda a dimensão do processo de envelhecimento, isto é, o processo de envelhecimento é um processo complexo que não se explica apenas do ponto de vista da biologia, da psicologia ou da sociologia, mas antes do conjunto de todas as disciplinas (Dias & Rodrigues, 2012; Ballesteros, 2004).

Segundo Spirduso et al (2005) o envelhecimento é definido como um processo intrínseco aos seres vivos e manifesta-se através da perda da aptidão para a adaptação e do decréscimo da funcionalidade que se repercutem em diversas alterações com consequências na autonomia, na saúde e na mobilidade deste grupo etário.

Cada pessoa envelhece ao seu ritmo, de acordo com a sua fisiologia, da sua genética, da sua capacidade psicológica, tendo em conta a sociedade que a rodeia (Spirduso et al ,2005). É importante salientar que não é igual envelhecer no feminino e no masculino, sozinho ou junto da família, com ou sem filhos, no meio urbano ou no meio rural, ativo ou inativo (Direção Geral da Saúde).

Segundo Carvalho, o envelhecimento “pode ser definido, por um lado, como o aumento do número de pessoas idosas na população e, por outro lado, como um processo contínuo de crescimento, desenvolvimento associado ao ciclo da vida, relacionado com as expectativas dos sujeitos e com as possibilidades e desenvolvimento de determinada sociedade” (Carvalho, 2013:5). Pode ser também definido como “um período do ciclo de vida em que a generalidade das características pessoais (biológicas, psicológicas e sociais) muda de uma forma relacionada entre si, orientando-se progressivamente para a construção de uma imagem de si mesmo como

“idoso” (diferenciada da imagem que habitualmente se tem de um “adulto”)” (Fonseca, 2012:96).

Quando falamos em envelhecimento, segundo Rosa (2012) podemos falar de dois conceitos diferentes: o de envelhecimento individual e o de envelhecimento coletivo.

O envelhecimento individual desdobra-se em envelhecimento cronológico e envelhecimento biopsicológico. O primeiro refere-se apenas à idade, isto é, é um envelhecimento inevitável que está gravado nos genes, e que ocorre ao longo de toda a vida, desde a concepção até à morte (Lima cit in Carvalho, 2013; Netto, 2011) ou segundo Ballesteros (2004) desde o momento em que nascemos até à morte.

Já o envelhecimento biopsicológico, está relacionado com o envelhecimento cronológico, porém não é tão rígido ao ponto de se limitar à idade, mas antes às diferentes formas como cada pessoa experiencia o envelhecimento (passado, estilo de vida, sociedade em que vive, género, herança psicossocial, património genético), ou seja, cada indivíduo envelhece de uma forma singular e única (Rosa, 2012; Moura et al, 2014).

O envelhecimento coletivo também destaca dois tipos de envelhecimento, o demográfico e o societal. O envelhecimento demográfico que diz respeito a “uma evolução particular da composição etária da população que corresponde ao aumento da importância estatística dos idosos ou à diminuição da importância estatística dos jovens” (Rosa, 2012:23). Por sua vez o envelhecimento societal, caracteriza-se por uma sociedade deprimida, que vê como ameaça o seu próprio envelhecimento e com as transformações que daí advêm. Porém o envelhecimento da população (envelhecimento demográfico) não implica um envelhecimento da sociedade, uma vez que esta encontre estratégias de forma a enfrentar determinados acontecimentos (Rosa, 2012).

Segundo a WHO (2002) os 60 anos marcam o início da etapa designada de velhice nos países em desenvolvimento, e os 65 anos nos países desenvolvidos, informação que o INE também defende, ou seja, em Portugal, uma pessoa com 65 ou mais anos é uma pessoa idosa, designação adotada para definir este grupo etário.

1.2- Aspetos demográficos do envelhecimento da população

O envelhecimento da população acentuou-se fortemente com a chegada do século XX, despertando grande interesse em diversas áreas científicas como a Medicina, a Antropologia, a

Biologia Humana, a Sociologia (Serrão, 2014) entre outras, mas também de organizações nacionais como os Ministérios da Saúde e da Solidariedade, Emprego e Segurança Social bem como de organismos internacionais que prestam especial atenção ao envelhecimento, tais como a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico, Organização das Nações Unidas e União Europeia (Carvalho, 2013).

O envelhecimento demográfico ocorre devido à diminuição das taxas de fecundidade e natalidade, do aumento da esperança de vida, assim como a diminuição das taxas de mortalidade (Carvalho & Mota, 2012; Carrilho cit in Carvalho 2013). “Este duplo envelhecimento – na base e no topo da pirâmide etária – vem sendo uma realidade cada vez mais presente e ilustrativa de uma Europa que precisa de medidas concretas ao nível da promoção de um envelhecimento que se quer ativo e da promoção da natalidade”. (Focus social, 2013)

O subgrupo da população que mais tem crescido ao longo dos anos nos países industrializados em todo o mundo é o grupo das pessoas idosas (Wahl e Lehr, 2003).

Atualmente, segundo o World Population Data Sheet, do Population Reference Bureau de 2015, vivem no mundo aproximadamente 7,336,435,000 bilhões de indivíduos, sendo que 8% tem 65 ou mais anos, e em Portugal cerca de 10,300,000 milhões de indivíduos, sendo que 19% tem 65 ou mais anos. A esperança média de vida à nascença atualmente no mundo é de 69 anos para os homens e 73 anos para as mulheres, sendo que em Portugal é de 77 anos para os homens e 83 anos para as mulheres.

Em Portugal o envelhecimento tem ocorrido de uma forma progressiva e gradual. Segundo os últimos censos (2011) a população residente em Portugal em Março de 2011 era de 10,562,178 milhões de pessoas, sendo que destas, mais de 2 milhões tinham 65 ou mais anos. Entre os censos de 2001 e 2011 foi possível constatar que “a proporção de jovens (população com menos de 15 anos) recuou para os 15% e a de idosos (população com 65 ou mais anos) cresceu para 19%” (INE- Dia mundial da população, 2014). Segundo o Instituto Nacional de Estatística, em 2013 o índice de envelhecimento em Portugal foi de 136 idosos por cada 100 jovens, sendo que projeções indicam que em 2060 os números anteriores se agravarão, atingindo os 271 idosos por cada 100 jovens, ou seja, 3 idosos para cada jovem. O grupo da população idosa com 80 e mais anos será o que mais crescerá, passando de 4,2% em 2008 para 12,7% a 15,8% em 2060. (INE- Projeções da população residente em Portugal 2012-2060, 2014).

1.3- Aspectos sociais do envelhecimento

1.3.1- Representação social do envelhecimento e da pessoa idosa – Passado e presente

Ao longo dos anos a definição social de velhice e pessoa idosa foi sofrendo alterações.

Nas civilizações primitivas as pessoas idosas eram desprezadas, mantidas longe do poder e dos rituais, chegando mesmo a serem abandonadas pela tribo, dada a sua fragilidade física. Mais tarde, “quando as tribos se sedentarizaram e se dedicaram à agricultura, os anciãos passaram a usufruir de considerações no clã, ocupando um lugar social elevado, chegando, por vezes, a ser eleitos chefes” (Bize e Vallier, 1985:38). Em Esparta, 28 homens idosos compunham um conselho; na República Veneziana homens idosos eram muitas vezes doges e no papado havia a gerontocracia (Bize e Vallier, 1985).

Segundo Rodríguez (2004) podem definir-se duas visões opostas de velhice. A primeira considera o idoso² “sabio, cargado de experiencias, de alto estatus social, merecedor de gran respeto y com una clara posición de influencia sobre los demás” (Rodríguez, 2004:233). Segundo Keith (1982) esta visão está associada à família extensa e à família extensa modificada, que reforçam os aspectos positivos do envelhecimento. Assim as pessoas idosas eram vistas como pessoas importantes e muito respeitadas.

O aumento da população idosa (Keith, 1982); a invenção da impressora, que fez com que a cultura, a história e as tradições passassem de geração em geração retirando esse papel às pessoas mais velhas; e a revolução industrial que fez com que as famílias passassem a movimentarem-se geograficamente em função do trabalho, deixando para trás os mais idosos terminando assim com a tradicional família alargada (Nelson, 2005), fizeram com que a primeira visão social do envelhecimento perdesse força e surgisse assim a segunda visão.

A segunda visão sobre a velhice, oposta à primeira, encara-a como uma etapa deficitária, ou seja, segundo esta visão, o envelhecimento acarreta perdas significativas e irreversíveis (Rodríguez, 2004). Segundo Matras (1990), esta visão encara a pessoa idosa como física e mentalmente diminuída, socialmente isolada e economicamente dependente.

² “Sábio, carregado de experiências, de alto estatuto social, merecedor de grande respeito e com uma clara posição de influência sobre os demais”.

No passado a representação social das pessoas mais velhas era “mais positiva, destacando-se um maior respeito para com as mesmas, atribuindo-se-lhes o poder da sabedoria e valorizando-se mais a sua experiência acumulada ao longo de toda uma vida” (Pereira et al, 2012:93). Nas aldeias, as pessoas idosas eram vistas como sábias, conselheiras em problemas difíceis, aquelas que conheciam várias histórias e todas as famílias da região. “Os velhos que resistiam ao peso do tempo eram considerados seres excepcionais e inspiravam respeito pelos poderes e conhecimentos ocultos que lhes atribuíam” (Bize e Vallier, 1985: 39).

Atualmente as pessoas idosas já não têm a importância que tinham, o respeito é agora menor. Já não ocupam o lugar de chefe que assegura a transmissão das tradições. Tem experiência, mas esta é desvalorizada em detrimento do conhecimento que os mais jovens possuem (Bize e Vallier, 1985), e o saber acumulado ao longo da vida é desvalorizado (Rodríguez, 2004).

“Dados científicos têm vindo a contrariar os estereótipos sobre o declínio inevitável e irreversível que acontece com a idade, contudo, permanecem ainda atitudes discriminatórias e estereotipadas em relação a este grupo etário” (Moura et al, 2014:102). Tendem a generalizar-se os atributos da população idosa, como se esta envelhece-se toda da mesma forma, surgindo assim os estereótipos baseados na idade. Na tabela 1 estão algumas das palavras mais utilizadas para descrever as pessoas idosas segundo vários autores.

Tabela 1 - Palavras mais utilizadas para descrever as pessoas idosas

Palavras	Autor
Doentes, lentas, dependentes, esquecidas, intelectualmente e fisicamente debilitadas e incompetentes	Gorjão e Marques (2012); Ballesteros (2004); O'Connor e Rigby (1996)
Incapazes e infantil	Levy, Housdorff, Hencke e Wei (2000)
Fraco e infeliz	Montepare e Zebrowitz-McArthur (1988)
Deprimido	Palmore (1999)
Egocêntrico	Hummert (1994)
Dependente, egocêntrica ou deprimido	Bonneson e Burgess (2004)
Inflexíveis, solitários, religiosos, improdutivos, doentes, depressivos, senis, frágeis e sem energia	Nussbaum e cols. (2005)
Incompetência, deficiência e dependência	Ryan, Giles, Bartolucci, & Henwood, (1986)

Os estereótipos etários são representações sociais, socialmente construídos numa sociedade (Amâncio, 1994; Hogg & Abrams, 1988; Vala, 1997), sendo que os estereótipos negativos com base na idade são ainda predominantes (Lagacé & Tougas, 2010) como alguns estudos demonstram.

Numa investigação realizada por Veloz, Nascimento-Schulze e Camargo (1999) no Brasil, sobre as representações sociais do envelhecimento foi possível identificar três tipos de representações: “uma representação doméstica e feminina em que a perda dos laços familiares tem papel central; uma que parte da noção de atividade, conferindo ao envelhecimento características de perda do ritmo de trabalho; e, finalmente, uma perspectiva de cunho mais utilitarista, que destaca o envelhecimento como desgaste da máquina humana.” (Couto et al, 2009:510)

Foi realizado um estudo em Espanha com 1200 indivíduos maiores de 18 anos, com o objetivo de perceber quais as diferenças na atribuição de adjetivos que melhor qualificam diferentes grupos etários: jovens, adultos e idosos. Os resultados indicam que os 4 adjetivos mais utilizados para qualificar os jovens foram: alegre, rápido, impulsivo e ativo. Para os adultos foram: sereno, útil, inteligente e ativo. Por fim, os adjetivos mais utilizados para qualificar os idosos foram: triste, lento, sereno e passivo. Este estudo demonstra a forma distinta como os diferentes grupos etários são qualificados, verificando-se que “la vejez es valorada com adjetivos más negativos que las otras edades”³ (Ballesteros, 2004, p.42).

Outro estudo, realizado por Kornadt e Rothermund (2011) sobre os estereótipos associados às pessoas mais velhas, revela que as percepções mais negativas estão relacionadas com o estado físico e mental, com as relações sociais e com questões financeiras.

Já em Portugal, o estudo feito por Marques, Lima e Novo (2006) que teve como objetivo recolher, junto de participantes jovens e idosos, os atributos considerados estereotípicos relativamente ao grupo das pessoas jovens e idosas na sociedade portuguesa, foi possível concluir que o conteúdo estereotípico culturalmente associado ao grupo dos jovens é mais positivo (85,7%) do que aquele associado ao grupo dos idosos (42,1%).

Os estereótipos negativos com base na idade, surgem de falsas concepções que muitas vezes dão origem à estigmatização e à exclusão, ou seja, à discriminação etária – Idadismo. (Bulter, 1969; Palmore, 2001).

1.4- Discriminação pela idade – Idadismo

Com as transformações e os números referidos anteriormente, surgem novas exigências e problemas, nomeadamente no que toca à população idosa, problemas ainda pouco visíveis ou pouco abordados. “Um desses problemas é a discriminação social veiculada através de comportamentos, atitudes e preconceitos presentes nas interações diárias com pessoas idosas.” – Idadismo (Alves & Novo, 2006, p.65).

Este termo, traduzido do inglês ageism, foi utilizado pela primeira vez em 1969 por Butler, psicólogo americano que tentava entender as reações negativas de uma determinada comunidade à construção na vizinhança de um imóvel para pessoas idosas. Aparentemente não havia uma explicação para tais reações, porém após uma aprofundada reflexão sobre as reações negativas, este pode concluir que essas atitudes se deviam à idade dos novos inquilinos, ou seja,

os habitantes não ficaram satisfeitos com a construção do imóvel para pessoas idosas junto das suas residências, movidos pela crença de que este novo imóvel poderia diminuir o prestígio do local (Butler, 1969). Assim, este termo foi definido como uma forma de intolerância relacionada com a idade (Minichiello et al, 2000), enraizada em crenças, atitudes, preconceitos e comportamentos, sendo que qualquer pessoa pode ser alvo de discriminação pela idade que tem, sendo as crianças e as pessoas idosas os grupos mais vulneráveis (Nussbaum, Pitts, Huber, Krieger & Ohs, 2005).

Butler identificou dois tipos de idadismo, o benigno e o maligno. O idadismo benigno diz respeito a um tipo de preconceito subtil que tem origem no medo, consciente e inconsciente, de se ficar velho. Já o idadismo maligno diz respeito a um processo de estereotipização mais grave, onde as pessoas idosas são vistas como pessoas inúteis e desprezáveis (Nelson, 2006).

Este termo caracteriza-se por três componentes relacionadas com as atitudes: os preconceitos, sentimentos em relação aos mais velhos; os estereótipos, crenças sobre os mais velhos – homogeneidade; e a discriminação, comportamentos ou atos efetivos (Gorjão & Marques, 2012).

Palmore (2001) acredita que o idadismo constitui um “terceiro ismo”, a seguir ao racismo e ao sexismo, uma vez que ambos se caracterizam por uma forte discriminação e preconceito em relação a um determinado grupo de pessoas, porém, este é diferente na medida em que se manifesta de forma inconsciente e sem intenção de prejudicar o seu alvo (Levy e Banaji, 2002).

A forma principal que o idadismo assume em Portugal é contra as pessoas mais velhas contrariamente ao que se observa na Europa, onde este tipo de discriminação se verifica contra os mais jovens, como por exemplo no Reino Unido (Instituto do Envelhecimento, 2011). Neste trabalho focamo-nos no idadismo contra as pessoas idosas, também designado por vários autores como gerontismo, velhismo (Marques, 2011).

Alves e Novo realizaram um estudo em 2006 que teve como objetivo avaliar a discriminação social de pessoas idosas em Portugal. Com esse estudo foi possível concluir que 68% dos idosos, institucionalizados e não institucionalizados, referem já terem sido vítimas de discriminação/idadismo (Alves & Novo, 2006).

Segundo os dados apresentados no módulo idadismo do European Social Survey (2009) a discriminação em relação à idade é a principal forma de discriminação sentida pelos portugueses (17%), que é superior à discriminação baseada no sexo (13%) e à discriminação

baseada na etnia (11%). Estes dados demonstram ainda que em Portugal, este tipo de discriminação atinge as pessoas mais velhas, sendo que 20,8% das pessoas com idades compreendidas entre os 65 e os 79 anos e 31,6% das pessoas com mais de 80 anos, referiram já se terem sentido discriminadas com base na sua idade.

Dados mais recentes, do Eurobarómetro Especial de 2015 relativo à discriminação na EU em 2015 mostram que 52% dos portugueses considera a discriminação por se ter mais de 55 anos de idade comum na nossa sociedade.

Apesar dos números apresentados anteriormente, o idadismo é dos tipos de preconceito que é menos reparado e mais tolerado socialmente em todo o mundo (Nelson, 2006).

Na vida diária é possível observar vários domínios onde este está presente: no emprego, na família, nas agências governamentais, na habitação, na sociedade (Pereira et al, 2012) e onde os direitos humanos fundamentais são postos em causa. Segundo o artigo 21.º da Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia³, a discriminação com base na idade apresenta-se como uma violação dos direitos humanos. Da mesma forma, a Constituição Portuguesa proíbe qualquer forma de discriminação nomeadamente com base na idade – artigo 13⁴ bem como os Princípios das Nações Unidas para as Pessoas Idosas que defende que os mais velhos devem ser tratados de forma justa, independentemente da sua idade – Princípio da dignidade⁵.

O processo de envelhecimento pode ser comprometido pelos “estereótipos negativos, de preconceito e de discriminação” transmitidos pela sociedade (Couto et al, 2009), podendo levar a pessoa idosa a uma menor vontade de viver, sendo isto considerada violência psicológica (Levy, Ashman e Dror, 2000). Segundo a pesquisa realizada por Minichiello et al (2000), são as relações interpessoais que sofrem mais com o idadismo, bem como a auto perceção que os idosos têm de si próprios, que leva posteriormente ao isolamento dos mesmos. Alguns estudos sugerem que o isolamento e a diminuição da participação social das pessoas idosas pode levar a fatores de risco relacionados com a saúde (York e Waite, 2007) (Matos, 2010), tão graves como problemas relacionadas com o tabagismo, a tensão alta, entre outros que estão associados à morte prematura (House, 2001).

Outra das consequências relacionada com os estereótipos negativos sobre o envelhecimento é o declínio do desempenho das pessoas idosas em tarefas cognitivas após

³ Ver anexo 1 - Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia – Artigo 21.º

⁴ Ver anexo 2 - Constituição Portuguesa – Artigo 13.º

⁵ Ver anexo 3 - Princípios das Nações Unidas para as Pessoas Idosas – Princípio da Dignidade

estarem expostas a estereótipos negativos sobre o envelhecimento (Levy, 1996); (Levy e Langer, 1994).

Além dos impactos negativos já referidos anteriormente, um dos mais negativos e subtis é a interiorização desses mesmos estereótipos, ou seja, a aceitação desses estereótipos como verdadeiros. Quando assim é há a tendência a agir de forma a que essas atitudes sejam reforçadas por parte de quem as pratica (Whitbourne & Sneed, 2002; Nelson, 2006).

Neste sentido, é necessário compreender as formas que o idadismo pode assumir na sociedade de forma a delinear estratégias que visem combater a propagação destas atitudes e estereótipos (Gorjão & Marques, 2012) uma vez que passam de falsos entendimentos que podem resultar em barreiras à funcionalidade dos idosos (Pereira et al, 2012) e que vão desde atitudes mais flagrantes a atitudes mais subtis.

1.4.1- Discriminação subtil – Comunicação infantilizada para com a pessoa idosa

Na sociedade são muitos os sinais de discriminação em relação às pessoas mais velhas (Marques, 2011). Estes surgem em diversos domínios e podem ser muito abrangentes, desde os mais flagrantes – maus tratos, aos mais subtis. A discriminação subtil ainda é pouco refletida e referida na literatura, porém tanto em Portugal como na Europa é mais comum do que a discriminação flagrante (Instituto do Envelhecimento, 2011).

Segundo Marques (2011) na nossa sociedade existem muitos sinais de discriminação em relação às pessoas idosas. Estes sinais surgem em diversos contextos e domínios, e assumem formas mais flagrantes como o caso dos abusos e dos maus tratos, porém também assumem formas mais subtis (Levy e Banaji, 2002).

A discriminação subtil caracteriza-se por comportamentos na maioria das vezes aplicados de forma inconsciente e sem objetivo de magoar os mais velhos (Moura et al, 2014), porém “embora bem-intencionados, podem ser idadistas e prejudiciais porque tendem a promover a incapacidade e a dependência” (Marques, 2011:20). Estes foram designados por Palmore como atitudes pseudo-positivas (Nelson, 2006).

Exemplos disso são os comportamentos de ajuda excessiva e de sobre proteção das pessoas mais velhas, nomeadamente a forma infantil e paternal que muitas pessoas utilizam para cuidar e comunicarem com as pessoas idosas, também designada de linguagem condescendente, estejam elas institucionalizadas ou não institucionalizadas (Nelson, 2005).

Estudos anteriores demonstram que a comunicação pode ser um forte transmissor de estereótipos baseados na idade (Lagacé, T. 2012).

Giles & Oguay (2007) definiram um quadro teórico designado por CAT (Communication Accommodation Theory) que nos permite perceber como a discriminação pode ser transmitida através da comunicação. Esta teoria refere que quando duas pessoas comunicam entre si têm em conta a identidade social um do outro, ou seja, a comunicação verbal e não-verbal é adaptada às características da pessoa a quem se destina. As características dessa pessoa são tidas em conta segundo o grupo social a que pertence. Por exemplo, no caso das pessoas idosas, e uma vez que pertencem a um grupo que está associado a estereótipos negativos, a comunicação verbal e não-verbal é modificada de forma a refletir esses mesmos estereótipos.

Através da revisão da literatura sobre a linguagem idadista, também designada por linguagem infantilizada ou discurso paternalista, foi possível identificar diversas características da mesma, características essas que apresentamos na tabela 2.

Tabela 2 - Características da linguagem infantilizada ou discurso paternalista

Características	Autor
Fala vagarosa, discurso simplificado e de baixa qualidade.	Couto (2009)
Falar em voz alta, num tom agudo e com entoação exagerada, utilização de palavras e expressões que habitualmente se utilizam com crianças e animais de estimação- conversa de bebé.	Caporael (1981); Hummert (1994); Kemper (1994); Ryan, Hummert e Boich (1995); O'Connor e Rigby (1996)
Vocabulário simples ou infantil, utilização de diminutivos, gramática simplificada, redundância, forma de tratamento excessivamente familiar (por exemplo: Tratar a pessoa pelo apelido), utilização de	Ryan (2000)

termos carinhosos (por exemplo "querida"), referência na terceira pessoa, exagero nos elogios em pequenas realizações, tom de voz alto, entoação e pronúncia exageradas.	
Excesso de acomodação, excesso de educação, tom de voz alto e lento, exagero na entoação, frases simples.	Giles et al (1994)
Excesso de educação, tom de voz mais alto e lento, exagero na entoação, discurso mais simples, ajuda desnecessária (assumindo que as pessoas idosas não o conseguem fazer sozinhas), não ter em conta a opinião das pessoas idosas.	Nelson (2006)

A infantilização, um dos estereótipos mais prejudiciais para as pessoas idosas, surge da ideia errada de que as pessoas mais velhas são como as crianças, têm a capacidade intelectual reduzida, má audição e as funções cognitivas mais lentas (Nelson, 2006). Neste sentido a maior parte das pessoas, movidas pela preocupação e pelo carinho (O'Connor & Rigby, 1996), modificam o seu discurso de forma a melhorar a percepção do mesmo por parte das pessoas idosas. Algumas pessoas idosas respondem de forma positiva a esta atitude, porém também há quem a considere uma atitude controladora e de falta de respeito (Ryan et al, 2000), uma vez que esta atitude incentiva a dependência como também desvaloriza a individualidade de cada pessoa (Raina e Balodi, 2014).

Vários estudos têm demonstrado o impacto negativo que este tipo de linguagem tem sobre quem a recebe, neste caso as pessoas idosas. Esta linguagem representa um fator de risco uma vez que pode transmitir uma falta de respeito (Ryan et al., 1991) que tem impacto negativo na dignidade (Draper, 2005), na identidade, na autoestima, nas habilidades linguísticas e na percepção de autoeficácia das pessoas idosas Nussbaum et al (2005).

Lagacé, Tougas, Laplante, e Neveu (2008, 2010) realizaram um estudo onde concluíram que a percepção de comunicação idadista no local de trabalho pode levar a pessoa idosa (trabalhador) a alterar o seu comportamento, diminuir a sua autoestima e ter um impacto negativo no seu bem-estar.

Outros estudos realizados por O'Connor e Rigby (1996) e Salari (2006), realizados com moradores de residências sêniores demonstram o quão prejudicial é a linguagem idadista para a auto-estima dos residentes, nomeadamente a conversa de bebé.

Segundo Levy e Banaji (2002) este tipo de linguagem, é utilizada de forma inconsciente, o que pode levar a que este tipo de discriminação social seja aceite ou tolerada. Os estudos realizados por Angus e Reeve (2006) e Giles e Gasiorek (2011) demonstram que a discriminação com base na idade é mais aceite, mais tolerada e menos denunciada quando comparada com a discriminação com base no sexo ou na raça.

Esta aceitação e tolerância poderá estar relacionada com este tipo de discriminação, que ainda é pouco conhecido e abordado. Num estudo realizado por Couto et al (2009), avaliou-se a discriminação contra idosos no contexto brasileiro, tal como já tinha sido feito anteriormente em Portugal por Alves e Novo (2006) e nos Estados Unidos da América por Paltrow (2001). Os resultados demonstram uma baixa percentagem de ocorrência no item paternalismo nos três estudos, resultados estes que os investigadores justificam possivelmente dever-se ao facto de este tipo de discriminação não ser “característico da cultura brasileira e portuguesa, sendo, todavia, mais comuns da cultura americana” (Couto et al, 2009:514), o que revela um desconhecimento por parte das pessoas acerca deste tipo de discriminação.

Segundo Gorjão e Marques (2012) são necessárias medidas que combatam esta problemática cada vez mais acentuada de forma a evitar a disseminação deste tipo de atitudes. Essas medidas devem promover uma alteração da imagem associada ao envelhecimento e às pessoas idosas, promover a participação e a inclusão deste grupo que faz parte da população de forma a potenciar as suas capacidades “conduzindo a uma maior qualidade de vida e satisfação pessoal” (Gorjão & Marques, 2012:136). Porque a “generalidade dos problemas das pessoas idosas, na nossa sociedade, não decorre do processo de envelhecimento biológico, mas sim sociogénico, ou seja, dos papéis impostos pela sociedade, quando as pessoas atingem determinada idade cronológica” (Lima, 2010:24).

A este respeito a Organização Mundial de Saúde recomendou que se criassem e desenvolvessem programas com o objetivo de combater estereótipos com efeitos negativos,⁶ “ya que pueden convertirse en profecias que se cumplan” (Ballesteros, 2004, p.43).

Segundo Moura outro aspeto que deve ser trabalhado é a mudança de mentalidades e de comportamentos, começando nas esferas sociais. “A intervenção em boas práticas

⁶ "Porque podem se tornar profecias que se cumpram."

gerontológicas expõe um processo de humanização do indivíduo e de estímulo que contribui para a qualificação da velhice, através da selecção de elementos que transmitam sentido ao viver e conviver” (Moura et al, 2014:26). Marques acrescenta que deve combater-se o idadismo através de trabalho junto da população de forma a alterar as representações associadas às pessoas idosas e à forma como se “encaram as relações entre as diferentes categorias etárias” (Marques, 2011:95). Esta intervenção pode ser concretizada através de fóruns, congressos, jornadas, sessões abertas à comunidade de forma a “desmistificar concepções erróneas e injustificadas” (Pereira, 2012:99).

Parte II- Enquadramento Metodológico

2.1- Investigação Qualitativa

A metodologia seleccionada foi a metodologia qualitativa. Esta é a que melhor se enquadra uma vez que “centra-se na compreensão dos problemas, analisando os comportamentos, as atitudes ou os valores” (Sousa & Batista, 2011:56) e “dá profundidade aos dados, a dispersão, a riqueza interpretativa, a contextualização do ambiente, aos detalhes e às experiências únicas” (Sampieri et al., 2006:15).

Assim, pretende-se compreender um fenómeno, de forma a “extrair a sua essência do ponto de vista daqueles que vivem ou viveram essa experiência” (Rousseau & Saillant, 2009:148). Neste estudo o investigador não assume o papel de perito, uma vez que se estabelece uma relação nova entre sujeito e objeto, “o sujeito produtor de conhecimento está, enquanto ser humano, ligado ao seu objeto e o objeto, igualmente um sujeito humano, é dotado de um saber e de uma experiência que se lhe reconhece” (Rousseau & Saillant, 2009:148). Esta posição permite inovar no que toca ao desenvolvimento do conhecimento, isto é, os sujeitos que participam no estudo participam de forma ativa, levando a que os investigadores investiguem “com” e não “para” estes, levando alguns investigadores a designarem os sujeitos do estudo de “co-investigadores” (Rousseau & Saillant, 2009:148).

2.2- Participantes

Este estudo foi realizado em Portugal, no distrito de Santarém, no concelho de Ourém na freguesia de Nossa Senhora da Piedade⁷, uma vez que é o concelho de residência da investigadora, por ser um concelho que apresenta um forte índice de envelhecimento 135,6, sendo superior à média nacional 115,5, e por ter sido identificado como prioridade de intervenção no campo do envelhecimento na Matriz SWOT: “Estereótipos sobre a velhice (falta de informação e debate sobre o tema) (Diagnóstico Social do Município de Ourém, 2011, p.137).

Este tem 45,932 habitantes, dos quais 10,157 com 65 ou mais anos (22,11%). De 2001 a 2011 registou-se um aumento de 18,10% desta população, superando o aumento registado na Zona Centro de 14,25%.

Nesta freguesia existe uma grande variedade de Instituições com uma vasta oferta de respostas sociais, nomeadamente direccionadas à população idosa: Lar de Idosos (5%); Serviço de Apoio Domiciliário, Lar Residencial e Centro de dia (1%).

Duas dessas Instituições direccionadas à população idosa são o Centro de Apoio a Idosos da Fundação Dr. Agostinho Albano de Almeida, e a Universidade Sénior de Ourém, de agora em diante designados por CAI e USO respetivamente, que constituem o universo deste estudo.

2.2.1- Universo

O universo selecionado para este estudo são os 65 utentes da resposta social – CAI (Lar e Centro de Dia) da Fundação Dr. Agostinho Albano de Almeida e os 110 alunos da USO.

A escolha deste universo prendeu-se com o facto de serem instituições direccionadas à população idosa, porém numa os beneficiários estão institucionalizados e noutra não, podendo assim obter respostas de um público diversificado.

O CAI localiza-se em Portugal, no distrito de Santarém, no concelho de Ourém na freguesia de Nossa Senhora da Piedade, e tem a sua sede no Largo Dr. Vitorino Carvalho, nº 4 2490-497 Ourém⁸. Esta é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), sem fins lucrativos, fundada em 1 de Outubro de 1891, na altura com o nome de Hospital Civil de Santo

⁷ Anexo 4 - Localização do Concelho de Ourém.

⁸ Anexo 5 - Localização e imagem do CAI.

Agostinho, designação que veio a 4 de Fevereiro de 1977 a ser alterada, devido à integração do hospital nos serviços do Ministério da Saúde (Fundação Dr. Agostinho Albano de Almeida).

De acordo com o artigo 1.º do Estatuto das Instituições Particulares de Solidariedade Social (EIPSS) aprovado pelo Decreto-Lei n.º 119/83, de 25 de Fevereiro, são Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS) “as constituídas por iniciativa de particulares, sem finalidade lucrativa, com o propósito de dar expressão organizada ao dever moral de solidariedade e de justiça entre os indivíduos, que não sejam administradas pelo Estado ou por um corpo autárquico, para prosseguir, entre outros, os seguintes objetivos, mediante a concessão de bens e a prestação de serviços” (Estatuto das Instituições Particulares de Solidariedade Social).

A missão principal da fundação é “a prestação de serviços no âmbito da proteção dos cidadãos na velhice e invalidez, da proteção e apoio a crianças e jovens, da promoção da integração comunitária e da educação e formação dos cidadãos, numa perspetiva de melhoria contínua da sua organização e funcionamento”. (Fundação Dr. Agostinho Albano de Almeida)

A Fundação tem as seguintes respostas sociais: Lar de Idosos e Centro de Dia (CAI), Cantina Social e Lar de Infância e Juventude.

A resposta social de Lar de Idosos, da Fundação anteriormente referida, “desenvolve atividades de apoio social a pessoas idosas através de alojamento, fornecimento de alimentação, cuidados de saúde (em articulação com os serviços públicos do sector), higiene, conforto, fomentando o convívio e animação cultural e a ocupação dos tempos livres dos utentes” (Fundação Dr. Agostinho Albano de Almeida).

A outra resposta social, Centro de Dia, “consiste na prestação de um conjunto de serviços que contribuem para a manutenção das pessoas idosas no seu meio sócio-familiar” (Fundação Dr. Agostinho Albano de Almeida).

A USO localiza-se em Portugal, no distrito de Santarém, no concelho de Ourém na freguesia de Nossa Senhora da Piedade e desenvolve as suas atividades na Praceta Prof. António Oliveira, s/n, 2490-502 Ourém⁹.

Foi fundada em 2008, sendo o número 103 da RUTIS (Rede de Universidades de Terceira Idade).

⁹ Anexo 6 – Localização e imagem da USO.

“A Universidade Sénior de Ourém (USO) é fruto da generosidade de um grupo de cidadãos para, de forma voluntária, participarem na defesa e na promoção dos valores culturais, sociais e humanos dos Ourienses”. (Blog USO) Ao longo de mais de dez anos esse grupo de cidadãos conduziram diligências junto da Câmara Municipal de Ourém para pôr em prática este projeto, porém sem sucesso. Após esse fracasso, o mesmo grupo de cidadãos, “assumiu-se como comissão instaladora e encontrou em Agosto de 2008, na Junta de Freguesia de Nossa Senhora da Piedade, o apoio indispensável para avançar, decisivamente, com o projeto”. (Blog USO) Em Setembro estavam abertas as inscrições (para todas as pessoas com mais de 49 anos de idade) e em Outubro começaram as aulas, com cerca de centena e meia de estudantes e duas dezenas de professores (em regime de voluntariado).

No dia 1 de Outubro celebrou-se a abertura solene da Universidade, no salão nobre dos Bombeiros Voluntários.

Para além das aulas das diversas disciplinas existentes¹⁰, são desenvolvidas outras atividades tais como convívios, aniversários, visitas, exposições, entre outras, que completam o dia-a-dia desta Universidade, que tem como objetivo “dar mais e melhores anos de vida à vida dos nossos seniores”.

Dos universos anteriormente referidos, foi selecionada uma amostra de 5 utentes do CAI e de 5 alunos da USO dos quais falaremos em seguida.

2.2.2- Amostra

“Amostra é o conjunto de sujeitos (pessoas, documentos, etc.) de quem se recolherá os dados e deve ter as mesmas características das da população de onde foi extraída”. (Coutinho, 2011:85)

A amostra foi selecionada tendo como base a amostra criterial, sendo que foram definidos os seguintes critérios: ter 65 ou mais anos; facilidade em comunicar verbalmente; pessoas que habitualmente tem contacto com o exterior/comunidade.

De forma a recolher os dados biográficos dos entrevistados, foi preenchida uma ficha de dados biográficos a quando da realização da entrevista¹¹.

¹⁰ Anexo 7 - Horário das aulas do ano letivo 2015-2016 USO

¹¹ Apêndice 1 - Ficha dados biográficos

2.2.2.1- Caracterização da amostra

A amostra desta investigação foi constituída por 10 pessoas, das quais 5 do CAI e 5 da USO.

No total são 6 pessoas do género feminino (60%) e 4 do género masculino (40%), com idades compreendidas entre os 68 e os 92 anos, sendo a média de idades de 76 anos. Todos os entrevistados são portugueses. Quanto ao estado civil, 4 são viúvos (40%), 2 são solteiros (20%) e 4 são casados (40%). Relativamente às habilitações literárias, 1 entrevistado não possui escolaridade (10%), 3 têm o 1º ciclo (30%), 3 possuem o 2º ciclo (30%), 2 o ensino secundário (20%) e 1 o ensino superior (10%). Todos os entrevistados estão reformados. Relativamente ao local de habitação, 3 vivem num apartamento no Lar Residencial (30%), 2 no Lar Residencial e 5 na casa própria ou arrendada (50%). Destes, 4 vivem com o cônjuge ou companheiro (40%), 4 vivem sozinhos (40%) e 2 vivem com os restantes utentes do Lar (20%). Quanto à avaliação da saúde, esta foi avaliada como fraca por 1 entrevistado (10%), razoável por 4 entrevistados (40%), boa por 4 entrevistados (40%) e ótima por 1 entrevistado (10%)¹².

Amostra do CAI

Numa análise aos entrevistados do CAI, conforme se pode ver na tabela 3, 3 entrevistados são do sexo feminino (60%) e 2 do sexo masculino (40%), com idades compreendidas entre os 73 e os 92 anos. Quanto ao estado civil, 2 são viúvos (40%), 2 são solteiros (40%) e 1 são casados (20%). Relativamente às habilitações literárias, 1 entrevistado não possui escolaridade (20%), 2 têm o 1º ciclo (40%), 1 o ensino secundário (20%) e 1 o ensino superior (20%). Relativamente ao local de habitação, 3 vivem num apartamento no Lar Residencial (60%), 2 no Lar Residencial (40%). Destes, 1 vive com o cônjuge ou companheiro (20%), 2 vivem sozinhos (40%) e 2 vivem com os restantes utentes do Lar (40%). Quanto à avaliação da saúde, esta foi avaliada como fraca por 1 entrevistado (20%), razoável por 3 entrevistados (60%), boa por 1 entrevistado (20%)¹³.

¹² No apêndice 2 podem ser consultados os gráficos de percentagens (anteriormente apresentadas) das diversas categorias da caracterização da amostra no seu total.

¹³ No apêndice 3 podem ser consultados os gráficos de percentagens (anteriormente apresentadas) das diversas categorias da caracterização da amostra do CAI.

Tabela 3: Dados biográficos dos entrevistados do CAI

Entrevistado	E1	E2	E3	E4	E5
Género	Feminino	Feminino	Feminino	Masculino	Masculino
Idade	77 anos	73 anos	78 anos	88 anos	92 anos
Nacionalidade	Portuguesa	Portuguesa	Portuguesa	Portuguesa	Portuguesa
Estado civil	Viúva	Solteira	Solteira	Casado	Viúvo
Habilitações literárias	Sem escolaridade	1º ciclo	Ensino Superior	1º ciclo	Ensino Secundário
Situação profissional	Reformada	Reformada	Reformada	Reformado	Reformado
Atividade profissional antes da reforma	Costureira	Cozinheira	Professora do Ensino Básico	Comerciante	Viajante (Caixeiro de praça)
Atividade profissional atual	-	-	-	-	-
Local de habitação	Apartamento no Lar Residencial	Lar Residencial	Apartamento no Lar Residencial	Apartamento no Lar Residencial	Lar Residencial
Com quem vive	Sozinha	Utentes do Lar	Sozinha	Cônjuge ou companheira	Utentes do Lar
Avaliação da Saúde	Fraca	Razoável	Boa	Razoável	Razoável
Doenças diagnosticadas	Diabética Precisa de uma prótese no joelho	Teve um cancro	-	-	Problemas visuais

O entrevistado 1 (E1), é do sexo feminino, tem 77 anos e é portuguesa. O seu estado civil é viúva, e não tem habilitações literárias. Atualmente está reformada da profissão de costureira, a sua atividade profissional antes da reforma. Vive sozinha num apartamento no Lar Residencial. Quando questionada sobre como avalia a sua saúde numa escala em que 1 corresponde a ótima e 5 a fraca, esta respondeu fraca, tendo mencionado ser diabética e necessitar de uma prótese num dos joelhos.

O entrevistado 2 (E2), é do sexo feminino, tem 73 anos e a sua nacionalidade é Portuguesa. É solteira e as suas habilitações literárias são o 1º ciclo. Atualmente está reformada, tendo sido cozinheira. Vive no Lar Residencial, com os restantes utentes. Quando questionada

sobre como avalia a sua saúde, esta respondeu que era razoável, tendo mencionado já ter sido doente oncológica.

O entrevistado 3 (E3), é do sexo feminino, tem 78 anos e é portuguesa. O seu estado civil é solteira e as suas habilitações literárias são o ensino superior, no qual se formou em Professora do Ensino Básico, estando atualmente reformada. Vive sozinha num apartamento no Lar Residencial. Relativamente à forma como avalia a sua saúde, esta respondeu que é boa, não tendo mencionado nenhuma doença diagnosticada.

O entrevistado 4 (E4), é do sexo masculino, tem 88 anos e é português. É casado, tem o 1º ciclo e já está reformado, era comerciante. Atualmente vive com a esposa num apartamento no Lar Residencial. Quando questionado como avalia a sua saúde o entrevistado respondeu que é razoável, e mencionou não ter nenhuma doença diagnosticada.

O entrevistado 5 (E5), é do sexo masculino, tem 92 anos e é português. O seu estado civil é viúvo e as suas habilitações literárias são o ensino secundário. Atualmente está reformado, sendo que a sua última profissão foi Viajante (Caixeiro de praça). Atualmente vive no Lar Residencial com os restantes utentes. Este entrevistado avaliou a sua saúde como razoável, tendo mencionado ter problemas visuais.

Amostra da USO

Passando agora a analisar os entrevistados da USO, conforme se pode constatar na tabela 4, 3 entrevistados são do sexo feminino (60%) e 2 do sexo masculino (40%), com idades compreendidas entre os 68 e os 73 anos. Quanto ao estado civil, 2 são viúvos (40%), e 3 são casados (60%). Relativamente às habilitações literárias, 1 tem o 1º ciclo (20%), 3 têm o 2º ciclo (60%) e 1 o ensino secundário (20%). Relativamente ao local de habitação, os 5 vivem numa casa própria ou arrendada (100%). Destes, 3 vivem com o cônjuge ou companheiro (60%), 2 vivem sozinhos (40%). Quanto à avaliação da saúde, esta foi avaliada como razoável por 1 entrevistado (20%), boa por 3 entrevistados (60%) e ótima por 1 entrevistado (20%)¹⁴.

¹⁴ No apêndice 4 podem ser consultados os gráficos de percentagens (anteriormente apresentadas) das diversas categorias da caracterização da amostra do USO.

Tabela 4: Dados biográficos dos entrevistados da USO

Entrevistado	E6	E7	E8	E9	E10
Género	Feminino	Masculino	Feminino	Feminino	Masculino
Idade	72 anos	71 anos	68 anos	68 anos	73 anos
Nacionalidade	Portuguesa	Portuguesa	Portuguesa	Portuguesa	Portuguesa
Estado civil	Viúva	Casado	Viúva	Casada	Casado
Habilitações literárias	2º ciclo	Ensino Secundário	2º ciclo	2º ciclo	1º ciclo
Situação profissional	Reformada	Reformado	Reformada	Reformada	Reformado
Atividade profissional antes da reforma	Modista e comerciante	Vendedor imobiliário	Doméstica	Empresária no ramo da restauração	Técnico de vendas
Atividade profissional atual	-	-	-	-	-
Local de habitação	Casa própria ou arrendada	Casa própria ou arrendada	Casa própria ou arrendada	Casa própria ou arrendada	Casa própria ou arrendada
Com quem vive	Cônjuge ou companheiro	Cônjuge ou companheira	Sozinha	Sozinha	Cônjuge ou companheira
Avaliação da Saúde	Boa	Razoável	Boa	Ótima	Boa
Doenças diagnosticadas	-	Stress pós traumático	-	-	-

O entrevistado 6 (E6), é do sexo feminino, tem 72 anos e é portuguesa. O seu estado civil é viúva, e as suas habilitações literárias são o 2º ciclo. Atualmente está reformada da profissão de modista e comerciante, atividade profissional que exercia antes da reforma. Vive numa casa própria com o companheiro. Quando questionada sobre como avalia a sua saúde esta respondeu boa, tendo mencionado não sofrer de nenhuma doença.

O entrevistado 7 (E7), é do sexo masculino, tem 71 anos e a sua nacionalidade é Portuguesa. É casado e as suas habilitações literárias são o ensino secundário. Atualmente está reformada, tendo sido vendedor imobiliário. Vive com a sua esposa numa casa própria. Quando questionada sobre como avalia a sua saúde, este respondeu que era razoável, tendo mencionado sofrer de stress pós-traumático.

O entrevistado 8 (E8), é do sexo feminino, tem 68 anos e é portuguesa. É viúva e as suas habilitações literárias são o 2º ciclo. Atualmente está reformada, era doméstica. Vive sozinha numa casa própria. Relativamente à forma como avalia a sua saúde, esta respondeu que é boa, tendo mencionado não ter nenhuma doença diagnosticada.

O entrevistado 9 (E9), é do sexo feminino, tem 68 anos e é portuguesa. É casada, tem o 2º ciclo e está reformada, era empresária no ramo da restauração. Vive sozinha numa casa própria. Quando questionada como avalia a sua saúde a entrevistada respondeu que é ótima, e mencionou não ter nenhuma doença diagnosticada.

O entrevistado 10 (E10), é do sexo masculino, tem 73 anos e é português. O seu estado civil é casado e as suas habilitações literárias são o 1º ciclo. Atualmente está reformado, sendo que a sua última profissão foi técnico de vendas. Vive com a esposa numa casa própria. Este entrevistado avaliou a sua saúde como boa, tendo mencionado não ter nenhuma doença.

2.3- Instrumentos

2.3.1- Técnicas de Investigação

As técnicas de recolha de dados utilizadas serão para a recolha de dados primários, a entrevista, uma vez que esta permite recolher informação sobre factos, comportamentos, ideias, preferências, expectativas, sentimentos, atitudes, entre outras (Fortin, 2009) e para os dados secundários a pesquisa bibliográfica.

A abordagem selecionada para a entrevista é a semiestruturada ou não estruturada/ não uniformizada (Marconi & Lakatos, 2003; Fortin, 2009), pois esta tem um guião com alguns tópicos ou perguntas a abordar na entrevista (Sousa & Batista, 2011). Esta entrevista é utilizada normalmente para o pesquisador perceber a significação atribuída a um acontecimento na perspetiva dos participantes (Fortin, 2009). Este tipo de entrevista permite alguma liberdade ao entrevistado que se revelará benéfica pois “quanto menor for a intervenção do entrevistador, maior será a riqueza do material recolhido” (Guerra, 2006:51). Outro critério tido em conta para a escolha da entrevista como método de colheita de dados é que esta é indicada quando o “investigador quer explorar os sentimentos e as perceções dos sujeitos no que se refere a situações particulares, estes podem sentir-se mais à vontade em falar do que em organizar o seu pensamento e transmitir os seus sentimentos por escrito” (Fortin, 2009:245).

2.4- Procedimentos

2.4.1- Seleção e contacto das Instituições e dos entrevistados

As instituições já anteriormente mencionadas, foram selecionadas por estarem inseridas no concelho de Ourém e por terem como população-alvo as pessoas idosas. Estas foram contactadas através de uma chamada telefónica, onde foi possível agendar uma data para um encontro com os respetivos Diretores a fim de serem apresentados os objetivos desta investigação e de que forma poderiam participam na mesma.

Assim, no encontro foi explicado que esta investigação se insere no Mestrado em Gerontologia Social da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração e que para a realização da mesma é necessário realizar entrevistas. Foi referido que a entrevista seria realizada individualmente e numa única sessão, que a participação dos entrevistados era feita de forma voluntária. Mencionamos também que apenas a entrevistadora tem acesso aos dados e, por isso, as respostas são totalmente confidenciais. Os dados serão apresentados na dissertação de forma anónima. Foi também explicado que para assegurar o rigor da análises dos dados recolhidos seria necessário gravar em áudio a entrevista, com o devido consentimento dos entrevistados.

Para a seleção da amostra os critérios necessários para a participação neste estudo foram: ter 65 ou mais anos; facilidade em exprimir-se verbalmente; pessoas que habitualmente tem contacto com o exterior/comunidade.

Após estas informações, foram indicadas algumas pessoas pelos Diretores e posteriormente contactadas pessoalmente pela investigadora com o objetivo de apresentar todas as informações anteriormente mencionadas e perceber se estariam interessadas em participar na entrevista. Após a confirmação da participação foi agendado um dia, uma hora e um local para a realização da entrevista a cada entrevistado.

2.4.2- Preparação da entrevista

Para preparar a entrevista foram realizadas várias leituras com o objetivo de perceber de que forma esta deveria ser construída. Um dos livros consultados foi “Pesquisa qualitativa e

análise de conteúdo– Sentidos e formas de uso” (Guerra, 2006), no qual nos baseámos para escrever o guião da entrevista¹⁵.

Para além do guião da entrevista, foi também criada uma ficha de dados biográficos dos entrevistados para caracterizar a nossa amostra, como já referimos anteriormente. Esta é composta por dados como: tipo de entrevistado (utente do CAI ou aluno da USO), género, idade, nacionalidade, estado civil, habilitações literárias, situação profissional, atividade profissional antes da reforma, atividade profissional atual, local de habitação, com quem vive o entrevistado, avaliação da saúde subjetiva (Marques et al, 2016) e doenças diagnosticadas.

Foi também escrito um consentimento informado¹⁶ com o objetivo de informar os entrevistados do objetivo do estudo, informar que a sua participação é feita de forma voluntária, que apenas a entrevistadora tem acesso aos dados e nesse sentido as respostas são confidenciais, não sendo utilizado nunca o nome do entrevistado. Foi também mencionado a necessidade de gravar a entrevista em áudio para assegurar o rigor da análise dos dados, podendo esta ser interrompida assim que o entrevistado desejar.

Após o material anterior estar concluído, foi necessário arranjar um gravador de áudio, canetas, folhas de papel, e imprimir os cenários a) e b) sem estarem identificados como cenário neutro e cenário infantilizado¹⁷.

2.4.3- Realização da entrevista

As entrevistas foram realizadas numa única sessão, de forma individual, nas respetivas Instituições dos entrevistados, ou seja, as entrevistas realizadas aos 5 utentes do C.A.I. foram realizadas na sala de reuniões da Instituição, e as entrevistas realizadas aos 5 alunos da U.S.O. foram realizadas numa das salas de aula da Universidade, entre os dias 21 de Novembro e 1 de Dezembro de 2015. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio (324 minutos e 34 segundos no total = 5 horas e 25 minutos), de forma a garantir o rigor da análise dos dados recolhidos, com o devido consentimento do entrevistado.

¹⁵ Apêndice 5 - Guião da entrevista

¹⁶ Apêndice 6 - Consentimento informado

¹⁷ Apêndice 7 - Cenários a) e b)

2.4.4- Tratamento das entrevistas

2.4.4.1- Transcrição das entrevistas

Terminadas as entrevistas, foram realizadas as respectivas transcrições através do suporte gravado em áudio para um documento em word.¹⁸

Ao longo das transcrições foi atribuído um código a cada entrevista/entrevistado tendo em conta a ordem das mesmas, ou seja, à primeira entrevista foi atribuído o código E1, à segunda E2, e assim sucessivamente. Terminadas as transcrições ficámos com um total de 103 páginas de texto constituindo “o *corpus* da pesquisa” (Coutinho, 2011).

2.4.4.2- Análise das entrevistas

A análise e interpretação dos dados na metodologia qualitativa é uma tarefa fundamental, porém também problemática, isto é, “os dados podem tomar formas tão diversificadas como relatos ou fotografias, passando por objetos, desenhos, gravações áudio e vídeo, etc.” (Coutinho, 2011:192). Para além desta diversidade de formas que podem assumir, estes, ao contrário da investigação quantitativa onde é fácil diferenciar a fase da recolha e da análise de dados, nesta a diferenciação torna-se mais difícil, “uma vez que ambas as fases se efetuam mutuamente e se complementam” (Coutinho, 2011:192). Assim poderemos ter “modos de análise” em vez de análise de dados. Estes têm em comum a análise textual (escrita ou verbal) (Myers *cit in* Coutinho, 2011).

Devido às características do plano qualitativo normalmente surge uma grande quantidade de informação descritiva que precisa de ser organizada e necessariamente reduzida, de forma a tornar possível a compreensão do fenómeno em causa.

A análise de conteúdo é um método bastante utilizado para analisar texto. Esta metodologia de análise é utilizada sempre que é necessário analisar entrevistas, como é o caso desta investigação. “Consiste em avaliar de forma sistemática um corpo de texto, por forma a desvendar e quantificar a ocorrência de palavras/frases/temas considerados “chave” que possibilitem uma comparação posterior” (Coutinho, 2011:193).

¹⁸ Apêndice 8 – Transcrição das entrevistas

Após as transcrições foram impressas todas as entrevistas e foi realizada uma leitura integral das mesmas de forma a selecionar as partes mais importantes e a ir fazendo anotações nas margens. Depois desta tarefa terminada, iniciámos a construção de uma grelha onde constam as categorias mencionadas ao longo das entrevistas e as respetivas frequências com que foram mencionadas pelos entrevistados¹⁹. Em simultâneo foi também realizado o dicionário de categorias onde constam 2 exemplos de excertos das entrevistas para cada categoria²⁰.

Parte III- Apresentação e discussão dos resultados da investigação

3.1- Resultados

Após ter sido analisado o material recolhido, através das entrevistas, é necessário apresentar os resultados.

Em seguida apresentaremos os resultados tendo em conta a ordem dos mesmos, ou seja, a ordem com que foram surgindo ao longo da análise. Estes serão apresentados em texto e ilustrados com gráficos, onde será possível observar uma análise do total dos entrevistados (N=10), dos entrevistados do CAI (N=5) e dos entrevistados da USO (N=5). Sempre que possível serão apresentados exemplos de excertos das entrevistas dos dois tipos de entrevistados (CAI e USO), de forma a ilustrar esses mesmos dados.

A. Conhecimento da Vida Diária

A.1 Dia-a-dia do entrevistado

Iniciámos a entrevista com a descrição do dia-a-dia dos entrevistados. Este foi descrito por todos de uma forma sucinta, tendo sido mencionadas diversas atividades que deram origem a 8 categorias, como se pode observar no gráfico 1, e sobre as quais falaremos em seguida de forma individual.

A.1.1 Higiene pessoal

Do total de entrevistados, 30% (N=3), mencionaram que o seu dia começa com a higiene pessoal, sendo que estes 3 entrevistados são utentes do CAI (60%). Exemplos disso são o E1:

¹⁹ Apêndice 9 - Grelhas de análise de conteúdo

²⁰ Apêndice 10 - Dicionário de categorias

“(…) o meu dia-a-dia em geral é levantar-me, fazer a higiene, ir ao duche e vestir-me, arrumar o meu quarto, tomar o pequeno-almoço, preparar o saco e vir para baixo. Venho para aqui (sala de trabalhos manuais), em geral quase todos os dias, só se eu tiver alguma volta a dar lá por fora é que não venho mas aviso”; e o E5: “Antes das 7 já tenho feito a barba, as necessidades de higiene, tomo duas vezes por semana banho, sábados e quartas-feiras, e chega muito bem (…)”.

A.1.2 Atividades Domésticas

As atividades domésticas (o que se entende por atividades domésticas) foi outra das categorias referidas pelos entrevistados como fazendo parte do seu dia-a-dia: “No meu dia-à-dia faço a vida normal de casa, comida, limpeza da casa que não tenho ninguém (…)” (E6). Do total de entrevistados, 60% (N=6) mencionaram esta categoria, como foi o caso do E3 “Levanto-me às 7:30h. Das 7:30 às 9:30h trato da casa e de mim e das minhas coisinhas”. Numa análise entre CAI e USO é possível constatar que 40% dos entrevistados do CAI (N=2) e 80% da USO (N=4) mencionaram esta categoria.

Esta foi a 3ª categoria mais mencionada como fazendo parte do dia-a-dia dos entrevistados.

A.1.3 Atividades afetas à Instituição

Outra das atividades que fazem parte do dia-a-dia dos entrevistados e que foi mencionada por 80% (N=8) do total da amostra foram as atividades afetas à Instituição²¹, nomeadamente a participação nas atividades inerentes à mesma “Depois venho aqui para o atelier até ao meio dia, almoço, vejo as notícias que é muito importante para mim, venho para aqui da parte de tarde outra vez (…)” E3; “(…) neste momento passo quase todos os dias, praticamente aqui de segunda a sexta (…) Estou na direção, além de aluno também estou na direção, estou de serviço para assegurar a rotação da secretaria. A minha vida é praticamente aqui” (E7).

Esta foi a 2ª categoria mais mencionada como fazendo parte do dia-a-dia dos entrevistados.

²¹ Atividades afetas à instituição, são atividades que se desenvolvem em contexto institucional: aulas, ateliers, passeios, entre outras.

A.1.4 Tarefas pessoais no exterior

Os 10 entrevistados (100%) mencionaram que realizam tarefas pessoais no exterior da Instituição²² à qual pertencem, como por exemplo o E1 que nos disse *“Venho para aqui (sala de trabalhos manuais), em geral quase todos os dias, só se eu tiver alguma volta a dar lá por fora é que não venho mas aviso”*. Algumas das tarefas que realizam no exterior são: ir à farmácia, comprar o jornal, ir ao café, fazer compras, ir ao cabeleireiro, participar na eucaristia *“ (...) participo na eucaristia, sou leitora e sou ministra da comunhão. Ainda, quero sair mas dizem-me ainda que não” (E3)*.

Esta foi a categoria mais mencionada como fazendo parte do dia-a-dia dos entrevistados.

A.1.5 Caminhada

A caminhada foi mencionada por 20% do total de entrevistados (N=2), ou seja, foi mencionada por 40% dos utentes do CAI (N=2), não tendo sido mencionada por nenhum dos entrevistados da USO. Um desses entrevistados é o E2: *“De manhã vou sempre dar uma volta, de manhã. É o meu dia-à-dia. Desde que eu possa. Não posso andar muito mas também não posso deixar de andar”*.

A.1.6 Apoiar a família

Do dia-a-dia dos entrevistados faz também parte o apoio à família, como é o caso do E2 *“Tenho um irmão que tem um café, onde geralmente, quando é assim de verão, vou lá e ajudo uns bocadinhos”*. Do total de entrevistados (10), 20% (N=2) mencionou o apoio à família como fazendo parte da sua rotina, ou seja, 20% dos entrevistados do CAI (N=1) e 20% dos entrevistados da USO (N=1). O outro entrevistado que mencionou apoiar a família foi o E9, que nos relatou o seguinte: *“Atualmente estou reformada mas ainda me mantenho uma parte no ativo, no que posso ajudar os meus filhos porque estão à frente da empresa e no que posso ajudá-los ajudo mas tenho também algum tempo disponível para mim”*.

²² Tarefas no exterior, são todas aquelas que se desenvolvem fora da instituição à qual o entrevistado pertence. Por exemplo: ir ao cabeleireiro, ir ao café, ir à farmácia, entre outras.

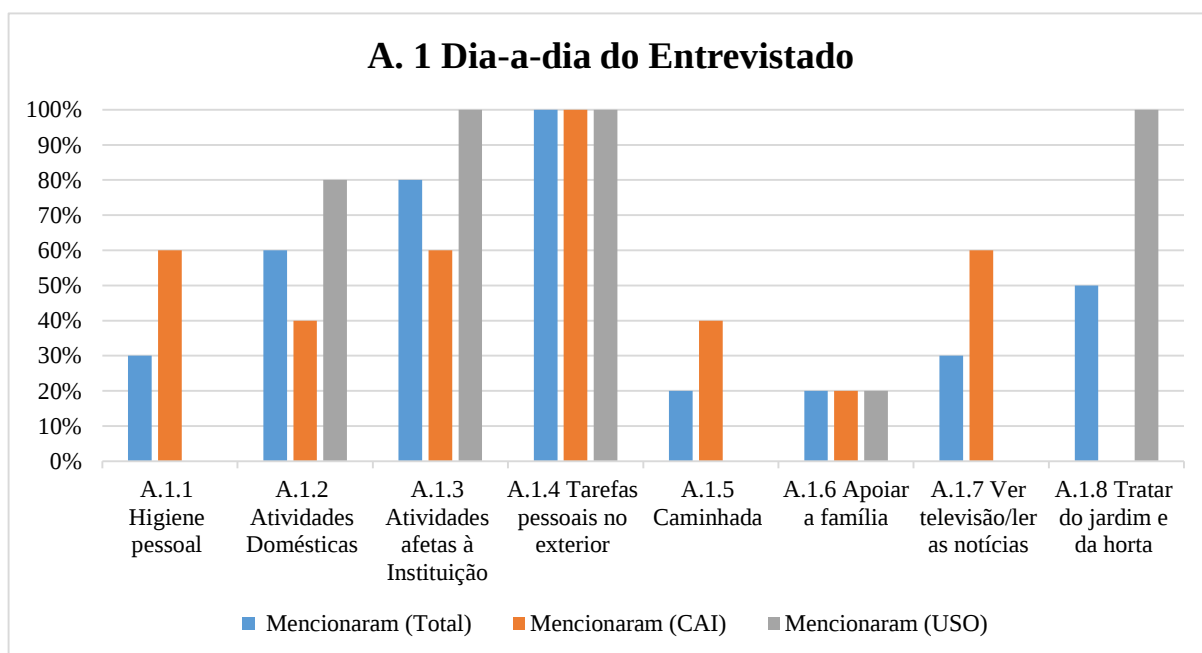
A.1.7 Ver televisão/ler as notícias

Ver televisão/ler as notícias foi mencionado por 30% do total de entrevistados (N=3), como fazendo parte da sua rotina diária “ (...) *olhe, vou buscar o jornal para aqui tomo uma bicazinha... (...)*” (E5). Os entrevistados que mencionaram esta categoria são todos utentes do CAI, sendo um deles o E3 “(...) *depois vou para “casa” e à noite, à noite não faço muito, vou vendo televisão e fazendo palavras cruzadas*”.

A.1.8 Tratar do jardim e da horta

Para terminar, 50% dos entrevistados (N=5) disseram que no seu dia-a-dia tratam do jardim e da horta, ou seja, 100% dos entrevistados da USO mencionaram esta categoria. Dois desses entrevistados foram o E6 “*No meu dia-à-dia faço a vida normal de casa, comida, limpeza da casa que não tenho ninguém, e os outros tempos que me sobram, por exemplo, os dias que não tenho Universidade que é as segundas e as sextas e aos sábados, trato da horta e semeio as coisas (...)*”; e o E8 “*Venho um bocadinho para aqui todos os dias, todos os dias não, o resto passo o dia em casa a fazer a minha vida de casa, no quintal e pronto*”.

Gráfico 1 - Dia-a-dia do Entrevistado

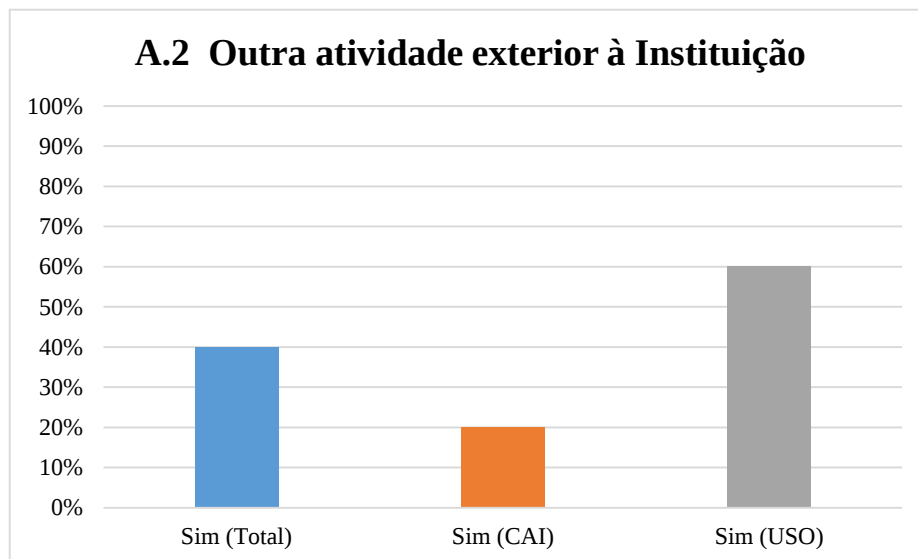


A.2 Outra atividade exterior à Instituição

Após cada entrevistado ter relatado o seu dia-a-dia, foi-lhes perguntado se participavam em alguma atividade fora da Instituição à qual pertencem.

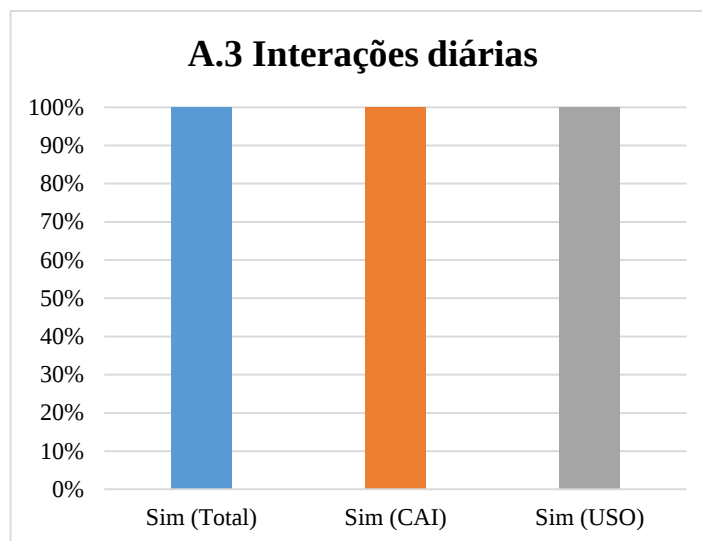
A análise às respostas dadas deu origem ao gráfico 2. Neste é possível ver que 40% do total de entrevistados (N=4) respondeu que sim, ou seja, os restantes 60% não participam (N=6). Destes 20% (N=1) são do CAI e 60% (N=3) são da USO. O E8 referiu *“Participo na Ourémviva. Na ginástica e na hidroginástica”*. Outro exemplo é o E10 *“E aos fins-de-semana, temos lá uma associação, que não é uma associação que nós abrimos ao domingo para encontrarmo-nos, os jovens da 3ª Idade e para jogar as cartas”*.

Gráfico 2 - Outra atividade exterior à Instituição

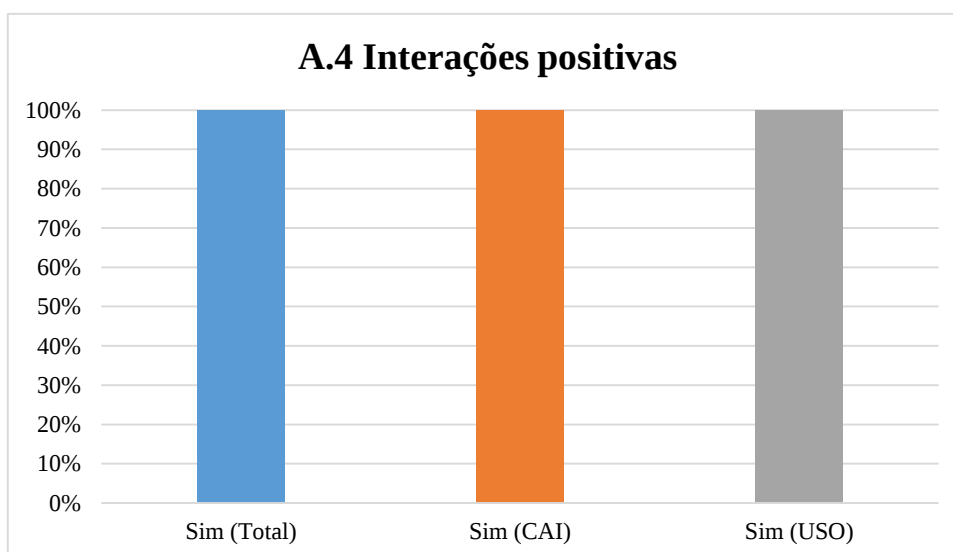


A.3 Interações diárias

Outra das perguntas realizadas foi se no dia-a-dia o entrevistado costuma interagir com muitas pessoas diferentes. Todos os entrevistados responderam que sim 100% (N=10), como se pode observar no gráfico 3. O E1 disse-nos a este propósito *“Por exemplo, se eu vou à rua e encontro pessoas conhecidas e se elas gostam de me falar e saber que eu estou bem e isso assim, eu também gosto de saber se elas estão bem (...)”*. Já o E2 *“gosto muito de ir à rua porque encontro os meus amigos, agente conversa, e pronto, é diferente”*.

Gráfico 3 - Interações diárias**A.4 Interações positivas**

Quando perguntámos como decorrem normalmente essas interações, todos os entrevistados revelaram que eram positivas 100% (N=10) (ver gráfico 4), conforme se pode ver no excerto retirado do E1 *“Toda agente me trata bem”*, bem como do retirado do E2 *“São sempre amigos, graças a Deus não tenho mais nada mas tenho amigos, o que é muito bom”*.

Gráfico 4 - Interações positivas

B. Estilos de Comunicação e Interações

B.1 Diferenças entre o cenário a) e o cenário b)

Com este tema pretendíamos saber qual ou quais as principais diferenças entre o cenário a) e o cenário b). Foram mencionadas pelos entrevistados várias diferenças entre um e outro cenário, que categorizamos e analisámos a frequência com que foram mencionadas, dando origem ao gráfico 5.

B.1.1 Diferença no tom de voz

Uma das diferenças mencionadas foi a diferença no tom de voz utilizado entre o cenário a) e o cenário b), 40% do total de entrevistados (N=4) mencionou esta categoria, ou seja, 60% dos entrevistados do CAI (N=3) e 20% da USO (N=1). Dois excertos das entrevistas que validam estas percentagens são do E1 *“Usou outro tom”* e do E5 *“Uma palavra não. É a maneira como está a falar comigo, num tom de voz que não havia razão de empregar esse tom de voz”*.

B.1.2 Utilizar diminutivos

A utilização de diminutivos foi outra diferença mencionada, esta por 50% dos entrevistados na sua totalidade (N=5), 40% do CAI (N=2) e 60% da USO (N=3). Dois exemplos de excertos das entrevistas para esta categoria são do E1 *“Eu acho que uma pessoa que quer falar de uma festa não usa a (palavra) festazinha, porque a festazinha é uma coisa que põe de parte.”* e do E7 *“Não, numa festa destas eu evito, contornando isto. Portanto qualquer festazinha, aliás festazinhas não existem, porque isto é depreciativo para mim, festazinhas. Ou é festa ou é um almoço, lanche ou um convívio, etc.”*.

B.1.3 Diferença na linguagem

Do total de entrevistados, 70% (N=7) referiram que havia uma diferença na linguagem utilizada no cenário a) e no cenário b), dos quais 100% (N=5) do CAI e 40% (N=2) da USO: *“Linguagem e tom de voz e de abordagem em si”*. (E3); *“Pronto, não é nada o meu género, chegar ao pé da pessoa e então... Este tipo de discurso, de linguagem”*. (E6)

Esta foi a categoria mais mencionada para descrever as diferenças entre os dois cenários.

B.1.4 Cenário b) inferioriza a pessoa

Relativamente ao cenário b), 60% dos entrevistados (N=6) referiram que este inferioriza a pessoa a quem é dirigido. “Para mim, prefiro o cenário a), porque o cenário b) diminui. Diminuir-me-ia, porque coitadinha, deixa-te estar aí já não podes mais”. (E3) Dos 6 entrevistados que mencionaram esta categoria, 3 são do CAI (60%) e 3 são da USO (60%). Outro exemplo dado por outro entrevistado foi: “Chega ali alguém, leva aquilo, quer dizer talvez a pessoa se vá sentir mais diminuída, se realmente não está”. (E9)

Esta foi a 2ª categoria mais mencionada para descrever as diferenças entre os dois cenários.

B.1.5 Cenário b) exclui a pessoa

Esta categoria foi mencionada apenas pelos utentes do CAI, mais concretamente por 40% (N=2), ou seja, 20% dos entrevistados no total (N=2). Esses dois entrevistados mencionaram o seguinte: “*Eu acho que uma pessoa que quer falar de uma festa não usa a (palavra) festazinha, porque a festazinha é uma coisa que se põe de parte*”. (E1); “*Enquanto este (cenário b)), portanto... ficas aí, ficas à parte de toda a sociedade, de toda a comunidade*”. (E3)

B.1.6 Cenário a) inclui a pessoa na festa

Tal como na categoria anterior, também esta apenas foi mencionada pelos entrevistados do CAI (20%), mais concretamente pelo E3 “Sim, enquanto este (cenário a)) introduz e não me diminui em nada, antes pelo contrário, me chama à comunidade”.

B.1.7 Cenário b) é mais generoso

20% dos entrevistados no total (N=2), considerou o cenário b) mais generoso. “*Para mim esta é mais generosa. Não digo mais humana, mas é mais generosa. Qualquer uma delas. São um bocadinho distintas uma da outra. Uma vai convidar e a outra não. Mais generosa a*

última”. (E4) Uma dessas respostas foi dada por 1 utente do CAI (20%) e outra por 1 aluno da USO (20%). “*Porque a pessoa aqui, talvez por falar mais devagar e depois disponibiliza-se logo para ir buscar alguma coisa, e isso às vezes é muito importante*”. (E10)

B.1.8 Cenário a) parece obrigar a pessoa a ir à mesa

A categoria que agora apresentamos foi mencionada apenas por 1 entrevistado (10%), sendo este utente do CAI (20%). “A primeira estava quase a obrigar a ir para a mesa e a outra não”. (E4)

B.1.9 Cenário b) é impositivo

O cenário b) foi avaliado por 30% do total de entrevistados (N=3) como impositivo, ou seja, o cenário b) foi mencionado por 20% dos utentes do CAI (N=1) e por 40% dos alunos da USO (N=2). O E6 mencionou a este respeito “*Eu preferia sempre esta resposta (cenário a)) e não esta (cenário b)), porque esta pessoa estava a intrometer-se numa coisa que me estava a obrigar a fazer*”. Já o E9 referiu “*Vai ali oferece a comida, e a pessoa pode ir por ela própria*”.

B.1.10 Cenário b) é exuberante

Exuberante foi outra das palavras mencionadas para definir o cenário b), dando origem a esta categoria, que apenas foi mencionada por 1 entrevistado (10%), sendo este utente do CAI (20%). “*Há uma exuberância, assim de... de... (...) Uma fala muito alta, acho que é uma ostentação que não havia necessidade, em relação ao convite que me estava a fazer*”. (E5)

B.1.11 Cenário b) infantiliza

A presente categoria foi criada com base no excerto da E1 que agora apresentamos “Por exemplo, fominha eu nem sei se diria isso para um bebé pequenino, em segundo, uma festazinha é uma coisa que não se usa, pronto não condiz com o vocabulário que agente usa”. Apenas 1 entrevistado (10%) mencionou a utilização de vocabulário inapropriado e infantilizado, sendo este utente do CAI (20%).

B.1.12 Cenário b) é depreciativo

Esta categoria foi mencionada por 1 utente do CAI (20%) e por 2 alunos da USO (40%), dando uma frequência total de respostas de 30% (N=3). O E6 referiu que *“Sentia que ela estava a fazer... que se estava a sentir superior, a achar que eu era uma coisa insignificante que estava ali, foi isso que eu achei”*. Já o E7 mencionou *“Não, acho que é depreciativo e é inferiorizar as pessoas”*.

B.1.13 Cenário b) transmite o sentimento de pena

A categoria que agora apresentamos, foi mencionada por 3 dos 10 entrevistados (30%), sendo que destes, 40% são utentes do CAI (N=2) e 20% são alunos da USO (N=1). O E2 mencionou em relação a este assunto *“Trata-me como uma coitadinha. Pronto, entende?”* e o E8 referiu *“Pois esta pessoa está a ser um bocadinho delicada para mim, esta acho que esteja a ser muito piedosa (cenário b))”*.

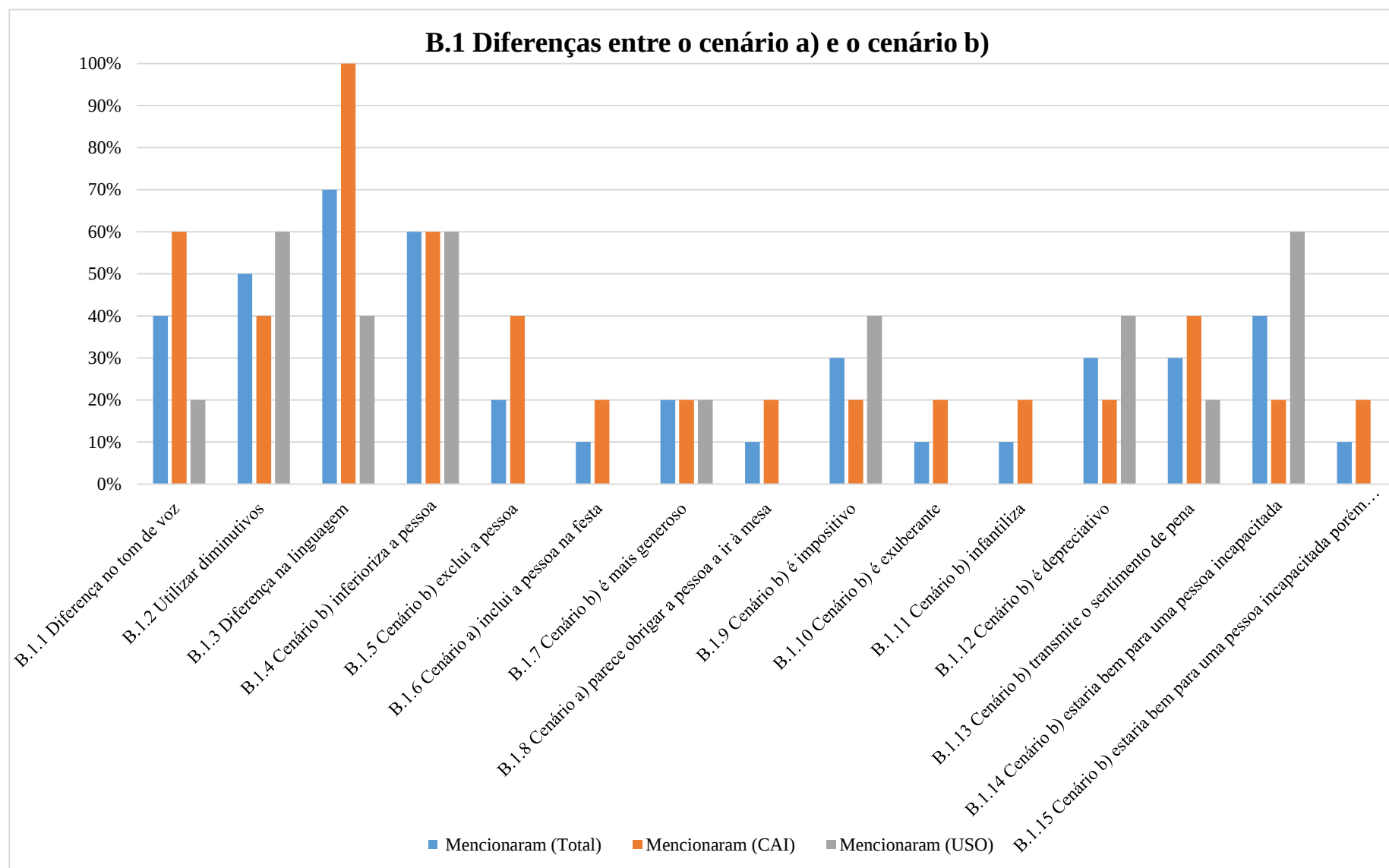
B.1.14 Cenário b) estaria bem para uma pessoa incapacitada

Foi possível perceber também que para 40% do total de entrevistados (N=4) o cenário b) estaria bem para uma pessoa incapacitada, ou seja, 20% dos utentes do CAI mencionaram esta categoria (N=1) e 60% dos alunos da USO também (N=3). Dois exemplos que validam esta categoria são do E2 *“Pois, aí... Realmente, se é uma pessoa que está mesmo já bastante debilitada...”*. *“Para mim, graças a Deus, ainda não será preciso, mas sim para alguma pessoa que não se possa deslocar.”* e do E8 *“Por exemplo se estivesse numa cadeira de rodas ou que não me pudesse deslocar facilmente acho que esta era muito bem-vinda. Mas na minha situação felizmente, esta também está boa, e gosto mais desta (cenário a)) na minha situação. Pronto, esta (cenário b)) sim senhora se fosse uma pessoa debilitada, com dificuldade em se deslocar aceitaria a segunda também”*.

B.1.15 Cenário b) estaria bem para uma pessoa incapacitada, porém com alterações

A categoria agora analisada foi criada a partir do seguinte excerto da E3 “Com a maneira de falar alto, o vagaroso não concordo, com a ação de ir ter com a pessoa e levar-lhe sabendo que não se pode dirigir à mesa aí esta bem, mas fá-lo-ia de uma outra maneira”. O E3, utente do CAI, foi o único do total de entrevistados (10%) a mencionar que o cenário b) estaria bem para uma pessoa incapacitada, porém com algumas alterações, nomeadamente no tom de voz e na maneira vagarosa de falar.

Gráfico 5 - Diferenças entre o cenário a) e o cenário b)



B.2 Reações aos cenários

Após analisarmos as diferenças mencionadas pelos entrevistados entre o cenário a) e o cenário b), iremos em seguida analisar as reações por parte dos mesmos a ambos os cenários.

B.2.1 Reação ao cenário a)

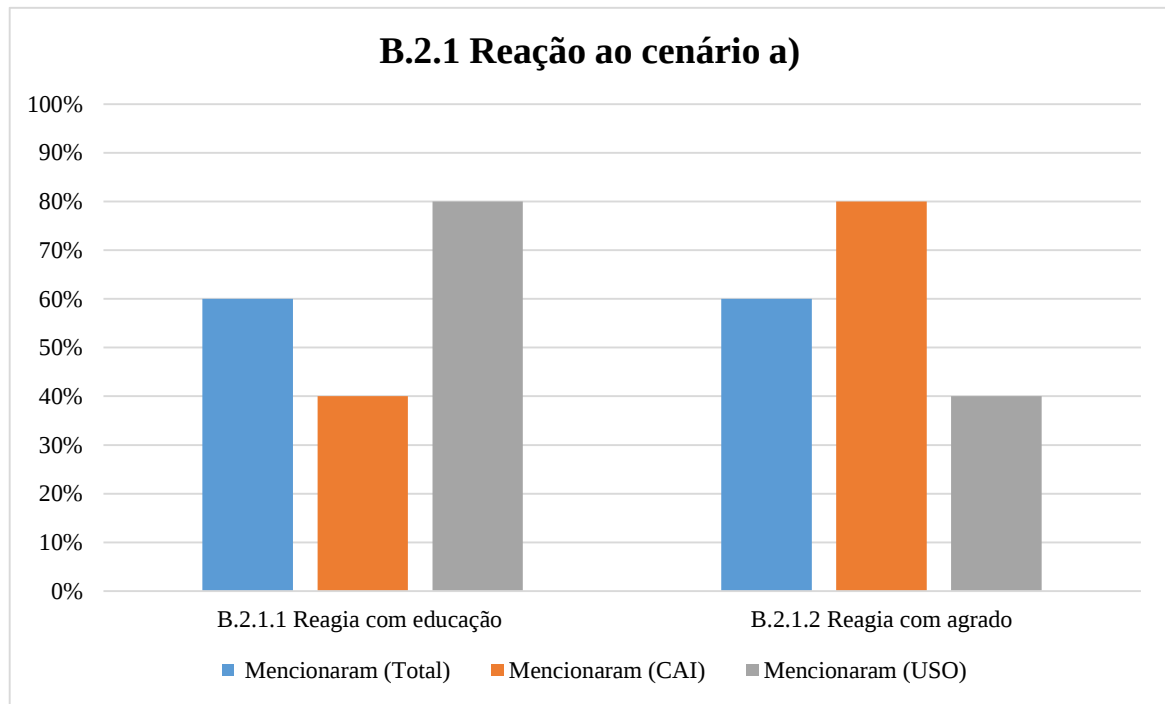
Quando questionados sobre a forma como reagiriam ao cenário a) surgiram duas categorias que passamos agora a apresentar e que foram analisadas no gráfico 6.

B.2.1.1 Reagia com educação

Reagia com educação foi mencionado por 60% do total dos entrevistados (N=6), sendo que destes, 40% são do CAI (N=2) e 80% são da USO (N=4). Dois dos excertos que fundamentam a criação desta categoria são um do E5 *“Mas em relação à primeira era: Olhe não tenho vontade, ou estou um bocadinho indisposto mas assim que me passe a indisposição eu aceito.”* e um do E7 *“Dizia “não muito obrigado”, tanto na maneira de conversar tento sempre ser o mais educado, foi o que me ensinaram, o mais correto possível para não ofender ninguém”.*

B.2.1.2 Reagia com agrado

Reagia com agrado foi a outra categoria estabelecida através das respostas dadas pelos entrevistados, nomeadamente por 60% do total de entrevistados (N=6). Destes, 80% das respostas foram dadas por utentes do CAI (N=4) e 40% por alunos da USO (N=2). Os excertos que seleccionamos foram do E4 *“Acho um gesto muito útil e generoso, e sinto-me um bocadinho, desculpe o termo, vaidoso por receber esse convite.”* e do E8 *“Foi simpática, foi agradável é sempre agradável um convite”.*

Gráfico 6 - Reação ao cenário a)**B.2.2 Reação ao cenário b)**

Relativamente às respostas dadas acerca da reação ao cenário b) surgiram quatro categorias que passamos agora a apresentar e que foram analisadas no gráfico 7.

B.2.2.1 Reagia com agrado

A categoria reagia com agrado foi mencionada por 30% do total de entrevistados (N=3), ou seja, 20% dos entrevistados do CAI (N=1) e 40% dos entrevistados da USO (N=2). O E4 referiu a este respeito “*O convite é mais alargado, quanto a mim o convite é mais alargado. Qualquer um deles para mim, ficava orgulhoso. É bom sinal para mim, reconhecerem e convidarem.*” e o E10 “*Talvez achasse o cenário b) mais próximo da pessoa. Se eu fiquei é por qualquer motivo e não estou à vontade e esta está a ajudar-me. Vai-me pôr as coisas à frente*”.

B.2.2.2 Reagia com educação mas não aceitava

Nesta categoria, 30% do total de entrevistados (N=3) mencionaram que reagem com educação ao cenário b) porém não aceitavam as coisas trazidas pela pessoa que estava a abordá-los. Destes, 40% são utentes do CAI (N=2) e 20% são alunos da USO (N=1). Como exemplos

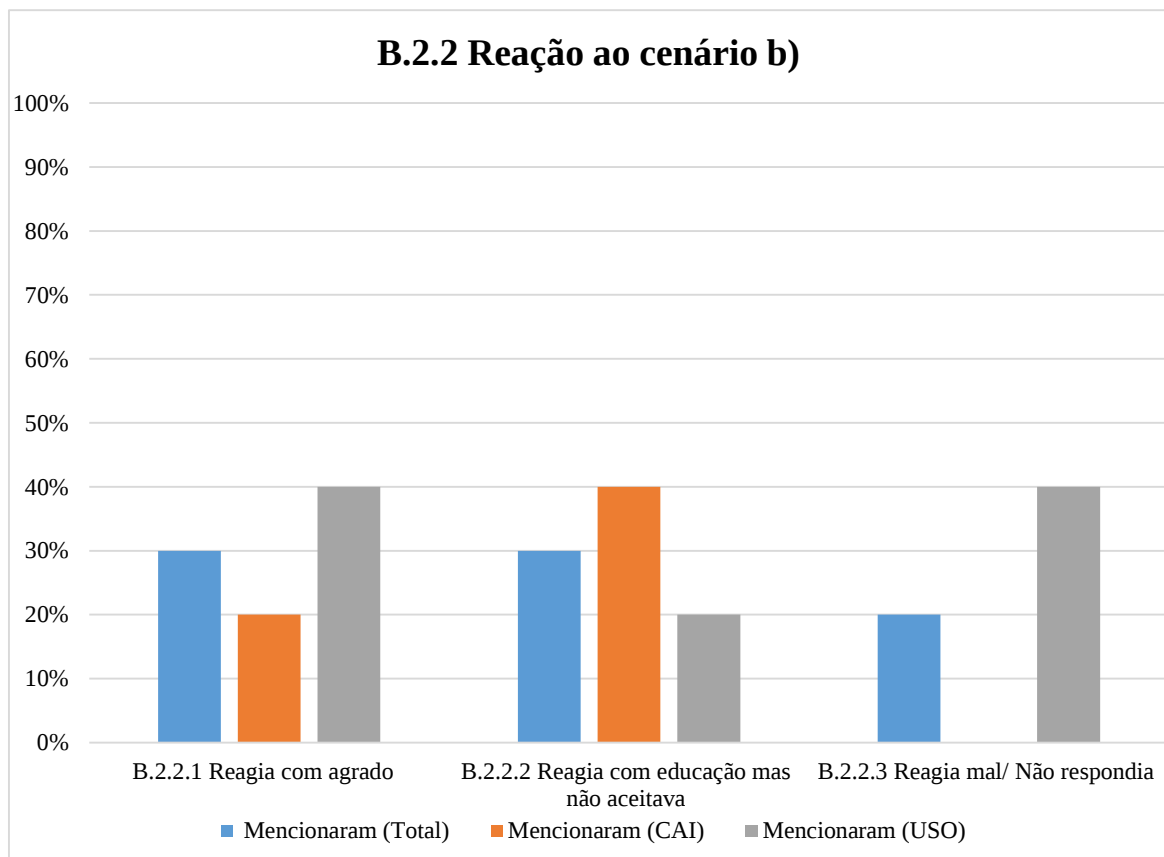
desta categoria selecionamos dois excertos, um do E5 “*Quanto ao resto, já tinha dito que essa não me dizia nada, quer dizer, com muito respeito dizia: Não, olhe não me apetece, estou doente, estou chateado e não aceitava, mas também não tratava mal a pessoa, não é?*” e outro do E9 “*Nesta segunda (cenário b)) eu diria logo à pessoa que agradeço a sua força de vontade de me vir ajudar, mas que ainda consigo ir à mesa, agradeço e muito obrigada*”.

B.2.2.3 Reagia mal/ Não respondia

Por outro lado, houve entrevistados que mencionaram não reagir bem ao cenário b), ou seja, reagiam mal ou não respondiam. Como podemos observar no gráfico 7, 20% do total de entrevistados mencionou esta categoria (N=2), tendo-se verificado que estes são alunos da USO (40%), ou seja, nenhum utente do CAI mencionou esta categoria.

Dois exemplos de excertos das entrevistas para esta categoria são: “*Porque ela estava-se a intrometer. Queria-me logo trazer comer, coma. A esta nem respondia...*” (E6) e “*Se calhar era capaz de dizer alguma coisa que eles não gostavam.*” (E7).

Gráfico 7 - Reação ao cenário b)



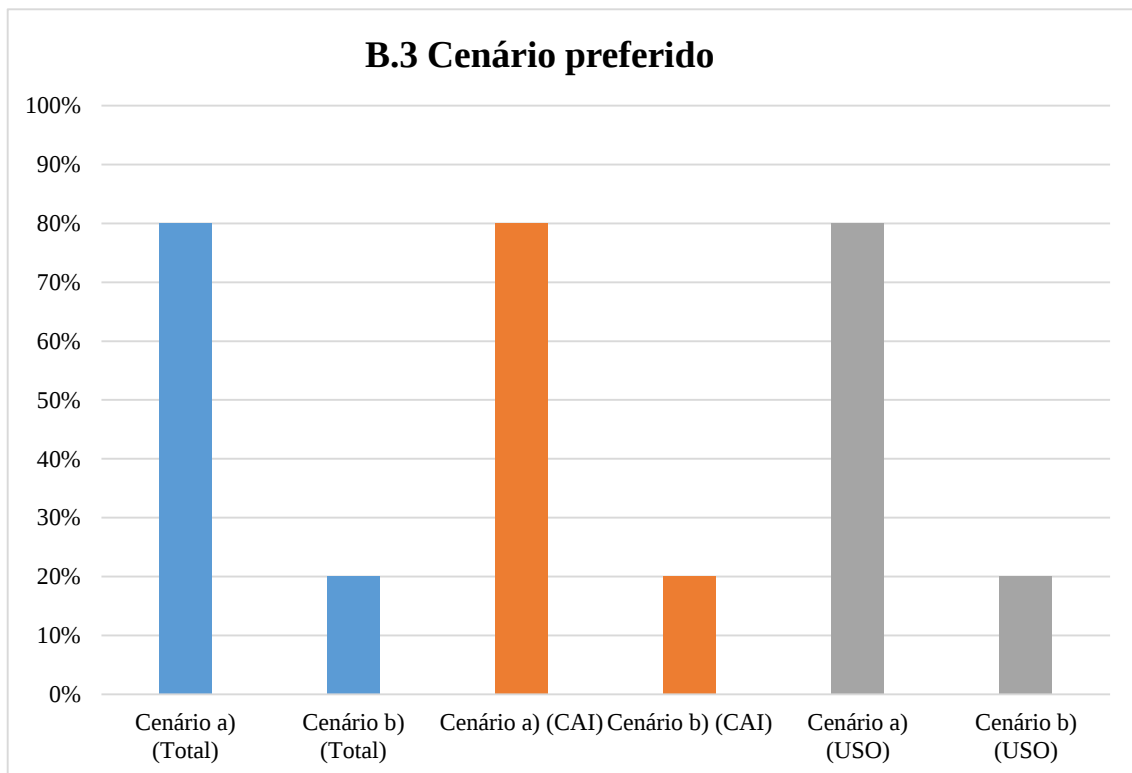
B.3 Cenário preferido

Quando perguntamos aos 10 entrevistados qual o cenário que preferiam, 80% mencionou o cenário a) (N=8) e 20% o cenário b) (N=2). Dos entrevistados do CAI, 80% mencionaram preferir o cenário a) (N=4) e 20% o cenário b) (N=1), tendo-se verificado os mesmos resultados para os entrevistados da USO, 80% prefere o cenário a) (N=4) e apenas 20% prefere o cenário b) (N=1), conforme se pode observar no gráfico 8. Assim podemos constatar que apenas 2 entrevistados preferem o cenário b).

O E3 e o E7 foram dois dos oito entrevistados que mencionaram preferir o cenário a), conforme se pode ver nos excertos retirados das suas entrevistas e que passamos agora a apresentar pela ordem mencionada: *“Para mim, prefiro o cenário a) (...)”* e *“Como esta (cenário a))”*.

Os dois entrevistados que mencionaram preferir o cenário b) foram o E4 *“Para mim esta é mais generosa. Não digo mais humana, mas é mais generosa. Qualquer uma delas. São um bocadinho distintas uma da outra. Uma vai convidar e a outra não. Mais generosa a última.”* e o E10 *“Parece-me que preferia esta, que reagia melhor a esta (cenário b)).”*.

Gráfico 8 - Cenário preferido



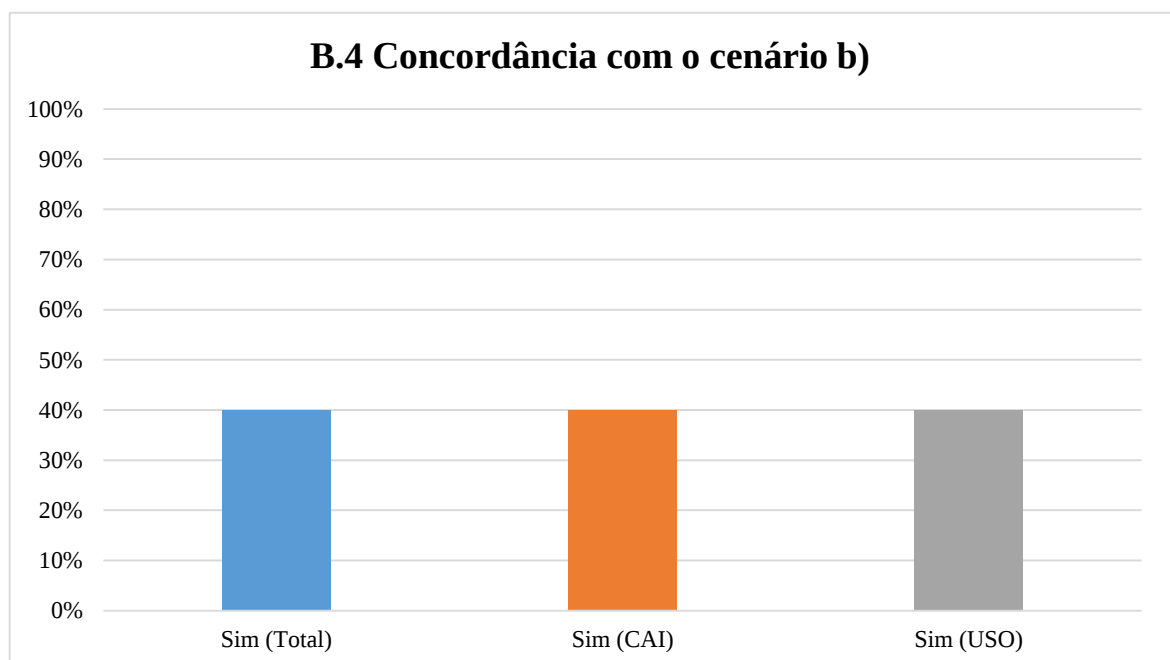
B.4 Concordância com o cenário b)

Quando questionados se concordam com o tipo de comunicação/interação utilizada no cenário b), 40% do total de entrevistados responderam que sim (N=4) e 60% responderam que não (N=6). Ou seja, do CAI 40% respondeu que sim (N=2) e 60% que não (N=3), tendo vindo a verificar-se os mesmos resultados na USO, 40% sim (N=2) e 60% não (N=3), como se pode verificar no gráfico 9. Assim podemos concluir que a maioria dos entrevistados não concorda com o tipo de comunicação/interação utilizada no cenário b).

Os entrevistados que responderam que concordam com o tipo de comunicação/interação utilizada no cenário b) apresentaram os seguintes argumentos: *“Concordo, porque não me fez mal nenhum. Aceito, aceito.”* (E5) e *“Concordo, qualquer um deles foi agradável, sim senhora concordo.”* (E8).

Por outro lado, os entrevistados que responderam não concordar com o tipo de comunicação/interação utilizada no cenário b) mencionaram: *“Não, às vezes tem de se ser um bocadinho mais leve, não se pode pegar tão pesado.”* (E2) e *“Não, não estou de acordo com essa pessoa, usar a fominha e deixe-se estar aí, a festazinha, e tenha cuidado para não cair, para mim ela estava a tratar-me como uma pessoa inválida (...)”* (E3).

Gráfico 9 - Concordância com o cenário b)



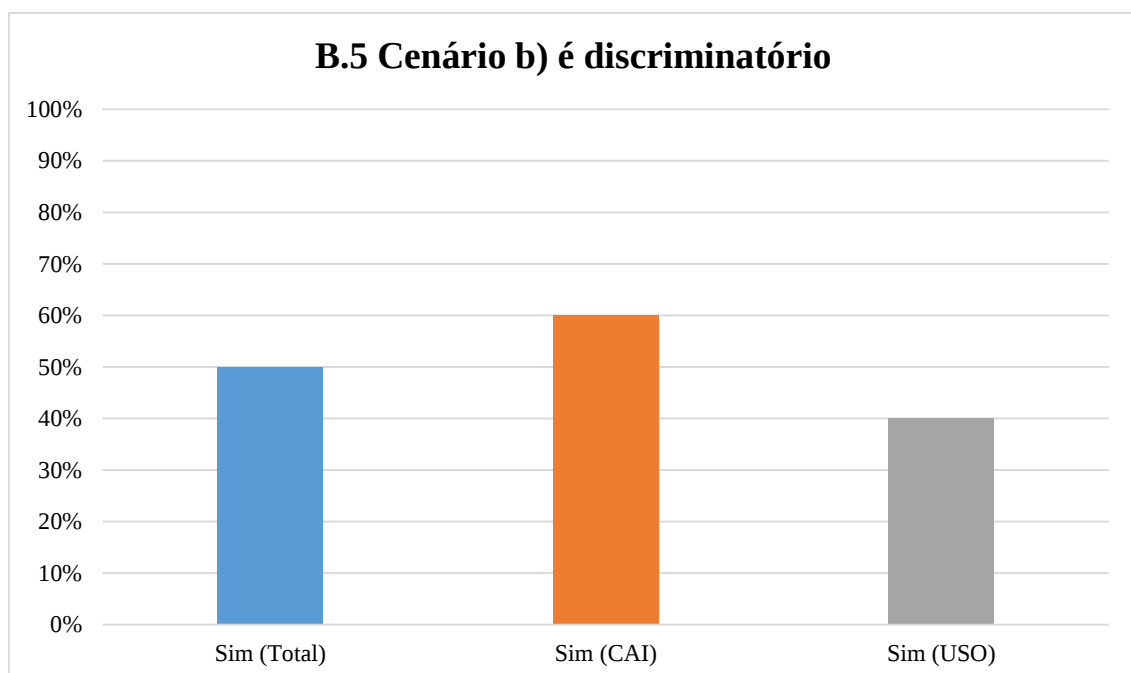
B.5 Cenário b) é discriminatório

Outra das perguntas que fizemos aos nossos entrevistados foi se consideram o cenário b) discriminatório em relação às pessoas idosas. Os resultados que obtivemos da análise às respostas dadas foram: 50% do total de entrevistados (N=5) referiu que o cenário b) é discriminatório, sendo que os restantes 50% responderam que não é discriminatório (N=5). Destes, 60% dos entrevistados do CAI (N=3) responderam que era discriminação e 40% responderam que não era discriminação (N=2), sendo que os resultados dos entrevistados da USO foram 40% (N=2) para é discriminação e 60% para não é discriminação (N=3). Ou seja, no total da amostra houve um empate entre o sim e o não, porém é de salientar que houve uma maior percentagem de sim nos entrevistados do CAI quando comparado com as respostas dos entrevistados da USO, conforme se pode observar no gráfico 10.

Dois dos entrevistados que disseram sim mencionaram: “*Sim. Em parte, em dizer deixe-se estar ai sentadinha, porque tenha cuidado pode cair.*” (E1) e “*Eu não penso, tenho a certeza que é discriminatório.*” (E7).

Já os que disseram que não, que foi o caso do E5 “*Ah, não. Não noto aqui discriminação, acho que o tom de voz é que é um bocadinho... não próprio para um convite para beber um copo de vinho ou beber uma bebida e comer qualquer coisa.*” e do E8 “*Por mim pessoalmente, eu não sentia isso como uma forma de discriminação e se eu fizesse isto diretamente a uma pessoa fazia-o com boa intenção não o fazia para discriminar a pessoa*”.

Gráfico 10 - Cenário b) é discriminatório



B.6 Sentimentos face ao cenário b)

Outra pergunta feita na entrevista foi: Caso alguém tivesse este tipo de comunicação/interação consigo, como se sentiria? A partir das respostas dadas pelos entrevistados, surgiram três categorias que passamos a apresentar em seguida e que podem ser consultadas no gráfico 11.

B.6.1 Sentimento de invalidez

Uma das categorias mencionadas pelos entrevistados e também a mais mencionada foi o sentimento de invalidez. Foi mencionada por 30% do total dos entrevistados (N=3), ou seja, foi mencionada por 40% dos entrevistados do CAI (N=2) e por 20% dos entrevistados da USO (N=1).

Dois exemplos que retirámos das entrevistas para validar esta categoria foram: *“Sentia-me uma pessoa inválida. Eu sentia-me inválida, mas com uma festazinha e fominha...”* (E1); *“Ficava a pensar: Oh meu Deus, mas já consideram que estou assim tão mal? Entende menina Ana, não é?”* (E2)

B.6.2 Sentimento de tristeza e mágoa

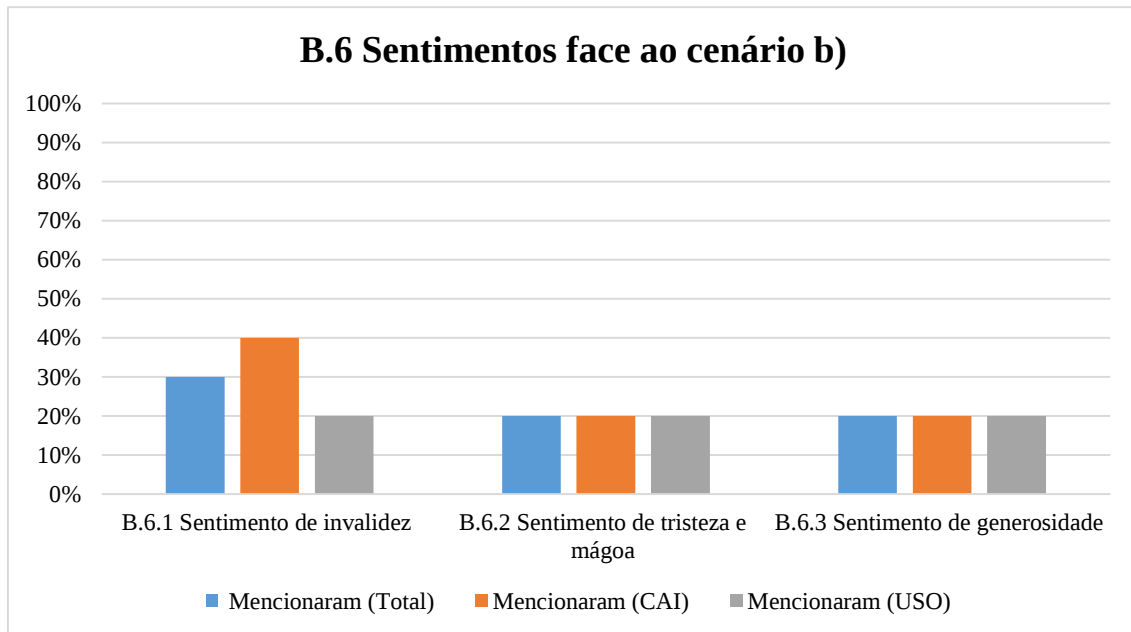
A categoria que agora apresentamos foi mencionada por 20% do total de entrevistados (N=2), sendo que destes 1 é utente do CAI *“Sim, sim. Porque claro, se fosse como eu já estive, de não me poder mexer, não poder andar, mas agora como já me levantei um bocadinho talvez ficasse assim triste. Não dizia nada, mas ficava um bocadinho magoada.”* (E2) e o outro aluno da USO *“Podem magoar a pessoa, podem magoar a pessoa.”* (E9).

B.6.3 Sentimento de generosidade

A única categoria positiva, foi designada de sentimento de generosidade uma vez que os excertos que lhe deram origem e que foram mencionados por 20% do total de entrevistados (N=2) foram os seguintes: *“Para mim esta é mais generosa. Não digo mais humana, mas é mais generosa. Qualquer uma delas. São um bocadinho distintas uma da outra. Uma vai convidar e a outra não. Mais generosa a última.”* (E4) e *“Talvez achasse o cenário b) mais próximo da pessoa. Se eu fiquei é por qualquer motivo e não estou à vontade e esta está a*

ajudar-me. Vai-me pôr as coisas à frente.” (E10). Como podemos observar no gráfico 11 esta categoria foi mencionada por um utente do CAI (20%) e por um aluno da USO (20%).

Gráfico 11 - Sentimentos face ao cenário b)



C. Representações do Envelhecimento

C.1 Ser Idoso

Nesta fase da entrevista perguntamos a cada entrevistado o que para si é ser idoso, o que representa chegar a esta etapa. As respostas deram origem a 14 categorias que foram analisadas no gráfico 12 e que passamos agora a apresentar individualmente.

C.1.1 É saber viver e aceitar a idade

Esta categoria foi mencionada por 30% do total de entrevistados (N=3), ou seja, 20% dos entrevistados do CAI (N=1) e 40% dos entrevistados da USO (N=2) mencionaram esta categoria. Dois desses entrevistados foram o E1 que referiu a este propósito “*Então, ser uma pessoa idosa acho que é uma virtude, ser idosa acho que a pessoa que, quando sabe viver a idade e enquanto se pode viver, também há coisas que surpreendem os idosos que eles não*

estão à espera...” e o E6 “Não, tem de aceitar a velhice, como tudo tem de ser aceite. Tanta gente já passou por aquela fase... (...) Olhe eu não sei se isso idoso, se é considerar idoso mesmo. Eu acho que a idade está na cabeça das pessoas. A cabeça das pessoas é que manda, porque pode ter 20 anos ser velho, e pode ter 70 como eu e ser jovem”.

C.1.2 Não é ser coitadinho

Outra categoria mencionada é aquela que agora apresentamos. Do total de entrevistados 20% (N=2) referiram que ser idoso não é ser um coitadinho. Estes dois entrevistados são utentes do CAI e agora apresentamos o que referiram sobre esta categoria. *“Exatamente, mas eu acho que ser idoso é uma virtude para a pessoa, porque agente ser idoso não é desprezo nenhum.”* (E1). *“Porque o idoso não é o coitadinho que está num lar ou noutro sítio qualquer ou sozinho em casa.”* (E2).

C.1.3 É positivo

Esta categoria foi a mais mencionada, mais concretamente por 90% (N=9) do total de entrevistados, 80% (N=4) pelos utentes do CAI e 100% (N=5) pelos alunos da USO. O E3 mencionou sobre esta categoria *“Para mim ser idoso é uma mais-valia.”* e o E8 referiu *“É bom chegar a esta idade. É muito positivo, é muito positivo. A idade em que eu estou, acho que seja positivo a idade em que estou e ainda estar com as faculdades com que estou”.*

C.1.4 É negativo

Contrariamente à categoria anterior, que era positiva, esta apenas foi mencionada por 1 entrevistado (10%), sendo este utente do CAI. A quando deste assunto, e quando interrogado se ser idoso era positivo, se era bom, o E5 referiu *“Não, tenho que dizer que não. Não há dúvida nenhuma, e Deus que me perdoe, mas... está a ver, estou sozinho, todos os meus familiares e amigos não... tenho muita admiração, tenho muita estima, que eu fui viajante 50 anos mais uns meses, mas eu... quer dizer... epá a idade pesa e eu já não tenho vontade própria para... “ai eu gostava de viver até aos 100 anos!”. Eu não, isso é um absurdo”.*

C.1.5 É positivo quando não há incapacidades

A categoria que agora apresentamos foi mencionada por 40% do total de entrevistados (N=4), sendo 20% de entrevistados do CAI (N=1) e 60% de entrevistados da USO (N=3). Dois desses entrevistados mencionaram: *“É muito bonito ser uma pessoa idosa, muito bonito. De uma vez que agente não esteja ali acamado muito tempo nem em grande sofrimento, de resto acho que ser idoso que é muito bonito, muito bonito, só o pior é quando há sofrimento.”* (E2); *“Tem as duas vertentes, mas se a parte física não falhar muito, se não falhar muito é mais positivo do que negativo.”* (E7).

C.1.6 É ter muita idade

Esta categoria foi a 2ª mais mencionada pelo total de entrevistados, mais concretamente por 70% do total de entrevistados (N=7), sendo 60% do CAI (N=3) e 80% da USO (N=4). A este respeito o E4 mencionou *“Porque normalmente agente encara uma pessoa idosa por ter muita idade (...) Ser idoso é ter idade.”* E o E5 referiu *“Para mim é ter tanta idade, Deus assim quer.”*

C.1.7 É ter experiência

Ter experiência foi outra categoria criada com base nas respostas dadas por 40% do total de entrevistados (N=4). Destes, 40% são utentes do CAI (N=2) e 40% são Alunos da USO (N=2). Um dos alunos do CAI, o E3 mencionou que ser idoso *“É aquele que tem uma experiência de vida, que se lhe derem oportunidade partilha com os outros mais novos, e os dons que tem, que toda a idade tem os seus dons, os dons que tem o idoso ele é para partilhar para comunicar para... Olha eu faço assim, se quiserem fazer assim, façam.”*, já um dos alunos da USO, o E4 referiu *“É uma pessoa válida como... Mais que alguns de 18 ou 20 anos. Tem mais prática na vida e é mais desenvolvido.”*

C.1.8 Não é sinónimo de incapacidade

Esta categoria foi mencionada por 10% do total de entrevistados, sendo que este valor diz respeito a uma resposta dada por um utente do CAI (20%), o E4 *“Para a juventude ser idoso é ter já uma certa idade, mas o ser idoso não quer dizer que esteja incapacitado”*.

C.1.9 É estar sozinho

Esta categoria relacionada com a solidão foi mencionada apenas por um dos entrevistados (10%), sendo este utente do CAI (20%), o E5 *“Não há duvida nenhuma, e Deus que me perdoe mas... está a ver, estou sozinho, todos os meus familiares e amigos não...”*.

C.1.10 É já não ter vontade de viver

Tal como a categoria anterior, esta também foi criada com base na resposta apenas de um entrevistado (10%), o E5. *“É próprio de quem nasce, se nasceu tem de morrer. E eu tenho esperado tanto que chegue a minha hora e ela não aparece e eu vou-me contentando com o desejo de Nosso Senhor”*.

C.1.11 É não ficar agarrado ao passado

Ser idoso é não ficar agarrado ao passado, foi outra das três categorias mencionada apenas por um dos entrevistados (10%), mais concretamente por um aluno da USO, o E6 *“Por um lado é uma vantagem, aliás eu acho que é vantajoso sobretudo desde que a pessoa se sinta bem e tenha saúde e que realmente não seja retrógrado, não esteja sempre a pensar no passado: “Ai quem me dera ser nova”. Não, tem de aceitar a velhice, como tudo tem de ser aceite. Tanta gente já passou por aquela fase...”*

C.1.12 Vai para além da idade cronológica

A categoria que agora apresentamos foi criada com base nas respostas dadas por 30% do total de entrevistados (N=3), sendo que destes, 40% das respostas foram dadas por utentes do CAI (N=2) e 20% por alunos da USO (N=1). Dois exemplos que selecionamos para legendar esta categoria foram do E2 e do E6 que agora apresentamos, respeitando esta ordem: *“Eu não sinto que estou velha. Novo é aquilo que agente cá tem cá dentro.”*; *“Eu acho que a idade está na cabeça das pessoas. A cabeça das pessoas é que manda, porque pode ter 20 anos ser velho, e pode ter 70 como eu e ser jovem”*.

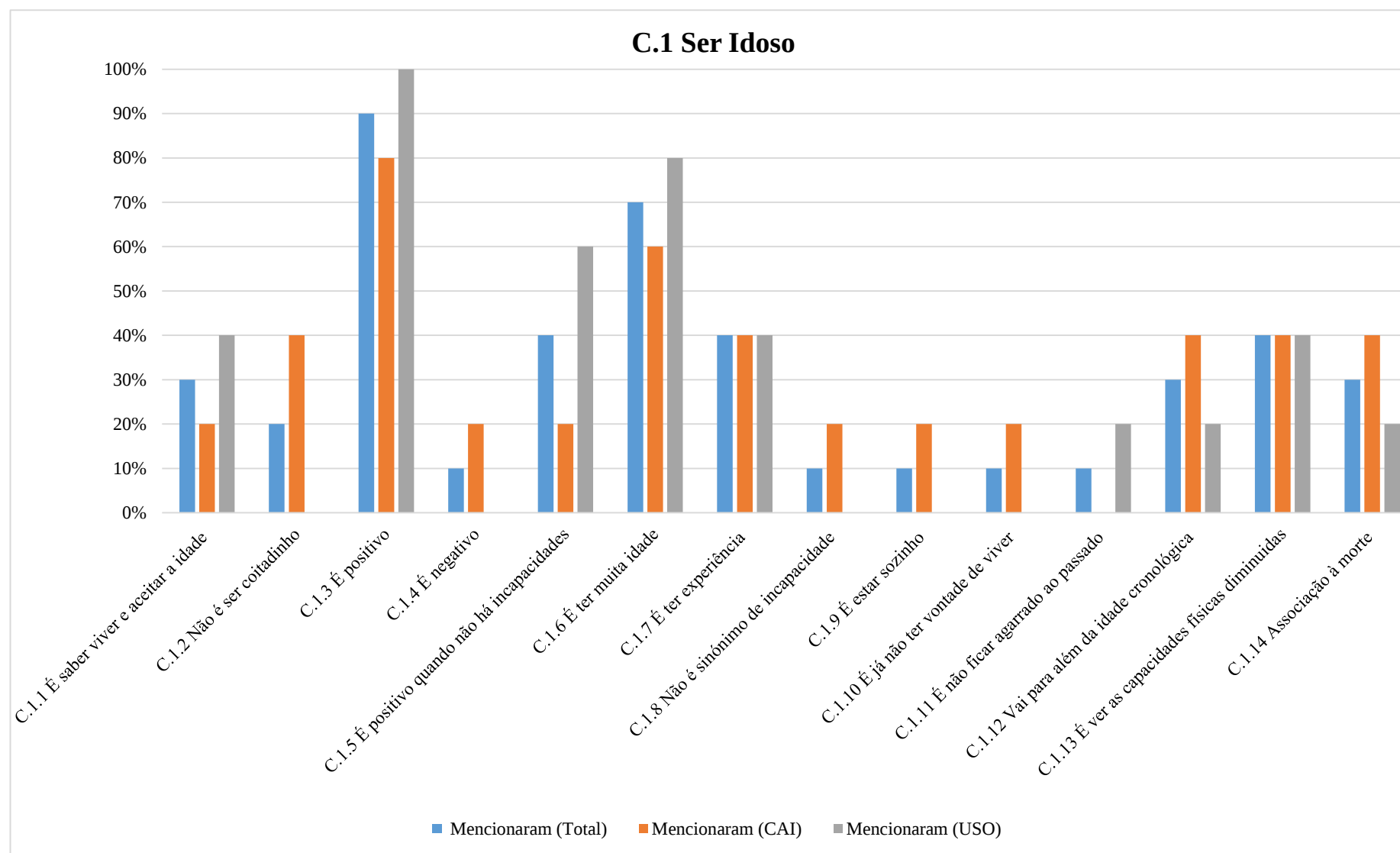
C.1.13 É ver as capacidades físicas diminuídas

Ver as capacidades físicas diminuídas foi outra das categorias mencionada, desta vez por 40% do total de entrevistados (N=4), ou seja, foi mencionada por 40% dos entrevistados do CAI (N=2) e por 40% dos entrevistados da USO (N=2). Apresentamos agora um excerto retirado das entrevistas do E5 e do E7: “Claro que pesa um bocadinho na idade, a nossa movimentação, às vezes a expressão falada, o olhar, o cansaço, tudo se conjuga para... agente desejar: “tomara Deus que me levasse”. Já não há vontade própria para fazer qualquer coisa de útil, não digo à sociedade mas aqui podia ser prestável mas não tenho vontade própria.”; “Tem as duas partes, as duas vertentes. A partir... quando se chega, aos 65 não notei, não notei, mas a partir dos 70 a parte física, a parte física nota-se que há uma diferença. Nós pensamos que ainda somos jovens ou menos... ou mais velhos, ou mais idosos e que podemos ainda fazer aquilo que fazíamos à 20 ou à 30 ou 40 anos e quando chegamos à conclusão que temos que ter muito juizinho porque já não conseguimos fazer aquilo que fazíamos à 30 ou 40 anos”.

C.1.14 Associação à morte

Para terminar, esta categoria foi mencionada por 30% do total de entrevistados (N=3), mais concretamente por 40% dos entrevistados e CAI (N=2) e por 20% dos entrevistados da USO (N=1). Os exemplos que agora apresentamos justificam a criação desta categoria: “(...) *mas está sempre aqui aquela coisinha: “quem escapa de novo, não escapa de velho”*. (E4); “*Idoso obviamente é chegar longe, vão enfraquecendo e vão morrendo*”. (E9)

Gráfico 12 - Ser Idoso



C.2 Visão da população sobre as pessoas idosas

Depois de termos analisado o que significa para cada entrevistado o que é ser idoso, iremos em seguida analisar, segundo o ponto de vista de cada entrevistado, qual a visão que a população tem sobre o envelhecimento. As respostas deram origem a 2 categorias que foram analisadas no gráfico 13 e que passamos agora a apresentar individualmente.

C.2.1 Visão positiva

Alguns entrevistados mencionaram que a visão da população sobre as pessoas idosas é positiva, mais concretamente 30% do total de entrevistados mencionou esta categoria (N=3). Destes, 20% das respostas foram dadas por entrevistados do CAI (N=1) e 40% por entrevistados da USO (N=2). O E5 mencionou *“Para mim não há nenhuma animosidade, que as pessoas que me conhecem me revejam assim... que a minha idade seja exorbitante, aceitam e até: Epá quem me dera ter a sua idade. É engraçado, não mostram animosidade (...) Têm, têm. As pessoas ficam um bocado assim: “Também gostava de ter essa idade”, não há dúvida de que é positiva.”* e o E6 referiu *“Quer dizer... Talvez mais para o positivo. Porque eles vêm em nós umas pessoas que já tiveram experiência, com quem podem aprender, quer dizer, salvo raras exceções, não é, que também acontece o contrário, mas eu daria uma nota positiva”*.

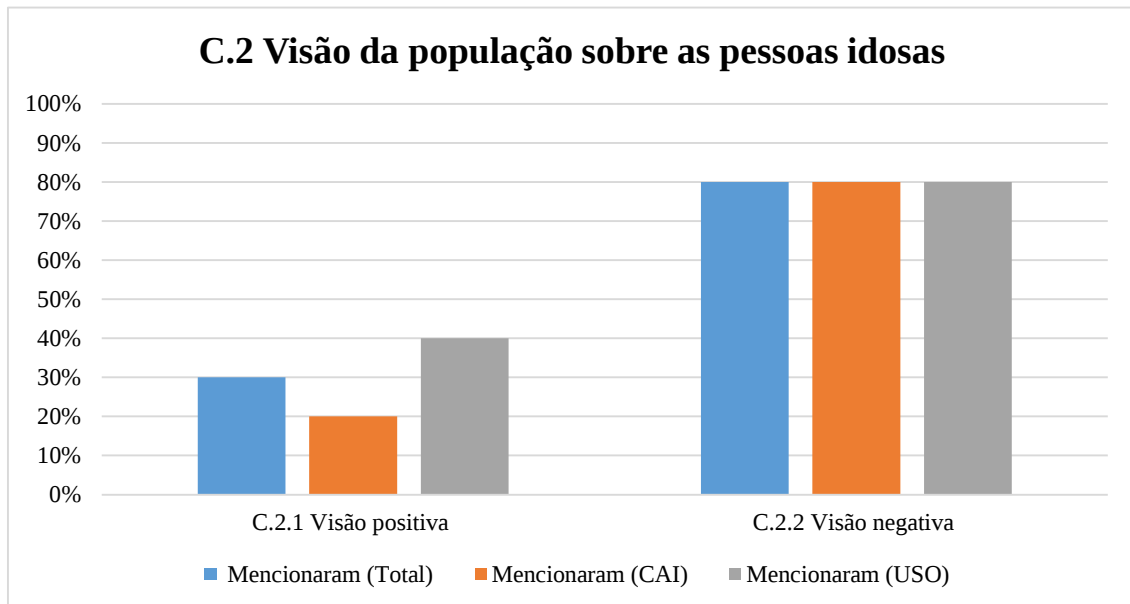
C.2.2 Visão negativa

A maioria dos entrevistados, 80% (N=8), referiu que a visão da população sobre as pessoas idosas é negativa. 80% dos entrevistados do CAI mencionaram esta categoria (N=4), bem como 80% dos entrevistados da USO (N=4). Dois exemplos de entrevistados que referiram que há uma visão negativa da população em relação às pessoas idosas, são o E3 *“Tenho ideia de que é negativa. Eu tenho sentido isso na pele”* e o E7 *“Não, não é uma imagem positiva, antes pelo contrário, “os velhos””*.

Podemos concluir que a maioria dos entrevistados, 8 em 10, considera que há uma visão negativa das pessoas idosas por parte da população. Pelo contrário houve 3 pessoas que mencionaram haver uma visão positiva. Dá o total de 11 respostas, porém a nossa amostra é de 10 entrevistados. O que aconteceu foi que um dos entrevistados, o E8, referiu que *“Isso é uma questão que nós não sabemos realmente. (...) Eu vejo isso muito dividido.”*, ou seja, o E8

mencionou que tanto há uma visão positiva como também há uma visão negativa, e nesse sentido, foi assinalada a resposta nas duas categorias.

Gráfico 13 - Visão da população sobre as pessoas idosas



C.2.3 Situações de discriminação face a uma visão negativa do envelhecimento

Depois de sabermos que a maioria dos entrevistados considera que existe uma visão negativa da população acerca das pessoas idosas, perguntámos se consideram que podem surgir situações de discriminação devido a existir essa visão. Os resultados obtidos foram analisados no gráfico 14 e que passamos agora a apresentar.

C.2.3.1 Sim

Do total de entrevistados 90% disse que sim (N=9), podem surgir situações de discriminação face a uma visão negativa do envelhecimento. Ou seja, dos entrevistados do CAI 80% respondeu que sim (N=4) e dos entrevistados da USO 100% respondeu que sim (N=5).

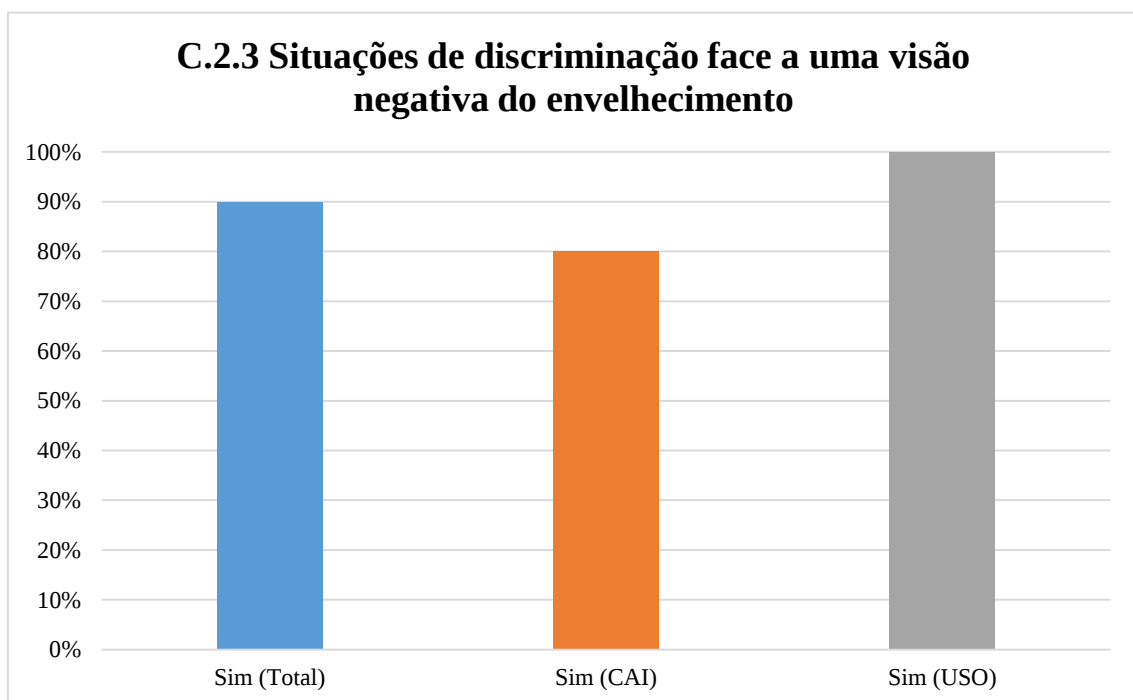
Dois Exemplos que ilustram o que estamos a mencionar são: *"Ah pois podem. Por exemplo para uma festa, por exemplo, vamos arranjar uma comissão, podem convidar uma pessoa ou outra já de idade que tenha mais capacidade, mais cultura... Mas muitos só reconhecem a idade, não reconhecem as capacidades."* (E4) e *"Pois é capaz de haver quem o*

faça e quem o pense. Eu penso que há de tudo. Primeiro de tudo não se deve discriminar mas haverá quem discrimine quem goze com os idosos, isso há. Fazem troça deles que os gozam.” (E9).

C.2.3.2 Não

Apenas 10% do total de entrevistados (N=1) respondeu que não, que não considera poderem surgir situações de discriminação devido a existir uma visão negativa. Esse entrevistado foi o E5, utente do CAI e disse-nos a este respeito o seguinte: “Não é discriminar, é... É um desabafo que por vezes cai mal. Não que seja aquilo... não é rancor, não é aversão. Desabafar: “O que é que este gajo anda aqui a fazer? Olha, já viram este gajo, não faz nada, não trabalha, anda a comer à conta...”.

Gráfico 14 - Situações de discriminação face a uma visão negativa do envelhecimento



D. Intervenção no domínio do Idadismo

D.1 Intervenção para diminuir a discriminação face às pessoas idosas em Portugal

Para terminar a entrevista, perguntamos aos nossos entrevistados o que poderia ser feito, na opinião deles, para diminuir as situações de discriminação contra as pessoas idosas. As respostas foram analisadas e deram origem a 7 categorias que podem ser observadas no gráfico 15 e que agora apresentamos.

D.1.1 Educação formal²³

Esta categoria foi a 2ª mais mencionada, mais concretamente por 30% do total de entrevistados (N=3), 20% dos entrevistados do CAI (N=1) e 40% dos entrevistados da USO (N=2). Dois dos entrevistados que a mencionaram foram o E4 e o E9. O primeiro referiu a este respeito *“Eu costumo dizer que a criança quando vai para a escola, para a primeira classe, não é só a lição de moral que os pais lhe dão, a lição da escola também conta muito, mas os pais não podem deixar as crianças na escola e não se preocuparem. A educação vem desde o berço.”* e o segundo mencionou *“A educação já vem de casa dos pais e depois porque é que os professores também na escola, bem não é bem a parte dos professores, na catequese. Na catequese, porque às vezes não é só falar de Jesus Cristo. Dos valores, e do respeito mas grande parte vem de casa”*. (E9)

D.1.2 Educação informal²⁴

A categoria que agora apresentamos foi a mais mencionada pelo total de entrevistados, mais concretamente por 50% (N=5), sendo 60% do CAI (N=3) e 40% da USO (N=2). Dois excertos retirados das entrevistas dos entrevistados que mencionaram esta categoria são: *“Eu tenho a impressão de que vem dos pais, da família, e depois também de... alguns ainda estão incluídos nalguns movimentos. Portanto, esses movimentos que deviam levar a... e sobretudo as famílias.”* (E3); *“Isso há uma parte de casa, pronto os meus filhos eu sempre os ensinei desde pequeninos que não se goza ninguém que quem tem telhados de vidro não jogue pedra,*

²³ A educação formal é aquela que tem reconhecimento oficial, oferecida nas escolas em cursos com níveis, graus, programas, currículos e diplomas. (Gaspar)

²⁴ “Na educação informal, não há lugar, horários ou currículos. Os conhecimentos são partilhados em meio a uma interação sociocultural que tem, como única condição necessária e suficiente, existir quem saiba e quem queira ou precise saber”. (Gaspar)

isto era uma expressão dantes, e é uma coisa que sempre os ensinei desde pequeninos não gozar, sobretudo um aleijado, os garotos são mauzinhos... Eu acho que essa parte já vem de casa". (E9)

D.1.3 Promover encontros intergeracionais²⁵

Promover encontros intergeracionais foi outra das categorias criadas com base em 10% (N=1) das respostas dadas pelo total de entrevistados. A resposta em questão foi dada pelo E7, aluno da USO, que mencionou o seguinte: *"Há uma coisa que era... Eu já ouvi alguém (não se percebe) começar a haver uma interação entre as escolas básicas e as universidades da terceira idade, era essencial"*.

D.1.4 A pessoa idosa chamar a atenção da pessoa que discrimina

Esta categoria foi mencionada por 10% do total dos entrevistados (N=1). O entrevistado em questão referiu o seguinte: *"Chamava aquelas pessoas à atenção: "Eu tenho esta idade e tu, se tratar a pessoa por tu, tu quando chegares à minha idade vais ver se gostas ou se não gostas de ouvir o que estás a dirigir hoje". Não é? Acho que é chamar à atenção. O melhor é chamar a atenção para pôr as pessoas no papel de uma pessoa de mais idade. Lá chegarás". (E8)*

D.1.5 Saber colocarmo-nos no lugar da outra pessoa

Esta categoria foi mencionada por 10% do total dos entrevistados (N=1). O entrevistado em questão referiu o seguinte: *"Chamava aquelas pessoas à atenção: "Eu tenho esta idade e tu, se tratar a pessoa por tu, tu quando chegares à minha idade vais ver se gostas ou se não gostas de ouvir o que estás a dirigir hoje". Não é? Acho que é chamar à atenção. O melhor é chamar a atenção para pôr as pessoas no papel de uma pessoa de mais idade. Lá chegarás". (E8)*

²⁵ A intergeracionalidade desenvolve-se entre dois grupos etários, nomeadamente entre jovens e pessoas idosas. A 29 de abril, de todos os anos, celebra-se o dia Europeu da solidariedade entre gerações. Este surgiu de forma a chamar a atenção de todas as sociedades para a importância de se contruir uma europa solidária, onde os direitos das pessoas idosas sejam respeitados e onde se promova um envelhecimento ativo.

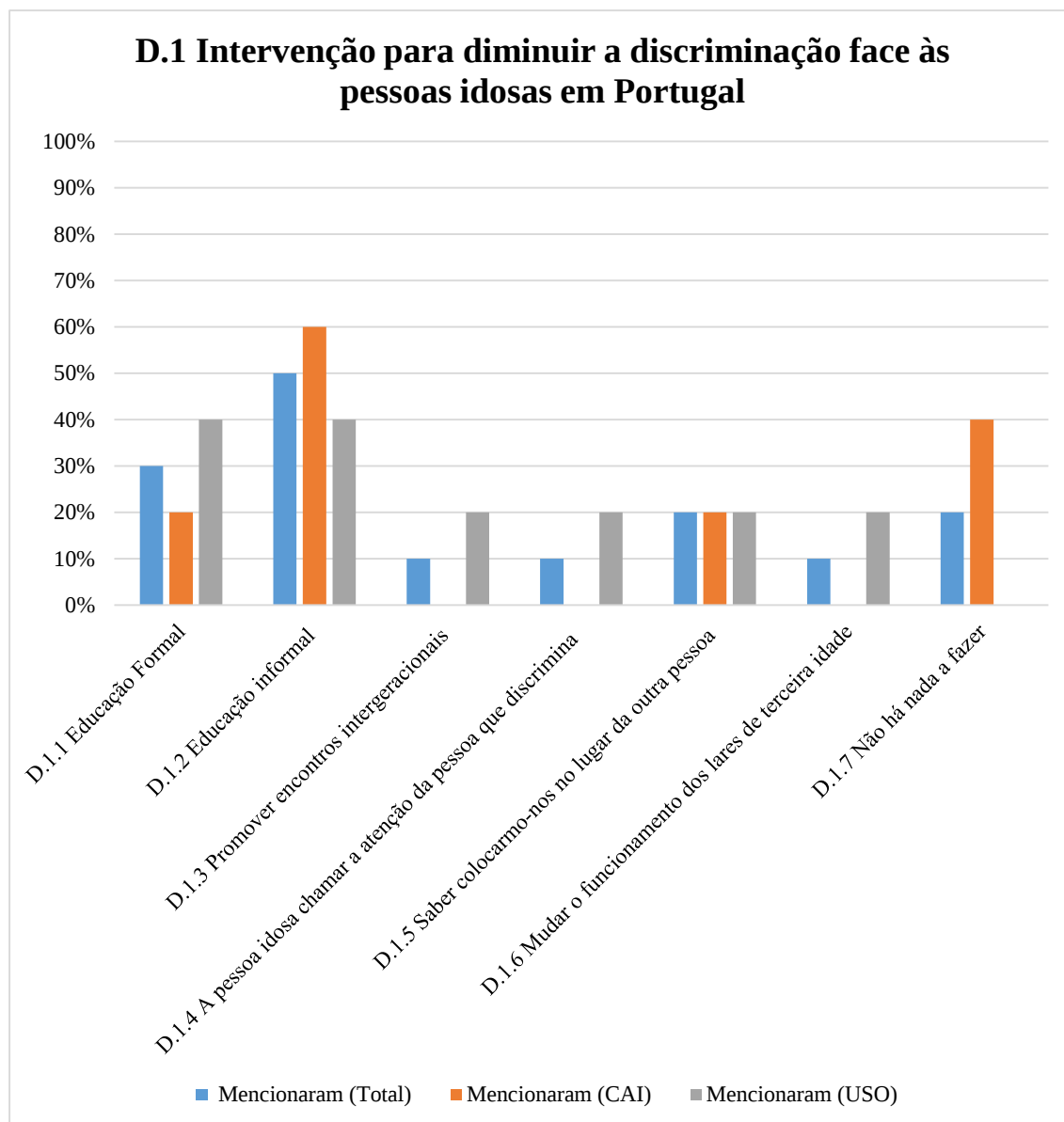
D.1.6 Mudar o funcionamento dos lares de terceira idade

Para 10% dos entrevistados, ou seja, para 1 dos entrevistados (E10), o que deveria ser feito era haver uma mudança no funcionamento dos lares de terceira idade, conforme se pode constatar no excerto retirado da entrevista: “Eu continuo a pensar que o fator mais importante é evitar os armazéns. Que os lares não se tornassem tanto num armazém de velharias. Pronto, que os lares tivessem um funcionamento diferente, para aqueles que podem, não é agora vai para lá um de cadeira de rodas ou está acamado..., mas vai para lá gente, pronto que os filhos estão longe, por várias situações, mas ainda são bastante ativas mas deixaram a cabeça ir para baixo, e sabe que a cabeça quando vai para baixo devia haver um estímulo nesses lugares para puxar a cabeça para cima”.

D.1.7 Não há nada a fazer

Segundo 20% do total de entrevistados (N=2), não há nada que possa ser feito. Os dois entrevistados que mencionaram esta categoria são utentes do CAI e a este respeito o E1 referiu “*Sobre essas coisas onde eu quero chegar, que já percebeu com certeza, não há nada a fazer, aquilo são coisas que nascem com a pessoa.*” e o E5 mencionou “*É difícil de responder. Pela simples questão, é que eles já são homens. São pessoas já duma certa idade não é? Eu para mim os 50 não é nada nem os 60. Mas o que é que se vai fazer diga-me lá? Por vezes é uma falta de educação outra vez também é os estudos, muitos nem têm a escola, as primeiras letras. E agente fica assim a olhar: “Opa está calado que tu não sabes se chegas lá, aos 92 anos.” E agente contrabalança assim um bocadinho... e eles acabam, começam: “Epá estava a brincar.” É assim. O que é que vamos fazer? (...) Não. Não. Não vejo que seja uma ofensa.*” (E5).

Gráfico 15 - Intervenção para diminuir a discriminação face às pessoas idosas em Portugal



3.2- Discussão dos resultados

Nesta fase do trabalho, após termos apresentado os resultados desta investigação, é tempo de falar acerca deles, tendo em conta os objetivos que definimos inicialmente e a literatura existente sobre o tema.

O objetivo principal deste trabalho era: investigar se a comunicação e as atitudes infantilizadas para com as pessoas idosas são consideradas discriminação pelos mesmos.

Ao iniciar a nossa investigação começámos por conhecer a vida diária dos entrevistados. Todos descreveram o seu dia-a-dia, mostrando serem pessoas bastante ativas, quer os entrevistados da USO que vivem nas suas próprias casas, quer os entrevistados do CAI que se encontram institucionalizados. Estes mencionaram diversas atividades que realizam no dia-a-dia conforme foi mencionado nos resultados.

Conseguimos perceber que todos os entrevistados, sem exceção, estabelecem no seu dia-a-dia interações. Estas estabelecem-se na comunidade com pessoas conhecidas, em locais que habitualmente frequentam (café, cabeleireiro, papelaria, etc.), com familiares, com os restantes utentes e funcionários do Centro, no caso dos entrevistados do CAI, ou no caso dos alunos da USO com os restantes alunos e professores da Universidade. Embora Guedes (2012) nos diga que o processo de envelhecimento modifica a dimensão da socialização, ou seja, há uma diminuição da intensidade nas relações interpessoais, especialmente quando falamos de pessoas idosas institucionalizadas, que à partida perderam parcialmente ou totalmente o contacto com o mundo habitual antes da institucionalização, a nossa amostra revelou estabelecer diariamente contactos interpessoais, incluindo os entrevistados institucionalizados. Esses contactos/interações foram descritos por todos os entrevistados como positivos. Segundo Erikson (1972) a partilha de afetos positivos entre os indivíduos, dá origem a grupos sociais agradáveis e saudáveis, uma vez que se sabe que “a manutenção das relações sociais pode melhorar o desempenho mental dos idosos e beneficiar a sua saúde” (Nunes e Menezes, 2014:77). Como era de prever, a intensidade das interações dos nossos entrevistados varia, ou seja, alguns entrevistados têm mais interações, tendo alguns referido a importância de serem pessoas populares na comunidade, e outros menos, uma vez que se consideram pessoas tímidas e reservadas.

Ainda relacionado com as interações e quando apresentados os cenários a) e cenário b) foram identificadas várias diferenças entre o cenário a) e o cenário b) pelos nossos entrevistados. De uma forma mais geral os entrevistados identificaram duas diferenças: o tom de voz, e a linguagem utilizada (categoria mais mencionada), ou seja, identificaram duas das principais características da linguagem idadista. Ryan (2000) refere que uma das características da linguagem infantilizada é a utilização de diminutivos, característica essa identificada no cenário b) por 50% dos entrevistados. Outros aspetos mencionados, nomeadamente sobre o cenário a) foi que este inclui a pessoa na festa, porém também foi mencionado que este mesmo cenário parece obrigar a pessoa a ir à mesa. Relativamente ao cenário b) foram mencionados oito aspetos negativos relacionados com o mesmo e apenas um positivo. Segundo os nossos

entrevistados, o cenário b) inferioriza a pessoa, exclui a pessoa ao não ter em conta as reais capacidades da mesma e assumindo que não conseguem agir por eles próprios, é impositivo, exuberante porque utiliza uma entoação exagerada (Hummert (1994); Kemper (1994); Ryan, Hummert, & Boich (1995), O'Connor e Rigby (1996) e Nelson (2006)), infantiliza porque utiliza um vocabulário infantil (Ryan, 2000), é depreciativo e transmite sentimento de pena. O único aspeto positivo mencionado sobre o cenário b) foi que este é mais generoso, por falar mais calmamente e por se disponibilizar a trazer comida, mencionado apenas pelos dois entrevistados que mais à frente mencionaram preferir este cenário. Ainda relativamente ao cenário b), alguns entrevistados mencionaram que este cenário estaria bem para uma pessoa incapacitada, ou seja, a atitude seria boa caso a pessoa estivesse nessa situação, não mencionando nada sobre o tipo de linguagem utilizada, o que nos leva a concluir que o tipo de linguagem utilizado, linguagem infantilizada, seria apropriada para uma pessoa incapacitada. Apenas um entrevistado mencionou que a atitude estaria bem para uma pessoa incapacitada, porém com algumas alterações, nomeadamente ao nível da linguagem, como o tom e a velocidade.

Relativamente às reações aos cenários, a maioria dos entrevistados mencionaram reagir com educação e com agrado ao cenário a) (linguagem neutra), não tendo sido mencionada nenhuma reação negativa a este cenário, ou seja, foi um cenário que agradou a todos. Já ao cenário b) uma minoria mencionou reagir com agrado, outra parte mencionou reagir com educação, mas não aceitava e os restantes entrevistados mencionaram reagir mal ou não responder. Dois dos três entrevistados que referiram reagir com agrado, anteriormente mencionaram que este cenário, cenário b), era impositivo, reconheceram a utilização de diminutivos e o sentimento de pena que transmite, o que nos leva a concluir que reagiam com agrado a uma situação anteriormente descrita com aspetos negativos.

A questão que aborda o cenário preferido dos entrevistados, leva-nos a concluir que apenas dois preferem o cenário b), entrevistados esses que descreveram este mesmo cenário apenas com aspetos positivos. Segundo um estudo feito Edwards e Noller (1993) algumas pessoas têm uma atitude positiva quando abordadas com uma linguagem e atitudes infantilizadas, nomeadamente a conversa de bebé. Tal como nos estudos realizados anteriormente por Edwards e Nouer (1993), Giles, Fox, e Smith (1993), Ryan, MacLean e Orange (1994), a maioria dos nossos entrevistados preferem o cenário a), cenário neutro, em detrimento do cenário b), cenário infantilizado. Mesmo o E8 que mencionou reagir bem ao

cenário b), porém prefere o cenário a). Podemos constatar também que quatro entrevistados concordam com o tipo de comunicação/interação presente no cenário b), apesar de dois desses entrevistados, E5 e E8 terem mencionado anteriormente que este cenário transmite sentimento de pena, um reconhece a utilização de diminutivos, e menciona que é exuberante e impositivo.

Quando questionados se o cenário b) era discriminação, obtivemos um empate entre o sim e o não, com 5 respostas para cada um deles. Porém, ao fazermos uma análise às respostas dadas anteriormente pelos entrevistados que responderam que o cenário b) não é discriminação, é possível constatar que há algumas incongruências, ou seja, os entrevistados 5, 8 e 9, que mencionaram que não é discriminação, anteriormente classificaram este cenário com categorias negativas. Vejamos, o E5 reparou na diferença de linguagem e no tom de voz, referiu que era impositivo e exuberante. O E8 referiu a utilização de diminutivos, e mencionou que este transmite sentimento de pena. Por fim, o E9 referiu que acha este cenário impositivo e acrescentou que não concorda com o mesmo. Estas respostas levam-nos a concluir que apesar de classificarem o cenário b) com categorias negativas, não o consideram discriminação. Estas respostas, talvez se devam ao facto da palavra discriminação ser considerada uma palavra muito forte e difícil de classificar, ou seja, apesar dos nossos entrevistados, à exceção de dois, classificarem o cenário b) com categorias negativas, classifica-lo como discriminação implicaria outro tipo de atitudes mais flagrantes. Como referimos anteriormente na fundamentação teórica, a discriminação subtil é difícil de identificar, é tolerada e desvalorizada, como podemos constatar nesta investigação. As próprias vítimas desse tipo de discriminação têm dificuldade em classificar tais atos como tal, e nesse sentido, surge a necessidade de ser regulamentado o que é considerado discriminação, para que não haja dúvidas e para que atitudes destas não sejam menosprezadas. Exemplo disso é o E9 que referiu não considerar o cenário b) discriminatório, porém ao ser abordado com este mesmo cenário mencionou sentir-se uma pessoa inválida e ficaria triste, porém mencionou também que devemos ser tolerantes. A tolerância implica neste caso, desvalorizar o assunto, ou seja, aceitar em vez de confrontar, uma vez que assim não se quebram os laços sociais existentes (Levy e Banaji, 2002). Esta aceitação, ou tolerância como o E9 referiu, leva a que este tipo de comportamentos se repitam e sejam encarados como certos por parte de quem os pratica, ou seja, se a pessoa que está a ser alvo deste tipo de linguagem e atitudes infantilizadas aceitar e tolerar, mais tarde ou mais cedo irá desencadear um processo de reforço e legitimação do preconceito de idade (Levy & Banaji, 2002). Assim, podemos concluir que os entrevistados da USO, entrevistados não institucionalizados, se revelaram mais tolerantes em relação ao cenário b), cenário infantilizado,

contrariamente ao que foi observado nos estudos de O'Connor e Rigby (1996); Ryan e Cole (1990) e Whitbourne, Culgin e Cassidy (1995) onde essa tolerância era maior nos participantes institucionalizados.

Tentamos perceber também qual a opinião dos entrevistados em relação ao envelhecimento e ao facto de serem pessoas idosas, ou seja, tentamos perceber se encaram esta fase como positiva ou como negativa. A categoria mais mencionada foi a de que ser idoso é positivo, apenas um dos entrevistados revelou ser negativo, derivado ao facto de estar sozinho, ou seja, não ter família, e de ver as capacidades físicas e intelectuais diminuídas o que consequentemente faz com que já não haja vontade de viver e se pense na morte. Os entrevistados mencionaram que ser uma pessoa idosa: é ter muita idade, a segunda categoria mais mencionada, consequência natural dos progressos na área da medicina; é saber viver e aceitar a idade; não é ser coitadinho aos olhos dos outros; é ter experiência, acumulada ao longo de toda a vida; não é sinónimo de incapacidade, como habitualmente se pensa ser, homogeneizando o processo de envelhecimento e atribuindo o papel de doente a todas as pessoas idosas; não é ficar agarrado ao passado; é mais do que a idade cronológica; é ver as capacidades físicas diminuídas. A construção desta imagem de si próprio “resulta portanto de relações complexas que se tecem entre a definição exterior de si e a percepção interior, entre o objetivo e o subjetivo, entre si e os outros, entre o social e o pessoal” (Lipiansky, 1990:174 cit in Guedes, 2012). De uma forma geral, os entrevistados mencionaram mais vantagens que desvantagens, tendo porém, 4 entrevistados mencionado que quando há incapacidades essa visão muda, ou seja, o envelhecimento é um processo positivo quando não há incapacidades.

A visão da população no geral sobre o envelhecimento e sobre as pessoas idosas nem sempre é a mais correta. Estereótipos negativos dão origem a uma visão errada e marcadamente negativa, que segundo Levy, Ashman e Dror (2000) quando transmitida socialmente pode levar a uma menos vontade de viver das pessoas idosas. Questionámos os nossos entrevistados acerca de qual pensam ser a visão que a população no geral tem das pessoas idosas. Se essa visão é positiva como aquela que quase todos mencionaram, tendo como base a sua própria experiência. A maioria dos entrevistados (8) mencionaram que a visão da população sobre as pessoas idosas e o envelhecimento é negativa. Segundo alguns exemplos dados pelos entrevistados podemos concluir que a visão negativa sobre as pessoas idosas e sobre o envelhecimento é abrangente e pode inclusive fazer parte da visão da própria família da pessoa idosa, como o exemplo do E3 que referiu na entrevista sentir que a família, nomeadamente os membros mais jovens, têm uma

imagem negativa dela, e nesse sentido a costumam deixar fora das conversas e não dão importância ao que diz.

Questionados sobre se consideram possível surgirem situações de discriminação contra as pessoas idosas face a uma imagem negativa da população sobre o envelhecimento, nove dos entrevistados responderam afirmativamente, ou seja, apenas um entrevistado respondeu que não. Um dos exemplos dados de discriminação face a uma visão negativa do envelhecimento que nos pareceu muito interessante foi o de se excluir as pessoas idosas de determinadas funções e responsabilidades tendo em conta apenas a idade sem analisar as suas reais capacidades.

Tentámos também perceber o que poderia ser feito no domínio do idadismo, nomeadamente em relação à discriminação subtil. Das respostas dadas surgiram diversas categorias, que são nada mais nada menos que medidas sugeridas pelos entrevistados para diminuir esta problemática. A educação informal foi a categoria mais mencionada pelos entrevistados (N=5). Com educação informal os entrevistados estavam a referir-se essencialmente ao trabalho educativo que deve ser feito em casa, através da figura dos pais, ou seja, mencionaram que para combater a discriminação era necessário transmitir-se no seio familiar o respeito pelas pessoas idosas, haver esse ensinamento desde sempre uma vez que “alguns estudos demonstram que interiorizamos desde muito cedo os estereótipos associados às pessoas idosas” (Gorjão & Marques, 2012:135) o que faz com que desde muito cedo tenhamos atitudes idadistas (Netto, 2011).

A educação formal, foi a segunda categoria mais mencionada pelos entrevistados, onde foi referido que a educação não depende só daquela que é transmitida em casa, a educação parte também da escola, da catequese, onde a problemática da discriminação deve ser abordada e trabalhada. Outra categoria referida e que consideramos de extrema importância, embora só tenha sido mencionada por um entrevistado, foi a importância de promover encontros intergeracionais, ou seja, segundo este entrevistado (E7) era essencial passar a haver uma maior interação entre as escolas e as universidades seniores, ou num contexto mais abrangente, entre a população mais jovem e as pessoas idosas. Estes programas intergeracionais são definidos pela literatura como um método que aproxima pelo menos dois grupos geracionais (Epstein & Boisvert, 2006). Além desta aproximação, estes visam também favorecer a promoção do desenvolvimento pessoal e do bem-estar dos intervenientes (Ayala et al, 2007; Vandervén, 1999). Através destes encontros é possível estabelecerem-se relações entre estes grupos de forma a criar-se uma imagem positiva das pessoas idosas, uma vez que os jovens passam a entender de uma melhor forma o processo de envelhecimento, e consequentemente leva a uma

diminuição da discriminação baseada na idade contra as pessoas idosas (Giles, Ryan e Anas, 2008; Meshel e McGlynn, 2004; Zuccherro, 2010). Esta partilha de experiências traduz-se num enriquecimento para os dois lados, ou seja, os mais jovens aprendem com as pessoas idosas tal como as pessoas idosas aprendem com os mais jovens (Figueiredo, 2014). Para além das vantagens já mencionadas relativas aos jovens, as pessoas idosas também as têm. Segundo Kessler e Staudinger (2007), as vantagens para as pessoas idosas são: maior autoestima, satisfação com a vida tendo como consequência a diminuição do isolamento.

Outra categoria mencionada e que apresenta uma nova perspetiva das medidas de combate ao idadismo, foi mencionada pelo E8: a pessoa idosa chamar a atenção da pessoa que discrimina. Esta medida coloca a pessoa idosa no centro da ação, desempenhando assim o papel principal, o de agente da mudança, ou seja, a pessoa idosa, segundo a perspetiva do nosso entrevistado, quando é alvo de discriminação deve chamar a pessoa em causa (discriminador) à atenção. Chamar à atenção poderá passar por fazer ver a pessoa que não está a ter uma atitude correta e que um dia também não gostará de ser discriminada, ou seja, fazer com que a pessoa se coloque no lugar da pessoa idosa. Esta foi outra das categorias mencionadas como possível intervenção, ou seja, todos nós, antes de discriminarmos devemos ter a capacidade de nos colocar no papel da outra pessoa, neste caso, da pessoa idosa. Perceber que estamos em constante processo de envelhecimento e refletir acerca das nossas práticas que um dia serão tomadas por outras pessoas em relação a nós.

Outra categoria mencionada como solução ou parte dela, no que toca à problemática do idadismo, foi a necessidade de haver uma mudança no funcionamento dos lares de terceira idade. Mencionada por um entrevistado (E10), esta categoria alerta-nos para a necessidade fundamental de transformar a dinâmica dos lares, ou seja, haver uma mudança na forma como os lares desenvolvem o seu trabalho e consequentemente a forma como estes são vistos pela população, uma vez que essa imagem influencia negativamente a imagem das pessoas idosas.

Esta mudança pode passar também pela formação dos colaboradores das instituições destinadas a pessoas idosas, ou seja, haver um investimento das instituições na formação dos seus funcionários, de forma a serem abordados temas importantes e impactantes como o idadismo, nomeadamente a discriminação subtil através linguagem e das atitudes infantilizadas. Segundo Burgio et al (2000) a formação dos colaboradores pode melhorar os serviços prestados sem aumentar o tempo necessário para a prestação dos mesmos. Para além da formação nas instituições, de forma a alertar para esta problemática da discriminação, e segundo um estudo

realizado por Rosen, Zlotnik e Singer (2008), é necessário promover a formação académica na área da gerontologia de forma a erradicar visualizações idadistas.

Por último, dois dos entrevistados mencionaram que não há nada a fazer relativamente à intervenção neste domínio, uma vez que este tipo de atitudes está relacionado com a personalidade das pessoas e também por serem pessoas já adultas.

Observações Finais

O processo de envelhecimento foi desde sempre refletido e pensado pela humanidade com preocupação, porém, com os avanços na área da medicina que levaram conseqüentemente ao aumento da esperança de vida, essa preocupação aumentou devido ao aparecimento de novos problemas sociais relacionados com esta problemática. Um desses problemas está relacionado com os estereótipos associados às pessoas idosas e com a discriminação que daí advém. Se no passado a imagem da pessoa idosa era uma imagem positiva, de grande respeito e admiração, atualmente essa imagem sofreu alterações significativas. Alterações essas que retiraram a importância que este tinha como também passaram a ser negativas.

É através dos estereótipos negativos que surge a discriminação baseada na idade – Idadismo.

Nesta investigação, que agora concluímos, abordámos o idadismo em relação às pessoas idosas, sendo o tema central desta investigação a discriminação subtil, discriminação ainda pouco conhecida e sobretudo pouco abordada na literatura e nas investigações científicas da área da gerontologia, porém de importância extrema.

Com esta investigação pretendíamos analisar em que medida a comunicação e as atitudes infantilizadas em contexto de interação diária com pessoas idosas são consideradas discriminação face à idade pelos mesmos?

Conforme foi possível concluir com os dados recolhidos através da entrevista, este tema é ainda pouco conhecido pela população, nomeadamente pelas pessoas idosas, e não lhe é dada a devida importância, no sentido em que chega a ser desvalorizado por não se conhecerem realmente os limites da discriminação, ou seja, o que é e o que não é discriminação. Conseguimos concluir também, e respondendo ao objetivo estabelecido, que para cinco das pessoas idosas entrevistadas a linguagem e as atitudes infantilizadas presentes no cenário b), não são consideradas discriminação, embora tenham sido avaliadas pela maioria como negativas. Os restantes cinco entrevistados consideraram que era discriminação e identificaram algumas das características da linguagem idadista mencionada na literatura, ao longo da fundamentação teórica.

Assim, consideramos que esta temática, a discriminação subtil, nomeadamente através da linguagem e atitudes infantilizadas, deve merecer por parte da comunidade académica maior atenção. Só assim poderão criar-se estratégias que visem combater o idadismo, através de mudanças nas crenças sociais e atos efetivos para com as pessoas idosas. Como vimos ao longo da fundamentação teórica o idadismo pode interferir gravemente na qualidade de vida das

peessoas idosas, podendo acarretar problemas de saúde, isolamento e menos vontade de viver (Couto et al, 2009). Neste sentido, torna-se importante “criar uma consciência positiva face às capacidades e competências das pessoas idosas, ao nível do mercado de trabalho, dos meios de comunicação social e da sociedade geral”, uma vez que vivemos num país cada vez mais envelhecido demograficamente (Revista Focus social, 2013).

Para terminar, consideramos que uma das limitações desta investigação foi o tamanho da amostra, sendo esta pequena tendo em conta a dimensão do problema, porém, dado o tempo que tivemos para a realização da mesma e dado ao demorado processo de análises das entrevistas pareceu-nos ser o número de entrevistados mais realista. Assim, as conclusões ficam de certa forma pouco vincadas sendo que esta limitação deve ser ultrapassada em investigações futuras.

Bibliografia

- Albarello, L. (1997). *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Alves, J. F., & Novo, R. F. (2006) *Avaliação da discriminação social de pessoas idosas em Portugal*. International Journal of Clinical and Health Psychology, 6 (1), 65-77.
- Almeida, H. (2012) Biologia do envelhecimento: uma introdução. In Paúl, C. & Ribeiro, O. (Coord.), *Manual de geronrologia*, (1ª ed., pp. 21-40). Lisboa: LIDEL.
- Ander- Egg, E. (1978) *Introducción a las técnicas de investigación social: para trabajadores sociales*. Buenos Aires: Humanitas.
- Ayala, J., Hewson, J., Bray, D., Jones, D., & Hartley, G. (2007) *Intergenerational Programs: Perspectives of Service Providers in One Canadian City*. Journal of Intergenerational Relationships, 5 (2), 45-60.
- Ballesteros, R. F. (Dir.) (2004). *Gerontologia Social*. Madrid: Pirámide.
- Barreto, E. & Cunha, M. F. G. (2009). *Criatividade não tem idade, arteterapia reinventando o envelhecimento*. Revista IGT na Rede, 6 (10), 21-28.
- Bize, P. R., Vallier, C. (1985). *Uma vida nova: A terceira idade*. Verbo.
- Blog USO (Universidade Sénior de Ourém). Acedido em Janeiro de 2016 em <http://usourem.blogspot.pt/>
- Butler, R. N. (1969) *Age-ism: Another form of bigotry*. The Gerontologist, 9, 243-246.
- Carstensen, L., & Hartel, C. R. (2006) Opportunities lost: The impact of stereotypes on self and others. In Carstensen L. & Hartel C. R. (Eds.), *When I'm 64* (pp. 80-91). Washington DC: Committee on Aging Frontiers in Social Psychology, Personality, and Adult Developmental Psychology.
- Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia – Artigo 21.º. Acedido em 15 de março de 2016 em http://www.europarl.europa.eu/charter/pdf/text_pt.pdf
- Carvalho, M. I. (2013). *Serviço Social no Envelhecimento*. Lisboa: Pactor.
- Carvalho, J. & Mota, J. (2012) O Exercício e o Envelhecimento. In Paúl, C. & Ribeiro, O. (Coord.), *Manual de Gerontologia*, (1ª ed., pp. 21-40). Lisboa: LIDEL.

- Censos 2011, Instituto Nacional de Estatística (INE). Acedido em Janeiro de 2015 em http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine_censos_publicacao_det&menuBOUI=13707294&contexto=pu&PUBLICACOESpub_boui=156644135&PUBLICACOESmodo=2&selTab=tab1
- Constituição da República Portuguesa – Artigo 13.º. Acedido em 17 de junho de 2016 em <http://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx>
- Coutinho, C. P. (2011) *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: Almedina.
- Couto, M. C. P. P., Koller, S. H., Novo, R. & Soares, P. S. (2009) *Avaliação de discriminação contra idosos em contexto brasileiro – Ageismo*. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25 (4), 509-518.
- Cuddy, A. J. C., & Fiske, S. T. (2002) *Doddering but dear: Process, content, and function in stereotyping of older person*. In Nelson T. (Ed.), *Ageism – Stereotyping and prejudice against older persons* (pp. 3-26). Cambridge: Bradford Books.
- Decreto-Lei n.º 119/83, de 25 de Fevereiro. Acedido em Janeiro de 2015 em http://www4.seg-social.pt/documents/10152/17623/DL_119_83
- Diagnóstico Social da Câmara Municipal de Ourém (2011). Acedido em 15 de Dezembro de 2014 em http://www.cm-ourem.pt/index.php/documentosoficiais/editais/doc_details/754-.html
- Dia mundial da população, Informação à comunicação social, INE (2014). Acedido em Dezembro de 2014 em http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=218629052&DESTAQUESmodo=2
- Dias, I. & Rodrigues, E. V. (2012) *Demografia e Sociologia do Envelhecimento*. In Paúl, C. & Ribeiro, O. (Coord.), *Manual de Gerontologia*, (1ª ed., pp. 21-40). Lisboa: LIDEL.
- Direção Geral da Saúde, Documento envelhecimento saudável. Acedido em Maio de 2016 em <https://www.dgs.pt/documentos-e-publicacoes/envelhecimento-saudavel.aspx>
- Edwards H, Noller P. (1993) *Perceptions of overaccommodation used in nurses in communication with the elderly*. *Journal of Language & Social Psychology*, 12 (3), 207–223.

- Epstein, A., & Boisvert, C. (2006) *Let's do something together: identifying the effective components of intergenerational programs*. Journal of Intergenerational Relationships, 4 (3), 87-109.
- Espinoza, M. (1986). *Evaluación de Proyectos Sociales*. Buenos Aires: Humanitas.
- Eurobarómetro especial – Discriminação na EU em 2015 (Comissão Europeia).
- EES – European Social Survey 2009 Acedido em Maio de 2016 em <http://www.europeansocialsurvey.org/>
- Fonseca, A. (2012) Desenvolvimento psicológico e processo de transição-adaptação no decurso do envelhecimento. In Paúl, C. & Ribeiro, O. (Coord.), *Manual de Gerontologia*, (1ª ed., pp. 21-40). Lisboa: LIDEL.
- Fortin, M. F., (2009). *O processo de Investigação– da concepção à realização*. Camarate: Décarie Éditeur
- Fundação Dr. Agostinho Albano de Almeida. Acedido em Dezembro de 2014 em <http://www.fagostinho.com/>
- Gaspar, A. A educação formal e a educação informal em ciências. Acedido em Maio de 2016 em http://www.casadaciencia.ufrj.br/Publicacoes/terraincognita/cienciapublico/artigos/art14_aeducacaoformal.pdf
- Giles, H., Fox, S., Harwood, J., Williams, A. (1994) Talking age and aging talk: Communicating through the life span. In Hummert, M., Wiemann, J., Nussbaum J. (Editors); *Interpersonal communication in older adulthood: Interdisciplinary theory and research*. Sage, New York, 130–161.
- Gorjão, S., & Marques, S. (2012) *Idadismo e participação social das pessoas idosas*. Rediteia (45) 129-138.
- Guerra, I. C. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo – Sentidos e formas de uso*. Estoril: Princípia
- House, J. S. (2001) *Social isolation kills, but how and why?* Psychosomatic medicine, 63, (273-274).

- Hummert, M. L., & Ryan, E. B. (1996) *Toward understanding variations in patronizing talk addressed to older adults: Psycholinguistic features of care and control*. International Journal of Psycholinguistics, 12, (149-170).
- Instituto do envelhecimento. (2011) Preconceito e discriminação das pessoas mais velhas em Portugal numa perspetiva comparada. Policy Brief Nº1.
- Kornadt, A., & Rothermund, K. (2011) *Contexts of aging: Assessing evaluative age stereotypes in diferente life domains*. Journal of gerontology, 5, 547-556.
- Lagacé, M., Tanguay, A., Lavallée, M. L., Laplante, J. & Robichaud, S. (2012) *The silent impact of ageist communication in long term care facilities: Elders' perspectives on quality of life and coping strategies*. Journal of Aging Studies, 26, (335-342).
- Levy, B. (1996) *Improving memory in old age by implicit self-stereotyping*. Journal of Personality and Social Psychology, 71, (1092-1107).
- Levy, B., Ashman, O., & Dror, I. (2000) *To be or not to be: The effects of aging stereotypes on the will to live*. Journal of Death and Dying, 40 (3), 409-420.
- Levy, B., & Langer, E. (1994) *Aging free from negative stereotypes: Successful memory in China among the American deaf*. Journal of Personality and Social Psychology, 66, (989-997).
- Levy, B., & Banaji, M. R. (2002) Ageism in wokplace. In Nelson T. (Ed.), *Ageism – Stereotyping and prejudice against older persons*. Cambridge: Bradford Books.
- Levy, B., & Banaji, M. R. (2002) *Implicit ageism*. In Nelson, T. (Ed.), *Ageism – Stereotyping and prejudice against older persons* (pp. 49-75). Cambridge: Bradford Books.
- Lima, M. P. (2010). *Envelhecimento (s) – Estado da Arte*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Lima, M. L. P. (Coord.) (2010). *Idadismo na Europa – Uma abordagem psicossociológica com o foco no caso português* (Relatório I).
- Lima, M. L. P. (Coord.) (2011). *Idadismo na Europa – Uma abordagem psicossociológica com o foco no caso português* (Relatório II).
- Manual de Boas Práticas – Um Guia para acolhimento residencial das pessoas mais velhas, Instituto da Segurança Social. Acedido em Janeiro de 2015 em http://www4.seg-social.pt/documents/10152/13328/acolhimento_residencial_pessoas_mais_velhas

- Matos, M. A. O. (2010). Construção e validação da escala de suporte formal para a autonomia na dor nas pessoas idosas. Tese de mestrado. Lisboa: ISCTE-IUL.
- Matras, J. (1990). *Dependency, Obligations and Entitlement: A New Sociology of Aging*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall.
- Marconi, M. A. & Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Editora Atlas.
- Marques, S. (2011). *Discriminação da Terceira Idade*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- Marques, S., Lima, M.L. & Novo, R. (2006) *Traços estereotípicos associados às pessoas jovens e idosas na cultura portuguesa*. Laboratório de Psicologia, 4, (91-108).

- Marques, S., Swift, H. J., Vauclair, C. M., Lima, M. L., Bratt, C. & Abrams, D. (2014) "Being old and ill" across different countries: Social status, age identification and older people's subjective health. *Psychology & Health*. Acedido em Outubro de 2015 em <http://dx.doi.org/10.1080/08870446.2014.938742>

- Minichiello, U., Browne, J. & Kending, H. (2000) *Perceptions and consequences of ageism: views of older people*. *Aging and Society*, 20, 253-278.
- Moreira, C. D. (2007). *Teorias e Práticas de Investigação*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Moura, C. (Coord.) (2014). *Idadismo – Prioridade na construção social da idade*. Euedito
- Nelson, T. D. (2005) *Ageism: Prejudice against our feared future self*. *Journal of Social Issues*, 61, 207-221.
- Nelson, T. D. (2006). *The psychology of prejudice*. Estados Unidos da América: Pearson Education.
- Netto, M. P. (2011) O estudo da velhice: Histórico, definição do campo e termos básicos. In Freitas, E. V. (Coord), *Tratado de geriatria e gerontologia*, (3ª ed., pp. 3-13.) Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

- Nussbaum, J. F., Pitts, M. J., Huber, F. N., Krieger, J. R. L., & Ohs, J. E. (2005) *Ageism and ageist language across the life span: Intimate relationships and non-intimate interactions*. Journal of Social Issues, 61, (287-305).
- O'Connor, B. P., Rigby, H. (1996) *Perceptions of Baby Talk, Frequency of Receiving Baby Talk, and Self-Esteem Among Community and Nursing Home Residents*. Psychology and Aging, 11 (1), 147-154.
- Palmore, E. (2001) *The Ageism Survey: First findings*. The Gerontologist, 41, 572-575.
- Paúl, C., Fonseca, A. M. (2005). *Envelhecer em Portugal. Psicologia, Saúde e Prestação de Cuidados*. Lisboa: CLIMEPSI.
- Paúl, C., Ribeiro, O. (2011). *Manual de Envelhecimento Activo*. Lisboa: LIDEL.
- Paúl, C., Ribeiro, O. (2012). *Manual de Gerontologia*. Lisboa: LIDEL.
- Paúl, C., Cruz, P. (2009) *Envelhecimento ativo: Mudar o presente para ganhar o futuro*. Porto, EAPN Portugal.
- Pereira, F. (Coord.) (2012). *Teoria e prática da Gerontologia – Um guia para cuidadores de idosos*. Viseu: Psicosoma.
- Princípios das Nações Unidas para as pessoas idosas (1991). Acedido em 27 de março de 2013 em http://direitoshumanos.gddc.pt/3_15/IIPAG3_15_1.htm
- Projeções da população residente em Portugal 2012-2060 INE, (2014). Acedido em Janeiro de 2015 em http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=208819970&DESTAQUESmodo=2
- Quivy, R. Campenhoudt, L. V. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Raina, D., Balodi, G. (2014) *Ageism and Stereotyping of the Older Adults*. Journal of Applied Medical Sciences 2 (2C) 733-739.
- Revista de economia social- Focus social (2013). Acedido em Maio de 2016 em <http://www.focussocial.eu/noticia.php?id=63>
- Ribeirinho, C. (2014) *Envelhecimento e Inclusão Social*. In Moura, C. (Coord), *Idadismo – Prioridade na Construção Social da Idade*, (1ª ed., pp. 101-110.) Euedito.

- Rodríguez, J. A. C. (2004) Vejez y sociedad: dimensiones psicosociales. In Ballesteros, R. F. (Direc.), *Gerontologia Social*, (pp. 229-239.) Psicologia Pirâmide.
- Rosa, M. J. V. (2012). *O Envelhecimento da Sociedade Portuguesa*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- Rousseau, N. & Saillant, F. (2009) Abordagens de investigação qualitativa. In Fortin, M. F., *O processo de investigação – da concepção à realização*, Camarate, Décarie Éditeur
- Ryan, E. B., Hummert, M. L., & Boich, L. H. (1995) *Communication predicaments of aging: Patronizing behavior toward older adults*. Journal of Language and Social Psychology, 13, (144-166).
- Ryan, E. B., Kennaley, D. E., Pratt, M. W. & Shumovich, M. A. (2000) *Evaluations by Staff, Residents, and Community Seniors of Patronizing Speech in the Nursing Home: Impact of Passive, Assertive, or Humorous Responses*. Psychology and Aging, 15 (2), (272-285).
- Sampieri, R. H., Collado, C. F. & Lucio, P. B. (2006). *Metodologia de Pesquisa*. São Paulo: McGraw-Hill.
- Seguimiento de la Segunda Asamblea Mundial sobre el Envejecimiento – ONU.
- Sequeira, C. (2007). *Cuidar de Idosos Dependentes*. Porto: Quarteto.
- Serrano, G. P. (2010). *Elaboração de Projetos Sociais- Casos Práticos*. Porto: Porto Editora.
- Serrão, D. (2014) Questões Éticas no Envelhecimento Humano. In Moura, C. (Coord), *Idadismo– Prioridade na Construção Social da Idade*, (1ª ed., pp. 101-110.) Euedito.
- Sousa, M. J., & Batista, C. S. (2011). *Como fazer Investigação, Dissertações, Teses e Relatórios*. Lisboa: PACTOR.
- Vanderven, K. (1999) *Intergenerational theory: the missing element in today's intergenerational programs*. Intergenerational Theory, Child & Youth Services, 20 (1), 33-47.
- Veloz, M. C. T., Nascimento-Schulze, C. M., & Camargo, B. V. (1999) *Representações sociais do envelhecimento*. Psicologia Reflexão e Crítica, 12, (479-501).
- Wahl, H. W., Lehr, U. (2003) Applied fields: Gerontology. In Ballesteros, R. F. (Ed.), *Encyclopedia of psychological assessment*. London: Sage.

- World Population Data Sheet, Population Reference Bureau de 2015 Acedido em Maio de 2016 em <http://www.prb.org/Publications/Datasheets/2015/2015-world-population-data-sheet.aspx>
- WHO (2002). Active Ageing. A Policy Framework. New York. WHO. World Health Organization.
- York, E., e Waite, L. J. (2007). *Social isolation and health among older adults: Assessing the contributions of objective isolation*. Manuscrito não publicado. New York: Annual meeting of the American Sociological Association.

Apêndices

Apêndice 1 - Ficha dados biográficos

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Faculdade de Ciências
Sociais, Educação e Administração
Mestrado em Gerontologia Social**

Ficha dos dados biográficos

Entrevistado nº _____

Tipo de entrevistado:

- ☐ Aluno/a Universidade Sénior
☐ Utente do Centro de Apoio a Idosos

Género:

- ☐ Masculino
☐ Feminino

Idade: _____

Nacionalidade: _____

Estado civil:

- ☐ Solteiro/a
☐ Casado/a
☐ Divorciado/a
☐ Viúvo/a

Habilitações literárias:

- ☐ Sem escolaridade
☐ 1º ciclo
☐ 2º ciclo
☐ Ensino secundário
☐ Ensino superior

Situação profissional:

- ☐ Reformado/a
- ☐ Trabalho tempo parcial
- ☐ Trabalho a tempo integral

Atividade profissional antes da reforma:

Atividade Profissional atual:

Local de habitação:

- ☐ Casa própria ou arrendada
- ☐ Casa de familiares ou amigos
- ☐ Lar Residencial
- ☐ Apartamento no Lar Residencial

Outra: _____

Com quem vive:

- ☐ Sozinho/a
- ☐ Cônjuge ou companheiro/a
- ☐ Familiares ou amigos
- ☐ Utentes do Lar Residencial

Outra: _____

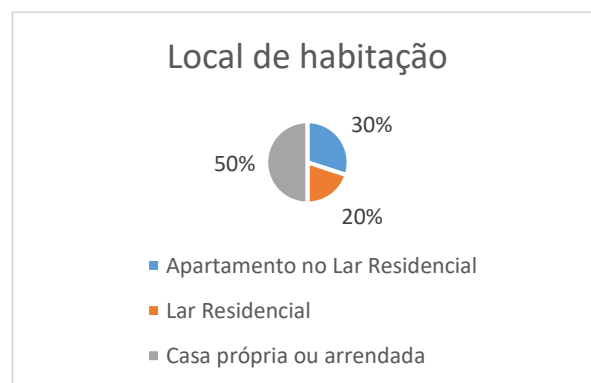
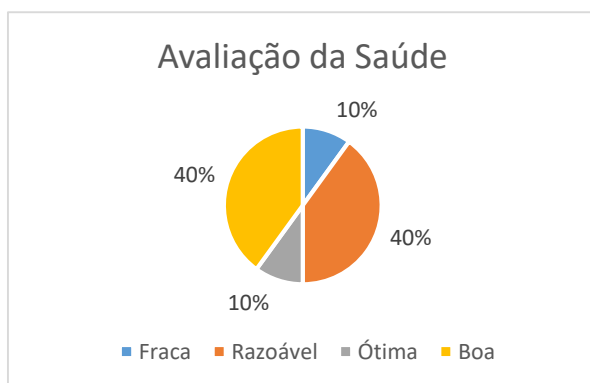
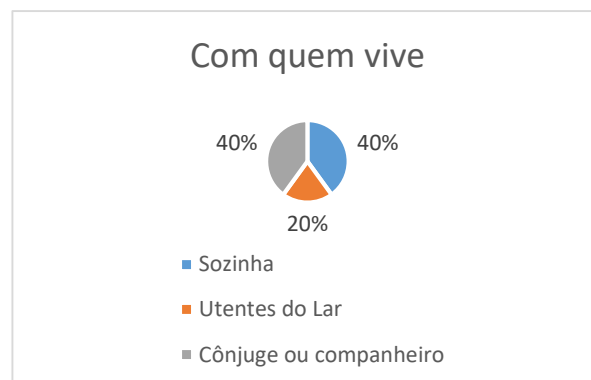
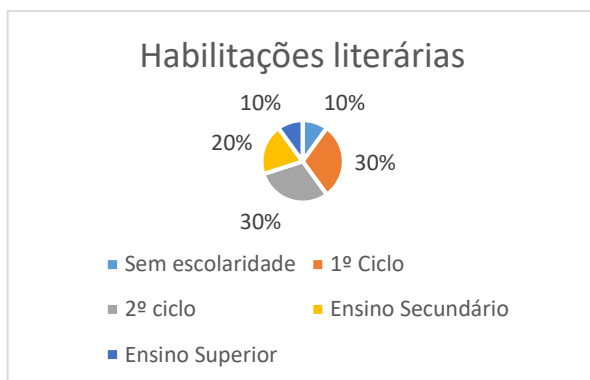
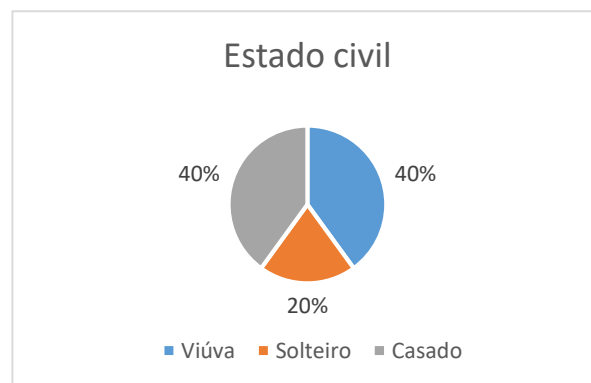
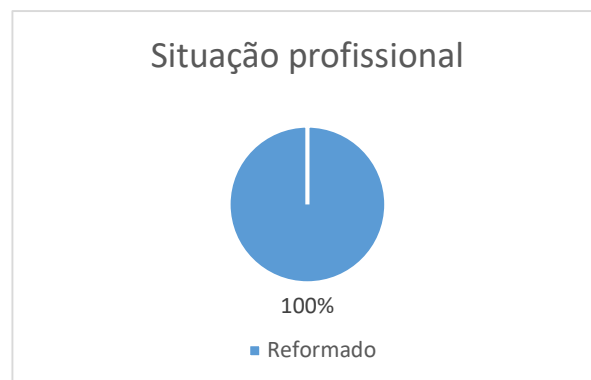
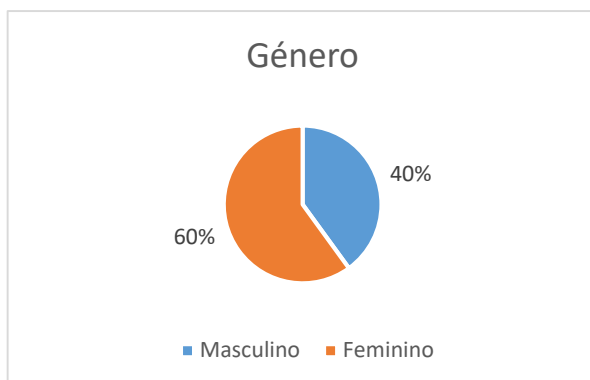
Como avalia no geral a sua saúde? (Utilização da escala da saúde subjetiva do artigo Marques et al (2014))

Ótima (1) ☐ Muito boa (2) ☐ Boa (3) ☐ Razoável (4) ☐ Fraca (5) ☐

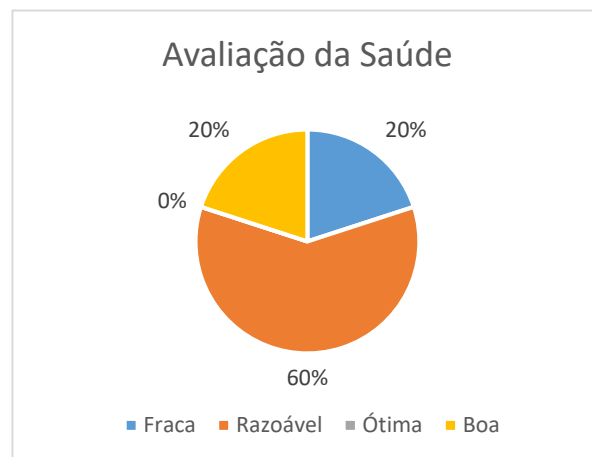
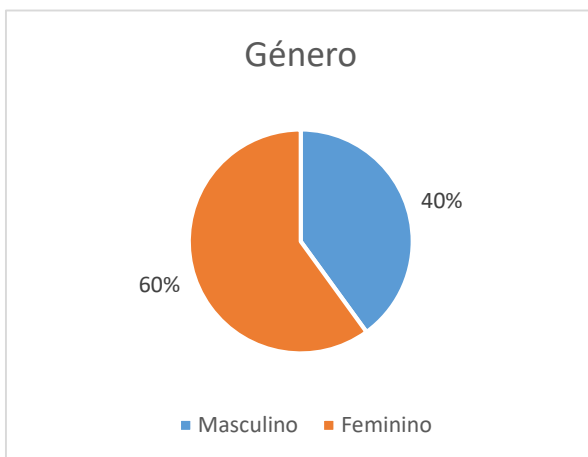
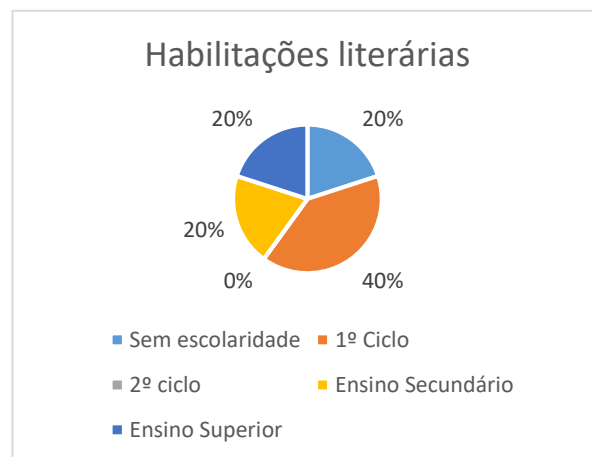
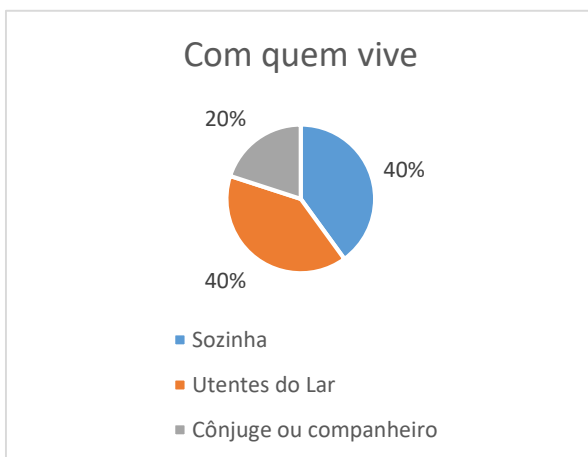
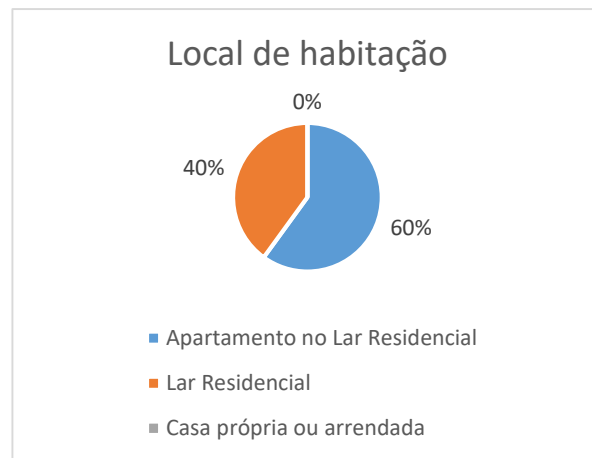
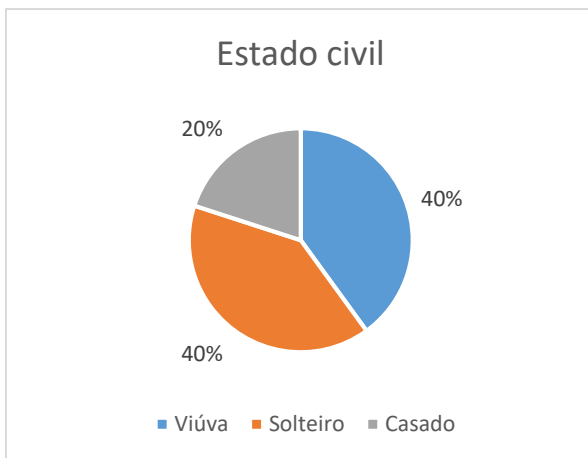
Doenças diagnosticadas:

Obrigado pela sua participação!

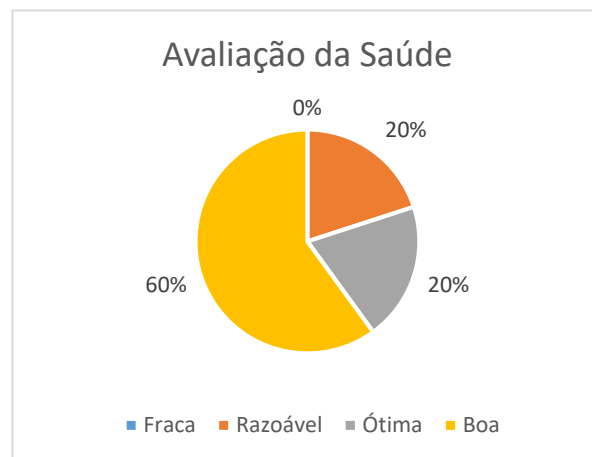
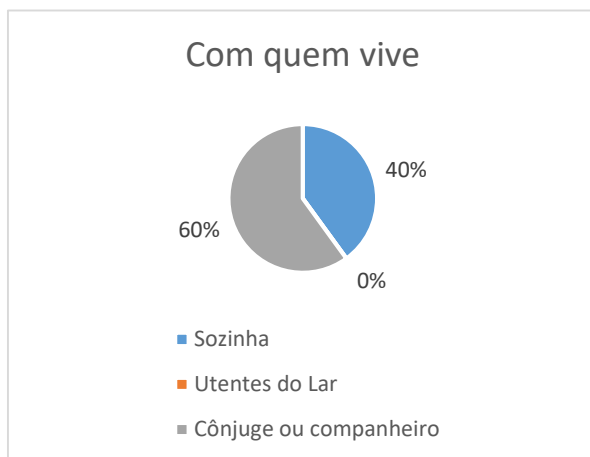
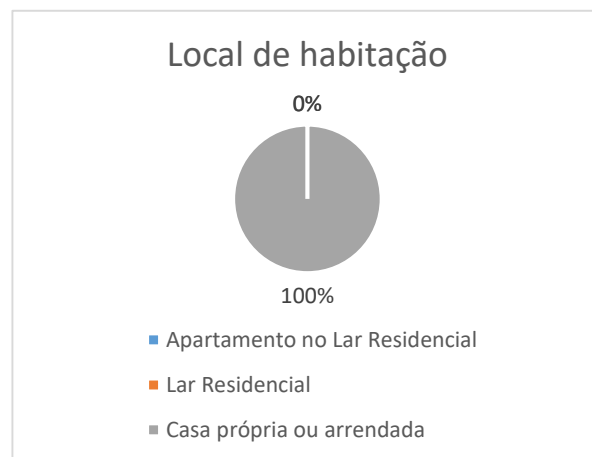
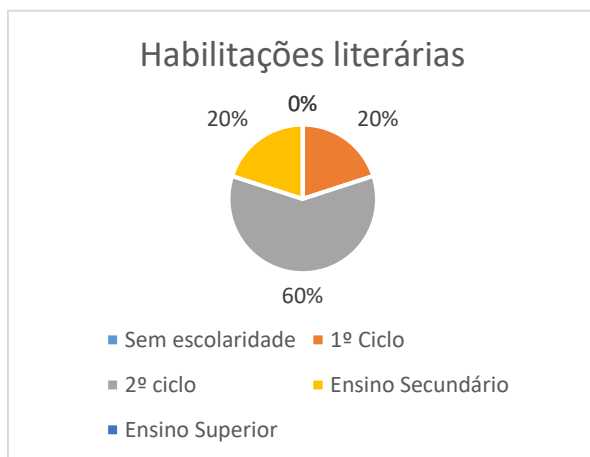
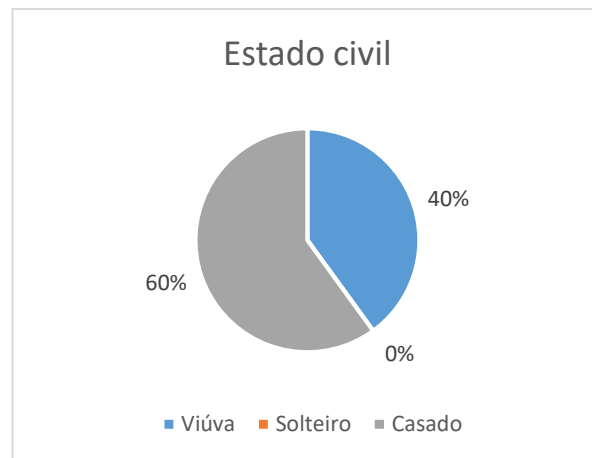
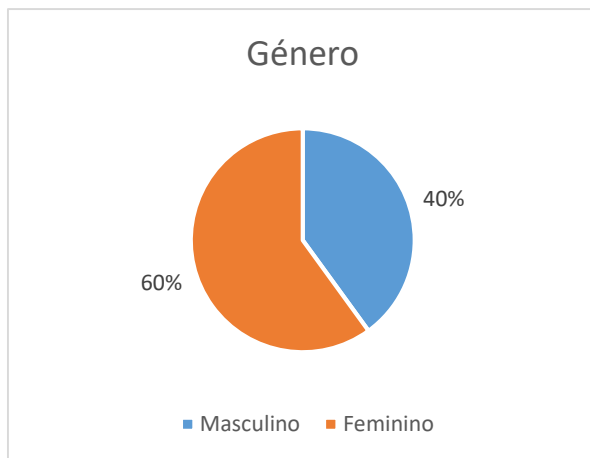
Apêndice 2 - Gráficos de percentagens das diversas categorias da caracterização da amostra no seu total



Apêndice 3 - Gráficos de percentagens das diversas categorias da caracterização da amostra do CAI



Apêndice 4 - Gráficos de percentagens das diversas categorias da caracterização da amostra do USO



Apêndice 5 - Guião da entrevista

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Faculdade de Ciências
Sociais, Educação e Administração
Mestrado em Gerontologia Social**

Guião de entrevista – Outubro de 2015

Material:

- Gravador de voz digital (gravar em dois dispositivos diferentes);
- Ficha dos dados biográficos;
- Folha de consentimento informado;
- Folhas de papel e canetas;
- Cartões com os cenários a) e b)

Duração prevista da entrevista: 45 minutos

Introdução:

- Agradecer a presença e disponibilidade do entrevistado;
- Relembrar os participantes/entrevistados de que sou aluna do Mestrado em Gerontologia Social e que a entrevista que se vai realizar está enquadrada no âmbito da investigação da dissertação para a obtenção do grau de mestre subordinada ao tema: Idadismo.
- Relembrar que as respostas são confidenciais e que apenas o entrevistador terá acesso às mesmas;
- Salientar também que o entrevistado é livre de não responder quando assim o desejar;

- A entrevista será gravada para posterior análise, para tal é necessário que o entrevistado concorde com esta medida e nesse sentido assine um documento referente ao **consentimento informado**;
- Após a assinatura do documento anteriormente referido, e antes de dar início à entrevista, perguntar ao entrevistado se tem alguma questão ou dúvida que gostasse de colocar ou ver esclarecida.

Tema	Questões gerais	Questões de aprofundamento
Conhecimento da vida diária	1- Normalmente como é o seu dia-à-dia?	- Participa em alguma atividade na comunidade? (Voluntariado, Univ. Sênior, Participação na Eucaristia, etc.) – Qual e porque resolveu participar? - Costuma interagir com muitas pessoas diferentes? – Na sua opinião, como diria que decorre essa interação?

Por exemplo, gostaria de saber a sua opinião sobre uma determinada situação. Imagine a seguinte situação:

(Ler e em seguida mostrar o texto, previamente elaborado num cartão, para que no final o entrevistado possa reler, caso seja necessário, e fazer uma comparação entre os textos a) e b))

Os cenários que agora apresentamos foram escritos com base no artigo Perceptions of Baby Talk, Frequency of Receiving Baby Talk, and Self-Esteem Among Community and Nursing

Home Residents (O'Connor, B. P., Rigby, H. (1996)) e tiveram em conta as características da linguagem infantilizada mencionadas na tabela 2 – Características da linguagem infantilizada ou discurso paternalista.

“O Sr./Sra. está numa festa promovida pela Câmara Municipal, onde se encontram várias pessoas da comunidade. No intervalo, estão à disposição bebidas e várias comidas que se encontram acessíveis a todos, nomeadamente a pessoas com mobilidade reduzida.”

a) Cenário neutro:

Uma pessoa dirige-se a si e diz: – “O Sr./Sra. está a gostar da festa? Reparei que ainda está sentado/a e não foi até à mesa servir-se. Deseja tomar uma bebida ou comer alguma coisa? Se quiser pode acompanhar-me”.

*(Agora imagine que está na mesma situação, mas é abordado por outra pessoa.)
Reler a parte inicial da situação para contextualizar novamente o entrevistado.*

b) Cenário infantilizado:

Uma pessoa dirige-se a si e diz: – “Está a gostar da festazinha? (Fala vagarosa e num volume exageradamente alto) Ainda não foi comer, deve estar com fominha. Trouxe-lhe umas coisinhas. Vá coma! Coma tudo até ao fim e deixe-se estar aí sentadinho/a para não cair”.

Tema	Questões gerais	Questões de aprofundamento
Estilos de comunicação e interações	Segundo os exemplos que acabou de ouvir (cenário a) e cenário b)): 1- Para si qual/ais a/s diferença/s entre o cenário a) e o cenário b)?	
	2- Se esta situação acontecesse consigo, o que faria em cada uma delas?	- Como reagia e o que responderia. - De qual das duas formas gostaria de ser tratado?
	3- Concorda com o tipo de comunicação/interação utilizada no cenário b)?	- O que pensa à cerca disso? - Para si, o cenário b) é discriminatório em relação às pessoas idosas? Porquê? - Caso alguém tivesse este tipo de comunicação/interação consigo, como se sentiria?
Representações do envelhecimento	4- Para si o que é ser uma pessoa idosa?	- É positivo, é negativo?
	5- Considera que essa é a opinião da população no geral?	- Qual acha que é a imagem que a população no geral tem das pessoas idosas?

		- Sente que há uma visão negativa do envelhecimento em Portugal? Porquê? - Se sim, considera que possam surgir situações de discriminação contra as pessoas idosas devido a essa visão? Como por exemplo?
Intervenção no domínio do idadismo	6- O que acha que poderia ser feito para diminuir a discriminação face às pessoas idosas em Portugal? (Caso a pessoa diga que há discriminação).	

- Perguntar ao entrevistado se deseja acrescentar algo mais ao que disse e/ou queira colocar alguma questão ou dúvida que gostasse de ver respondida.
- Informar o entrevistado que a entrevista terminou, e agradecer novamente a sua preciosa colaboração neste estudo.
- Preenchimento da **ficha com os dados biográficos**.

Apêndice 6 - Consentimento informado

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração Mestrado de Gerontologia Social

Esta entrevista insere-se no âmbito da Dissertação de Mestrado em Gerontologia Social da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração da aluna Ana Patrícia de Sousa Marques.

A entrevista será realizada numa única sessão e tem como objetivo principal conhecermos a sua opinião sobre o tipo de interações que se desenvolvem com pessoas idosas.

A sua participação é feita de forma voluntária. Apenas a entrevistadora terá acesso aos dados e, por isso, as respostas são totalmente confidenciais. Os dados serão apresentados na dissertação de forma anónima.

Para assegurar o rigor da análises dos dados recolhidos é necessário gravar em áudio a entrevista, sendo que pode interromper a mesma assim que considerar necessário.

CONSENTIMENTO INFORMADO

Declaro ter sido informado/a e estar ciente dos objetivos e dos termos em que decorrerá a presente entrevista, da participação voluntária na mesma, dos limites da confidencialidade e das demais questões. Deste modo, disponho-me a participar nesta entrevista e a responder de forma sincera.

Assinatura: _____

Data: / /

Muito obrigado pela sua participação!

Apêndice 7 - cenários a) e b)

Cenário a)

“O Sr./Sra. está numa festa promovida pela Câmara Municipal, onde se encontram várias pessoas da comunidade. No intervalo, estão à disposição bebidas e várias comidas que se encontram acessíveis a todos, nomeadamente a pessoas com mobilidade reduzida. Uma pessoa da organização dirige-se a si e diz: – O Sr./Sra. está a gostar da festa? Reparei que ainda está sentado/a e não foi até à mesa servir-se. Deseja tomar uma bebida ou comer alguma coisa? Se quiser acompanhar-me...”

Cenário b)

“O Sr./Sra. está numa festa promovida pela Câmara Municipal, onde se encontram várias pessoas da comunidade. No intervalo, estão à disposição bebidas e várias comidas que se encontram acessíveis a todos, nomeadamente a pessoas com mobilidade reduzida. Uma pessoa da organização dirige-se a si e diz: – Está a gostar da festazinha? (Fala vagarosa e num volume exageradamente alto) Ainda não foi comer, deve estar com fominha. Trouxe-lhe umas coisinhas. Coma tudo até ao fim e deixe-se estar sentadinho para não cair!”

Apêndice 8 – Transcrição das entrevistas

Entrevistado nº 1

Entrevistador: D. x diga-me como é que é normalmente o seu dia-à-dia?

Entrevistado: Olhe menina Ana, o meu dia-à-dia em geral é levantar-me, fazer a higiene, ir ao duche e vestir-me, arrumar o meu quarto, tomar o pequeno-almoço, preparar o saco e vir para baixo. Venho para aqui (sala de trabalhos manuais), em geral quase todos os dias, só se eu tiver alguma volta dar lá por fora é que não venho mas aviso.

Entrevistador: Mas costuma sair aqui do centro?

Entrevistado: Sim, as minhas voltas por exemplo: ir à caixa geral de depósitos, ir aos correios pagar o telemóvel, assim as minhas voltas, ir à cabeleireira...

Entrevistador: Então e participa em alguma atividade sem ser aqui na instituição? Por exemplo: faz voluntariado em algum lado, ou anda na Universidade Sénior...

Entrevistado: Não, não menina Ana. Eu venho para aqui e em geral o que eu faço é estar à máquina, vou fazendo as coisinhas na máquina de costura e depois chega-se a hora do almoço, vou almoçar, estou ali assim em casa até às duas menos um quarto ou duas menos vinte e depois venho para baixo para o terço. Acabamos a oração, venho para aqui novamente e em geral só volta para cima, para o meu quarto quando fecham aqui as atividades.

Entrevistador: Então, aqui no lar interage com várias pessoas, fora aqui do centro também costuma interagir com outras pessoas? Costuma estar com outras pessoas, conversar...

Entrevistado: Por exemplo, se eu vou à rua e encontro pessoas conhecidas e se elas gostam de me falar e saber que eu estou bem e isso assim, eu também gosto de saber se elas estão bem. A minha conversa é assim: Estás bem, ou por exemplo, se são pessoas da minha terra eu pergunto: Então está por lá tudo bem? Numa só palavras eu pergunto por todos. Por exemplo, vou à cabeleireira, ou se ela fala dos filhos ou isso assim eu respondo-lhe: Olhe também já passei por isso, são idades muito rebeldes mas isso vai passar tudo, e pronto, as minhas conversas são assim.

Entrevistador: Está bem. Então e na sua opinião como é que diria que essas comunicações acontecem? Ou seja, quando fala com essas pessoas sentem que falam consigo de uma forma natural ou...

Entrevistado: Aqui na casa ou quando vou à rua?

Entrevistador: Aqui na casa e quando vai à rua...

Entrevistado: Aqui na casa por exemplo, já fez 9 anos que eu cá estou. Com as doutoras tenho uma ótima relação, só tive uma ocasião uma pessoa que me ofendeu mas ainda hoje estou para saber o que foi... (Relata uma situação pessoal)

Entrevistador: Tirando esse episódio, sente que as pessoas a tratam...

Entrevistado: Toda agente me trata bem.

Entrevistador: Mesmo fora daqui, quando vai à rua?

Entrevistado: Sim, toda agente me trata bem, eu também trato as pessoas da melhor maneira que eu posso e sei. Eu nem sei discutir nem sei ralhar nem nada.

Entrevistador: Não faz parte de si.

Entrevistado: Não, esse esquema não está no meu vocabulário. Tenho um vocabulário preenchido com as minhas ideias mas esse esquema não faz parte do meu vocabulário.

Entrevistador: Então D. x gostava agora de saber a sua opinião sobre uma situação de que vou falar e que poderia acontecer com a senhora. Imagine que vai a uma festa da Câmara Municipal, e lá estão várias pessoas aqui da comunidade. No intervalo há uma mesa onde estão bebidas e comida e estão disponíveis para toda agente, mesmo para pessoas com mobilidade reduzida, ou seja, esteja por exemplo em cadeira de rodas, cose ir servir-se à mesa. Depois vem uma pessoa ter consigo e diz-lhe o seguinte: “A senhora está a gostar da festa? Reparei que está sentada há muito tempo e que ainda não foi à mesa servir-se. Deseja tomar ou comer alguma coisa? Se quiser pode acompanhar-me”.

Depois há outra pessoa, na mesma situação, que vem ter consigo e diz em voz muito alta e fala muito vagarosa: “Então está a gostar da festazinha? Ainda não foi comer, deve estar com fominha, trouxe-lhe umas coisinhas. Vá coma. Coma tudo até ao fim e deixe-se estar sentadinha para não cair”.

Ou seja, esta pessoa veio ter consigo e falou desta forma, e houve outra antes que teve a mesma conversa mas de outra forma.

Entrevistado: Usou outro tom.

Entrevistador: O que eu gostava de saber é: segundo estes dois exemplos destas duas pessoas que vieram ter consigo, qual é a principal diferença para si, entre a pessoa que falou primeiro (cenário a)) e a pessoa que falou a seguir (cenário b)). Se for necessário eu leio outra vez.

Entrevistado: Não, não é preciso menina Ana. Pra mim, para aquilo que eu entendo e se entendi bem, foi a primeira pessoa que me abordou se eu estava a gostar da festa e me convidou para ir à mesa tomar alguma coisa.

Entrevistador: Então e para si, qual é a diferença entre essa primeira pessoa que lhe falou assim e a segunda pessoa?

Entrevistado: Eu acho que uma pessoa que quer falar de uma festa não usa a (palavra) festazinha, porque a festazinha é uma coisa que se põe de parte. E eu entendo que foi a primeira que falou mais correta.

Entrevistador: Ah, acha que foi a primeira que falou mais correta?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Então, se alguém falasse consigo, preferia que fosse como a primeira ou como a segunda?

Entrevistado: Como a primeira! Não como a segunda.

Entrevistador: Para si, o que é que está mal na segunda?

Entrevistado: Na minha opinião ou a segunda não tinha assim uma informação/hábito de estar junto de pessoas delicadas ou tinha falta de cultura...

Entrevistador: Então mas o que é que nota nas palavras dessa segunda pessoa? Se viessem ter consigo com esta conversa: Então está a gostar da festazinha? A falar muito alto e devagar e a dizer: Então ainda não foi comer deve estar com fominha, trouxe-lhe aqui umas coisinhas, vá coma. Deixe-se estar sentada para não cair. O que é que a D. x sentia?

Entrevistado: Sentia-me uma pessoa inválida. Eu sentia-me inválida mas com uma festazinha e fominha... Por exemplo, fominha eu nem sei se diria isso para um bebé pequenino, em segundo, uma festazinha é uma coisa que não se usa, pronto não condiz com o vocabulário que agente usa.

Entrevistador: Então preferia ser tratada como a primeira pessoa...

Entrevistado: Como a primeira pessoa falou para mim.

Entrevistador: Então dir-me-ia que concorda ou não concorda com essa segunda pessoa que utilizou esse vocabulário? Esse vocabulário que a D. x diz que é diferente daquele que deveria ser...

Entrevistado: Não, não estou de acordo com essa pessoa, usar a fominha e deixe-se estar aí, a festazinha, e tenha cuidado para não cair, para mim ela estava a tratar-me como uma pessoa inválida, em segundo, fominha agente às vezes nem diz isso para uma bebé. Em vez de estar a aplicar a fominha pega nele e trata dele. E a festazinha acho que a festazinha...

Entrevistador: Então acha que essa pessoa, que utilizou esse discurso, está discriminar a pessoa idosa? Imagine que era consigo, essa pessoa agia assim. Sentia que a estava a discriminar?

Entrevistado: Sim. Em parte em dizer deixe-se estar aí sentadinha, porque tenha cuidado pode cair. Lá no trouxe-lhe umas coisinhas e coma-as aí sentadinha isso, nem digo que está bem nem que está mal, porque há tanta gente que chega ao pé das pessoas e diz: olhe trago-lhe aqui umas coisinhas, pronto, quase se associa uma coisa à outra. Mas eu, não concordo com essa segunda opinião dela, de dizer a festazinha, a fominha, tenha cuidadinho... Eu sentia-me como uma pessoa inválida. (...) Sentia-me mal porque não concordava com aquilo que ela me estava a dizer. Podia não me tornar arrogante mas concordar não era nada que me entrasse na minha ideia.

Entrevistador: Exato, é contra a sua maneira de estar... Diga-me uma coisa, mudando agora um pouco de assunto. Para si o que é ser uma pessoa idosa?

Entrevistado: Então, ser uma pessoa idosa acho que é uma virtude, ser idosa acho que a pessoa que, quando sabe viver a idade e enquanto se pode viver, também há coisas que surpreendem os idosos que eles não estão à espera...

Entrevistador: Como em todas as etapas da vida.

Entrevistado: Exatamente, mas eu acho que ser idoso é uma virtude para a pessoa, porque agente ser idoso não é desprezo nenhum.

Entrevistador: Não são mais nem menos que as pessoas mais novas.

Entrevistado: Pronto, há pessoas que pensam... mesmo tenho aí pessoas que pensam que por às vezes ouvir um não pensam que as estão a discriminar e não se trata de nada disso. Se agente

está a conversar e nos dizem assim: “ai eu não concordo com isso!”. Isso é a outra pessoa que está na liberdade dela de se expressar.

Entrevistador: Claro, dizer se concorda ou não concorda.

Entrevistado: Não quer dizer que nos estejam a discriminar, ouvir um não. Eu penso assim. Mas sei que estão aí pessoas que pensam de outra maneira.

Entrevistador: Então a D. X estava-me a dizer que para si ser idoso é uma virtude, que é bom chegar a idoso...

Entrevistado: É, e saber viver a idade, quando se pode, mesmo que se esteja numa cadeira de rodas agente sentir a mão de alguém ou ver um sorriso nos lábios de alguém é sempre bom. Porque sentir as mãos de alguém é sinal que nos estão a lavar ou a vestir ou a fazer a higiene que precisamos, ver um sorriso na cara de outra pessoa eu acho que é bom.

Entrevistador: Então e acha que essa imagem que a D. X tem do que é ser idoso, é a imagem que as pessoas no geral têm das pessoas idosas? Ou seja, todas as pessoas têm a ideia de que envelhecer ou ser idoso é uma coisa boa, uma coisa positiva?

Entrevistado: Eu acho que sim. Agente ver os netos, e por vezes os bisnetos, eu acho que é bom.

Entrevistador: Sim, a D. X acha que é bom, mas acha que as outras pessoas vêem as pessoas mais como algo positivo, vêem o envelhecimento de uma forma boa? Os outros, não é a D. X, quando olham para as pessoas mais velhas, acham que o envelhecimento é uma coisa boa ou uma coisa má?

Entrevistado: Eu por exemplo, acho graça a tudo o que... estão aí pessoas de 85, 90, 90 e tais. Por exemplo, está aí uma senhora que tem, faz agora para Março, 101 anos. Quando veio para aqui vinha de mini saia e é mini saia que ela usa hoje.

Entrevistador: Se calhar tem um espírito muito jovem...

Entrevistado: Agora não, claro, mas... ela em nova devia ser uma mulher bonita, mas...

Entrevistador: Estava-lhe a perguntar se as pessoas no geral... A ideia que a D. X tem é que toda agente, desde os mais novos aos mais velhos vêem as pessoas idosas de uma forma boa e positiva, acham que envelhecer é bom ou têm uma imagem negativa do envelhecimento?

Entrevistado: Era isso que eu lhe ia responder. Eu como acho graça a todos os idosos que aí estão, ainda agora a Maria Emília esteve a cantar lá em cima, estivemos lá um bocado sentados,

a Maria Emília vai fazer acho que é 90 anos, e ela teve lá a cantar e eu achei-lhe uma graça terrível. Eu gostei imenso. A D. Leonor, não é essa que anda de canadianas, é a outra, que já tem um bocadinho de alzheimer porque ela às vezes baralha-se um bocadinho, já não sabe bem ir daqui lá para aquele lado, eu acho-lhe uma graça. Eu não sei a idade dela, mas aquela maneira dela se vestir, dela ir para a ginástica, fazer ginástica ali com uma força, até força faz nos olhos, eu acho graça a isso, por isso, eu por mim própria aprecio as pessoas de idade.

Entrevistador: Agora, se as outras pessoas apreciam as pessoas de idade... As pessoas mais jovens, será que apreciam as pessoas idosas? Pensam assim: Também quero ser velho.

Entrevistado: Olhe eu para lhe dizer tudo quanto vai na minha ideia, eu vou-lhe dizer assim: estão aí determinadas empregadas, eu agora vou falar um bocadinho sobre as funcionárias. As funcionárias que aqui estão a tratar dos idosos há aí algumas, não são todas, mas há aí algumas que elas só cá estão por causa do ordenado, não é que elas tenham amor aquilo que fazem. Não é que tenham amor ao emprego, nem aquilo que fazem, mas estão cá por causa do ordenado e para saírem de casa, até porque elas têm uma vida aqui que não é muito seguida porque a Dra. dá-lhe as ordens mas não as segue, tem muita coisa para fazer. Eu vejo nas pessoas mais novas, nalgumas, que olham para os idosos assim: “Se cá não estivesse não fazias cá falta.” Pronto, eu vejo de uma maneira e vejo de outra. Eu por exemplo, estou ali a cozer à máquina, estou ali logo no primeiro cantinho, mas está o outro grupo a cozer com agulha, a fazer aquelas bricolagens, se não está ninguém na sala que eu veja que lhe enfie as agulhas e se eu ouço assim: “Ah, não tenho mais nenhuma agulha enfiada e agora não está cá ninguém que enfie”. Eu levanto-me de onde estou e vou enfiar as agulhas, mas não é que elas me peçam. Elas às vezes, assim como eu não sei bem quem é que está ao canto, do lado da janela, elas também nem sabem, só se ouvirem a máquina. Eu levanto-me de onde estou e vou-lhes enfiar as agulhas.

Entrevistador: Então e acha que as pessoas que vêm o envelhecimento de uma forma negativa, que não vêm com bons olhos o envelhecimento, acha que essas pessoas ao verem o envelhecimento de uma forma negativa podem vir a discriminar as pessoas mais velhas? Como vêm o envelhecimento de uma forma negativa, será que podem vir a discriminar de alguma maneira?

Entrevistado: Eu acho que não. Eu acho que não deve haver corações despedaçados. As pessoas que discriminam os idosos, eu acho que são corações despedaçados, acho que os corações delas não estão bem para se discriminar um idoso, acho que o coração dela ou deles não está bem porque o idoso não tem culpa nenhuma de cá andar, agente só parte quando Deus nos chama.

Essas pessoas que aí estão, com 90 e tal anos, elas não têm culpa nenhuma de Deus lhe dar tanta vida. Deus prolonga a vida às pessoas até chegar a hora delas, há pessoas a quem Deus dá mais anos de vida, outras a quem dá menos e às vezes também de coisas que as pessoas tenham e que os médicos não deem com elas ou a própria pessoa não se saiba queixar, não fale disto ou daquilo e não seja a tempo auxiliado, mas eu acho que as pessoas discriminarem um idoso são as pessoas que têm os corações despedaçados.

Entrevistador: Sim, já entendi essa parte em que a D. X me esta a dizer que quem discrimina os idosos é porque não está bem...

Entrevistado: Não tem bem... não está bem fixa no amor de Deus, no amor ao próximo, no amor com Deus, não tem a consciência dela bem ou dele. Não digo só pelas senhoras, mas também pelos homens porque isto, falta de paciência todos nós temos, vai pelos novos e vai pelos idosos.

Entrevistador: Então mas a D. X acha que não deve haver discriminação ou acha que há, porque me está a dizer que o fazem, que não têm coração, é porque há quem o faça, é porque há quem discrimine...

Entrevistado: Sim, agente rodeados, agente vive numa sociedade que está rodeada de tudo, está rodeada de tudo e agente por vezes só sabe analisar a pessoa, eu por exemplo, por mim, quando venho a passar e por vezes, os sapatos não fazem barulho e também não precisam de fazer barulho, mas venho a passar ou ouço ou vejo ou qualquer coisa e então eu penso: Haja Deus louvado!

Entrevistador: Mas está a dizer isso porque assiste ou ouve, ou de alguma forma vê que alguém está a discriminar? É nesse sentido, que vê coisas que sente que estão a discriminar?

Entrevistado: Agente vê que a pessoa está ali, que é para levar o ordenado ao fim do mês, para ter um emprego, não é por amor ao próximo.

Entrevistador: Então, acha que que há discriminação?

Entrevistado: Em determinadas pessoas que usam um bocadinho da ruindade. Por vezes elas parece que estão ao pé das pessoas parece que estão a meter os idosos no coração e depois, em determinada altura, há falsa partida. Nós estamos rodeados no mundo, numa maneira das pessoas que agente só quando agente vê e ouve, só quando agente vê e ouve é que realmente

chegamos a uma conclusão, assim: “Eu estou aqui a passar nesta hora errada, agora não havia de ter passado aqui nesta hora”.

Entrevistador: Então e a D. X acha que poderia ser feita alguma coisa, ou o que é que poderia ser feito para acabar com determinado tipo de pensamentos negativos e discriminação em relação às pessoas mais velhas?

Entrevistado: Sobre essas coisas onde eu quero chegar, que já percebeu com certeza, não há nada a fazer, aquilo são coisas que nascem com a pessoa.

Entrevistador: Então mas por exemplo, não estou a falar aqui do Lar/Centro, nem é esse o meu objetivo, quando sabe por exemplo que fora daqui há pessoas que discriminam as pessoas idosas o que é que acha que poderia ser feito de alguma maneira, para que as pessoas não discriminem as pessoas idosas ou para que passem a ver o envelhecimento de uma forma melhor, de uma forma positiva?

Entrevistado: Em primeira parte, os filhos terem todos a consciência que é para lá que caminham, pronto, numa palavra eu disse muito. Os filhos terem todos a consciência que é para lá que caminham, e não era preciso mais nada, porque quem cria um filho com tanto carinho e sabe o trabalho que ele dá e por vezes pensar assim: “Se houvesse aqui um infantário, eu punha-o no infantário e ia fazer umas horazinhas que bem jeito me fazia”, mas há uma coisa dentro da pessoa que lhe diz assim: “ Não, mãe é para ser mãe e filho é para ser filho, até ao último momento.”

Entrevistador: Então acha que os próprios filhos têm de ter consciência de que vão envelhecer também...

Entrevistado: Vão envelhecer se Deus não os chamar. Quem não morre de novo, morre de velho. Os filhos a primeira coisa que têm de pensar é assim: “É para lá que eu caminho, e se é para lá que eu caminho, eu quero que os meus pais tenham aquilo que eu exijo um dia quando tiver a idade deles”.

Entrevistador: Isso em relação aos filhos, e por exemplo em relação às pessoas no geral, acha que podia ser feita alguma coisa?

Entrevistado: é o que eu acabei de dizer à menina Ana, as pessoas que nascem com um bocadinho de ruindade, eu não posso assim queixar-me nem da minha família nem dos meus filhos, porque os meus filhos, para aquilo que eu vejo, os meus filhos foram uns santos, não sei

se foi de eu ser mãe a tempo inteiro não sei se foi da educação, não sei o que é que foi. Sei que quando eu chego à Amadora aquelas velhinhas que por lá há, mas ainda vão ao café, e quando não podem ir às compras telefonam ara uma casa que lá há, que abriu à 2 ou 3 anos, vêm direito ao pé de mim e dizem-me assim: “Ai minha senhora dê muitas graças a Deus, dê muitas graças a Deus. É um bom pai, é um bom marido, é um bom genro, e um bom filho”. E eu só digo assim: “Olhe foi para isso que eu o eduquei, mas eu não digo nada que eu não estou ao pé dele todos os dias”. Os meus filhos também sabem dizer asneiras, mas nunca as disseram ao pé dos pais.

Entrevistador: Pronto D. X, basicamente era isto que eu lhe queria perguntar. Se tiver alguma coisa que queira acrescentar, ou alguma dúvida que queira tirar...

Entrevistado: Não. Eu só digo que isso de discriminar os velhinhos têm de se começar pelos filhos.

Entrevistador: O ponto de partida é esse.

Entrevistado: O ponto de partida está nos filhos e nos netos se os houver. Como é que os netos estão a ver os pais lidar com os avós. Porque o ponto de partida é que os meus filhos têm no coração deles, é que eu sou aqui debaixo da Valada, e eu nessa altura até fazia umas horas em casa duns doutores e eu nessa casa deixava comer feito para 8 dias e em minha casa também, tinha uma arca congeladora grande, tinha um frigorífico grande e deixava 2 filhos, mas eles já eram grandinhos, deixava dois filhos, deixava o meu marido e vinha tratar do meu pai à Valada 8 dias. Porquê? Porque em princípio, quando os meus pais começaram a andar em casa dos filhos, eles iam para lá os dois, depois a minha mãe faleceu em 74 e ficou só o meu pai, e o meu pai foi para lá, eu morava num terceiro andar, não tinha elevador e o meu pai, enquanto pode fazer a reta das escadas subi-las e desce-las, ele foi sempre para ao pé da filha, do genro e dos netos, quando ele não pode já subir as escadas e desce-las eu sentia-me na obrigação de ir tratar dele e deixava os filhos e mesmo a senhora onde eu trabalhava também era muito compreensiva.

Entrevistador: Quer com isso dizer, que como filha sempre sentiu a obrigação e sempre lhe foi transmitido a si como filha, que devia cuidar do seu pai neste caso.

Entrevistado: Porque eu já vi os meus pais cuidarem da mãe do meu pai, e a mãe do meu pai teve a minha avó paterna teve uma filha que a pôs num barracão onde chovia e foi lá que a minha avó ficou ao frio de noite e de dia, e depois mando recado ao meu pai do que se estava a

passar e nós fomos lá busca-la para casa do meu pai. No entanto eu gostava muito dessa minha tia, eu adorava essa minha tia...

Entrevistador: E podia ser boa tia e não ser boa filha.

Entrevistado: Eu nunca soube. Sei que a minha avó que em casa dos meus pais era tratada como os filhos.

Entrevistador: Muito obrigada pela sua participação.

Entrevistado nº 2

Entrevistador: Diga-me como é normalmente o seu dia-à-dia.

Entrevistado: O meu dia-à-dia é o seguinte: de manhã, em geral, vou dar uma volta. Tenho um irmão que tem um café, onde geralmente, quando é assim de verão, vou lá e ajudo uns bocadinhos. De manhã vou sempre dar uma volta, de manhã. É o meu dia-à-dia. Desde que eu possa. Não posso andar muito mas também não posso deixar de andar. Portanto, de manhã vou sempre dar uma volta, se tiver tempo venho ajudar nas atividades que temos para fazer. Tenho feito aqui bastantes coisas, todo o tempo que eu tenho ajudo naquilo que posso. Está a perceber? Ou ajudo mesmo lá dentro, portanto, no fim-de-semana ponho as coisas para a missa do domingo, se for preciso alguém eu ajudo, dentro daquilo que eu posso e souber fazer gosto muito de ajudar, seja em que trabalho for.

Entrevistador: Então está a dizer-me que normalmente todos os dias sai um bocadinho à rua. Costuma participar em alguma atividade lá fora, na comunidade? Por exemplo voluntariado...

Entrevistado: Não, lá fora não, não. Tirei um curso que era “Oração em vida” quando vim para aqui, mas assim não. Há quinta-feira vou à missa da parte da manhã, e depois de tarde ajudo nas coisas, ou se agente sai, ou vou um bocadinho aos meus, pronto, entende? Até que eu poder, gosto de aproveitar o tempo e ajudar alguém que precise. Do pouquinho que eu sei fazer ou possa fazer, seja para ajudar os utentes que estão aqui seja para ajudar noutros trabalhos estou sempre disponível e pronto, gosto de estar aqui. Já vai em 4 anos, no início foi muito difícil adaptar-me. Porque a menina vê, ao final de 70 anos agente deixa a casa, e horas depois perdi a mãe, não foi fácil. Eu entrei no dia 13 de Fevereiro às 11 da manhã e na terça-feira a minha mãe faleceu. Eu tive 2 anos sem andar, vim para aqui muito doente, com duas cirurgias à pouco tempo, tinha sido operada à coluna e depois pus uma prótese nesta perna. Eu quando para aqui

vim vinha muito doente, andava muito mal, até pensei que nunca mais andava, e afinal voltei a andar. Tive uma coisa muito boa, tanto da parte da doutora, como da parte das enfermeiras, como da parte assim como da D. Sofia ajudou-me muito, muito, muito. Devo-lhe muitas atenções. E uma senhora que era da minha idade, mas que só teve aqui 6 meses, fizemos juntas a escola e catequese, só que eu entrei em Fevereiro e ela morreu a 16 de Agosto. Era uma senhora muito bem posta, era viúva, tinha perdido uma filha que era professora num acidente. Quando eu vim para aqui ela disse-me: Foi tão bom, perdi o marido, perdi os pais, perdi a minha filha, mas ganhei uma mana. Ela só viveu 6 meses. Mas a D. Sofia foi uma pessoa que me ajudou muito, as funcionárias... Eu quando vim para aqui, agora já estão qui umas pessoas mais novas, mas quando eu vim para aqui não, só estava essa senhora da minha idade, de resto era tudo mais velhinho. Só este ando já vão 14. De maneira que foi difícil a adaptação. Depois eu disse às meninas que trabalhavam cá na altura: Olha faz-se o seguinte, está-me a custar muito a adaptação, eu faço-lhes companhia a vocês e vocês fazem-me a mim. E foi realmente... Foi isso e depois adoeci, apanhei uma senhora no quarto que não me deixava dormir, 7 meses que não dormi, de maneira que eu calei-me, eu sou uma pessoa educada, não gosto de falar, até que já não aguentava e disse: Oh Dra. passa-se isto assim assim, eu estou muito doente e depois ela pôs-me lá outra e de maneira que, comecei a fazer um tratamento, recuperei. Agora em Outubro tive uma trombose vascular, fiquei sem ouvir, um barulho no ouvido depois fui a um especialista andei a fazer tratamentos mas graças a Deus até estou um bocadinho melhor. Portanto, comecei-me a adaptar e hoje gosto de estar aqui. Graças a Deus sou muito bem tratada por toda agente, também temos de saber ser educados, saber o lugar que ocupamos, e sendo assim, eu acho que se a pessoa é educada adapta-se.

Entrevistador: Quando vai à rua costuma estar com muitas pessoas diferentes?

Entrevistado: Sim. Eu era do Pinheiro, era cozinheira, a menina sabe que eu conheço toda agente. Sim, gosto muito de ir à rua porque encontro os meus amigos, agente conversa, e pronto, é diferente.

Entrevistador: Então e como é que acha que essas pessoas normalmente falam consigo?

Entrevistado: Muito bem. São sempre amigos, graças a Deus não tenho mais nada mas tenho amigos, o que é muito bom. Tenho uma família muito boa, aqui tratam-me muito bem, olhe estou feliz. O que é muito bom.

Entrevistador: Então agora, queria saber a sua opinião sobre uma situação que tenho aqui. Imagine que está numa festa que foi organizada pela Câmara Municipal e estão várias pessoas aqui da comunidade e no intervalo há uma mesa que tem bebidas e comida e estão disponíveis para toda agente, até uma pessoa em cadeira de rodas consegue ir à mesa e servir-se. Agora imagine que vem uma pessoa da organização da Câmara ter consigo e diz-lhe o seguinte: “Está a gostar da festa? Reparei que ainda está sentada e que não foi à mesa servir-se, deseja tomar alguma bebida ou comer alguma coisa? Se quiser acompanhar-me”.

Então agora imagine que vem outra pessoa ter consigo sem ser esta pessoa e diz-lhe: “Então está a gostar da festazinha?” (Diz isto muito lentamente e em voz muito alta) Depois diz-lhe assim também: “Então ainda não foi comer, deve estar com fominha, trouxe-lhe umas coisinhas. Vá coma! Coma tudo até ao fim e deixe-se estar sentadinha para não cair”.

Entrevistado: Pois, aí... Realmente, se é uma pessoa que está mesmo já bastante debilitada...

Entrevistador: Não, mas imagine que era consigo. Vinham ter consigo, e diziam-lhe isto desta forma.

Entrevistado: Eu acho que é o seguinte: Depois eu via como mais ou menos as outras pessoas, mais ou menos como eu iam fazer e eu vou estando caladinha mas vou estando muito atenta.

Entrevistador: Mas para si qual é a diferença entre a primeira pessoa que vem ter consigo e a segunda?

Entrevistado: Eu por mim é o seguinte, a pessoa que veio primeiro, portanto é uma pessoa que é dali, faz de conta que foi das pessoas que organizou, tem de realmente ver, e eu devo retribuir, ser educada e é como lhe digo, nem muito tímida nem muito atrevida. Vou-me orientando, aí está muito bem. Pela segunda, é o seguinte: Devo agradecer à pessoa, mas novamente não ser atrevida e ocupar o meu lugar.

Entrevistador: Então mas esta segunda pessoa que vem ter consigo e utiliza determinadas palavras, para si é normal?

Entrevistado: Para mim, graças a Deus, ainda não será preciso, mas sim para alguma pessoa que não se possa deslocar.

Entrevistador: Então mas se essa pessoa tivesse essa intenção consigo, como é que se sentia? Se tivesse este tipo de conversa consigo?

Entrevistado: De repente ficaria caladinha e educada, retribuí, pois muito obrigada mas ficaria assim a pensar: Realmente, mas eu já estou assim...

Entrevistador: Já está assim como?

Entrevistado: Pronto, para me tratar assim, será que eu já não me mexo nem... entende? Ficaria assim a pensar (Não digo nada, fico caladinha, mas fico assim a pensar): Oh meu Deus será que eu agora já fico toda a vida assim, como se fosse uma pessoa que quase não se pudesse mexer, não é? Mas claro, é como digo à menina, educadinha num cantinho.

Entrevistador: Então era isso que faria, se essa pessoa viesse ter consigo?

Entrevistado: Ficava a pensar: Oh meu Deus mas já consideram que estou assim tão mal? Entende menina Ana, não é? Uma pessoa se não está lucida não vai logo buscar isto assim, não é? Mas claro educada.

Entrevistador: Então diga-me uma coisa, entre a primeira pessoa que veio ter consigo e a segunda a D. X preferia ser tratada...

Entrevistado: Como da primeira. Nem era atrevida nem era aquela pessoa que ficava ali encolhida. Ia vendo como é que as pessoas faziam...

Entrevistador: Hm hm, e porque também me estava a dizer que a primeira pessoa a trata de uma forma normal e a segunda...

Entrevistado: Trata-me como uma coitadinha. Pronto, entende? Não é preciso falar muito que esta menina é inteligente.

Entrevistador: Diga-me uma coisa, concorda com a forma como a segunda pessoa falou?

Entrevistado: Não, às vezes tem de se ser um bocadinho mais leve, não se pode pegar tão pesado.

Entrevistador: O pegar tão pesado é usar determinadas palavras, é...?

Entrevistado: É, é. Porque há pessoas que ainda andando e a cabeça esteja boa para se sentirem um bocadinho melhores tem de se ajudar a levantar, entende? Não carregar muito para não magoar. Porque se a pessoa já não está lucida passa, mas se a pessoa está lucida está a perceber?

Entrevistador: Há um sentimento...

Entrevistado: Há, e a menina um dia, quando os seus pais ou assim, a menina vai perceber que é assim. Porque em certos casos temos de ajudar a levantar um bocadinho, para a pessoa ir a cima. Assim como eu, estive tão doente, nunca pensei que iria ficar toda a vida sem andar, eu pensei sempre que me ia levantar. Temos de ter muita coragem, e Deus tem me ajudado.

Entrevistador: E precisou sempre dessas pessoas para a levantar...

Entrevistado: Naquela semana tinha sido o funeral da minha mãe, faleceu um senhor que estava aqui de dia e foi operado e ficou-se, e eu estava muito doente e pensei assim vou só ali à missa porque eu não tinha forças para andar e depois venho-me embora, mas há coisas engraçadas, no fim de lá estar fora pensei assim, vou experimentar a ir ao cemitério, porque ainda não tinha lá ido, tinha lá ido há uns três dias ao funeral dele e fui. Foi muito triste, muito triste. Cheguei lá, tiver de levantar a campa do meu pai, mas não sei, Deus ajudou-me.

Entrevistador: Deu-lhe essa força.

Entrevistado: Passado um bocadito eu senti uma mão nas costas. Era a D. Sofia. Nunca me vou esquecer, ela ajudou-me muito. Por isso é que eu digo que não se deve tratar as pessoas por coitadinhas, deve-se tentar ajudar para que elas consigam levantar-se um bocadinho. E para isso é preciso ter alguém que nos ajude. Foi essa força que eu encontrei aqui, muita gente que me ajudou.

Entrevistador: Então a D. x acha que a segunda pessoa que tem aquele tipo de discurso e que deita um bocadinho as pessoas para baixo, acha que pode estar a discriminar? Acha que pode levar as pessoas a sentirem-se discriminadas?

Entrevistado: Eu acho que em certas situações têm de saber lidar muito bem com as pessoas. Está a perceber? Há situações que têm de saber lidar com as pessoas, porque a pessoa que ainda consegue equilibrar-se alguma coisa, nós temos sempre aquela esperança de que vai ser um bocadinho melhor, e se começam coitadinha... coitadinha, ou coitadinho a pessoa cada vez começa a sentir-se mais para baixo e sem forças, e agente em certas alturas que precisamos, não nos deem nada mas deem-nos um bocadinho para nós nos conseguirmos levantar.

Entrevistador: Que pelo menos não estejam a pôr para baixo não é?

Entrevistado: É isso. É isso que a menina ao longo da sua vida vai ver que é assim. E veja se tem tempo de levantar alguém que esteja caído. Que é o que eu digo, a D. Sofia foi uma santa que apareceu aqui nesta casa. Não me conhecia, eu estava aqui à 2 ou 3 dias, eu conhecia-a mas

a senhora não me conhecia e ela foi ao tal funeral e viu de longe que eu estava sozinha e ali apareceu. Foi a pessoa que me deu a mão. Naquela altura menina foi, foi...

Entrevistador: Um grande alívio...

Entrevistado: Foi. Depois mais tarde quando já estava bem comecei a fazer alguma coisa e ela disse-me: vá venha comigo, tira dali a chave, vai buscar isto, vai buscar aquilo e ao domingo começa a pôr isto a tirar aquilo. Ensinou-me uma vez. Foi uma pessoa que me ajudou e me tem ajudado muito.

Entrevistador: Ajudou a integrar-se também aqui no centro...

Entrevistado: Muito, muito. Dei-me muito bem com a Marta, dei-me muito bem, antigamente, com aquela menina que antes saía com as carrinhas da casa, depois veio a Tânia, a Tânia é uma querida. É aquela pessoa que os ajuda a levantar. É uma pessoa com uma força extraordinária, de uma simplicidade... Aquele carinho, tem ajudado aqui muita gente. E é isso que esta sociedade está a precisar. Oh menina, às vezes que não nos deem nada mas uma palavra amiga. Como lhe digo, gosto de cá estar. Temos de dar graças a Deus pelo bem que temos porque somos bem tratados, eu vejo bem como as pessoas são bem tratadas, e isso é uma coisa muito boa. Só tenho bem a dizer de quem cá trabalha e de quem orienta isto. Mas para isso temos de estar no nosso cantinho, sossegadinha e educadinha.

Entrevistador: Então só para recapitular, para terminar esta parte da entrevista: Se essa tal segunda pessoa viesse ter consigo, como é que se sentiria?

Entrevistado: é assim menina, é como lhe digo, ela não me vinha levantar, vinha-me talvez pôr um bocadinho para baixo.

Entrevistador: Mas sentia isso pelas palavras que ela utilizou...?

Entrevistado: Sim, sim, sim. Pensava assim: Oh meu Deus, mas eu nem que tenha uns 90 anos estou já assim...

Entrevistador: Mas há ali alguma palavra que tenha...

Entrevistado: É o seguinte... A pessoa vem com boa intenção mas talvez para a minha idade e na situação em que eu estou, está a perceber? Talvez fosse um bocadinho pesado de mais...

Entrevistador: Estar a falar-lhe dessa forma?

Entrevistado: Sim, sim. Porque claro, se fosse como eu já estive, de não me poder mexer, não poder andar, mas agora como já me levantei um bocadinho talvez ficasse assim triste. Não dizia nada mas ficava um bocadinho magoada.

Entrevistador: Então, diga-me uma coisa, para si o que é ser idoso/a?

Entrevistado: Para mim o que é ser idoso? É muito bonito ser uma pessoa idosa, muito bonito. De uma vez que agente não esteja ali acamado muito tempo nem em grande sofrimento, de resto acho que ser idoso que é muito bonito, muito bonito, só o pior é quando há sofrimento. Para mim é isso que eu penso. Ser idoso é tão bonito, é tão bonito ver um cabelinho branco, não é? E é bonito porque é sinal que a pessoa viveu. Eu olho para aquela senhora que está na minha mesa, para a Ti Júlia, com 100 anos, com quem me dou muito bem. Eu tenho um jeito para lidar com aquela senhora, e que Deus me vá ajudando, eu vou ajudando. Agora, tenho na minha mesa a Ti Júlia, a D. Albertina, e a minha afilhada a Sãozita, que a Dra. a semana passada pôs na minha mesa. Eu dentro de aquilo que poder fazer sou feliz em poder ajudar.

Entrevistador: Mas sente-se bem, como sempre se sentiu quando tinha 20, 30, 40 anos...

Entrevistado: Sim, sim. Eu não sinto que estou velha. Novo é aquilo que agente cá tem cá dentro. E gosto, como digo, gosto de falar das pessoas idosas, é tão bonito, a pessoa de cabelinho branco, já idosa e poder viver. Aquela Ti Júlia, é um espelho para mim, eu tenho aprendido muito. Eu já sei o que é que ela gosta, já sei como é que ela quer e eu estou disposta sempre ali. Gosto muito dela, de a ajudar naquilo que eu puder, e faço com muita alegria para todos, é como muito amor que eu faço isto.

Entrevistador: Então a D. x acha que ser idoso é uma coisa positiva, que o envelhecimento é uma coisa boa...?

Entrevistado: Então não é? É a melhor coisa que há. Só peço a Deus, que quando veja alguém muito mal em sofrimento, peço a Deus que ajude essas pessoas. É isso que eu penso. Porque o ser idoso é uma coisa tão bonita.

Entrevistador: Então e acha que essa é a opinião que todas as pessoas têm do envelhecimento e das pessoas idosas?

Entrevistado: Não... Isso varia muito de pessoa para pessoa, varia muito. Então não é tão bonito a pessoa ir envelhecendo no dia-à-dia. Tivemos aqui um exemplo, o Ti Agostinho, que era irmão da minha mãe e a mulher. Foram envelhecendo dia-à-dia. Depois começaram a estar um

bocadito doentes, hoje estou no quarto que era deles. Eu ia, quando eles estavam um bocadito doentes, ia a seguir ao almoço estar um bocadinho com eles. Achava tão bonito, cada um sentado no seu cadeirão, um ao lado do outro. Eu pensava assim: oh meu Deus é uma alegria envelhecerem ao lado um do outro. Então não é que ele morreu a 18 de Abril e ela a 30 de Maio. Eu todos os dias lá ia, aquilo era um quadro para mim lindo. Eu ia ali e meditava naquilo. Todos os dias, acabava de almoçar e ia lá, quando eles depois já não vinham cá a abaixo. E é como lhe digo, então não foi tão bonito?

Entrevistador: Mas acha que essa não é a opinião das pessoas no geral...

Entrevistado: Não, não, não.

Entrevistador: Então acha que há uma visão negativa do envelhecimento? As pessoas têm uma ideia errada...

Entrevistado: Sim, sim. Eu para mim gosto de ver no dia-à-dia a envelhecer, então quando é um casal ao lado um do outro é uma coisa maravilhosa. Eu não sou casada e para mim é uma coisa maravilhosa. O Sr. X tentou vir para aqui com a Sra. que estava muito doente. Quando se descobriu que a Ti Júlia tinha um cancro no estômago a outra tinha no pâncreas. Estiveram as duas internadas em Abrantes, e a minha prima a Natália, do café jardim, foi lá e chamaram também a filha da outra senhora, que vivia na Holanda, mas estava cá e cada uma teve a mesma notícia. Depois veio aqui à Dra. e ela arranjou-lhe um quarto e vieram para cá os dois. Ali estiveram até que se separaram, até que nosso senhor a levou a ela e ele depois aí ficou. E ele perdeu agora a mulher, que deus a tenha lá descansadinha, e agora vai envelhecendo e vai vivendo.

Entrevistador: Então o que me estava dizer é que para si, envelhecer é uma coisa muito boa, mas para as pessoas...

Entrevistado: Sim, só que quando elas estão em sofrimento, só peço a Deus que cuide delas.

Entrevistador: Estava a dizer-me que há pessoas que não vêm o envelhecimento dessa forma...

Entrevistado: Não. Ah está velho o que é que está cá a fazer! Eu fico magoada quando ouço isto. Percebe? Porque eu perdi o meu pai com 78 anos e a minha mãe com 91 e eu gostava tanto de os ver, só tive pena que o meu pai já lá estava há 17 anos quando foi a minha mãe, não envelheceram juntos. A minha mãe estava muito boa quando o meu pai faleceu, a minha mãe era mais velha que eu um ano, ainda não tinha feito os 75 quando o meu pai partiu. A minha

mãe até ali aos 80 anos estava boa, não era nada como eu estou. Só que depois mais tarde já se sabe. Então não é tão bonito agente ver a envelhecer. Só tenho pena de não ter podido tomar conta dela até ao fim, porque deixei de andar e fui para uma casa particular aqui em Ourém. Gostava tanto de ter estado a acompanhar a minha mãe até ao fim.

Entrevistador: Mas fez o seu melhor...

Entrevistado: Fiz.

Entrevistador: Então e acha que devido às pessoas no geral, verem as pessoas idosas de uma forma negativa, podem surgir situações de discriminação contra essas pessoas?

Entrevistado: Eu acho que isso não deve haver.

Entrevistador: Para si não deve haver...?

Entrevistado: Acho que as pessoas devem ser respeitadas, ter muito respeito pelas pessoas mais idosas, ajudar naquilo que se pode e não discriminar essas pessoas.

Entrevistador: Não discriminar. Mas também consegue perceber que se calhar há pessoas que discriminam...

Entrevistado: Sim, muito muito, mas não deve ser, porque as pessoas já trabalharam, já fizeram o que podiam e depois precisam de ser ajudadas porque essas pessoas já ajudaram muito, e agora esta geração tem de ajudar essas pessoas.

Entrevistador: Sabe dar-me algum exemplo em que ache que essas pessoas estão a discriminar as pessoas mais velhas? Um exemplo, se tiver algum...

Entrevistado: Sabe, é tudo muito bom até que a pessoa pode trabalhar, mas se a pessoa anda adoentada, percebe? Ou se não está a dar aquele rendimento... a menina sabe como é que é hoje. Infelizmente, antes não soube.

Entrevistador: Então sente que quando isso acontece essas pessoas podem ser discriminadas?

Entrevistado: Ora bem, é isso. Eu acho que aí é quando as pessoas precisam mais. Eu trabalhei numa senhora 30 e tal anos, criei-lhe as filhas, ela era professora e era bancária. Nesse tempo foi quando eu tirei os meus dentinhos para pôr a prótese, é claro agente bem tirando os dentinhos toda agente vê-se negra para comer. A senhora era tão querida tão querida, não havia nada que ela não me comprasse. Ela dizia: Tem de comer porque quem trabalha tem de comer. Eu dizia: Não gaste tanto. Quando as pessoas precisam é que se deve ajudar. Eu nunca me esqueci. Por

isso ela tinha razão, era uma altura que eu precisava de ser ajudada. Está a perceber? E ela coitadinha, não havia nada que ela não comprasse para eu andar bem. Ela dizia assim: quando as pessoas precisam é que se tem de ajudar. Está a perceber? E era uma pessoa que mesmo para me subir o ordenado, eu trabalhava lá a dias, nunca foi preciso pedir dinheiro. Quando ela achava que devia aumentar ela aumentava. É isso que eu acho, que as pessoas hoje não têm humanidade, está a perceber? Eu não me esqueci, ainda hoje tenho aquela família aqui.

Entrevistador: Aí no coração. Então diga-me uma coisa, para concluir a nossa entrevista, o que é que acha que poderia ser feito para que não houvessem tantos casos de discriminação contra as pessoas idosas?

Entrevistado: Muitas das vezes deviam pensar um bocadinho, que aquelas pessoas precisam de ser ajudadas, que já fizeram muito, que se não fazem mais é por falta de saúde, porque já têm uma idade avançada mas que já deram muito ao mundo e que agora estão ali para serem ajudadas. A minha maneira de ver é essa.

Entrevistador: Então está na consciência de cada pessoa, ou devia estar, pensar que essas pessoas já deram muito...

Entrevistado: Mas estão a fazer tudo ao contrário. Estão a fazer tudo ao contrário, estão a discriminar muito estas pessoas, porque é assim, eu desde que tirei o peito eu tinha a medicação a um preço especial, depois mais tarde, talvez à uns 3 anos, o meu irmão foi ao centro social e esteve lá a falar com uma das senhora que ele conhecia e ela disse: A sua irmã tem direito a este apoio que há para o idoso, uma vez que ela não pode trabalhar, só tem a reforma e pequena. Ele tratou dos papéis, este ano cortaram tudo. Fui aviar uma receita paguei o dobro. Entretanto vou lá a cima buscar o papel cortaram tudo, tudo. Agora tenho de pagar tudo, é uma discriminação e eu trabalhei toda a vida muito. Deviam ajudar mais um bocadinho em certas coisas porque as pessoas trabalham, descontaram e hoje temos uma sociedade podre, tiraram-nos tudo.

Entrevistador: Então acha que está na consciência de cada um...

Entrevistado: Sim. Quando as pessoas chegam a uma certa idade, em que já trabalharam tanto, esforçaram-se a vida toda e realmente se pudessem passar um bocadinho melhor, terem um bocadinho de mais atenção muitas vezes com essa gente e outros que coitados andam a trabalhar sem poder e se não têm outros meios, da maneira como isto hoje está, é um bocadinho

discriminar as pessoas. Quando não começam a dar aquele rendimento começa tudo a virar-se, e a menina um dia chega lá e vai ver.

Entrevistador: Obrigada D. x pela sua participação.

Entrevistado nº 3

Entrevistador: D. x diga-me como é que é normalmente o seu dia-à-dia?

Entrevistado: Atualmente?

Entrevistador: Sim, atualmente.

Entrevistado: Levanto-me às 7:30h. Das 7:30 às 9:30h trato da casa e de mim e das minhas coisinhas. Depois venho aqui para o atelier até ao meio dia, almoço, vejo as notícias que é muito importante para mim, venho para aqui da parte de tarde outra vez, depois vou para casa e à noite, à noite não faço muito, vou vendo televisão e fazendo palavras cruzadas. Porque às vezes há paleios na televisão, não vejo telenovelas, vejo debates e economia estupidamente, e a política. Portanto o resto não me interessa muito. Os homens estão lá em fundo e eu vou fazendo palavras cruzadas.

Entrevistador: Consegue fazer as duas coisas paralelamente... Então é assim normalmente o seu dia-à-dia, mas certamente há dias em que vai até à rua dar uma volta...

Entrevistado: Sim, sim. Isso é o normal, depois há por exemplo, terças-feiras que saio à tarde.

Entrevistador: Eu gostaria de saber se participa em alguma atividade na comunidade? Voluntariado, Universidade Sénior, eucaristia...

Entrevistado: Na comunidade, não, não. Voluntariado só aqui, e participo na eucaristia, sou leitora e sou ministra da comunhão. Ainda, quero sair mas dizem-me ainda que não.

Entrevistador: Nessas suas normais saídas costuma interagir com muitas pessoas diferentes?

Entrevistado: Sim. Sobre tudo às quintas-feiras, interajo com muitas pessoas diferentes. Troca de experiências, informações do exterior, como elas estão lá têm muitas mais coisas.

Entrevistador: Pessoas suas conhecidas ou...

Entrevistado: Conhecidas, conhecidas.

Entrevistador: Então e como diria que decorre essa interação? Descreva-me essa interação.

Entrevistado: É... Não... Trocamos impressões, até com as da Universidade Sénior, que elas muito no princípio diziam para eu ir...

Entrevistador: Queriam convence-la...

Entrevistado: Queriam, mas eu tenho aqui a Universidade. Eu leio, eu leio bastante e não leio romances, leio livros de formação, portanto... E aqui, aquela atividade manual a que eu não estava habituada mas que me faz muito bem, portanto eu não preciso de ir para lá porque eu tenho aqui, é isso. Mas depois informam-me das festas que há, convidam-me para as festas, que normalmente não vou... e depois perguntam como está aquele familiar e perguntam: “Sabes que a Gracinda vai começar uma nova atividade? Olha sabes, reza lá por nós por isto assim assim. Olha como estão os velhinhos lá da casa?”

Entrevistador: Então diria que essas interações normalmente são positivas, agradáveis?

Entrevistado: São, são. Por regra. Tive ultimamente uma muito desagradável mas... Por regra são boas.

Entrevistador: D. x agora gostaria de saber a sua opinião sobre uma determinada situação, que é esta que está aqui (cartões) mas eu vou ler, se quiser acompanhar esteja à vontade...

Entrevistado: Eu gosto muito de ouvir ler...

Entrevistador: Imagine que está numa festa promovida pela Câmara Municipal de Ourém, onde encontra várias pessoas da comunidade, no intervalo estão à disposição bebidas e várias comidas que se encontram acessíveis a toda agente, inclusive a pessoas com mobilidade reduzida, nomeadamente pessoas em cadeira de rodas... Imagine que vem uma pessoa ter consigo, e diz-lhe o seguinte: Está a gostar da festa? Reparei que ainda está sentada e que não foi até à mesa servir-se. Deseja tomar uma bebida ou comer alguma coisa? Se quiser acompanhar-me. Este é a primeira situação. Se quiser fazer algum comentário.

Entrevistado: Continue...

Entrevistador: Imagine que está na mesma situação, mas com uma outra pessoa que vem ter consigo e diz-lhe o seguinte: Então, está a gostar da festazinha? (Diz-lhe isto vagarosamente e num volume exageradamente alto) e diz-lhe também: ainda não foi comer, deve estar com

fominha. Trouxe-lhe umas coisinhas. Vá, coma! Coma tudo até ao fim e deixe-se estar sentadinha para não cair.

Entrevistador: A minha pergunta é: Para si, qual ou quais a/s grande/s diferença/s, se é que acha que existem, entre o cenário a) e o cenário b) que acabei de ler e que tem oportunidade de estar a observar?

Entrevistado: Para mim, prefiro o cenário a), porque o cenário b) diminui. Diminuir-me-ia, porque coitadinha, deixa-te estar aí já não podes mais. Enquanto que este (cenário b)), portanto... ficas aí, ficas à parte de toda a sociedade, de toda a comunidade.

Entrevistador: Era isso que pensaria se fosse consigo?

Entrevistado: Sim, enquanto que este (cenário a)) introduz e não me diminui em nada, antes pelo contrário, me chama à comunidade.

Entrevistador: Então para si a principal diferença é essa, é que o cenário b) é de uma certa forma...

Entrevistado: Coitadinho do velhinho... Pode ser muito carinhoso que seja, não é?

Entrevistador: Mas se fosse consigo, sentiria que era a diminuí-la?

Entrevistado: Sentia. Coitadinha da velhinha.

Entrevistador: Acabou por me responder a várias questões que tinha para lhe colocar. Para deixar claro, concorda com o tipo de interação do cenário b)...

Entrevistado: Não. Não concordo. Não concordo em relação a mim mesma, porque há pessoas que realmente não podem deslocar-se e que estava bom para elas. Agora, em relação a mim, atualmente...

Entrevistador: Então mas imagine que era uma dessas pessoas que por acaso não se poderia deslocar com facilidade, concordaria com este tipo de abordagem (cenário b))?

Entrevistado: Com a maneira de falar alto, o vagaroso não concordo, com a ação de ir ter com a pessoa e levar-lhe sabendo que não se pode dirigir à mesa aí esta bem, mas fá-lo-ia de uma outra maneira.

Entrevistador: E utilizando talvez outro tipo de...

Entrevistado: Linguagem e tom de voz e de abordagem em si.

Entrevistador: Para si, o cenário b) é discriminatório?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Então, já me respondeu que não gostaria de ser tratada desta forma e que se sentiria diminuída. Agora mudando um bocadinho de assunto. Para si o que é ser idoso?

Entrevistado: Para mim ser idoso é uma mais-valia. Porque o idoso não é o coitadinho que está num lar ou noutra sítio qualquer ou sozinho em casa. É aquele que tem uma experiência de vida, que se lhe derem oportunidade partilha com os outros mais novos, e os dons que tem, que toda a idade tem os seus dons, os dons que tem o idoso ele é para partilhar para comunicar para... Olha eu faço assim, se quiserem fazer assim, façam.

Entrevistador: Mas ter essa oportunidade de transmitir...

Entrevistado: Sim. O idoso tem uma mais-valia pela experiência de vida, tenha que cultura tiver. Ignorante ou letrado tanto faz. Ignorante não, analfabeto, porque ignorante não é ninguém.

Entrevistador: Então considera que essa sua opinião, de que ser idoso é uma mais-valia...

Entrevistado: Para mim é. Eu sou feliz nesta idade que tenho, sou uma idosa feliz.

Entrevistador: Considera que essa é a opinião das pessoas no geral?

Entrevistado: Nesta casa não. Estão sempre para trás. Ai quem me dera... ai que eu já não posso, ai no meu tempo é que era bom...

Entrevistador: Está a falar em relação aos utentes da casa?

Entrevistado: Sim, a maior parte deles acha que ser idoso é uma chatice, que é uma desgraça, porque estão sempre para trás.

Entrevistador: Então mas relativamente à população no geral, as gerações mais novas como é o meu caso, a dos meus pais, pessoas ainda mais jovens que eu, adolescentes, crianças, considera que a opinião que têm sobre o envelhecimento e sobre os idosos é positiva ou é negativa? Vai ao encontro da sua ideia?

Entrevistado: Tenho ideia de que é negativa. Eu tenho sentido isso na pele.

Entrevistador: Pode dar algum exemplo de como é que o envelhecimento é visto de uma forma negativa por essas pessoas?

Entrevistado: A minha família, éramos até há bem pouco tempo, muito unidos. E nos domingos estávamos sempre na casa da minha irmã, ou íamos almoçar ou íamos só tomar o café. Os meus sobrinhos diretos englobavam-me na conversa, os filhos deles, que têm agora 20 e tal esses não têm conversa comigo. Faziam mesmo questão de excluir. Por exemplo, vêm aqui as da casa da criança, vem aqui, a Diretora faz questão de que haja interação e tal, vem cá, ainda no outro dia, fazem sempre um grupinho à parte, exclusivamente delas e as responsáveis delas servem-nas à parte e tudo. O objetivo era misturar nas mesas, era incluir. Não senhora, elas fazem sempre um grupinho à parte. Elas olham de soslaia para nós. Essa geração não está, como... Eu e a minha geração eramos na vossa idade. Que era um respeito grande pela terceira idade e havia interajuda e tal. Eu, da minha parte digo, presentemente não se encontra isso.

Entrevistador: Acha que essa indisposição das gerações mais jovens de estar com as pessoas mais velhas parte da própria pessoa ou dos valores...?

Entrevistado: Parte dos não valores que eles têm. A maior parte deles estão sempre com os telemóveis, com os computadores. Isso irritamente interiormente tanto.

Entrevistador: Então considera que podem surgir situações de discriminação contra as pessoas idosas devido a essa visão negativa do envelhecimento?

Entrevistado: Sim. Então aquilo de estarem ali em grupo... é uma discriminação.

Entrevistador: Para terminar, gostaria de saber o que poderia ser feito, na sua opinião, para diminuir essa discriminação face às pessoas idosas?

Entrevistado: Eu tenho a impressão de que vem dos pais, da família, e depois também de... alguns ainda estão incluídos nalguns movimentos. Portanto, esses movimentos que deviam levar a... e sobretudo as famílias. Se já em casa eles estão ali ligados aos meios de comunicação e não estão a ligar nada aos pais, muito menos ligam aos avós e aos tios avós. Eu graças a Deus ainda cá estou, e já fui muito mais longe na idade que aquilo que eu pensava, mas vocês não sabem se chegam lá, e não sabem em que condições chegam, se chegam nas mesmas condições que eu estou. Eu já disse aos meus sobrinhos netos isto.

Entrevistador: E qual foi a reação deles?

Entrevistado: oi oi oi oi oi...

Entrevistador: Se calhar nem quiseram assimilar... para não ficarem com esse peso na consciência...

Entrevistado: É isso mesmo. Não entrou sequer, não entrou. Mas eu sou feliz mesmo assim.

Entrevistador: Ainda bem D. x Isso é o principal. Obrigada pela sua disponibilidade.

Entrevistado nº 4

Entrevistador: Sr. x normalmente como é o seu dia-à-dia?

Entrevistado: O meu dia-à-dia ultimamente tem andado um bocadinho... a saúde um bocadinho em decadência e então ultimamente o meu dia-à-dia é praticamente ir passear com o meu filho mais velho, com o meu G, trabalhava nas finanças, está reformado. Ultimamente, mas já não é tanto. Porquê? Felizmente ... tenho altos e baixos, tenho 87 anos, a minha mulher faz depois de amanhã 88, ela é mais velha 10 meses. E pronto. Estava habituado que o meu G... Tirei a carta ainda em garoto, agora tira-se com 16, 17, 18 anos. No meu tempo era com 21. O homem, era homem no meu tempo com 21 anos, só que havia uma lei que autorizava com 16/17 anos a tirar a carta mas se os pais ou alguém tinha de se responsabilizar, e o meu pai foi ao notário. Responsabilizar-se por mim.

Entrevistador: Em como autorizava que tirasse a carta.

Entrevistado: Autorizou e eu tirei a carta com 18 anos. A partir dos 18 anos até hoje, ultimamente já não, mas até hoje... ia para o norte, ainda me lembro bem, o meu patrão já naquele tempo eu ia com ele para Lisboa para o Porto... Um dia no Porto fomos a dois ou três hotéis já naquele tempo. A melhor refeição que até hoje eu comi foi nas Caves do Dão em Guimarães. Vinha um carrinho com as sopas, agente escolhia a sopa que queria, depois vinha um carrinho com o peixe e agente escolhia o peixe, depois vinha o carrinho com a carne, depois vinha com a fruta, depois vinha com os doces, já nesse tempo...

Entrevistador: Era tudo do bom e do melhor.

Entrevistado: Eu faço ideia quanto é que custava uma refeição naquele tempo... e quanto é que ela custa agora. Já estive algumas vezes em Guimarães e esqueci-me de perguntar se as Caves do Dão ainda existe ou não. É mesmo uma cave.

Entrevistador: Então mas o seu dia-à-dia aqui no Centro, normalmente fica por aqui ou vai até à rua, ou já não tanto...

Entrevistado: Vou pouco. Às vezes vou cortar o cabelo. Vou à rua por exemplo comprar uns rebuçados, ou ali à frutaria comprar fruta, não é que me dê aqui a fome. Vou ao Lidel buscar umas bolachas vou ao Intermarché comprar na promoção umas caixas de patéis de nata. Ultimamente estava ali a jogar às cartas, mas eles correram praticamente comigo...

Entrevistador: Foi? Chatearam-se?

Entrevistado: Não se chatearam, não se dão com o meu feitio. Eu sou muito reservado, gosto de comunicar com o meu amigo, associar-me com o meu amigo. Está lá um que é o Clássico, é um clássico bebedola. Olhe que cheguei a estar ao pé da Igreja, o meu armazém era ali, ele chegava ao passeio e punha ali a bicicleta, morava no Alqueidão e ia para o Sr. Lúcio, não se lembra do Sr. Lúcio... Tinha ali uma taberna, ali em frente à igreja. Epá ele vinha com uma bebedeira para a bicicleta mas um dia quando se chega à bicicleta caiu, a bicicleta caiu em cima dele. Não fui lá. Desculpe que diga isto como humano que sou, não fui, e não fui porque ele não estava em estado grave, mas para ver se se emenda. Olhe que ele esteve ali minutos deitado. Várias vezes o levaram a casa de automóvel. Eu nisso sou muito reservado, a Dra. é que me chamou e me convidou: “Você vai para ali jogar às cartas...” mas...

Entrevistador: Tem o seu feitio e eles têm o deles.

Entrevistado: Desculpe o termo, é muito abrutalhado. Não sou nenhum lorde, nem filho de nenhum lorde, o meu pai era guarda republicano, mas nesse tempo digo-lhe, era um lorde, desculpe a expressão, o pão era racionado. Eu vinha para a pensão, aquela pensão onde estão aquelas coisas... em frente à igreja... Produtos, coisas, em vez de ser farmácia...

Entrevistador: Ali, ali, o que é que há ali? Artigos para a casa?

Entrevistado: Não. Chás.

Entrevistador: Uma ervanária.

Entrevistado: Isso. E nesse tempo... já não sei o que estava a dizer sobre a ervanária...

Entrevistador: Que nesse tempo havia ali uma pensão...

Entrevistado: Ah. Por cima havia uma pensão e a D. Celeste chamava-me ao telefone. Levava um bocado de pão no bolso, era metade de um papo seco por cada refeição. E haviam pessoas que iam lá em Leiria, à meia-noite iam dormir, faziam bicha para de manhã tirarem metade de um papo seco. Eu felizmente nunca precisei disso. O meu pai, como se diz: tudo tens tudo vales,

nada tens nada vales. Um guarda republicano nesse tempo tinha força de mais e hoje é zero. Levam cachaporra e ainda ficam mal. Pronto.

Entrevistador: Sr. x diga-me uma coisa, então não participa em nenhuma atividade fora aqui do Centro?

Entrevistado: Não. Foi como lhe acabei de dizer, ultimamente ia com o meu filho para Leiria, eu e a minha mulher, íamos a Torres Novas, Ultimamente, como ele sente que estou um bocadinho mais em baixo, já não saímos tanto. Por exemplo, logo dá o benfica... está lá o meu neto (...) mais velho, é filho do meu G, que estava nas finanças, tem dois filhos, uma filha e um filho. Ele é sportinguista, os filhos foram criados com a avó, ultimamente, o pai dele era sportinguista o único da família, chega ao pé do avô: “Oh avô eu não sou do sporting, eu sou do benfica”. Diz assim o avô para ele: “Oh filho mas o teu pai é do sporting”. “Não interessa, o sporting não presta para nada”...

Entrevistador: Estava a dizer-me que às vezes à noite...

Entrevistado: Às vezes à noite, como não tenho sportv, mas vamos ter, pelo menos a Dra. já me disse que sim. Dentro de 2 meses mais ou menos, garantiu entre aspas que íamos ter cá. Hoje por exemplo que o benfica joga se eu quiser ver tenho de ter sportv. Em casa do meu filho por exemplo, do G, às vezes vou lá. Às vezes está o tempo mau vem-me buscar, às vezes digo: “Não me venhas buscar que eu vou”. À noite está frio ele vem-me trazer, e a minha vida é assim. Acompanhar a minha mulher. Ela felizmente, graças a Deus, pusemos entres aspas um travão, eu e o meu filho mais velho, aqui exigir um bocadinho mais da minha mulher. A minha mulher tem um horário como algumas tem, um horário diferente, em vez de jantar às 7 horas como nós, janta às 6 e vão logo imediatamente deitá-la. Quando eu me deito já ela está no descanso, antes disso anda aos sobressaltos. Como costume dizer, foi como pôr azeite numa candeia. A minha mulher ultimamente não conhecia os filhos.

Entrevistador: Agora já está melhor desde que...

Entrevistado: Desde que houve esta alteração na vida dela. Agradeço à Dra. o dever e a obrigação humana. Agora a minha mulher praticamente tem de usar fraldas especiais e isso requer um bocado de atenção. Eu estou aqui com ela e de vez em quando: “Oh menina, a minha mulher quer ir fazer chichi”. Respondem: “Ainda foi à bocado”. E às vezes também tenho de... a minha cultura é pouco mas experiência é muita...

Entrevistador: Então e diga-me uma coisa, quando vai à rua, essas vezes que me estava a falar, costuma estar com muitas pessoas diferentes?

Entrevistado: Pouco. Passo pelas pessoas conhecidas cumprimento e mais nada.

Entrevistador: Então e quando cumprimenta essas pessoas conhecidas, como é que elas o tratam? Sente que gostam de o ver, que não...

Entrevistado: Gostam, gostam. Todos nós temos os nossos feitios especiais, eu também tenho o meu, não fujo à regra, mas sou muito amigo do meu amigo, gosto de respeito, gosto muito de brincar. Eu aqui nesta casa, reino, brinco, com a Dra., com as funcionárias, sempre fui assim e hei de continuar até que Deus me leve.

Entrevistador: Então sente que as pessoas quando falam consigo, falam como sempre falaram?

Entrevistado: Quando para aqui vim, há aí um senhor, o senhor x, quando me viu fez uma festa. (...)

Entrevistador: Então as pessoas tratam-no bem, são simpáticas...

Entrevistado: Felizmente. Como lhe digo, não sou pessoa de muitos convívios. Tenho lá um vizinho de mesa, já me tenho aborrecido com ele, já lhe disse que ele à noite ao jantar não está capaz de falar comigo, então já lhe disse que não quero conversas. Mas eu também tenho um feitio difícil.

Entrevistador: Todos temos. Cada um tem o seu. Então Sr. x agora gostava de saber a sua opinião sobre uma situação que tenho aqui e que vou ler. Imagine que vai a uma festa organizada pela Câmara Municipal e nessa festa estão várias pessoas aqui de Ourém. No intervalo há uma mesa onde estão disponíveis várias bebidas e comida disponíveis para toda agente. Imagine que vem ter uma pessoa consigo, que faz parte da organização e diz-lhe o seguinte: “ O senhor está a gostar da festa?” e diz-lhe o seguinte: “ Reparei que ainda está sentado e que ainda não foi à mesa servir-se. Deseja tomar uma bebida ou comer alguma coisa? Se quiser pode acompanhar-me”.

Entrevistado: Acho um gesto muito útil e generoso, e sinto-me um bocadinho, desculpe o termo, vaidoso por receber esse convite.

Entrevistador: Agora imagine que está na mesma situação, na mesma festa, mas vem outra pessoa ter consigo. Primeiro vem esta pessoa que achou simpática e agora vem outra pessoa ter

consigo e diz o seguinte: “Então, o senhor está a gostar da festazinha? (Diz isto devagar e com uma voz muito alta) Ainda não foi comer, deve estar com fominha, trouxe-lhe umas coisinhas. Vá coma, coma tudo até ao fim e deixe-se estar sentadinho para não cair”. Se viessem ter consigo com esta conversa o que é que sentia?

Entrevistado: Sentia-me também vaidoso, por receber o convite.

Entrevistador: Mas sente que há alguma diferença entre a primeira pessoa que vem ter consigo e a segunda?

Entrevistado: A segunda talvez seja mais generosa.

Entrevistador: Sente que é mais generoso porquê?

Entrevistado: O convite é mais alargado, quanto a mim o convite é mais alargado. Qualquer um deles para mim, ficava orgulhoso. É bom sinal para mim, reconhecerem e convidarem.

Entrevistador: Disse-me que sente que a segunda pessoa fez um convite mais alargado, houve alguma coisa que ela tenha dito que lhe chamou mais a atenção, que tenha particularmente gostado mais?

Entrevistado: Acho que não.

Entrevistador: Então para si são iguais, sendo que um é mais alargado que o outro. Como é que reagiria a estes convites?

Entrevistado: Qualquer um deles é do meu agrado.

Entrevistador: Então e se tivesse de escolher uma pessoa para vir ter consigo, escolhia a primeira ou a segunda? Se quiser eu leio outra vez.

Entrevistado: Talvez a primeira.

Entrevistador: Pode explicar-me porque é que escolhia a primeira? Há alguma coisa que gostou mais...

Entrevistado: Qualquer uma delas, como disse, me agrada. Destas duas eu não sei propriamente qual é que seria em primeiro e em segundo.

Entrevistador: Então mas eu posso ler novamente para que o Sr. possa ouvir e ficar com alguma certeza. “O senhor está a gostar da festa?” e diz-lhe o seguinte: “Reparei que ainda está sentado

e que ainda não foi à mesa servir-se. Deseja tomar uma bebida ou comer alguma coisa? Se quiser pode acompanhar-me”.

Entrevistado: Essa foi generosa, porque viu que eu não fui mas convidou-me a ir.

Entrevistador: A segunda pessoa diz-lhe: “Então, o senhor está a gostar da festazinha? (Diz isto devagar e com uma voz muito alta) Ainda não foi comer, deve estar com fominha, trouxe-lhe umas coisinhas. Vá coma, coma tudo até ao fim e deixe-se estar sentadinho para não cair”.

Entrevistado: Para mim esta é mais generosa. Não digo mais humana, mas é mais generosa. Qualquer uma delas. São um bocadinho distintas uma da outra. Uma vai convidar e a outra não. Mais generosa a última. A primeira estava quase a obrigar a ir para a mesa e a outra não.

Entrevistador: Então se tivesse de escolher uma pessoa para vir ter consigo preferia...

Entrevistado: A segunda.

Entrevistador: Muito bem, era isso que eu queria saber. Então Sr. x, para si o que é ser idoso?

Entrevistado: Idoso? Isso é uma pergunta que me deixa entre a espada e a parede. Porque normalmente agente encara uma pessoa idosa por ter muita idade, mas há idosos que fazem ver, na vida real, muita coisa que ainda faz e que muitos jovens não fazem.

Entrevistador: Então e o Sr. como é que se sente como idoso? Se é bom, se é mau...

Entrevistado: Para a juventude ser idoso é ter já uma certa idade, mas o ser idoso não quer dizer que esteja incapacitado, uma vez que não tenha nenhuma deficiência mental ou outra coisa qualquer. É uma pessoa válida como... Mais que alguns de 18 ou 20 anos. Tem mais prática na vida e é mais desenvolvido.

Entrevistador: Então para si ser idoso é...

Entrevistado: Ser idoso é ter idade.

Entrevistador: Mas é bom, é mau? Como é que se sente, sendo uma pessoa já com mais de 65 anos.

Entrevistado: Sinto-me bem. A pessoa idosa, já se sabe que não tem as mesmas faculdades que tem um novo mas deve ser reconhecido pelas pessoas e ser cumprimentado e convidado para aqui e para ali, isso não há dúvida nenhuma, mas está sempre aqui aquela coisinha: “quem escapa de novo, não escapa de velho”.

Entrevistador: Acha que essa sua opinião de que ser idoso é uma coisa boa, positiva, é a opinião de toda agente? Acha que toda agente pensa, os mais novos, que ser idoso é uma coisa boa?

Entrevistado: Para muita gente acredito, mas para a maioria não é. Para mim é bom, considero bom por isto, ainda estou vivo, tenho 88 anos e estou vivo.

Entrevistador: Então e qual acha que é a imagem que as outras pessoas, mais jovens que o Sr., têm sobre as pessoas mais velhas?

Entrevistado: De umas para as outras faz uma diferença muito grande. Normalmente se a pessoa idosa é uma pessoa que fez alguma coisa e é reconhecida etc etc, tem educação suficiente para conviver, essa pessoa sente-se orgulhosa.

Entrevistador: No geral as pessoas que ainda não chegaram aos 65 anos têm uma imagem, uma ideia positiva das pessoas mais velhas?

Entrevistado: Uma grande parte estou convencido que não. Uma parte sim, mas a maioria estou convencido que não. A maioria reconhece que o fulano tal está na idade x, mas que já foi mais novo...

Entrevistador: Então e tem alguma justificação, alguma ideia do porquê de as pessoas pensarem assim, terem uma ideia negativa do envelhecimento?

Entrevistado: Quer dizer: “ Ah já é velho”.

Entrevistador: Então sente que em Portugal as pessoas têm uma imagem negativa do envelhecimento?

Entrevistado: Eu estou convencido que sim. Estou convencido que sim, porque se há a hipótese em que dez reconhecem a velhice, estou convencido que há trinta ou quarenta que não reconhecem. Estou convencido disso, não é que eu tenha muita experiência, nem razão de queixa também, mas eu também falo por mim, quando era garoto a pessoa de idade a mim também não me dizia nada, hoje diz.

Entrevistador: Então e acha que devido a essas pessoas terem uma ideia, uma imagem negativa do envelhecimento podem surgir situações de discriminação contra as pessoas idosas? Ou seja, acha que as pessoas que tem uma imagem negativa do envelhecimento podem vir a discriminar as pessoas mais velhas?

Entrevistado: Ah pois podem. Por exemplo para uma festa, por exemplo, vamos arranjar uma comissão, podem convidar uma pessoa ou outra já de idade que tenha mais capacidade, mais cultura... Mas muitos só reconhecem a idade, não reconhecem as capacidades.

Entrevistador: Para terminar gostaria de saber o que é que acha que poderia ser feito para que houvessem menos casos de discriminação contra as pessoas mais velhas?

Entrevistado: Eu costumo dizer que a criança quando vai para a escola, para a primeira classe, não é só a lição de moral que os pais lhe dão, a lição da escola também conta muito, mas os pais não podem deixar as crianças na escola e não se preocuparem. A educação vem desde o berço. Estou convencido que hoje já se reconhece mais o idoso, mais do que na minha altura. Os netos aos avós, etc. etc.

Entrevistador: Muito obrigada Sr. x, eram estas as perguntas que lhe queria fazer.

Entrevistado nº 5

Entrevistador: Normalmente como é o seu dia-à-dia?

Entrevistado: Olhe é ir para a cama às 9 horas da noite, e levantar-me às 7. Antes das 7 já tenho feito a barba, as necessidades de higiene, tomo duas vezes por semana banho, sábados e quartas-feiras, e chega muito bem e... olhe, vou buscar o jornal para aqui, tomo uma bicazinha...

Entrevistador: Isso todos os dias...

Entrevistado: Todos os dias. Falo com os amigos, conhecimentos cá da terra que eu estou cá há 25 anos e entretanto venho para aqui outra vez, sento-me ali à espera que venha o meio dia, toca o badalo vou almoçar às vezes a coisa não é assim muito apetitosa, outras vezes também é o... como é que hei de dizer... é a vontade de comer.

Entrevistador: Também não é muita...

Entrevistado: É a saudade... Eu estou sozinho aqui em Portugal, não tenho mais ninguém de família, só tenho um sobrinho afilhado que está na África do Sul. Era filho da minha irmã, a minha irmã também já faleceu à 12 anos, a minha mulher também morreu, morreu a minha mãe e o meu pai, tinha 3 tias também morreram, olhe é isto. De maneira que a minha vida é aqui, estar aqui, converso com este e com aquele, leio o jornal dou uma voltinha por causa das pernas e por causa da coluna outra vez é a própria doença das costas que não me deixa andar na rua,

olhe estou aqui pareço um ermita. Não passa disto todos os dias. Vou à missa aqui quando vem cá o padre Amilcar, vejo a missa ao domingo também ali sentado, e é assim.

Entrevistador: Então não participa em nenhuma atividade fora aqui do Centro?

Entrevistado: Não, não. Também não tenho força de vontade, e sinto-me isolado. A Dra. diz que isto é uma família mas é uma família para quem bem a entende. Estou deslocado. E também o meu relacionamento com ela é assim um bocadinho... há coisas que se passaram não com ela, mas ela é que é a responsável mas enfim... coisas do dia-à-dia, com roupas e assim e ela sabe bem quem foi e não ata nem desata, já fiz uma queixa na polícia (...) Outra pergunta...

Entrevistador: Então o S. x estava a dizer-me que vai todos os dias à rua tomar a bica e comprar o jornal...

Entrevistado: Mas não falo com ninguém. Não, falo com os empregados da Marina, falo com o S. do café central, sento-me lá assim a ver o jornal, ler pouco, já não vejo muito, mas pelo menos leio as gordas e estou ali assim meia hora, enfim, cumprimento muita gente, o Dr. da farmácia Leitão, a esposa, também a filha e pessoas amigas assim: “Oh S. x está bom? Outros tratam-me por C e é assim a minha maneira... É aquele bocadinho só, meia hora três quantos de hora, depois volto para aqui. Hoje nem fui à rua. Estava assim a ver que o tempo ia mudar e eu... Eu então tomei a bica ali na máquina.

Entrevistador: O que eu estava para lhe perguntar era se costuma interagir, se costuma falar com muitas pessoas diferentes...

Entrevistado: Não, não, são só estas.

Entrevistador: Normalmente são sempre as mesmas...?

Entrevistado: Sim. Também para quem já teve 9 automóveis se hoje tivesse 1 era diferente. Eu ia ver um sobrinho, da parte da minha mulher a Ferreira do Zêzere, eu já tinha ido a Grijó, que é lá para cima para a zona do Porto, tinha ido a Lisboa que tenho uma saudade de Lisboa, tive lá 62 anos, não me posso esquecer.

Entrevistador: Em que zona, mais concretamente?

Entrevistado: Na Graça. E estive 22 anos em Oeiras.

Entrevistador: A Graça conheço, Oeiras não. Muito bem. O que eu gostava de saber é como é que normalmente essas interações, essas conversas, por exemplo com os funcionários da Marina, com os funcionários do café central, como é que essas conversas acontecem...

Entrevistado: Uns não me dão conversa, você sabe como é a Marina, estão ali para atender os clientes, às vezes vou lá de manhã, estão encostados ao balcão, há muita crise e já se venderam jornais, hoje vende-se 2 3 4 jornais, o que se vende mais ainda é o correio da manhã. É o jornal dos escândalos não é... mas eles não dão conversa agente, perguntam se está tudo a correr bem, está. Sr. x, Sr. y, Sr. r... é como o Sr. Julião ali da Ourivesaria, dou-me muito bem com ele, quando a minha mulher faleceu e eu vendi o ouro que tinha, fez-me o favor de... consultei duas ou três pessoas aqui da terra e ele fez-me a melhor oferta de compra e eu vendi. De maneira que o relacionamento é este: Oh Sr. João... Olá Sr. X tudo bem? E olhe, de maneira que, poucas conversas. Não é que seja bicho mas é que às vezes estão à porta à espera que venha de lá um patego qualquer ou um homem cheio de dinheiro.

Entrevistador: Agora gostaria de saber a sua opinião sobre uma situação que eu inventei, mas que poderia acontecer que é a seguinte: Imagine que o Sr. vai a uma festa promovida pela Câmara Municipal e nessa festa estão várias pessoas aqui da comunidade. No intervalo há uma mesa que está à disposição com várias bebidas e comida, e essa mesa está acessível a toda agente, para as pessoas que se quiserem servir, inclusive pessoas com mobilidade reduzida. O que eu gostaria de saber... Desculpa, antes disso. Vem uma pessoa ter consigo e diz-lhe o seguinte: Sr. x está a gostar da festa? Reparei que ainda está sentado e que não foi até à mesa servir-se, deseja tomar uma bebida ou comer alguma coisa? Se quiser pode acompanhar-me. Vem esta pessoa, da Câmara Municipal... Até tenho aqui se quiser ler outra vez. Tem esta conversa consigo. Agora imagine que na mesma situação, vem outra pessoa ter consigo e tem a mesma conversa mas com pequenas alterações, e diz-lhe assim: Está a gostar da festazinha? Diz isto pausadamente e num tom de voz bastante alto. E diz-lhe ainda o seguinte: Ainda não foi comer deve estar com fominha. Trouxe-lhe aqui umas coisinhas. Vá, coma, coma tudo até ao fim e deixe-se estar sentadinho para não cair. Aquilo que eu agora gostava de saber em relação à primeira pessoa e à segunda pessoa, para si quais são as principais diferenças entre a abordagem da primeira e da segunda pessoa. Se nota alguma diferença, se não nota... A sua opinião.

Entrevistado: Mas você vai-me fazer um favor... de me ler isto, porque estas letras eu já não as leio, para eu depois fazer uma apreciação.

Entrevistador: Está bem. Estão demasiado pequenas as letras?

Entrevistado: Já não tenho lentes para mim.

Entrevistador: Vem a primeira pessoa e diz-lhe assim: “Sr. x está a gostar da festa?” Pergunta-lhe. Depois diz-lhe assim também: “Reparei que ainda está sentado e que ainda não foi até à mesa servir-se. Deseja tomar alguma bebida ou comer alguma coisa? Se quiser pode acompanhar-me”. Esta é a primeira pessoa e agora vou ler a segunda que diz-lhe o seguinte: “Então, está a gostar da festazinha?” Diz isto numa fala vagarosa e num tom bastante alto. Depois diz-lhe assim: “Ainda não foi comer nada deve estar com fome. Trouxe-lhe aqui umas coisinhas. Vá, coma. Coma tudo até ao fim e deixe-se estar sentadinho para não cair”.

Entrevistado: Olhe se fosse aqui a resposta era: Não tenho apetite. Mas em relação à primeira era: Olhe não tenho vontade, ou estou um bocadinho indisposto mas assim que me passe a indisposição eu aceito.

Entrevistador: Em relação à primeira...?

Entrevistado: À primeira. A esta não dava resposta (cenário b)).

Entrevistador: Não dava resposta?

Entrevistado: A minha resposta era só: Não me apetece, estou aborrecido, ando chateado da vida...

Entrevistador: Então mas porque é que à primeira responderia: Obrigada mas já vou...

Entrevistado: Porque não há assim muita imposição, é coisa trivial. Como: Oh Sr. x você quer comer qual coisinha? Ou vai um pastelinho, um copinho de vinho e tal, e eu aceitava a primeira porque acho que se enquadra mais com a minha maneira de viver.

Entrevistador: Se tivesse de escolher uma destas pessoas para vir ter consigo, escolhia a primeira...

Entrevistado: Escolhia a primeira. Não tenho dúvidas ao dizer, e acho que não ficava mal.

Entrevistador: Já me disse como responderia, como é que reagia, ah... já disse também que preferia ser tratado como da primeira forma (cenário a)). Há alguma coisa na segunda pessoa (cenário b))...

Entrevistado: Há uma exuberância, assim de... de...

Entrevistador: Alguma palavra que lhe tocou particularmente...?

Entrevistado: Uma palavra não. É a maneira como está a falar comigo, num tom de voz que não havia razão de empregar esse tom de voz.

Entrevistador: Não havia necessidade...?

Entrevistado: Não, não havia necessidade. Quanto ao resto, já tinha dito que essa não me dizia nada, quer dizer, com muito respeito dizia: Não, olhe não me apetece, estou doente, estou chateado e não aceitava, mas também não tratava mal a pessoa, não é?

Entrevistador: Sim, sim. É isso que me está a dizer, mas não aceitava esta (cenário b)) porque ela utilizou uma fala...

Entrevistado: Uma fala muito alta, acho que é uma ostentação que não havia necessidade, em relação ao convite que me estava a fazer.

Entrevistador: Sim, porque o convite basicamente é o mesmo nos dois cenários...

Entrevistado: É, é, mas aquele tem outro tom, é mais suave (cenário a)).

Entrevistador: O primeiro. Gosta mais do primeiro.

Entrevistado: Gosto sim senhora. A pessoa parece que já era do meu conhecimento e já nos conhecíamos à alguns anos. A expressão é aquela mesmo própria de um individuo que já se conhece à uns anos.

Entrevistador: Muito bem... O que eu lhe queria perguntar agora é se concorda com o tipo de discurso, utilizado pela segunda pessoa que falou consigo?

Entrevistado: Concordo, porque não me fez mal nenhum. Aceito, aceito.

Entrevistador: Aceita, mas não é o tipo de discurso...

Entrevistado: Não me demove, até que posso ter muito mais conhecimento com esta pessoa e já ter falado muita muita vez, mas aquela... é um bocadinho assim mais ao meu ajuste.

Entrevistador: Sim, gostou mais. Está bem. Diga-me uma coisa, acha que esta segunda situação, a segunda pessoa que vem ter consigo, pode estar podia estar a trata-lo de uma forma discriminatória?

Entrevistado: Ah, não. Não noto aqui discriminação, acho que o tom de voz é que é um bocadinho... não próprio para um convite para beber um copo de vinho ou beber uma bebida e comer qualquer coisa. Dá uma palmada nas costas por exemplo: “Oh C. queres ir beber uma coizinha?”, e eu aceitava... Oh menina Ana, este senhor para mim não foi indelicado só que...

Entrevistador: Identificou-se mais com o primeiro.

Entrevistado: Exatamente.

Entrevistador: Está bem. Agora mudando aqui um bocadinho de assunto, para si o que é ser idoso?

Entrevistado: É Deus nosso senhor ter-me cá nesta vida.

Entrevistador: Mas ser idoso para si é uma coisa boa, é uma coisa má...

Entrevistado: Para mim é ter tanta idade, Deus assim quer.

Entrevistador: Mas para si, sente que é uma coisa boa, uma coisa má...

Entrevistado: Nem é bom nem é mau... É próprio de quem nasce, se nasceu tem de morrer. E eu tenho esperado tanto que chegue a minha hora e ela não aparece e eu vou-me contentando com o desejo de Nosso Senhor.

Entrevistador: Ainda não chegou a sua hora.

Entrevistado: Ainda não chegou, pois não. Não quero mal a Deus, é próprio, agente nasce tem de ter um ciclo.

Entrevistador: Basta esperar por esse dia.

Entrevistado: Claro que pesa um bocadinho na idade, a nossa movimentação, às vezes a expressão falada, o olhar, o cansaço, tudo se conjuga para... agente desejar: “tomara Deus que me levasse”. Já não há vontade própria para fazer qualquer coisa de útil, não digo à sociedade mas aqui podia ser prestável mas não tenho vontade própria.

Entrevistador: Então, o Sr. x está a dizer-me que por si próprio não tem essa vontade, não é que às vezes não puxem por si, mas o Sr. é que já não tem...

Entrevistado: Como há dias... Há dias deram castanhas, convidaram-me sinceramente eu fiquei a falar sozinho mas depois até veio uma pessoa amiga, que nem está cá, que era alfaiate e eu disse: “Oh Sr. Manuel estou chateado. Convidaram-me para eu ir ajudar a descascar castanhas

e eu disse que não.” Mas sabe porque é que eu disse que não? Porque lá está, eu não tenho vista, e eu com a faca na mão, e se eu corto um dedo? Recusei mas não pude, não foi uma coisa de propósito, fui obrigado pela força das circunstâncias.

Entrevistador: Até tinha vontade...

Entrevistado: Tinha vontade. Já tenho feito aqui muita coisa, coisas pequenas, aqui como há uns anos participei nos ensaios e fui figurante da vida de Cristo, lá em baixo. E por vezes vou aqui com a Dra., vão duas carrinhas, vou. Convidam-me e eu aceito, embora às vezes contrariado pelos motivos que eu já disse, assim um bocadinho... Vou e não perco... Respeito, ela é a diretora só que também digo assim: “Se eu não vou fico aqui todo o dia e vejo ao menos as pessoas e aqui estou a ver as cadeiras vazias”. Olhe acabo por ir.

Entrevistador: E faz bem. Queria então saber se ser idoso é uma coisa mais para o positivo ou mais para o negativo. Precisava desta resposta no sentido em que, o Sr. estava a dizer-me que nem é uma coisa nem é uma coisa má...

Entrevistado: A respeito daquilo?

Entrevistador: Não. Para si... o Sr. x já tem a belíssima idade de 92 anos. Sente que chegar a essa idade é uma coisa realmente boa e positiva ou acha que não, que ser idoso...

Entrevistado: Não, tenho que dizer que não. Não há duvida nenhuma, e Deus que me perdoe mas... está a ver, estou sozinho, todos os meus familiares e amigos não... tenho muita admiração, tenho muita estima, que eu fui viajante 50 anos mais uns meses mas eu... quer dizer... epá a idade pesa e eu já não tenho vontade própria para... “ai eu gostava de viver até aos 100 anos!”. Eu não, isso é um absurdo.

Entrevistador: Não tem esse objetivo...

Entrevistado: Não tenho esse objetivo.

Entrevistador: Então diga-me uma coisa, está a dizer-me que para si chegar à sua idade não é necessariamente positivo...

Entrevistado: Não, não. Também não é proibitiva, note bem, eu também estou cá é porque, olhe porque se está a proporcionar.

Entrevistador: Porque Deus assim o quer.

Entrevistado: Não vou também dizer que não gosto de ter 92 anos, só porque... “Epá nem parece que tem 92 anos!”. Mas se tivesse 60 era a mesma coisa.

Entrevistador: Diga-me uma coisa: Qual acha que é a imagem, a ideia que as pessoas no geral, mais novas, de todas as gerações têm das pessoas idosas?

Entrevistado: Para mim não há nenhuma animosidade, que as pessoas que me conhecem me revejam assim... que a minha idade seja exorbitante, aceitam e até: Épa quem me dera ter a sua idade. É engraçado, não mostram animosidade.

Entrevistador: Então para ser mais concreta, acha que as pessoas no geral, aqui da comunidade ou até mesmo em Portugal, têm uma imagem positiva ou uma imagem...

Entrevistado: Têm uma imagem positiva, têm.

Entrevistador: Têm? Do envelhecimento?

Entrevistado: Têm, têm. As pessoas ficam um bocado assim: “Também gostava de ter essa idade”, não há dúvida de que é positiva.

Entrevistador: Muito bem... Diga-me uma coisa: Está a dizer-me que as pessoas têm uma imagem positiva do envelhecimento, mas põe a hipótese de haver pessoas que têm uma imagem negativa do envelhecimento? Acha que poderá haver pessoas...

Entrevistado: Podem ver aquilo como um grande feito, mas às vezes, eventualmente há tipos adversos à idade de 92 anos: o que é que este gajo anda aqui a fazer, anda aqui a comer à nossa, é isso. Entre a parte positiva de a pessoa até gostar: Olha para a cara dele nem parece ter 92 anos, parece um rapaz. Não digo nada mas...

Entrevistador: Mas fica satisfeito.

Entrevistado: Ao passo que também há o lado negativo que são aqueles tipos que...

Entrevistador: Então admite que existem essas pessoas...

Entrevistado: Existem. Existem, até quando andei muitos anos, como lhe digo, com uma pasta na mão e vejo que as pessoas, já nessa altura tinha 60 anos e menos, eu reformei-me com 66 anos e depois ainda andei mais uns 4 ou 5 anos, já estava na casa dos 70 e as pessoas: “Oh Sr. x até para a próxima visita, agora não precisamos de nada ou tome aí nota disto”. Tinha o bloco de notas e escrevia. De maneira que não vejo... vejo que há pessoas que gostavam de estar ao pé d’agente.

Entrevistador: Muito bem. Então e acha que essas pessoas que têm uma imagem menos positiva ou negativa do envelhecimento, podem vir a discriminar as pessoas mais velhas...

Entrevistado: Não é discriminar, é... É um desabafo que por vezes cai mal. Não que seja aquilo... não é rancor, não é aversão. Desabafar: “O que é que este gajo anda aqui a fazer? Olha, já viram este gajo, não faz nada, não trabalha, anda a comer à conta...”

Entrevistador: Não sente que isso seja discriminação...?

Entrevistado: Não, não, é um desabafo. Não tenha dúvida de que é, mas às vezes também custa ouvir.

Entrevistador: Exatamente. Então e o que é que acha que poderia ser feito, a todos os níveis, para que essas pessoas que têm esses desabafos em relação às pessoas idosas mudarem...

Entrevistado: É difícil de responder. Pela simples questão, é que eles já são homens. São pessoas já duma certa idade não é? Eu para mim os 50 não é nada nem os 60. Mas o que é que se vai fazer diga-me lá? Por vezes é uma falta de educação outra vez também é os estudos, muitos nem têm a escola, as primeiras letras. E agente fica assim a olhar: “Opa está calado que tu não sabes se chegas lá, aos 92 anos.” E agente contrabalança assim um bocadinho... e eles acabam, começam: “Epá estava a brincar.” É assim. O que é que vamos fazer?

Entrevistador: Então acha que não há nada de especial a fazer...

Entrevistado: Não. Não. Não vejo que seja uma ofensa.

Entrevistador: Para si...

Entrevistado: Para mim. E a pessoa que tem essa idade que se vai aborrecer, e vai... quando até é uma palavra obscena, ainda é pior que o outro.

Entrevistador: Muito obrigado pela sua participação.

Entrevistado nº6

Entrevistador: Então o que eu queria começar por saber era: Normalmente como é o seu dia-a-dia.

Entrevistado: Isso é tão complicado... Apesar da idade que tenho, vou fazer 73 anos, tenho 72, apesar da idade tenho uma vida ativa, não direi a 100%, tanto eu como ele (companheiro). Ele agora está doente, tem um problema no joelho, mas de qualquer das maneiras temos uma vida ativa, tanto aqui nas aulas como na vida de casa, do lar, como na agricultura, que nós tratamos de tudo.

Entrevistador: Têm a vossa horta...

Entrevistado: Sim, temos uma horta, temos um quintal grande, enorme, é maior que esta Universidade, mas não é só, temos também uma horta ali na Lameirinha, em que tenho oliveiras e videiras e temos tido vinho sempre, até para vender e tudo, só que deixámos um pouco este ano, cortámos uma parte porque já não tínhamos, uma porque se vendia mal e porque já nos custava bastante tratar de tudo. É muito trabalho. Este ano a azeitona deu muito trabalho, porque ele não conseguiu apanhar, praticamente fui eu sozinha mais um cunhado meu que me ajudou. Entretanto depois tive de limpar o olival, no fim de se apanhar a azeitona fica o olival cheio de rama, ramos enormes, tive de estar a cortar aquilo com uma pedoa porque não conseguia com o motosserra, andei com a pedoa à mão, andei lá uns 3 ou 4 dias, fiquei derreada, até trago aqui uma tendinite, ando desgraçada dela e depois queimar a lenha e depois com o calor, estava muito calor, olhe consegui emagrecer 3 quilos, mas foi bom fiquei elegante, estava aqui com uma barriguita...

Entrevistador: Tem as suas vantagens...

Entrevistado: Pois. Vantagens e desvantagens, porque eu transpirava tanto, bebia tanta água e quase não comia tinha de emagrecer mesmo. Foi à força mesmo.

Entrevistador: Então no seu dia-à-dia...

Entrevistado: No meu dia-à-dia faço a vida normal de casa, comida, limpeza da casa que não tenho ninguém, e os outros tempos que me sobram, por exemplo, os dias que não tenho Universidade que é as segundas e as sextas e aos sábados, trato da horta e semeio as coisas, agora as favas, as coisas da época, tudo o que é feijão e essas coisas nós não compramos nada. Quer dizer nós semeamos tudo e fica mais caro que comprar mas pelo menos agente sabe o que come.

Entrevistador: A qualidade é diferente.

Entrevistado: É diferente. Há uma coisa, tenho até de mais, só tenho um filho e ele vem cá rara a vez e até tenho de mais, tanto que dou aí sei lá, quando foi do tomate, aquilo deu tomate a mais, era caixas de tomate que trazia para todo o lado, era para a cabeleireira, para aqui, para ali. Estavam lá, em vez de se estragarem oferecia. Pronto, o dia-à-dia é precisamente esse, bastante ativo. Olhe hoje de manhã estive a passar a ferro da 9 às 11 horas, tinha aula às 11 horas, desde as 9 até às 11 a passar a ferro. Pronto é lavar a roupa na máquina, há a comida, há a vida da casa, aliás para mim já era o suficiente, até de mais mas pronto eu gosto da horta, gosto muito da horta. E repare, as mãos estavam nojentas, era golpes, era calos e tudo, mas depois ponho um bocado de lixívia e está bom.

Entrevistador: Então e diga-me uma coisa, para além de participar aqui na Universidade Sénior participa em mais alguma atividade, aqui na comunidade?

Entrevistado: Não mas gostaria, gostaria se tivesse tempo. Fazer um voluntariado. Por acaso gostava, era uma coisa que eu tinha aqui à 8 anos quando me inscrevi na Universidade ainda me inscrevi num Lar, no Centro de Dia de Seíça, que eu sou natural da freguesia de Seíça, agora moro aqui em Ourém, mas sou de Seíça. Inscrevi-me lá, ainda fui uma vez ou duas mas depois não consegui, não consegui porque pronto, era a Universidade os dias todos, depois era a peça do teatro que é muito trabalhosa, nós fazemos parte desse grupo, depois bem não vamos atuar aqui ou ali, lá vai agente fazer ensaios. Se eu deixasse outras atividades, a horta talvez consiga, porque é uma coisa que eu gosto, gosto muito de participar, pronto, em ajuda ou dar alimentação ou qualquer coisa que se eu puder...

Entrevistador: Contribuir de alguma forma...

Entrevistado: Pois, de alguma forma. Ou acompanhar as pessoas, falar com elas, que eu gosto muito de falar...

Entrevistador: Então diga-me uma coisa D. X, no seu dia-à-dia costuma interagir, costuma falar, estar com muitas pessoas diferentes?

Entrevistado: Sim, aqui na Universidade Sénior por exemplo, com pessoas diferentes. Eu estou com o António, considero-o meu marido, mas não é, é o meu companheiro, conhecemo-nos aqui na Universidade, à 8 anos, faz agora 8 anos para Dezembro, conhecemo-nos em Outubro mas só em Janeiro é que nos juntámos, ele era viúvo e eu também sou viúva e pronto, tinha tido um problema grave de saúde com o meu marido, tinha a doença de Parkinson desde os 50 anos e então passei muito. Morava na minha casa da Lameirinha que lá tenho a casa. Agora estou

aqui com o António na Beltroa, que é a casa dele mas vamos à nossa casa lá do outro lado. Eu assumi a parte dele e ele assumiu a minha parte. Ele ajuda-me a tratar das coisas minhas e eu ajudo a tratar das coisas dele. Agora que ele está em França eu faço como sendo a mulher e o homem, faço tudo, trato da horta...

Entrevistador: Tem de assumir o papel dele enquanto está ausente...

Entrevistado: E provavelmente vou ter com ele, para a semana logo vejo. Se ele fosse operado já tinha ido.

Entrevistador: Mas já está marcada a operação?

Entrevistado: Não. Estava marcada para sexta mas desistiram porque o operador queria era comer o dinheiro, queria pôr uma prótese e não é necessário. Foi a outro especialista e disseram-lhe que nem prótese nem menisco, é simplesmente a cartilagem partida. É mais grave, porque a cartilagem naquela idade é difícil voltar a juntar, é preciso muito tratamento, muita fisioterapia, muita coisa e eu fiquei um bocado desanimada.

Entrevistador: Vai correr tudo bem...

Entrevistado: Pois, corre bem mas com muitas dores...

Entrevistador: Pois, a recuperação talvez não seja fácil.

Entrevistado: As dores de noite, ele dormia bem e eu não, agora é ao contrário, eu durmo e ele levanta-se tem de ir esticar a perna não consegue estar deitado.

Entrevistador: Pois. Diga-me uma coisa.

Entrevistado: Se calhar estou a falar de mais.

Entrevistador: Não, não. Está a dizer-me que interage com várias pessoas aqui da Universidade e quando com certeza vai à rua, ao cabeleireiro... Como é que diria que essas interações decorrem, ou seja, como é que essas pessoas com quem a D. X se cruza a tratam?

Entrevistado: Olhe, é uma coisa engraçada. Apesar de eu ter 72 anos, convivo com pessoas de 20 e tal 30 anos, que é o caso da cabeleireira e da esteticista, eu falo com elas e elas falam comigo como se fossemos da mesma idade. Exatamente a mesma coisa. Porque eu sou bastante avançada nas ideias, não tenho aquelas ideias, aliás basta olhar para o meu vestuário...

Entrevistador: Não aparenta nada a idade que tem.

Entrevistado: Não. A cara está enrugadita mas isso é porque eu não a tratei. Vim para aqui há 15 anos, o que é que eu fiz, pus-me a andar ao sol e não punha nada. Agora é que eu estou a tratar mas já é um bocado tarde, mas pronto, ainda vai a tempo de melhorar um pouco. Mas pronto, tenho a esteticista que é uma moça que tem 28 anos e eu falo com ela, ela até é uma moça, ela admira-se porque é raro, tem muitas clientes, umas mais novas outras da minha idade mas pronto, não são o meu género, não pode falar com ela de assuntos, até sexuais, tudo, falamos de tudo e mais alguma coisa. Das experiências que temos, eu ensino-a ela conta-me as delas eu conto-lhe as minhas, olhe é uma coisa, como é que posso explicar, é uma interação que não é só estar ali a falar, é mesmo...

Entrevistador: Uma partilha...

Entrevistado: Uma partilha, uma amizade, uma amizade que agente gosta, mas também é um bocadinho mais. A Patrícia, que até já foi aqui nossa Professora de dança e eu aprendi a dançar com ela, que era uma das coisas que eu ia dizer também, que era um dos meus sonhos, era aprender a dançar e a música, falta-me aprender a música, porque não há aqui ninguém que aprenda música, ler a música, porque a música de ouvido eu sou capaz, agora cantar e dançar isso sou, agora gostava era de aprender a ler a pauta e perceber a música. Pronto e essa moça foi minha professora de dança tanto aqui como num grupo que ela tinha, andámos lá uns três anos, ensinou-nos as danças latinas e outras já sabia, e agora danço aí que é uma maravilha, coisa que não sabia, nem ele nem eu dar um paço. Quer dizer, eu um paço é como quem diz, eu tinha jeito para a música e aprendi facilmente, o António é que nem um paço. Era como ele diz... Como é que se chama a uma pessoa que não sabe dançar?

Entrevistador: Um pé de chumbo.

Entrevistado: Pé de chumbo, era um pé de chumbo. E ele agora dança tão bem ou melhor que eu. Por isso aprendemos aqui, aqui a Universidade foi ótima. Não sei se vai fazer perguntas a esse respeito...

Entrevistador: A respeito de...?

Entrevistado: Da Universidade.

Entrevistador: Não, não vou entrar muito pela Universidade.

Entrevistado: Pronto, é que na Universidade eu tenho muitas experiências. A dança, o caso da escrita... Temos aqui um professor que é o Sérgio Ribeiro, é uma pessoa impecável, temos

cidadania e a oficina de leitura e escrita. Eu com ele, pronto, eu era uma pessoa tirei o 5º ano antigo, mas já adulta, já aos 30 anos que eu tirei. Fui para a escola novita, fiz a 4ª classe mas a minha mãe não me deixou continuar, mas depois mais tarde tirei. Gostava muito da escola, tanto gostava que vim para aqui. Não é uma escola a sério mas aprende-se na mesma, muita coisa... Dança, informática... Eu não sabia nada de informática e hoje, pronto não sou uma barra mas percebo para me desenrascar em tudo, desde o word e tudo, o excel é que eu não gosto, mas de resto... No entanto tenho dias que nem vou lá, porque tenho tanto que fazer que nem dá para ir ao computador. É a lida da casa e depois é a costura. Sou modista de profissão, pronto e depois mais tarde quando tirei o curso pus então uma loja porque precisava de alguém, pronto para a contabilidade... Tirei um princípio de inglês, um princípio de tudo...

Entrevistador: Então estávamos a falar dessas interações que a D. x estabelece aqui na Universidade e fora da Universidade, quer dizer que essas interações ocorrem sempre de uma forma positiva? Estava a dizer-me que normalmente...

Entrevistado: Sim. Tal e qual como se fossemos da mesma idade, tal e qual. Não temos tabus, elas falam, nós rimos nós brincamos, às vezes elas até desabafam e ao contrário, e com a minha ajuda e eu com a ajuda delas levantamos a moral, e assim... Ela às vezes até diz assim: Só com a D. x só com a D. x! Pronto dizem assim estas coisas. Pronto temos assim uma relação, uma relação boa.

Entrevistador: Agora gostava de saber a sua opinião sobre uma situação que eu inventei, mas que eu gostava que a D. x se pusesse nessa mesma situação. Imagine que é convidada para ir a uma festa organizada pela Câmara Municipal e nessa festa estão várias pessoas aqui da comunidade. No intervalo da festa está à disposição uma mesa com várias bebidas e comidas e estão acessíveis a toda agente, toda agente se pode ir servir, inclusive pessoas com mobilidade reduzida. Depois vem uma pessoa ter consigo, que é este cenário que lhe estou a mostrar agora, e diz-lhe assim: “Então D. x está a gostar da festa?” e diz-lhe também assim: “Reparei que ainda está sentada e não foi até à mesa servir-se. Deseja tomar alguma bebida ou comer alguma coisa? Se quiser pode acompanhar-me”. Vem esta primeira pessoa e diz-lhe isto, que acabei de ler. Agora imagine que está na mesma situação, mas é abordada por outra pessoa que lhe diz assim: “Então D. x está a gostar da festazinha?” E diz isto numa fala mais lenta e num tom mais alto. E depois diz-lhe assim: “Ainda não foi comer, deve estar com fominha. Trouxe-lhe aqui umas coisinhas. Vá, coma! Coma tudo até ao fim e deixe-se estar aí sentadinha para não cair”. Que é esse cenário b) que tem na mão.

Entrevistado: Acho graça, foi bem apanhado esta.

Entrevistador: Aquilo que eu queria saber é para a D. x quais são as principais diferenças ou qual é a principal diferença entre o cenário a) e o cenário b).

Entrevistado: As diferenças... Eu para já prefiro esta primeira pessoa porque é muito mais, pronto, mais educada, mais... não quer dizer educação mas... não sei como é que vou explicar... falou-me de uma maneira que não me obrigou a fazer nada. Perguntou-me só, e esta (cenário b)) já me ia buscar coisas e queria que eu comesse tudo e não sei quê. E eu até nem como, como pouco e nem bebo nada, não bebo nadinha, não bebo bebidas alcoólicas nem nada por isso eu preferia sempre esta resposta (cenário a)) e não esta (cenário b)), porque esta pessoa estava a intrometer-se numa coisa que me estava a obrigar a fazer.

Entrevistador: Preferia então ser tratada como a primeira porque a segunda estava realmente a impor-lhe...

Entrevistado: Está a impor e por outro lado eu até preferia não ser tratada por ninguém porque eu sabia muito bem aquilo que havia de fazer. Porque pronto, a pessoa está lá, pode estar a gostar ou não gostar da festa depende da festa que seja. Eu às vezes estou a ver um programa de televisão e desligo o programa, não me está a interessar. Se for por exemplo telenovelas eu não vejo...

Entrevistador: Tem autonomia para decidir aquilo que quer.

Entrevistado: A quinta não sei quê não sei quê, nem sei o que é, ouço falar mas nem sei o que é, o big brother também não, não sei nada disso, nem quero saber, nunca quis saber disso para nada. Acho que isso é uma estupidez e só ensina as pessoas a serem, pronto... olhe eu não sei como é que gente nova consegue ver aquelas coisas, não sei, não percebo, não consigo. Pronto, eu só gosto de política, gosto de ouvir toda agente, não sou cética, gosto de ouvir toda agente, apesar de ter a minha opinião política não digo assim: olha tenho aqui umas talas nos olhos e só olho para ali. Vejo todos, ouço todos. A do bloco de esquerda, todos até à direita e depois faço a minha...

Entrevistador: A sua avaliação.

Entrevistado: A minha avaliação. Tiro a minha ideia e depois, faço assim e não voto quase sempre no mesmo, não digo assim: ai tenho de votar naquele porque aquele... não, depende das situações e da pessoa. Normalmente não voto nos partidos, é na pessoa.

Entrevistador: Na pessoa que lhe inspira mais confiança.

Entrevistado: Há um deputado, deste ou daquele, que realmente eu vejo que é uma pessoa decente ou conheço... Por exemplo, para as autárquicas é diferente, para a assembleia da república já é diferente. Vim para aqui há 15 anos, morei no Seixal, é capaz de conhecer, pronto era um distrito muito “pá frentex” e talvez por isso a minha maneira de ser diferente e muito evoluído politicamente, em todos os aspetos, não tem nada a ver. Eu quando cheguei aqui a Ourém foi uma desilusão total digo-lhe. A mentalidade das pessoas: não fazem isto porque fica mal etc. etc. e reparam em tudo, se agente está a falar já está a namorar. Agora isto já está um bocadinho melhor, mesmo aqui na Universidade, um bocadinho melhor, mas no princípio nem queira saber. As pessoas em vez de virem para acompanharem ou falarem era para cuscar, e falavam de tudo, quando eu estava a falar com o António e estávamos a pensar em juntar, já as pessoas falavam tudo ainda nós não tínhamos feito nada nem combinado nada, já estava tudo... Isso para mim foi um choque. Estava habituada a um tipo de vida diferente, uma maneira, uma mentalidade diferente, a viver pronto, na loja, a falar com as pessoas, não tem nada a ver. Eu continuo a achar que mesmo assim, apesar de agora já estar um bocadinho melhor, as pessoas e tal, mas ainda há muito atraso aqui na zona. Muito atraso referente...

Entrevistador: As mentalidades são muito fechadas ainda.

Entrevistado: Muito fechadas. Depois eu pensava: Esta “velharada”, não me incluo nela, quando morrer toda isto fica diferente, mas não. Eu vejo que os jovens, não são todos felizmente, temos aqui uma professora, a Suse, que é nossa professora de ginástica, temos várias pessoas, e há muito mais claro, que conheço que são espetaculares mas alguns não são, continuam a ver os pais, como eles fazem, continuam a cuscar... e a ver as telenovelas e não evoluem nada. Eu às vezes falo com uma pessoa, às vezes no cabeleireiro ou num lado qualquer e falo e vejo que a pessoa não, pronto, não andou nada para a frente, não tem ideias próprias, vai por aquilo que ouve em casa, pronto não tem. Eu sempre tive ideias próprias, ouço toda agente como digo mas a decisão final é minha, sempre minha. Nunca deixo que ninguém diga fazes isto, e eu faço. Ouço, penso: “Será que tem razão? Será que não tem?” Depois penso assim: “Se calhar tem”. Se eu achar que tem, retrocedo um bocadinho, mas se eu achar que não tem avanço, pronto.

Entrevistador: Muito bem. Então D. X diga-me uma coisa, se estas situações acontecessem consigo, tanto a a) como a b) como é que reagia em cada uma delas? Imagine que estava realmente nessa festa e que a primeira pessoa vinha ter consigo, como é que reagia?

Entrevistado: A esta nem lhe respondia. Podia até sei lá...

Entrevistador: A esta, à b)? Nem sequer dizia nada?

Entrevistado: Não. Porque ela estava-se a intrometer. Queria-me logo trazer comer, coma. A esta nem respondia... Está a gostar da festa? E eu dizia que realmente dependia da festa, se estivesse a gostar dizia que sim, se não fosse uma coisa “foleirona”, dizia que sim. Está sentada e não se foi servir... Podia responder, não tenho vontade ou por qualquer motivo.

Entrevistador: Exato. Seria educada e responderia.

Entrevistado: Respondia como ela, educadamente.

Entrevistador: Já aqui neste caso (b))...

Entrevistado: Não. Esse aí era muito intromissiva para mim.

Entrevistador: Está bem. Era essa distinção que eu queria perceber.

Entrevistado: Isto foi inventado por si?

Entrevistador: Foi.

Entrevistado: Parabéns, porque realmente pôs uma situação que pode acontecer e aliás é muito próprio das pessoas aqui de Ourém, digo-lhe já. Esta segunda hipótese é própria das pessoas de Ourém. Elas intrometerem-se, aliás já aconteceu aqui, eu às vezes como já andava na natação e ando na dança à mais tempo, virem pessoas novas e a pessoa estar a querer ajudar e eles fazerem isto precisamente, esta situação.

Entrevistador: Diga-me uma coisa, vou fazer-lhe uma pergunta que acabou já por me responder, que é: Concorda com o tipo de comunicação que está presente na 2ª situação?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: Não concorda. Também já me disse o que pensa à cerca disso, que a pessoa estar a intrometer-se na sua vida. Então diga-me uma coisa, considera que esta situação, presente no cenário b) pode discriminar... Imagine que esta situação acontecesse consigo, se essa pessoa viesse ter consigo e tivesse este tipo de discurso considerava que podia estar a ser discriminada?

Entrevistado: Sim, sim. Porque essa pessoa estava-se a impor, fazer-se superior a mim. Na maneira de ela falar comigo, sentia-se que... uma festinha, assim uma coisa. Sentia que ela estava a fazer... que estava-se a sentir superior, a achar que eu era uma coisa insignificante que

estava ali, foi isso que eu achei. Assim que me leu isto, eu achei logo isso, não sei porquê mas achei logo. Pronto, não é nada o meu género, chegar ao pé da pessoa e então... Este tipo de discurso, de linguagem.

Entrevistador: Mudando agora um bocadinho de assunto. Para si, o que é ser idoso?

Entrevistado: Olhe eu não sei se isso idoso, se é considerar idoso mesmo. Eu acho que a idade está na cabeça das pessoas. A cabeça das pessoas é que manda, porque pode ter 20 anos ser velho, e pode ter 70 como eu e ser jovem.

Entrevistador: Aqui idoso compreende-se uma pessoa como 65 ou mais anos. Para si o que é que é chegar a esta idade, que já chegou.

Entrevistado: Felizmente é bom porque a pessoa vê coisas, se não chegar lá não chega, pronto, não viu isto não viu aquilo... Por um lado é uma vantagem, aliás eu acho que é vantajoso sobretudo desde que a pessoa se sinta bem e tenha saúde e que realmente não seja retrógrado, não esteja sempre a pensar no passado: “Ai quem me dera ser nova”. Não, tem de aceitar a velhice, como tudo tem de ser aceite. Tanta gente já passou por aquela fase...

Entrevistador: É a evolução normal da vida.

Entrevistado: Evolução normal da vida, das pessoas... é como lhe digo, a idade da pessoa, para mim não conta nada, nada nada. Se a pessoa sentir que é capaz de tudo, mesmo que não seja, mas a mentalidade esteja aí, pronto, como é que posso explicar... a idade é a cabeça, é simplesmente isso.

Entrevistador: Então, para si ser idoso, uma vez que a D. x já chegou a essa etapa, isto numa questão de idade, não por uma questão de mentalidade, para si é uma coisa boa? Pelo que me está a dizer é bom atingir essa idade...

Entrevistado: É... Então não é. Se a pessoa morre jovem não tem experiências como eu já tive. Já tive tanta experiência, tanta história que não dava para contar... Desde miúda que entrei para a escola, e me tiraram logo, no dia em que eu fiz 7 anos, daí era uma experiência que pronto, se tivesse morrido miúda já não passava. Pronto, passei por várias experiências, umas boas outras más, lógico. Passei pelas doenças, pelos sofrimentos, pela morte de dois filhos, quer dizer, eu já passei por muita coisa boa, no entanto eu tento ultrapassar, quer dizer eu tento dar a volta, fico com aquilo, aquilo não me esquece, aquilo está cá gravado e eu digo assim: “Olha tenho

isto, aquilo...” mas depois digo assim: “Então mas a vida é boa. A vida tem que se viver”. A pessoa tem que dar a volta por cima. Tem de se pensar assim: “Amanhã é outro dia”.

Entrevistador: Ter a capacidade de avançar.

Entrevistado: Eu também tenho, como é que hei de explicar... também tenho dias negativos, como toda agente tem. O normal da pessoa não é estar sempre eufórica, isso eu acho que não é normal. E não estar sempre em baixo, tem altos e baixos. Tenho dias, por exemplo ontem, quando ele me disse: “Olha eu tenho isto assim assim”. Eu fiquei... de noite já não dormi tão bem. Era uma e tal da noite, tanto que eu agora, fui-me deitar um bocadinho por estava, sentia-me em baixo e não dormi bem e precisamente por isso, mas depois levantei-me de manhã: “Vá embora, vou passar a ferro. Toca de passar a ferro”. Passei duas horas a ferro, vim para a ginástica.

Entrevistador: Distrair-se, exatamente. Então e considera que essa sua opinião, de que envelhecer e ser idoso é uma coisa positiva, é a opinião das pessoas no geral? Das pessoas neste caso mais jovens.

Entrevistado: Ah... quer dizer, depende. Há jovens que consideram, gostam e tratam as pessoas de idade bem, acham que elas têm muita experiência e aceitam os conselhos, ou ouvem-nos pelo menos, mas há outros que não, depende dos jovens.

Entrevistador: Quando falo de pessoas mais jovens, estou a falar de pessoas por exemplo até aos 60 anos.

Entrevistado: Sim, sim. Há pessoas que aceitam bem e gostam e há outras que: “Aquele velho...para aqui e para ali”. Quer dizer, tratam a pessoa assim.

Entrevistador: Há de tudo um pouco então?

Entrevistado: Há de tudo um pouco, sim há.

Entrevistador: Qual acha que é a imagem que a população no geral tem das pessoas idosas? Maioritariamente tem uma imagem positiva, ou acha que é mais para o negativo?

Entrevistado: Quer dizer... Talvez mais para o positivo. Porque eles vêm em nós umas pessoas que já tiveram experiência, com quem podem aprender, quer dizer, salvo raras exceções, não é, que também acontece o contrário, mas eu daria uma nota positiva.

Entrevistador: Muito bem.

Entrevistado: Aliás, eu não gosto de nada negativo.

Entrevistador: Acha que devido a haver essas pessoas, que me estava a dizer que têm uma visão negativa do envelhecimento e das pessoas idosas, considera que podem surgir situações de discriminação contra as pessoas idosas, por parte dessas pessoas que têm essa visão negativa?

Entrevistado: Sim, para algumas sim. Mas na maioria, como lhe digo é nota positiva. Na maioria as pessoas consideram... realmente a não ser que haja pessoas de idade que também são chatos, têm o seu feitio, e às vezes também são maldosos, também fazem certas coisas, que agente vê, com os filhos e não sei quê e fazem tiranias, quer dizer... Acontece de tudo um pouco na sociedade, mas no entanto, eu vejo que as pessoas de idade são consideradas, são.

Entrevistador: Então não considera que podem surgir situações de discriminação por parte dessas pessoas que vêm o envelhecimento de uma forma negativa? Acha que essas pessoas que vêm o envelhecimento de forma negativa, não discriminam?

Entrevistado: Alguns sim, outros não. Pronto, como eu digo, a maioria acho que não discrimina por isso é positivo, acho que não.

Entrevistador: Está bem.

Entrevistado: Como se costuma dizer: num rebanho há sempre uma ovelha ranhosa. Mas essa ovelha não conta. Essa ovelha, ou essas ovelhas não contam, o que conta é o grosso da população, em geral. Agente vê aqui na Universidade que é tudo pessoas a partir dos 60, 70, até 80, no entanto quanto mais idade têm, acho que são mais estimadas ainda pelos outros, eu acho que sim, pelo menos eu vejo.

Entrevistador: Então e nesses casos, que me está a dizer que para si são poucos, de pessoas idosas que sofrem de discriminação por parte de pessoas mais novas o que é que acha que poderia ser feito para mudar, para diminuir essa discriminação? Nesses poucos casos que estávamos a falar.

Entrevistado: Mudar as mentalidades das pessoas mais novas, fazer-lhes ver que realmente os pais ou os avós ou as pessoas mais velhas que eles pronto já tiveram problemas, outro tipo de problemas que eles não têm, eles têm um tipo de problemas nós tivemos outros, passamos por muitas privações, inclusive, alguns até fome, e pronto, eles não percebem porque viveram num regime já como estamos agora. Não percebem por exemplo quando nós falamos, antigamente fazia-se assim, andava-se descalço, não se comia, nem se tinha pão e não sei quê, às vezes

alguns dizem que é mentira, porquê? Porque não passaram por essas privações, se as pesassem a mentalidade deles mudava logo.

Entrevistador: Teriam talvez uma admiração diferente pelas pessoas mais velhas.

Entrevistado: Como lhe digo, isto é uma exceção à regra, não é a maioria.

Entrevistador: Pronto, as perguntas que tinha para lhe fazer eram estas. Muito obrigada pela sua participação.

Entrevistado nº 7

Entrevistador: O que eu gostava de começar por saber é uma coisa muito simples é como é que normalmente passa o seu dia-à-dia? De uma forma geral.

Entrevistado: Nesta altura do campeonato, neste momento passo quase todos os dias, praticamente aqui de segunda a sexta, passo aqui terça-feira toda a tarde. Estou na direção, além de aluno também estou na direção, estou de serviço para assegurar a rotação da secretaria. A minha vida é praticamente aqui.

Entrevistador: Tirando a Universidade Sénior participa em mais alguma coisa na comunidade, ativamente?

Entrevistado: Já não dá para mais, isto absorve-me totalmente.

Entrevistador: Absorve-lhe o tempo totalmente, muito bem. Mas com certeza que em casa também deve ter os seus afazeres...

Entrevistado: Sim, e ajudo a mulher e tenho as minhas atividades.

Entrevistador: Porque é que resolveu participar na universidade sénior?

Entrevistado: Vim para aqui para a universidade porque me reformei aos 70 anos, mas tive a trabalhar até aos 75/ 76, ou mais. Depois vim morar para Alburitel, para a minha terra natal, onde nasci e quando vim para ali, estava o dia praticamente em casa e um dia a minha nora descobriu e disse: “você não podem ficar em casa, têm de ter uma atividade qualquer e ela já tinha descoberto a universidade sénior de Ourém, e eu não sabia que existia, não é divulgado.

Entrevistador: Isso foi há quanto tempo?

Entrevistado: Eu estou aqui à 4 anos, perto de 5. Eu já estava há um ano em casa e não tinha com que me entreter, tenho uma vinhazita onde me entretenho e as atividades que são necessárias e então viemos aqui, ainda era na câmara antiga, viemos ver o que era e não sei quê e eu inscrevi-me.

Entrevistador: Sentiu essa necessidade de complementar...

Entrevistado: Sentia, mas não sabia que existia. Depois de estar informado que existia fiquei interessado. Aliás uma coisa que sempre gostei e que gosto é de estar sempre informado, não através de telejornais nem nada do género, mas como gosto de estar informado e por isso o interesse também cresceu, e depois também acabo por vir reativar coisas que aprendi e que já tinha esquecido como é o caso do inglês que já tinha esquecido um bocado, um bocado não um bocadão e depois as outras disciplinas que escolhi, que são todas à base da cultura essencialmente.

Entrevistador: É o assunto que mais lhe interessa...

Entrevistado: Sim é o que mais me interessa.

Entrevistador: Muito bem. Então e no seu dia-à-dia costuma interagir com muitas pessoas diferentes, tanto aqui na universidade como fora da universidade?

Entrevistado: Interajo mais com as pessoas da direção, fora da universidade não tanto, porque não vou a cafés, detesto, aliás passam-se dias em que não entro num café, normalmente tomo o café em casa, os cafés para mim não representam uma atividade. Temos uma associação recreativa e cultural em Alburitel, da qual sou sócio fundador, não entro lá porque hoje aquilo não interessa a ninguém. Quando foi criado até era muitíssimo bom, no início, mas hoje não, hoje não dá. Hoje é só politiquices e partidarices e batota, inclusivamente transformaram aquilo quase num casino e eu desviei-me totalmente.

Entrevistador: Como não se identifica acaba por não frequentar...

Entrevistado: Não me identifico de maneira nenhuma. Não mexe comigo.

Entrevistador: Então interage com várias pessoas aqui na universidade, fora da universidade interage com pouca gente...

Entrevistado: Com pessoas amigas que tenho lá, não são muitas. Conversamos, tenho inclusivamente família, e até com a própria família eu neste momento passam-se às vezes semanas e semanas que uns que moram próximo de mim, três irmãos e cada um está na sua vida. Antes convivíamos bastante mas depois começou a haver problemas e começou a haver coisas que para mim não me dizem nada, gosto muito de viver em paz com toda agente e quando se começam a levantar problemas... às vezes telefona-se para saber se está tudo bem e pronto.

Entrevistador: Muito bem. Então e como é que me diria que correm essas interações? Quer dizer, tanto aqui na universidade, que como o Sr. A me está a dizer é onde ocorrem mais interações...

Entrevistado: Aqui neste momento, como aluno era diferente, quando passei para a direção, já vou no 3º ano na direção, sinto que é uma responsabilidade e é quase uma obrigação já e tudo mais mas chego também à conclusão que se não houver alguém que trabalhe e quem faça que isto morre. Como nós temos um presidente que dá o exemplo e que trabalha que nem um moiro, tenho a impressão que passa noites a trabalhar para a Universidade e tem uma atividade que é muito mais atividade. Ele dedica o seu tempo inteiro. Sinto-me na necessidade de contribuir o melhor possível.

Entrevistador: Como é que diria que essas interações por exemplo aqui na universidade como é que correm? Como é que as pessoas falam consigo...?

Entrevistado: Tenho impressão que dentro da universidade toda a gente, pelo menos falo por mim, com respeito gostam de conversar comigo, eu sempre fui uma pessoa que não gosta de grandes amizades mas gosto de falar com pessoas. Falar, ouvir, fazer as coisas funcionar muito bem e dou-me com as pessoas da direção pois claro que nos damos lindamente todos, e há aí pessoas que gostam muito de conversar... Temos aqui muitos professores, reformados etc. Pessoas com abertura e é com essas pessoas que eu gosto de conversar.

Entrevistador: Então e essas exceções de que estava a falar, essas interações que ocorrem fora da universidade, quando por exemplo vai na rua e encontra alguém conhecido que já não vê há muito tempo ou até pode ver, sente que essa interação é como sempre foi...?

Entrevistado: Depende da pessoa, mas são muito poucas aquelas que me dizem alguma coisa. Eu tenho um feitio que é um bocadinho... não é um feitio, é uma maneira de ser, modificou-se muito, eu não era assim mas hoje estou totalmente diferente do que eu era antigamente. Eu tive uma vida ativa profissional, eu durante muitos anos fui vendedor, corria o país inteiro, saía à

segunda-feira de manhã de casa e só chegava à sexta-feira ou ao sábado à noite a casa, eu corria o país todo, e era uma pessoa... no princípio era caixeiro viajante mas os nomes entretanto foram mudando até que cheguei a técnico de vendas, era vendedor e criei amizades pelo país inteiro com clientes, com clientes! Em cada terra tinha um cliente amigo, portanto tive uma vida durante (não se percebe) anos de trabalho, de convívio... em cada localidade normalmente arranjava um amigo, um só, não queria mais.

Entrevistador: Exatamente, um chegava. Muito bem. Então Sr. A agora queria saber a sua opinião sobre uma determinada situação que fui eu que inventei mas que podia acontecer na realidade. O que eu quero é que o Sr. Acácio se ponha no papel desta pessoa que está a viver esta situação, ou seja, o Sr. Acácio foi convidado para uma festa promovida pela câmara municipal por exemplo aqui de Ourém e nessa festa estão várias pessoas aqui da comunidade, no intervalo estão à disposição várias bebidas e várias comidas que se encontram acessíveis a todas as pessoas, nomeadamente a pessoas com mobilidade reduzida, cadeira de rodas etc. Chega uma pessoa perto de si que neste caso eu determinei como cenário a) e essa pessoa diz-lhe o seguinte: “Então o senhor está a gostar da festa?” Pergunta-lhe. Se quiser acompanhar, é esta parte que está a sublinhado. “Reparei que ainda está sentado e que não foi até à mesa servir-se. Deseja tomar alguma bebida ou comer alguma coisa? Se quiser pode acompanhar-me”. Esta pessoa veio ter consigo e diz-lhe isto assim. Agora imagine que está na mesma situação mas que é abordado por outra pessoa que lhe diz basicamente a mesma coisa, mas utiliza um discurso um bocadinho diferente, que é esta parte que está a sublinhado e que vou ler. Então essa pessoa vem ter consigo e diz-lhe o seguinte: “Então está a gostar da festazinha?” (diz isto numa fala vagarosa e num volume exageradamente alto). Diz-lhe ainda: “Ainda não foi comer, deve estar com fominha. Trouxe-lhe aqui umas coisinhas. Vá coma! Coma tudo até ao fim e deixe-se estar sentado para não cair”.

Entrevistado: Ainda não cheguei a esta situação felizmente.

Entrevistador: Ainda não chegou a esta situação, mas imaginando que está numa festa e que fica sentado e que as pessoas à partida olhando para si...

Entrevistado: Não, numa festa destas eu evito, contornando isto. Portanto qualquer festazinha, aliás festazinhas não existem, porque isto é depreciativo para mim, festazinhas. Ou é festa ou é um almoço, lanche ou um convívio, etc. e eu sempre que vou estou na mesa normalmente, como qualquer coisa, muito pouco porque eu não gosto de comer muito, gosto de comer diversas vezes ao dia e pouco e quando vejo uma mesa muito cheia perco o apetite imediatamente

portanto como o indispensável e converso com as pessoas que eu acho que devo conversar e até com pessoas que eu às vezes não conheço de lado nenhum, mas surge uma determinada conversa e a conversa agrada-me e eu correspondo, respondo e conversamos, portanto é isto.

Entrevistador: Aquilo que eu gostava de saber em relação a estas duas pessoas que vieram ter consigo é: Para si qual é que é a principal diferença o discurso da primeira pessoa e o discurso da segunda pessoa. Já acabou mais ou menos por me responder...

Entrevistado: Já... Se viessem, se uma pessoa viesse com esta observação, como lhe digo, normalmente não porque eu não estou sentado, não me vou pôr à parte...

Entrevistador: Sim mas imaginando que ficava sentado e que vinham ter consigo com esta conversa (cenário a))...

Entrevistado: Com esta conversa, se calhar dizia: Não muito obrigado!

Entrevistador: Era educado... Respondia não, muito obrigado...

Entrevistado: Dizia “não muito obrigado”, tanto na maneira de conversar tento sempre ser o mais educado, foi o que me ensinaram, o mais correto possível para não ofender ninguém. Portanto respeitar e se falam noutro assunto qualquer eu... não digo absolutamente nada porque a conversa não me agrada então se mete política e não sei quê meto-me logo de parte. Para mim esta não, esta...

Entrevistador: O cenário b).

Entrevistado: Esta não, esta é muito depreciativa. É muita festazinha e para mim não me diz absolutamente nada.

Entrevistador: Mas o que é que sentiria se tivessem este tipo de comportamento?

Entrevistado: Com pena de mim por estar ali sentadinho. Se calhar era capaz de dizer alguma coisa que eles não gostavam.

Entrevistador: Era capaz de responder de uma forma mais...

Entrevistado: Era, sim sim...

Entrevistador: Muito bem, já me respondeu como reagiria e como responderia... então pode-se concluir que o Sr. Acácio, de qual das duas formas gostaria de ser tratado?

Entrevistado: Como esta (cenário a)). Esta é muito mais...

Entrevistador: Como da primeira forma. Era só para ficar com este assunto concluído. Ia fazer-lhe uma pergunta mas também já acabou por me responder, que era: Se concorda com o tipo de comunicação/ interação utilizada pela segunda pessoa, no cenário b)? Já disse que não porque é depreciativo.

Entrevistado: Não, acho que é depreciativo e é inferiorizar as pessoas.

Entrevistador: Ok, também já me disse o que pensa acerca disso. Então diga-me uma coisa, está a dizer-me que neste cenário (cenário b)) parece que a pessoa, se fosse consigo o estava a inferiorizar. Sente que de alguma forma este segundo diálogo pode ser discriminatório em relação às pessoas mais velhas?

Entrevistado: Eu não penso, tenho a certeza que é discriminatório. Aliás eu não vou a lares, tenho vários familiares e não vou a lar nenhum, precisamente porque eu entro dentro de uma sala e vejo aquelas pessoas sentadinhas e não sei quê, e digo assim: “Isto é um depósito de mortos, não é um lar”. Portanto, nem entro, fujo! Só vou lá se tiver que ser obrigado. É este o caso, está sentado, não sei quê...

Entrevistador: Muito bem... Também já me acabou por responder a esta pergunta que é: Caso alguém tivesse este tipo de comunicação/ interação consigo como é que se sentiria? Não se sentiria propriamente...

Entrevistado: Não. Fingia que não ouvia ou respondia torto.

Entrevistador: Muito bem. Agora mudando um bocadinho de registo Sr. A. Para si o que é ser idoso? Idoso aqui neste sentido é ter 65 ou mais anos, o que é que é chegar a esta idade, se é uma coisa positiva ou negativa, qual é que é a sua perspetiva acerca disso...

Entrevistado: Tem as duas partes, as duas vertentes. A partir... quando se chega, aos 65 não notei, não notei, mas a partir dos 70 a parte física, a parte física nota-se que há uma diferença. Nós pensamos que ainda somos jovens ou menos... ou mais velhos, ou mais idosos e que podemos ainda fazer aquilo que fazíamos à 20 ou à 30 ou 40 anos e quando chegamos à conclusão que temos que ter muito juizinho porque já não conseguimos fazer aquilo que fazíamos à 30 ou 40 anos.

Entrevistador: Por muito que a cabeça queira o corpo já não reage da mesma forma...

Entrevistado: Ainda à pouco tempo na apanha da azeitona, eu não vou... hoje não arrisco ir para cima de uma oliveira porque sei que, não tenho já a agilidade enfim que se tivesse de me agarrar por qualquer motivo, posso chegar cá a baixo...

Entrevistador: Tem essa sensatez...

Entrevistado: Tenho, que é perigoso, portanto há determinadas coisas que já na faço.

Na parte mental não noto, não noto porque estou aqui e o meu cérebro por enquanto ainda funciona, ainda pensa, e ainda sei o que é que quero e o que não quero.

Entrevistador: Em parte porque o Sr. x também fez questão de estar sempre a estimular...

Entrevistado: Sim, sempre gostei de ler, leio... sempre gostei de estar, portanto, ocupado e ativo e é uma coisa que é essencial, se nós não estimularmos o nosso cérebro as células vão morrendo e morremos.

Entrevistador: Então mas se pudesse fazer aqui um balanço e dizer-me em uma palavra ou em várias se o envelhecimento, se ser idoso é uma coisa mais positiva ou mais negativa... é essa perspetiva que eu gostava...

Entrevistado: Tem as duas vertentes, mas se a parte física não falhar muito, se não falhar muito é mais positivo do que negativo.

Entrevistador: Mais positivo, do que negativo. Então e considera que essa sua opinião de que o envelhecimento é uma coisa realmente positiva, se realmente não falharem as capacidades físicas, sente que essa é a opinião da população em geral?

Entrevistado: Não. (Pausa)

Entrevistador: Não?

Entrevistado: A maior parte, grande parte das pessoas, são aquelas que se acomodam, as pessoas tornam-se... aquilo que aprenderam, esquecem e depois mesmo que eu queira fazer conversa

com determinas pessoas e dizer-lhes que deveriam ler mais, deviam isto, etc. dizem: “Ah já passou o tempo, já aprendi tudo o que tinha a aprender...”

Entrevistador: Ah, está a dizer-me em relação às pessoas que também (sobreposição de falas). Mas o que eu estava aqui a... Não sei se o Sr. A percebeu ou se sou eu que estou a perceber mal aquilo que me está a dizer, que é: se considera que essa sua opinião de que chegar a idoso é uma coisa positiva, se é a opinião da população neste caso mais jovem, com 60 anos ou menos, os mais jovens... Se acha que essa é a opinião das pessoas no geral.

Entrevistado: Muito poucos. Muito poucas pessoas compreendem as pessoas com mais idade, onde eles certamente vão chegar e depois vão ver o que é, mas a grande maioria não compreendem.

Entrevistador: Acha que não há essa compreensão?

Entrevistado: Não a maioria não compreende, não compreendem e não sabem lidar, e não sabem lidar com a terceira idade!

Entrevistador: Esse lidar... está a dizer conviver, falar...?

Entrevistado: Exato, conviver, lidar com essas pessoas, como é que se fala, como é que não se fala.

Entrevistador: Mas está a falar de alguma coisa específica ou...?

Entrevistado: Estou a falar no geral.

Entrevistador: No geral, muito bem. Então qual acha que é a imagem que a população dita mais jovem, mais nova, com 60 ou menos anos tem das pessoas idosas? Não é uma imagem...?

Entrevistado: Não, não é uma imagem positiva, antes pelo contrário, “os velhos”.

Entrevistador: Ainda há esse...

Entrevistado: Sim, cada vez mais. Uma pessoa com 40 anos, há jovens que têm pais com 40, 40 e tais e tratam os pais por velhos. Isto ouve-se constantemente.

Entrevistador: Então, tinha aqui uma pergunta mas também já acabou indiretamente por me responder, que é: Se sente que há uma visão negativa do envelhecimento em Portugal neste caso?

Entrevistado: Muito. Muito e também temos falta de incentivos. Incentivos a nível camarário, a nível de oficiais, não temos praticamente. Só existem neste momento as universidades séniores mas tem muito pouca gente. Nós aqui felizmente temos bastantes, mas já tivemos menos, mas podíamos ter o dobro... as pessoas que estão aí nos cafés, nas esplanadas, a jogar e não sei quê, sem fazer nada, estariam muito melhor numa atividade destas ou noutras equivalentes do que estar sem fazer absolutamente nada.

Entrevistador: De certa forma a contribuírem para eles próprios, para se cultivarem, para estarem ativos e de certa forma também para contribuir de alguma forma para o bem geral da comunidade. Então e diga-me uma coisa, devido a essa visão negativa que me está a dizer que existe em Portugal do envelhecimento e que sente que tem estado cada vez mais a acentuar-se, considera que possam surgir situações de discriminação contra as pessoas idosas devido a essa visão negativa?

Entrevistado: Já existem porque não há incentivos. Nós estamos aqui nesta universidade e não temos apoios oficiais de ninguém. Nós estamos aqui, temos 110 alunos e 20 e tal professores e o que é que acontece? Nós é que suportamos, são as mensalidades dos alunos que são 10 euros mensais que suportam todas as despesas desta infraestrutura que não é pequena.

Entrevistador: Não têm apoio presentemente da Câmara?

Entrevistado: Temos. Temos as instalações, que já é muito bom, mas quer dizer, eu conheço pessoalmente universidades séniores, principalmente... conheço a de Almeirim, conheço a da Amadora onde a câmara estende ofertas, investem a sério, têm autocarros para passear (não se percebe) enquanto nós aqui se quisermos fazer um passeio, organizamos tudo e temos que pedir

às pessoas quanto é que custa a sua parte, as pessoas dão, mas quer dizer... isto devia ser a câmara ou outras entidades que promovessem isto e ajudassem, mas não há, aqui não há.

Entrevistador: De certa forma também, quando o Sr. Acácio me está a falar de incentivos é também no sentido de poder mostrar o vosso trabalho para que as pessoas possam aderir mais talvez...

Entrevistado: Não, eu já nem digo o trabalho. Nós temos o nosso trabalho visível, temos o teatro, temos as danças regionais e pouco mais. Nós queremos expandir e vamos, tanto o teatro como as danças regionais, atuam diversos lados, vão aos lares por exemplo, fazer atuações, fazer qualquer coisa, o teatro também, a peça do ano passado já fizeram cinco ou seis atuações, e por isso são as únicas, de resto as outras atividades, nós fazemos uma festa que costumamos fazer no natal e no fim do ano, uma festa onde há apresentação no palco, onde só vão as pessoas da universidade e os familiares das pessoas e vamos fazer a demonstração daquilo que se fez durante o ano, mas isso não é... eu considero que já foi mais interessante, agora as pessoas já começam a ficar cansadas dessas atividades.

Entrevistador: Mas porque... Como é que eu hei de explicar... Porque as atividades já estão demasiado exploradas?

Entrevistado: É sempre a mesma coisa. O inglês, começamos por mostrar o que cada disciplina faz, temos uma atividade que é o professor que mais empenho tem nesta casa que é o professor Sérgio Ribeiro e quando vamos para estas festas, ele ocupa quase uma hora da festa só com a parte dos seus alunos da cidadania e da leitura e escrita. Portanto é um homem que vive com isto, isto para ele é como se fosse a segunda casa dele. De resto as pessoas começam a não ter interesse, porque não gostam ou porque é sempre a mesma coisa.

Entrevistador: Torna-se aborrecido se calhar pela rotina...

Entrevistado: Exato...

Entrevistador: Está bem Sr. A. Então e para terminar, gostava de saber para si o que é que devia ser feito para diminuir realmente essa imagem negativa que as pessoas no geral têm do

envelhecimento e consequentemente diminuir também a discriminação face às pessoas mais velhas, às pessoas idosas.

Entrevistado: Há uma coisa que era... Eu já ouvi alguém (não se percebe) começar a haver uma interação entre as escolas básicas e as universidades da terceira idade, era essencial.

Entrevistador: Intergeracionalidade?

Entrevistado: Era essencial, já se tentou fazer qualquer coisa mas...

Entrevistador: O que é que acha que falta para não...

Entrevistado: Eu não sei, olha talvez... não é uma falta de interesse é uma falta... os professores não se disponibilizarem para isso porque a maior parte dos professores passam muito tempo ocupados e trabalham muito e nunca estão disponíveis para fazer nada. Portanto, quanto a mim era essencialmente a falta dos professores das escolas básicas não conviverem com os alunos.

Entrevistador: Mas acha que essa interação iria melhorar em que aspeto?

Entrevistado: Tanto na parte da terceira idade como na parte dos jovens.

Entrevistador: Ia ser um contributo mútuo...

Entrevistado: Exatamente, onde aprenderiam uns com os outros. Mas isso tem de se ensinar nos bancos da escola e pô-los a conviver com essas pessoas.

Entrevistador: Estimular então esse...

Entrevistado: Exatamente. Fazer encontros entre ambos, uma festa, ou fosse o que fosse...

Entrevistador: Talvez aquilo que o Sr. A me esteja a querer dizer, a conclusão que eu tiro das entrelinhas é que, talvez com essa convivência os mais novos...

Entrevistado: Começassem a respeitar mais as pessoas da terceira idade e começassem a gostar mais de conviver mais com a terceira idade.

Entrevistador: Muito bem. Talvez seja por aí realmente o caminho...

Entrevistado: Eu acho que era o essencial, começar por aí. Depois o resto se veria.

Entrevistador: Esse era o foco principal e depois ir-se-ia explorando novos caminhos.

Entrevistado: Exatamente.

Entrevistador: Muito bem Sr. A, era isto que tinha para lhe perguntar. Muito obrigado pela sua participação.

Entrevista nº 8

Entrevistador: D. x diga-me como é que é normalmente o seu dia-à-dia?

Entrevistado: Venho um bocadinho para aqui todos os dias, todos os dias não, o resto passo o dia em casa a fazer a minha vida de casa no quintal e pronto.

Entrevistador: Mas costuma sair para outros locais sem ser aqui a Universidade?

Entrevistado: Muito pouco, muito pouco. Quando tenho companhia vou, quando não tenho fico por casa.

Entrevistador: Participa em alguma atividade sem ser aqui a Universidade Sénior?

Entrevistado: Participo na Ourémviva.

Entrevistador: A fazer o quê concretamente?

Entrevistado: Na ginástica e na hidroginástica.

Entrevistador: Tanto aqui na Universidade como na Ourémviva como nas saídas que faz quando tem companhia costuma interagir com várias pessoas diferentes?

Entrevistado: Um bocadinho, não muito. Sou uma pessoa um bocadinho reservada, espero que as pessoas venham ter comigo mas depois quando começo a ter confiança já vou. Não sou dessas pessoas que facilmente (pausa)

Entrevistador: Não é uma pessoa que fale facilmente...

Entrevistado: Falar falo, falo facilmente mas não de caminho, vou assim devagarinho.

Entrevistador: Muito bem. Então e como é que diria que essas interações acontecem? (pausa)
Ou seja, o que é que eu quero saber? Se pessoas falam bem consigo, se sente que é acarinhada pelas pessoas? As pessoas gostam de falar consigo?

Entrevistado: Sim, acho que sim.

Entrevistador: Sente da parte das pessoas que...

Entrevistado: Sinto da parte das pessoas que... Tenho a impressão que as pessoas gostam de estar em contacto comigo.

Entrevistador: Mesmo por exemplo pessoas mais jovens?

Entrevistado: Mesmo as pessoas mais jovens, sim sim.

Entrevistador: Então agora gostaria de saber a sua opinião sobre uma situação de que vou falar e que poderia acontecer com a senhora. Imagine que vai a uma festa da Câmara Municipal, e nessa festa estão várias pessoas aqui da Ourém. No intervalo há uma mesa onde estão bebidas e comida e estão disponíveis para toda a gente, nomeadamente para pessoas com mobilidade reduzida, ou seja, por exemplo em cadeira de rodas ou canadianas. Depois vem uma pessoa ter consigo e diz-lhe o seguinte, se quiser seguir está aqui, o que vou ler agora está a sublinhado: “A senhora está a gostar da festa? Reparei que ainda está sentada e que ainda não foi à mesa servir-se. Deseja tomar uma bebida ou comer alguma coisa? Se quiser pode acompanhar-me”. Vem uma primeira pessoa e tem este discurso.

Entrevistado: Onde é que a menina está? (Procura no cenário a) o discurso que foi lido)

Entrevistador: É aqui. “A Sra. está a gostar da festa?...”

Entrevistado: (Continua a ler) “Reparei que ainda está sentada e que ainda não foi à mesa servir-se. Deseja tomar uma bebida ou comer alguma coisa? Se quiser pode acompanhar-me”.

Entrevistador: Esta primeira pessoa vem ter consigo e diz-lhe isto. Depois vem uma segunda pessoa ter consigo, no mesmo contexto, na mesma situação e diz-lhe: “Está a gostar da festazinha?” Diz isto numa fala vagarosa e exageradamente alto. (o entrevistado acompanha a leitura do cenário) e diz-lhe ainda assim: “Ainda não foi comer, deve estar com fominha. Trouxe-lhe umas coisinhas. Coma! Coma tudo até ao fim e deixe-se estar sentadinha para não cair”.

O que eu gostava de saber é para a D. x qual é a principal diferença ou as principais diferenças entre a primeira pessoa que veio ter consigo e a segunda? Diferenças no discurso, na maneira de a abordar. Para si quais é que são as principais diferenças?

Entrevistado: (Faz uma pausa para ler melhor e pensar. Volta a ler os cenários). Eu prefiro esta.

Entrevistador: Qual? A primeira?

Entrevistado: Sim, sim.

Entrevistador: Pode explicar-me porquê?

Entrevistado: Esta coisa está a ser muito, como é que eu hei de dizer. Esta aqui está a ser mais real.

Entrevistador: A primeira para si é mais realista, e a segunda (cenário b))...?

Entrevistado: A segunda está a ser, está a ser mais... não me vem agora a palavra... Está a ser mais carinhosa. Não é? Quando ela aqui diz: “Coma tudo até ao fim, deixe-se estar sentadinha para não cair”. Pois, acho que está a ser uma pessoa... como eu hei de dizer, não me vem a palavra, mas por mim prefiro esta primeira porque, pronto, acho que esta quer dizer, seja mais acompanhada. Pois esta pessoa está a ser um bocadinho delicada para mim, esta acho que esteja a ser muito piedosa (cenário b)).

Entrevistador: Já percebi. Esta está a ser gentil porque lhe está a perguntar se quer tomar alguma coisa e se quiser pode acompanhá-la, porém esta (cenário b))...

Entrevistado: Pois... Deixe-se estar sentadinha para não cair. Pronto, prefiro a primeira.

Entrevistador: Se estas duas situações acontecessem consigo como reagiria?

Entrevistado: Neste caso (cenário a)) sim senhora acompanhava a pessoa que me convidava. E neste (cenário b)) agradecia a simpatia.

Entrevistador: Acabou já por me responder de qual das duas formas gostaria de ser tratada? Gostava de ser tratada como no cenário a) porque considera que a pessoa foi simpática.

Entrevistado: Foi simpática, foi agradável é sempre agradável um convite.

Entrevistador: Então agora o que eu gostava de saber é se concorda com o tipo de comunicação que esta pessoa (segunda pessoa/Cenário b)) utilizou? Se fosse consigo concorda com este tipo de discurso?

Entrevistado: Concordo, qualquer um deles foi agradável, sim senhora concordo. Por exemplo se estivesse numa cadeira de rodas ou que não me pudesse deslocar facilmente acho que esta era muito bem-vinda. Mas na minha situação felizmente, esta também está boa, e gosto mais desta (cenário a)) na minha situação. Pronto, esta (cenário b)) sim senhora se fosse uma pessoa debilitada, com dificuldade em se deslocar aceitaria a segunda também.

Entrevistador: Então o que eu agora gostava de saber era se para si este discurso, esta interação pode ser de alguma forma discriminatório em relação às pessoas idosas, às pessoas com 65 ou mais anos? Se encara de alguma forma este discurso de uma forma discriminatória.

Entrevistado: Por mim pessoalmente, eu não sentia isso como uma forma de discriminação e se eu fizesse isto diretamente a uma pessoa fazia-o com boa intenção não o fazia para discriminar a pessoa.

Entrevistador: Então para si não...

Entrevistado: Não entendo assim, e se fosse para mim também não entendia como discriminação porque, pronto qualquer uma das situações são sempre para agradar, agora depende se realmente a pessoa...

Entrevistador: Muito bem. Agora para mudar aqui um bocadinho de assunto. Para si o que é ser idoso? Idoso aqui entendesse como uma pessoa com 65 ou mais anos. (pausa) Ou seja se entende mais como um aspeto positivo ou negativo.

Entrevistado: É bom chegar a esta idade. É muito positivo, é muito positivo. A idade em que eu estou, acho que seja positivo a idade em que estou e ainda estar com as faculdades com que estou. Portanto, idoso é uma palavra um bocadinho dura (riso).

Entrevistador: Sente que é uma palavra dura?

Entrevistado: Sim, sim, sim, sim. Uma palavra dura porque pronto é verdade que num sentido é gratificante porque já temos uma certa experiência de vida que não há quando somos jovens.

Entrevistador: Mas quando me está a dizer que sente que idoso é uma palavra muito dura, é aquilo que sente por si como pessoa idosa ou é mais por aquilo que os que estão de fora pensam ou transmitem?

Entrevistado: Pois, isso é relativo, tudo é relativo. A maneira como as pessoas interpretam as pessoas idosas e as pessoas que interpretam as coisas como: “olha já é velha já tem uma certa idade”, isso aí custa um bocadinho.

Entrevistador: Então posso concluir que a D. x acha que ser idoso é uma coisa boa, uma coisa positiva?

Entrevistado: Sim, sim.

Entrevistador: Acha que essa é a opinião das pessoas com menos idade? Ou seja, as pessoas mais jovens, considera que nós a geração mais nova achamos que ser idoso e o envelhecimento é uma coisa boa? Acha que a sua opinião é a mesma que a dos mais jovens?

Entrevistado: Isso é uma questão que nós não sabemos realmente.

Entrevistador: Por aquilo que observa, por aquilo que sente, por aquilo que vê acha que as gerações mais novas, de 60 anos para baixo, olham para o envelhecimento de uma forma tão positiva como a D. x olha?

Entrevistado: Uns sim outros não. Sim senhor estou velho! Velhos não somos. Olha temos idade e estamos madurinhos (risos). Temos de falar com humor. Não somos velhos, estamos madurinhos. É verdade pronto, chegamos a uma certa idade temos que realmente aceitar que somos idosos, não é?

Entrevistador: Sim e não tem que ser necessariamente uma coisa má. O tempo passa e é normal que assim seja.

Entrevistado: Acho que seja gratificante se a pessoa tenha estas faculdades, e quando não se tem temos de fazer com o que temos. Já não fazemos o que fazíamos mas pronto.

Entrevistador: Então acha que há pessoas que vêm o envelhecimento de uma forma positiva como também há pessoas...

Entrevistado: Eu acho que sim, eu acho que sim.

Entrevistador: Há tanto uma parte que vê como uma coisa positiva como também há uma parte que vê de uma forma negativa.

Entrevistado: Sim é a minha ideia e a minha opinião. Quando falamos com certas pessoas, as pessoas que se sentem em baixo: “Ah estou velho, estou velho!” Temos que fazer com o que temos.

Entrevistador: Sim exatamente não vale a pena estarmos...

Entrevistado: Não vale a pena estarmos a chorar. Porque é verdade que na geração dos meus pais, dos meus avós, aos 50 anos a pessoa era uma pessoa velha. Uma pessoa ter 50 anos já era considerada velha. Hoje felizmente as mentalidades mudaram e uma pessoa idosa/velha, vamos buscar a palavra verdadeira, já é mais...

Entrevistador: Sim, hoje é diferente. A esperança de vida aumentou...

Entrevistado: Os meus avós morreram entre os 50 e os 60, e pronto eu via a minha avó, eu via já uma pessoa com grandes dificuldades, coitada embora tenha tido problemas de saúde mas pronto. Hoje vejo a minha avó coitadinha já não sei que idade ela tinha na altura não ligados a idade dos avós, já morreu à muitos anos, eu era uma adolescente e a imagem da minha avó era uma velhinha já nessa altura e hoje não, ela devia ter entre os 50 e os 60 anos.

Entrevistador: Sim hoje em dia uma pessoa entre os 50 e os 60 anos é uma pessoa nova, até por vezes quando morre alguém costumamos dizer: “Ainda era novo”. Pergunta-se a idade: “Olha tinha 50 e tal ou 60, era novo”.

Entrevistado: Na geração dos meus avós isso já não se dizia. Era muito diferente. “Ah já tinha 50 anos, já tinha 60 anos!” Porque na geração dos meus avós poucos iam além dos 50 anos.

Entrevistador: Era muito diferente. Os cuidados de saúde...

Entrevistado: Os cuidados de saúde sim... Porquê não sabemos, há muita coisa em jogo...

Entrevistador: Então se me tivesse de dizer se há realmente uma visão negativa ou uma visão positiva do envelhecimento em Portugal o que é que me diria? (Pausa) Acha que há mais pessoas que têm uma visão positiva ou uma visão negativa do envelhecimento? As pessoas, não são os idosos, são as pessoas mais novas quando olham para as pessoas mais velhas...

Entrevistado: Eu vejo isso muito dividido.

Entrevistador: Então diga-me uma coisa. Relativamente às pessoas que vêm o envelhecimento de uma forma negativa, acha que podem surgir situações de discriminação contra as pessoas idosas por parte dessas pessoas?

Entrevistado: (Pausa) Creio que há, creio que há.

Entrevistador: Pode dar alguns exemplos?

Entrevistado: A pessoa jovem perante a pessoa de idade? Sim, sim. Olha vou buscar um exemplo, a conduzir. Por vezes ou estamos numa situação complicada, vai logo aquela palavra, vem logo aquela palavra.

Entrevistador: Associa-se logo...

Entrevistado: Nem sempre, depende da pessoa. É como tudo, as opiniões são muito divididas, as pessoas dizem logo: “O que é que estás aqui a fazer?” eu normalmente não sou muito queixosa mas também já ouvi.

Entrevistador: E pode nunca ter acontecido com a d x mas já ter observado com outras pessoas.

Entrevistado: Sim, sim, não quer dizer que não tenha já me acontecido, já ouvi essas coisas também, portanto.

Entrevistador: O que é que acha que poderia ser feito para realmente mudar a ideia dessas pessoas que vêm o envelhecimento de uma forma negativa, ou seja, o que é que acha que poderia ser feito, de todas as formas não há uma forma específica, o que é que poderia ser feito para diminuir a discriminação em relação às pessoas mais velhas?

Entrevistado: O que poderia ser feito com essas pessoas jovens? (Pausa) É difícil de dizer. Um bocado mais de sensibilidade e de respeito.

Entrevistador: E acha que essa sensibilidade e esse respeito consegue-se através de quê? (Pausa) Se tivesse de arranjar agora uma solução qual era a solução...

Entrevistado: Chamava aquelas pessoas à atenção: “Eu tenho esta idade e tu, se tratar a pessoa por tu, tu quando chegares à minha idade vais ver se gostas ou se não gostas de ouvir o que estás a dirigir hoje”. Não é? Acho que é chamar à atenção. O melhor é chamar a atenção para pôr as pessoas no papel de uma pessoa de mais idade. Lá chegarás.

Entrevistador: Sim exatamente pode ser muito por aí.

Entrevistado: Eu acho que sim. “Eu agora tenho esta juventude esta vitalidade toda mas daqui a 20 anos não terei”. Deus queira que cheguem à minha idade com a vitalidade que eu tenho. Chamá-las à atenção.

Entrevistador: Então o que me está a dizer é que o próprio idoso pode ter um papel preponderante nessa mudança da mentalidade das pessoas mais novas.

Entrevistado: Eu acho que sim, eu acho que sim. Chamando-lhes à atenção e fazendo-os compreender que as pessoas não são sempre jovens.

Entrevistador: Às vezes podia-me estar a dizer, como já tive pessoas que me responderam, os pais devem chamar os filhos à atenção e educá-los nesse sentido, mas o que me está a dizer... Também deve pensar dessa forma certamente...

Entrevistado: Claro, claro.

Entrevistador: Mas aquilo que me está a dizer é que a própria pessoa que pode ser alvo de discriminação fazer ver essa pessoa...

Entrevistado: “Então espera, que vais ver”. (risos)

Entrevistador: Se calhar a mensagem era mais eficaz.

Entrevistado: Eu não estou cá para ver. Pronto uma pessoa hoje que tenha 30 anos daqui a 30 anos eu não estou cá se calhar, e se cá estiver estou completamente debilitada temos de dizer a

verdade. Não estarei cá. (Não se percebe) É verdade que a educação principal vem de casa não vem da escola, não vem da escola. A primeira educação vem de casa embora depois a coisa vire, não é, infelizmente depois vira-se mas eu tenho impressão que se os filhos tiverem uma base boa de casa, da família e dos pais e das pessoas que os seguem, jovens e adolescentes, eu tenho impressão que eles conseguem ir buscar um pouco dessa base.

Entrevistador: Hum, hum e vão olhar para as pessoas de uma forma diferente.

Entrevistado: Vão olhar de uma forma diferente, pronto, estou de acordo a 100% que a educação principal vem dos pais. Não haja dúvidas, e acho que...

Entrevistador: Mas como muitas vezes não é eficaz, como vemos no caso de muitas pessoas que têm uma educação excecional e têm uns pais excecionais a nível da educação e a transmitir valores e efetivamente depois não transparecem isso no contacto com as pessoas.

Entrevistado: Mas penso que será sempre uma base...

Entrevistador: Sim, sim.

Entrevistado: O meu pai, a minha mãe dizia-me assim, dizia-me assado, porque para nós quando somos jovens vimos as coisas de maneira diferentes, não é. Mas de facto o meu pai dizia-me assim a minha mãe dizia-me assim, e chegamos à conclusão que os nossos pais tinham razão. Embora naquela altura agente não concorde, chega-se a uma altura... Nós não concordamos a 100% com os pais, pronto, mas há sempre uma base.

Entrevistador: Hum, hum. Eu concordo e acho muito interessante a D. x estar a colocar a própria pessoa que pode ser alvo de discriminação no centro da mudança.

Entrevistado: Sim, sim. Até talvez sensibilize mais as pessoas, olhando para nós, já com rugas e cabelinhos brancos, e a pessoa talvez “Aquele senhor ou aquela senhora já tem esta idade, mas se eu chegar à idade dela daquela maneira, é muito bom”.

Entrevistador: Sim, exatamente. E olhar com mais respeito a pessoa.

Entrevistado: Sim, sim não tenhamos dúvidas.

Entrevistador: Está na base de tudo o respeito.

Entrevistado: Está na base de tudo, sem respeito não há nada. Pode haver tudo, mas sem respeito não há nada.

Entrevistador: É verdade. Pronto D. x basicamente era isto. Muito obrigada.

Entrevistado nº9

Entrevistador: Dona Emília aquilo que eu gostava de começar por saber é como normalmente é o seu dia-a-dia?

Entrevistado: Atualmente estou reformada mas ainda me mantenho uma parte no ativo, no que posso ajudar os meus filhos porque estão à frente da empresa e no que posso ajudá-los ajudo mas tenho também algum tempo disponível para mim. O meu dia-a-dia passo a maior parte do tempo na Universidade Sénior.

Entrevistador: Maior parte do tempo passa aqui...

Entrevistado: Sim, sim maior parte do tempo passo na universidade.

Entrevistador: Muito bem. Faz as suas coisas em casa, certamente...

Entrevistado: Sim, faço jardinagem e também ajudo no restaurante, ainda confeciono.

Entrevistador: Sim, sim. Tem também atividades aqui na comunidade, vai certamente aos sítios onde as pessoas vão, ao supermercado, cabeleireiro...

Entrevistado: Sim, sim.

Entrevistador: Essas coisas normais. Participa em mais alguma atividade sem ser aqui na Universidade Sénior?

Entrevistado: Participo também na Ourém Viva.

Entrevistador: Sim, já tive outra colega sua que também disse que participava.

Entrevistado: Sim na atividade física.

Entrevistador: Muito bem. Então e normalmente mesmo quando está no restaurante, quando sai à rua, quando vem aqui à Universidade Sénior, costuma estar com muitas pessoas diferentes?

Entrevistado: Sim, sim sou muito comunicativa, gosto muito de conversar.

Entrevistador: Muito bem. E como é que diria que essas conversações e essas interações acontecem? São positivas, não...

Entrevistado: São muito positivas. Nós estamos todos os dias a aprender obviamente.

Entrevistador: Mas as pessoas são simpáticas consigo?

Entrevistado: Muito simpáticas. Sim, sinto-me muito feliz porque eu sou uma pessoa que gosto muito de conversar, e vejo que as pessoas... é verdade que algumas são menos comunicativas, mas eu falo para toda agente.

Entrevistador: Sim, sim mas com o avançar da idade... aquilo que eu gostava de saber é se com o avançar da idade se não notou uma diferença, se notou ou não uma diferença na forma como as pessoas a abordam, ao falarem consigo...

Entrevistado: Por enquanto não. Eu acho que as pessoas me procuram e sinto-me feliz por isso.

Entrevistador: Ainda bem. Então agora gostaria de saber a sua opinião sobre uma determinada situação, que fui eu que inventei mas poderia acontecer na vida real. O que eu quero é que a D. se ponha no lugar desta pessoa, então é o seguinte: Imagine que a D. vai a uma festa da Câmara Municipal, e nessa festa estão várias pessoas aqui da comunidade. No intervalo há uma mesa onde estão várias bebidas e comidas e estão disponíveis e acessíveis para toda a gente, mesmo para pessoas com mobilidade reduzida, ou seja, por exemplo em cadeira de rodas ou canadianas. Agora vem uma primeira pessoa ter consigo e diz-lhe isto assim o que está sublinhado e vou ler: “Está a gostar da festa? Reparei que ainda está sentada e que não foi à mesa servir-se. Deseja tomar uma bebida ou comer alguma coisa? Se quiser pode acompanhar-me”. Vem uma primeira pessoa e tem este discurso consigo, agora imagine...

Entrevistado: Estou sentada mas não é para estar de cadeira de rodas...

Entrevistador: Sim, sim... Não, não, não. Estava a dizer que a mesa estava acessível para toda a gente, é uma mesa num sitio plano e toda a gente consegue ir à mesa. Mas a D. é como está agora. Imagine que isto acontecia consigo. Vem a primeira pessoa e diz-lhe: “Então a Sra. está

a gostar da festa? Reparei que ainda está sentada e que ainda não foi à mesa servir-se. Deseja tomar uma bebida ou comer alguma coisa? Se quiser pode acompanhar-me”.

A primeira pessoa vem e diz-lhe isto, agora vem uma segunda pessoa e diz-lhe a mesma coisa mas de outra forma e diz-lhe assim: “Está a gostar da festazinha? (Diz isto numa fala mais lenta, mais vagarosa e num tom mais alto)”. E diz-lhe ainda assim: “Então ainda não foi comer, deve estra com fominha. Trouxe-lhe aqui umas coisinhas”. Dá-lhe as coisinhas e depois diz: “Vá coma! Coma tudo até ao fim e deixe-se estar aí sentadinha para não cair”.

Pronto, agora aquilo que eu quero saber é: para si qual é ou quais são as principais diferenças entre o cenário a) e o cenário b)?

Entrevistado: Qual é que está mais correta?

Entrevistador: Sim, qual é que para si está mais correta e porquê.

Entrevistado: À partida que a pessoa está a oferecer, se me visse que eu estava incapacitada sem eu poder ir à mesa e me abordasse nesse sentido sim correcto, mas sem isso acho que a primeira é mais correcta que a segunda. Chega ali alguém, leva aquilo, quer dizer talvez a pessoa se vá sentir mais diminuída, se realmente não está. Há casos, se fosse uma pessoa que estivesse numa cadeira de rodas, ou... (pausa curta)

Entrevistador: Incapacitada.

Entrevistado: Se a pessoa aparentasse isso, sim ok, mas de outra maneira não pronto.

Entrevistador: Então acha que a segunda (cenário b)) era mais, se fosse uma pessoa que estava incapacitada até se adequaria...

Entrevistado: Se tolerava, mas fora isso acho que não, vai diminuir a pessoa. Se bem entendi a pergunta.

Entrevistador: Sim, sim...

Entrevistado: Vai ali oferece a comida, e a pessoa pode ir por ela própria. Na minha opinião a primeira é que está correta, na minha opinião.

Entrevistador: Então diga-me uma coisa, se essas duas situações acontecessem consigo como é que responderia à primeira pessoa e depois como é que responderia à segunda?

Entrevistado: Eu não vou, eu sou uma pessoa que observa mas não tento... fujo muito a conflitos e mesmo estar a criar confusões, primeiro iria agradecer e depois iria-me servir porque eu costumo dizer que o aceitar faz parte da educação.

Entrevistador: Sim, sim exatamente.

Entrevistado: Digo isso muita vez. Porque quando as pessoas oferecem tem vontade de dar e depois pensem para que é que eu estive a fazer. Agradecia e iria. Nesta segunda (cenário b)) eu diria logo à pessoa que agradeço a sua força de vontade de me vir ajudar mas que ainda consigo ir à mesa, agradeço e muito obrigada.

Entrevistador: Muito bem. Estava também para lhe perguntar de qual das duas formas preferia ser tratada, mas já disse que para si a primeira (cenário a)) enquadra-se mais na...

Entrevistado: Estar a levar o comer e assim, não.

Entrevistador: Sim. Diga-me uma coisa, concorda com este tipo de discurso, com este tipo de abordagem que esta segunda (cenário b)) pessoa utilizou?

Entrevistado: Não. Acho que não, sobretudo quando as pessoas chegam a uma determinada idade, que eu sinceramente não penso na idade que tenho porque não vi o passar do tempo, estive sempre muito ocupada, mas penso que quando uma pessoa está com uma idade mais avançada há coisas que não se devem dizer nem fazer, deve-se trata-la como se fosse uma jovem, porque se não a pessoa pode sentir-se mais inferiorizada, mais rebaixada.

Entrevistador: Sim, sim, eu estou a entender. Há determinadas palavras que se não forem as palavras certas...

Entrevistado: Podem magoar a pessoa, podem magoar a pessoa.

Entrevistador: Exatamente.

Entrevistado: Eu nessa parte não sou sensível porque sempre lidei com muita gente mas reconheço que podem por vezes magoar.

Entrevistador: E porque se calhar a D., segundo aquilo que me estava a dizer, não pensa na idade que tem e ainda se sente de certa forma uma jovem.

Entrevistado: Não me sinto uma jovem, mas graças a Deus tenho força.

Entrevistador: Sente-se com energia, ainda com muita coia por fazer, etc...

Entrevistado: Sim, sim, ainda tenho muita coisa para fazer.

Entrevistador: Enquanto se fosse uma pessoa que já estivesse mais... a sentir-se mais em baixo com menos força, a ouvir determinadas palavras talvez ficasse...

Entrevistado: Mais em baixo, é isso que eu quero dizer.

Entrevistador: Então diga-me uma coisa, acha que ou considera que este discurso (cenário b)), desta pessoa pode ser discriminatório, pode levar a que uma pessoa idosa se sinta discriminada?

Entrevistado: Não, não podemos ir para esses termos, porque eu digo muita vez que não há ninguém que não diga aquilo que não deve dizer, o erro é humano por vezes as pessoas erram, e acontece-nos isto a todos, sai-nos coisas que quando nos vamos a aperceber ficamos logo aflitos, mas já saiu, já está dito. Também nesse sentido, por vezes tolero, sou tolerante, e acho que devemos ser todos tolerantes, porque como digo, dizemos coisas que não devemos dizer, mas não é uma coisa assim, de discriminar, não é uma situação grave, eu acho que não.

Entrevistador: Também já me respondeu como é que se sentia, imaginando que nessa festa em que estava se viessem ter consigo ter este tipo de conversa a D. como é que se sentiria?

Entrevistado: Digamos aquilo que penso...bom... depende a forma como se fala, há muita maneira, com as mesmas palavras mas depende... se a pessoa é simpática... mas pronto não me ira levar a mal, não me ia levar a mal, só se a senhora... é como lhe digo... acho que não é uma razão para isso.

Entrevistador: Muito bem. Agora mudando um pouco de assunto. Para si o que é ser idoso, o que é que é chegar a isodo, chegar aos 65 anos e mais anos?

Entrevistado: Idoso obviamente é chegar longe, vão enfraquecendo e vão morrendo. Na minha opinião o que é que tem de se fazer? Quem puder e por vezes nós dizemos que não podemos porque por vezes também não queremos, não nos vamos pôr às coisas, a primeira coisa a fazer eu acho que é sair de casa, distrair, ver-se ao espelho, ir ao cabeleireiro, não sei se eu estou bem a seguir a pergunta...

Entrevistador: Pode falar, eu estou a entender...

Entrevistado: Quanto mais nós nos isolamos pior é, a pessoa mais cai, por mim própria e por pessoas que eu também já tenha falado. Agora também depende do estado de saúde da pessoa,

se a pessoa está com dores não pode estar com boa cara, mas se por vezes nós nos colocarmos na disposição de sair...

Entrevistador: Pensamento positivo...

Entrevistado: Sobretudo pensamento positivo, até parece que as dores se vão embora.

Entrevistador: Sim, sim, sim e continuarem a cuidar delas próprias.

Entrevistado: Cuidar delas próprias, gostarem delas próprias e aceitarem.

Entrevistador: Sim, exatamente. Muito bem. Aquilo que eu estava a perguntar-lhe era o que é para si ser idoso no sentido de, sente que envelhecer é uma coisa boa é uma coisa má...

Entrevistado: Digamos que é bom sinal, porque se chegou lá, mas claro que se nós pudéssemos ficar sempre jovens seria excelente, mas como é impossível temos de aceitar e viver o dia-a-dia e com aquilo que temos e tentar sempre dar um empurrãozinho.

Entrevistador: Muito bem. Então mas para D., com a idade que tem sente que está bem que é uma coisa boa, que o envelhecimento realmente é uma coisa mais positiva ou mais negativa?

Entrevistado: Digamos, eu acho que ninguém gosta de ser velho, de envelhecer porque nós, cada vez que mais avança mais agrava...

Entrevistador: Porque é que acha que as pessoas têm essa ideia, eu não quero envelhecer, eu não quero...

Entrevistado: Quer dizer, eu também não queria mas tem de ser e não podemos remar contra a maré porque é impossível, mas eu atualmente tenho 68 anos e estou feliz, estou feliz, tenho ocupações, jardim, estou no ativo. O tempo todo que tenho disponível vou para o jardim e para aqui também, graças a Deus não tenho dores, tento-me cuidar e sinto-me bem.

Entrevistador: Então para si chegar a esta fase, envelhecer e ser uma pessoa idosa, neste caso, ter 65 ou mais anos para si é uma coisa...

Entrevistado: Sinto-me bem, pensamento positivo e espero que dure mais tempo.

Entrevistador: Dure muito tempo.

Entrevistado: Pois.

Entrevistador: Exacto. Então pronto a D. tem uma ideia positiva do envelhecimento.

Entrevistado: Digamos que nós temos de ser realistas porque isto não, não sou pessimista mas por vezes temos de parar um bocadinho e pensar: Já se passou bastante tempo. Quando nós recuamos e vamos ver tudo o que nós já fizemos, de facto já lá vai um tempito. Mas temos de viver o dia-a-dia e aproveitar a vida da melhor maneira e eu costumo dizer aproveitar os dias o melhor possível porque nós antes de estarmos reformados, claro é a vida, é os filhos, é uma luta permanente tem de se lutar por isto, é mesmo assim e chegar a esta idade eu acho que as pessoas devem aproveitar ao máximo, porque isto passa muito rápido. Viver o dia-a-dia o melhor possível, aproveitar todos os momentos.

Entrevistador: Muito bem. Então aquilo que eu lhe queria perguntar é: qual é que acha que é a ideia, a imagem que as pessoas no geral, mais jovens, de 60 anos para baixo, têm do envelhecimento? As pessoas mais jovens vêem o envelhecimento de uma forma positiva, veem o envelhecimento de uma forma negativa?

Entrevistado: Penso desde já que é negativa no sentido que deixam-se um bocado cair, às vezes talvez por falta de meios, com as pequenas reformas que as pessoas têm, eu penso que isso que convida as pessoas por vezes a ficarem mais retraídas, a ficarem em casa não saírem, não irem arranjar-se, ter o cabelo arranjado, sempre bonitas, mais um casaco mais uma blusa ou mais umas calças, e tudo isso ajuda eu acho que tudo ajuda e infelizmente haverá talvez pessoas que não tenham possibilidades para adquirir essas coisas. Nesse sentido estou feliz porque trabalhei e não quero dizer que os outros não consigo sem trabalhar também, mas tenho sorte nesse sentido tenho uma reforma razoável que me permite realmente fazer uma vida que me permite ter as coisinhas que gosto de ter.

Entrevistador: Sim, Sim. Eu estou a entender perfeitamente o que me está a dizer e tem razão. Mas acha que a população mais jovem, ou seja, as pessoas com menos de 60 anos, quando olham para pessoas mais velhas, quando olham para a ideia de envelhecer pensam nisso de uma forma positiva ou de uma forma negativa?

Entrevistado: Está a perguntar-me a opinião que as pessoas podem pensar, é isso?

Entrevistador: As pessoas mais jovens com menos de 60 anos, por exemplo eu, os meus irmãos, os meus pais quando olhamos para pessoas idosas...

Entrevistado: Digamos que me ponha agora no vosso lugar, imaginar o que vocês podem pensar.

Entrevistador: Exatamente. O que é que a D. acha que nós pensamos acerca dos idosos e do envelhecimento, pensamos coisas boas pensamos coisas más?

Entrevistado: Ah... Isso é muito relativo.

Entrevistador: Aquilo que a D. vê das pessoas mais novas, com as suas atitudes...

Entrevistado: Eu penso que... isso é relativo, de certeza que há muitos que pensam epá Deus me livre chegar aquela idade e ser assim, e isso os assustará. Porque por vezes vêm-se pessoas que nós a colocarmo-nos no lugar deles assusta-nos. Epah será que vou ficar assim, vai-me acontecer isto vou estar dessa forma. Agora quando eu tinha a vossa idade eu não pensava nada nisso, sinceramente não pensava nisso. Uma coisa que eu respeitava muito e respeito.

Entrevistador: Não pensava mas respeitava.

Entrevistado: Ah isso respeitava, mesmo que fosse num autocarro ou outra coisa qualquer se eu visse uma pessoa de mais idade levantava-me, tive sempre muito respeito pelas pessoa de idade.

Entrevistador: Então em Portugal as pessoas jovens, as pessoas com 60 ou menos anos que ainda não chegaram à idade idosa, se me pudesse dizer se as pessoas têm uma visão positiva ou mais uma visão negativa o que me dizia? Há mais pessoas a ver o envelhecimento de uma forma má, negativa, ou há mais pessoas a ver de uma forma positiva?

Entrevistado: Ah eu penso que é negativo, as pessoas estão a ver um envelhecimento cada vez mais rigoroso, no sentido que têm medo de ver as reformas cada vez mais reduzidas, que poderão a não vir ter poder de compra, penso que as pessoas devem estar preocupadas com isso, aos 50 anos já pensam nisso, os meus filhos têm 40 e pouco e já pensam nisso.

Entrevistador: Muito bem.

Entrevistado: Que os assusta, porque atualmente, houve aqui uns anos atrás que a vida estava-se mais à altura dos sonhos, foi pena mas perderam-se.

Entrevistador: Hum. Então acha que essas pessoas, as pessoas mais jovens realmente têm medo de chegar a uma idade...

Entrevistado: Eu penso de facto que têm medo. Eu não sou pessimista mas eles têm receio.

Entrevistador: Acha que as pessoas têm medo, mais pelo que me estava a dizer das reformas etc, e do que é que os espera, o futuro que os espera, ou acha que esse medo advém da imagem

que se tem das pessoas idosas, ou seja, eu tendo uma imagem negativa das pessoas mais velhas também não vou querer se calhar chegar a essa idade. Acha que as pessoas têm uma ideia errada do que é que é ser idoso e envelhecer?

Entrevistado: É como digo, eu acho que ninguém queria ser velho, continuo a dizer... As pessoas com 80 e tal anos que têm genica, que realmente mete desgosto olhar para elas, mas são em menor número.

Entrevistador: Muito bem. Acha que por haver pessoas que têm uma ideia negativa do envelhecimento das pessoas mais velhas podem realmente viver situações de discriminação, ou seja, por exemplo eu tenho uma ideia errada ou uma ideia negativa do envelhecimento das pessoas que já chegaram aos 65 ou mais anos e por isso posso vir a discriminar essas pessoas de alguma forma?

Entrevistado: Pois é capaz de haver quem o faça e quem o pense. Eu penso que há de tudo. Primeiro de tudo não se deve discriminar mas haverá quem discrimine quem goze com os idosos, isso há. Fazem troça deles que os gozam.

Entrevistador: Sim, Sim.

Entrevistado: Isso há. Há pessoas que discriminam fazem troça, pronto, gozam e que não respeitam que é a parte errada mas acontece.

Entrevistador: Então e acha que essas pessoas quando gozam, gozam porque motivo?

Entrevistado: Eu penso que é uma parte da educação, a educação. Há muita gente bem-educada mas infelizmente também há sem educação.

Entrevistador: Então e o que é que acha que poderia ser feito para combater essas situações, para evitar que as pessoas idosas sejam discriminadas? (Pausa) O que é que poderia ser feito a todos os níveis para fazer ver às pessoas mais novas que não se deve discriminar?

Entrevistado: Isso há uma parte de casa, pronto os meus filhos eu sempre os ensinei desde pequeninos que não se goza ninguém que quem tem telhados de vidro não jogue pedra, isto era uma expressão dantes, e é uma coisa que sempre os ensinei desde pequeninos não gozar, sobretudo um aleijado, os garotos são mauzinhos... Eu acho que essa parte já vem de casa. A educação já vem de casa dos pais e depois porque é que os professores também na escola, bem não é bem a parte dos professores, na catequese.

Entrevistador: Trabalhar os valores e essa parte do respeito.

Entrevistado: Na catequese porque às vezes não é só falar de Jesus Cristo. Dos valores, e do respeito mas grande parte vem de casa.

Entrevistador: Então acha que tem de haver um trabalho de casa por parte dos pais a nível de educação mas também poderá ser um trabalho que poderá ser feito nas escolas.

Entrevistado: Escolas, na catequese. Mas às vezes pode ser uma área que devia se falar de certas coisas.

Entrevistador: Sim, Sim. Não tem de ser uma disciplina só. Trabalharemos esse tema.

Entrevistado: Por vezes fazem-se coisas inconscientemente que as pessoas não estão, eu digo esta frase muita vez, nós julgamo-nos todos uns aos outros, não temos o direito de o fazer mas todos o fazemos, inconscientemente nós o fazemos, mas se nós nos formos pôr no lugar da pessoa que estamos a julgar, já vamos julgar de outra forma, temos primeiro de nos pôr no lugar delas.

Entrevistador: Exatamente pormo-nos sempre no lugar dessa pessoa e nessa situação.

Entrevistado: E a partir daí, depois de nos colocarmos no lugar dessa pessoa: se fosse eu já era diferente.

Entrevistador: Já era diferente, exatamente. Muito bem D. x basicamente era isto que lhe queria perguntar. Obrigada pela sua colaboração.

Entrevistado nº 10

Entrevistador: O que eu gostava de começar por saber é como é normalmente o seu dia-à-dia?

Entrevistado: Olhe o meu dia-à-dia, durante a semana ou venho à Universidade ou estou lá nos meus entreténs, na agricultura, cortar umas silvas, pronto, na vida da aldeia. Planto umas couves, uns eucaliptos, pronto. Na nossa zona não há outra coisa temos de nos ocupar no que há. Quando não estou nesses afazeres venho aqui para a Universidade, dois dias por semana. E aos fins-de-semana, temos lá uma associação, que não é uma associação que nós abrimos ao domingo para encontrarmo-nos, os jovens da 3ª Idade e para jogar as cartas. Como na aldeia o

que existe são pessoas já de idades avançadas e não há ocupação, a única ocupação que têm é o convívio e jogar as cartas. Então temos um grupo de 4, somos todos voluntários, cada um faz um domingo. Abre-se, acende-se a lareira, vende-se um café, uma água quando as pessoas pedem. Então aos domingos, de 4 em 4 semanas lá estou, estive lá este domingo. E por tanto é sempre a mesma coisa.

Entrevistador: Então e porque é que o Sr. A. resolveu participar na Universidade Sénior?

Entrevistado: A minha vinda para aqui... Há muita gente da minha idade que não pensa assim. Como nós não tínhamos muita cultura, porque não tivemos acesso a ela, mas também não pensamos como muita gente, que o saber era para os Doutores. E então chegou a uma certa altura que falámos aos filhos, e o meu João disse-nos que aquela que tínhamos mais perto era em Ourém. Andou a investigar aqui a zona toda para que agente pudesse saber. As Universidades Seniores são muito novas, muito recentes, têm 15 ou 16 anos, e então perto não havia nada. Havia em Leiria mas era longe, e nós nem éramos do distrito, nem do conselho, nem da freguesia. Então decidimos vir para aqui. Pelo convívio e sempre se aprende alguma coisa. É sempre tempo para aprender e quando chega uma determinada idade o convívio também conta muito.

Entrevistador: Sentiu essa necessidade de juntar o convívio e ao saber.

Entrevistado: Começa a criar-se relações e já cá estamos à 5 anos. Em Fátima acho que abriu qualquer coisa mas nós sentimo-nos aqui bem. Depois nas aldeias, e nas cidades também, as pessoas pensam: “Olha deixa-me estar que estou bem.” E nada pior, penso eu, que a pessoa pensar que está a ficar velha e da cama vai para o sofá para a frente da televisão e não tem nada para fazer. Eu penso que é o pior que pode acontecer a qualquer pessoa.

Entrevistador: Decidiu que não queria isso para si.

Entrevistado: Não. Não estou a falar da classe das pessoas. O Doutor ou o Engenheiro, qualquer pessoa, desde o mais instruído ao menos instruído. A pessoa vai para a cama, levanta-se sem ter nada que fazer... Nunca me deitei nem me levantei e pensei: “Epá, não sei o que fazer.” Se não tiver o que fazer, vou lá para um armazénzito que tenho e nem que esteja a partir uma tábua, tenho de estar ocupado. O corpo começa a ter menos força mas a cabeça tem de trabalhar. E infelizmente nas nossas aldeias está a assistir-se muito, as pessoas chegam a uma certa idade, os filhos foram embora por isto ou por aquilo, e ficam ali de papo para o ar, e estão ali parece que morreram antes do tempo. Penso que aqui em Ourém também há muito. Eu andei quase 30

anos em Fátima conhecia aquela zona toda e vejo que é quase a mesma coisa: “Ah, já estou velho, não tenho nada que fazer.” E uma pessoa tem sempre que fazer. Eu mesmo que venha para aqui, faço sempre alguma coisa de manhã. Se ficar em casa fico pior. Nunca me lembro de me levantar tomar o pequeno-almoço e ficar sentado no sofá a olhar para a televisão. Uma pessoa toma o pequeno-almoço e sai logo a correr. É verdade que nem toda agente pensa assim, mas eu nunca tive uma vida de estar parado até hoje. Enquanto eu trabalhei, nunca tive horário, na minha vida profissional não havia horário. Podia chagar a casa às 7 às 8, como às 9, era quando chegasse e habituei-me sempre a sair cedo, às 8 às vezes antes e depois quando fui para casa, ao contrário dos outros que reformavam-se se fosse preciso com 50, e eu reformei-me aos 66 e ainda me sentia bem lá agora, sentia-me bem. Quando agente se habitua a conviver com as pessoas, depois sentimos falta e a minha vida era todos os dias, todos os dias entrar na casa das pessoas e isso faz muita falta depois. No primeiro ano tive muita dificuldade. Até ir para o hospital. Como eu vivia muito do convívio com essas pessoas, quando passei para essa fase refugiei-me no trabalho, mas num trabalho totalmente diferente daquele que eu fazia. Totalmente. Eu tinha de ocupar o meu tempo, estava habituado a fazer 12/13 horas, e de um dia para o outro: “Olha vai para casa que a empresa vai acabar.” Passei uma adaptação difícil. Entretanto, passado um tempo quando descobrimos isto, vim para aqui mais a minha mulher. Somos dos casais mais antigos que estamos cá até hoje. Aqui vamos continuar até que agente possa.

Entrevistador: Então e normalmente quando está aqui na Universidade Sénior, quando está nesse grupo ao domingo na associação, quando vai a outros locais, costuma interagir com muitas pessoas diferentes?

Entrevistado: Sabe, nas aldeias é complicado porque somos muito poucos é diferente de quem vive nas cidades ou nos grandes centros embora essas pessoas também se escondam mais em casa que nós. Mas convive-se sempre.

Entrevistador: E normalmente quando está com diferentes pessoas, como é que diria que decorrem essas interações?

Entrevistado: É sempre um bocado complicado, pelo menos quando estamos fora do nosso habitat, agora quando conhecemos é normal. Havia aqui um senhor, que conhecia há muitos anos e por coincidência quando eu vim para a Universidade ele veio também. Ainda hoje ele aí está, foi aluno e agora dá aulas.

Entrevistador: Agora gostaria de saber a sua opinião sobre uma situação que no caso fui eu que inventei mas que podia ser real. A primeira situação está transcrita aqui nesta folha. Eu vou lendo e o Sr. A. vai acompanhando se desejar.

Imagine que o Sr. A. vai a uma festa promovida pela Câmara Municipal, onde se encontram várias pessoas da comunidade. No intervalo, estão à disposição bebidas e várias comidas que se encontram acessíveis a todos, nomeadamente a pessoas com mobilidade reduzida. Nesta primeira situação, uma pessoa da organização dirige-se a si e diz: – “O Sr. está a gostar da festa? Reparei que ainda está sentado/a e não foi até à mesa servir-se. Deseja tomar uma bebida ou comer alguma coisa? Se quiser acompanhar-me.”

Agora imagine que está na mesma situação, mas é abordado por outra pessoa. Esta diz-lhe o seguinte: – “Está a gostar da festazinha? (Diz isto numa fala vagarosa e num volume exageradamente alto) Ainda não foi comer, deve estar com fominha. Trouxe-lhe umas coisinhas. Coma tudo até ao fim e deixe-se estar sentadinho para não cair.”

Aquilo que eu gostava de saber é para si qual/quais é/são as principais diferenças entre o discurso da primeira pessoa e da segunda?

Entrevistado: Eu acho que esta se está a aproximar muito mais que aquela.

Entrevistador: A segunda aproximou-se mais? No caso de ser consigo...

Entrevistado: No caso de uma pessoa incapacitada, ou sentir-se diminuído. Muitas vezes, no caso que aqui estamos a ver, não é só o facto da pessoa ser diminuída fisicamente, pode estar diminuída mentalmente.

Entrevistador: Mas se esta situação acontecesse com o Sr. A..

Entrevistado: Eu acho que esta está mais próxima daquela pessoa que por qualquer motivo foi convidada para a festa e por qualquer motivo não está à vontade.

Entrevistador: Então e se estas situações acontecessem consigo, como reagiria em cada uma delas e segundo a qual das duas formas gostaria de ser tratado?

Entrevistado: Parece-me que preferia esta, que reagia melhor a esta (cenário b)).

Entrevistador: À segunda (cenário b))? E pode explicar-me porquê?

Entrevistado: Porque a pessoa aqui, talvez por falar mais devagar e depois disponibiliza-se logo para ir buscar alguma coisa, e isso às vezes é muito importante.

Entrevistador: Neste (cenário a)) a pessoa pergunta-lhe se quer tomar alguma coisa e se quiser que o pode acompanhar até à mesa, neste (cenário b)) a pessoa traz-lhe as coisas.

Entrevistado: Ora... Muitas vezes acontece, agente vê pessoas porque não estão à vontade ou por isto ou por aquilo e têm medo de se servir.

Entrevistador: Então se esta situação fosse consigo, preferia ser abordado pela segunda?

Entrevistado: Talvez achasse o cenário b) mais próximo da pessoa. Se eu fiquei é por qualquer motivo e não estou à vontade e esta está a ajudar-me. Vai-me pôr as coisas à frente. Não sei se tem mais interesse uma que outra, mas para mim seria esta.

Entrevistador: Era isso que eu queria saber, qual é que preferia. Então e diga-me uma coisa: Acha que este tipo de discurso utilizado no cenário b) não pode ser discriminatório em relação às pessoas idosas?

Entrevistado: Bem, aqui só há uma situação que pode levar a pensar isso. É o tom alto. É que o tom alto tudo depende de quem o faz. Porque temos que ver, a maneira das pessoas falarem não é igual. A pessoa pode falar alto, mas o falar alto não significa que a pessoa não se esteja a aproximar da pessoa. Também temos de perceber que muitas vezes o falar alto é próprio muitas vezes da falta de cultura, pronto, porque... da pessoa que vem ter com agente, se é um homem ou uma senhora, se é uma pessoa de pouca ou muita idade. Há diferença, na minha maneira de ver.

Entrevistador: Mudando agora um bocadinho de assunto. Para o Sr. A o que é ser idoso?

Entrevistado: Eu brinco muita vez, só há um contra nesta fase da vida. Não são os anos que pesam muito, é se agente fica incapacitados. E, se for das pernas é mau, se for da cabeça ainda pior. Para mim é o cenário pior da idade da pessoa, mas não estou a dizer que seja até 70, 80 ou 90, estou a referir-me a qualquer idade em que pode acontecer isto, mas a mim o que me assusta é isto.

Entrevistador: Então mas para o Sr. A chegar a esta fase é uma coisa boa, é uma coisa má? A visão que o Sr. A tem de ser idoso.

Entrevistado: Para mim o chegar a velho é bom. Ninguém quer morrer novo. Assusta-me é pensar que amanhã posso ficar numa cadeira de rodas ou ficar numa cama, é quase como sendo uma mobília, mas a mobília não precisa que lhe levem nada e nós precisamos que alguém lá vá, mas também não reconhecemos se nos vão dar carinho ou outra coisa. Isso é que me assusta.

Entrevistador: Então mas para si, envelhecer é uma coisa boa, devido às capacidades que ainda mantém...

Entrevistado: É, é...é muito bom e sabe porquê? Porque à medida que nós vamos envelhecendo só nos tornamos maçadores, quanto a mim, porque já passaram algumas pessoas mais velhas por mim e nós vamos buscar coisas de há muitos anos, que estão esquecidas, desenterramos muita vez conversas e não nos lembramos do que fizemos ontem. Quando estou a falar com gente mais velha do que eu e estão a falar-me do avô ou do bisavô e disto e daquilo e não me falam do neto. Porque a nossa memória vai lá para longe. Agente vai com muito mais passividade buscar o que aconteceu à 60/70 anos atrás, só há um contra, sabe qual é? É que o disco está sempre a passar o mesmo e depois... Eu reconheço porque já se passou em minha casa e isso assusta-me também. Agente esqueceu-se que ontem o avô dele diz que fazia e acontecia e amanhã tornamos a dizer e no outro dia tornamos a dizer. Caímos muito no vira o disco e toca o mesmo e depois as camadas jovens não estão... Quando chegam a uma certa idade percebem isso, porque eu não percebia há 30 anos quando a minha sogra, coitada. Ela só tinha duas filhas e uma estava em Coimbra e então normalmente ao domingo ou ao sábado quando os meus filhos lá estavam, ia sempre almoçar ou jantar lá a casa e todos os dias a conversa era a mesma e os meus filhos, por princípio ninguém abria a boca, sentavam-se à mesa e enquanto a avó estivesse à mesa ela é que falava. E eu pensava: “Ai quando eu for velho se calhar também assim fico” e isso assusta-me, porque eu hoje disse que o burro era preto, mas amanhã volto a dizer que ele era preto, não digo que era preto e branco e isso... Noto em mim mas também noto nos outros.

Entrevistador: Mas no geral tem uma ideia positiva do envelhecimento...

Entrevistado: Tenho, tenho, tenho.

Entrevistador: Ser idoso e envelhecer é positivo...

Entrevistado: É.

Entrevistador: Considera que essa é a opinião das pessoas no geral?

Entrevistado: Não sei, nem todos são da mesma opinião

Entrevistador: As pessoas mais jovens, com menos de 60 anos por exemplo, olham para o envelhecimento, para as pessoas idosas de uma forma boa?

Entrevistado: Eu penso uma coisa, o ser velho só se começa a dar valor ou a rejeitar à medida que agente vai passando e vai lá chegando. Uma coisa que eu vou notando é que quando chegamos a uma determinada idade dizemos: “Se calhar para o ano já cá não estou”. Raramente ouvimos uma pessoa mais jovem dizer isto e quando chegamos a uma determinada idade aplicamos estas palavras com frequência. Por exemplo: “Havia de fazer isto ou aquilo, mas para quê se para o ano já cá não estou.” Está a ver? Porquê? Já morreram tantos mais novos que eu. Quando se é jovem não se pensa isso. Eu passei por várias situações, desde a guerra a mil e uma situações, a ir para o Ultramar com camisa e vir de lá sem camisa e nunca pensei que era o último dia.

Entrevistador: Então e qual é que acha que é a imagem que a população no geral, neste caso as pessoa que ainda não chegaram aos 65 anos, têm das pessoas idosas?

Entrevistado: Muito complicado. Eu até penso que haverá uns quantos que terão uma imagem... mas uma quantidade grande pensam que o pai ou a mãe ou a não sei quantos já cá está a ser um estorvo. Eu tenho o exemplo lá de um vizinho.

Entrevistador: Então acha que há uma visão negativa do envelhecimento em Portugal?

Entrevistado: Há. A situação que se criou atualmente, só tem uma saída, é mandar os pais para o armazém das velharias. Não estou a dizer nada que não seja a realidade, infelizmente é o que está a acontecer. Eu estou a preparar-me para isso.

Entrevistador: Devido a essa imagem negativa que as pessoas mais novas têm das pessoas mais velhas acha que podem surgir situações de discriminação contra essas pessoas mais velhas?

Entrevistado: Vamos ver uma coisa, nem será só a ideia, é a situação que se criou, porque os nossos avós tinham uma barraquinha com dois quartos, mas tinham 6 ou 7 filhos ao pé, em último recurso iam uma semana para casa de cada filho, rodavam as casas dos filhos. Eu tenho 3 filhos, mas a maioria tem um, e onde é que os filhos estão a trabalhar? Onde é que têm disponibilidade? Há uns anos atrás, as mulheres, 90% para não dizer 99% se eram empregadas era só até ao dia em que casavam. A mulher era a parideira da família e quem tinha de organizar tudo, o homem só trabalhava e tinha de levar as coisas para casa, e isso acabou, até porque hoje a maioria das mulheres trabalha tanto como os homens, e se calhar saí primeiro e entra depois em casa.

Entrevistador: Segundo o que me estava a dizer, pensa haver uma imagem negativa por parte dos mais jovens em relação às pessoas mais velhas. Acha que por existir essa imagem negativa, podem surgir situações de discriminação em relação às pessoas idosas?

Entrevistado: Eu nem direi bem discriminação, é mais a situação que se criou. Porque os filhos estão longe, onde mal cabem eles e os filhos...

Entrevistador: Mas sem ser por parte dos filhos, o Sr. A está a dizer-me que no geral as pessoas têm uma imagem negativa das pessoas idosas. Acha que por terem essa imagem negativa podem vir a discriminar essas pessoas idosas?

Entrevistado: É um bocado isso, e depois cria-se a dificuldade e o hábito de com a chegada de uma certa idade: “Ah vai para o armazém”. Chega lá, fica no armazém das velharias até apodrecer por completo. E fica no armazém das velharias, não há nada a fazer. Os lares são todos iguais. As pessoas vão para lá, às vezes com muita coragem, mas no dia a seguir... Eu tenho um caso na família, não vou falar da dos outros. Uma senhora do meu ano, somos da mesma idade, e era uma pessoa com problemas, creio que maiores de cabeça e a determinada altura criou uma situação que os filhos vivem em Coimbra e um deles chegou a casa e disse à mãe que ela no dia a seguir ia para tal lado porque já tinha corrido os lares todos de Santarém e de Leiria e nenhum servia. E ela era uma pessoa que podia estar muito ativa, se a cabeça lhe dissesse que tinha de estar ocupada com alguma coisa, não era pensar que as doenças do mundo eram todas dela e que toda agente é responsável por isso. Então os filhos levaram-na para lá muito nova, quando foi para lá tinha 71 ou 72 anos e ia bastante ativa. Já não vou lá vê-la há uns tempos. Engordou, senta-se, dorme, está a ver? O armazém que acabou com as pessoas, porque se houvessem lares, por exemplo com atividades como aqui, amanhã de manhã vamos para a ginástica, um puxa pela perna esquerda outro puxa pela direita... mas pelo menos estamos a puxar pela cabeça, ninguém está a dizer que vai para lá uma jovem e que eu tenho de fazer como ela. Mas é que os lares infelizmente, como as pessoas também têm pouco dinheiro, os lares são só um armazém, eu considero como um armazém. As pessoas vão para ali, vai lá o filho, o neto, o bisneto, quando de lá saem até vêm aterrorizados com o que lá viram. Não estou a dizer nada a que agente não assista todos os dias. Por isso é que eu digo que a pior visão que se tem do idoso é essa, que vai ali para o armazém de velharias, porque se aquilo não fosse um armazém de velharias, houvesse uma maneira diferente, não estou a dizer para meter as pessoas aos pulos, mas que criassem atividades de acordo com as possibilidades de cada um. Agora

chegar lá, não vais para ali que estorvas, para ali também não, e saem da cama e vão para o sofá e isso cria uma má imagem.

Entrevistador: Então diga-me uma coisa para terminar, o que acha que poderia ser feito para diminuir a discriminação face às pessoas idosas em Portugal e até mesmo essa imagem negativa que se tem dessas mesmas pessoas?

Entrevistado: Eu continuo a pensar que o fator mais importante é evitar os armazéns. Que os lares não se tornassem tanto num armazém de velharias. Pronto, que os lares tivessem um funcionamento diferente, para aqueles que podem, não é agora vai para lá um de cadeira de rodas ou está acamado... mas vai para lá gente, pronto que os filhos estão longe, por várias situações, mas ainda são bastante ativas mas deixaram a cabeça ir para baixo, e sabe que a cabeça quando vai para baixo devia haver um estímulo nesses lugares para puxar a cabeça para cima.

Entrevistador: Então considera que se os lares mudassem a sua forma de intervir, que a imagem que as pessoas no geral têm das pessoas idosas poderia mudar...

Entrevistado: Ora... E sabe porque é que podia mudar? Porque quem lá fosse, os netos, ou os amigos, a juventude quando lá fosse tinha uma outra imagem... Agora, eu estou a dizer aquilo que eu sinto, uma pessoa chega lá (imita uma pessoa a dormir sentada). Estão lá 50, ou estão lá 40 ou 30 e normalmente 99% dos lares a situação é igual. Para mim que já estou com uma idade avançada, pode acontecer-me o mesmo amanhã, agora diga-me, um jovem com 12, 13, 14, 18 anos quando vai ali o que é que pensa? Uma imagem péssima. Veja, eu tenho esta idade, mas eu penso assim porque eu quando lá vou penso: “Aí aonde é que eu venho acabar!” Porque enquanto eu for capaz de me deitar e cá andar deixo-me estar na minha casa. Ainda lá estou bem, ainda vou ao quintal, se for preciso agarrado a uma muleta, agora já sei que se for para um lar desses acontece como aos outros todos, e por isso é que há uma imagem muito má dos idosos.

Entrevistador: Muito bem Sr. A. Muito obrigada.

Apêndice 9 – Grelhas de análise de conteúdo

Legenda:

- 1= Mencionou
- 2= Não mencionou
- 3= Sim
- 4= Não
- 5= Não respondeu
- 6= cenário a)
- 7= cenário b)

Entrevistado	Tipo de entrevistado	A. Conhecimento da Vida Diária							
		A.1 Dia-a-dia do entrevistado							
		A.1.1 Higiene pessoal	A.1.2 Atividades Domésticas	A.1.3 Atividades afetas à Instituição	A.1.4 Tarefas pessoais no exterior	A.1.5 Caminhada	A.1.6 Apoiar a família	A.1.7 Ver televisão/ler as notícias	A.1.8 Tratar do jardim e da horta
E1	CAI	1	1	1	1	2	2	2	2
E2	CAI	2	2	1	1	1	1	2	2
E3	CAI	1	1	1	1	2	2	1	2
E4	CAI	2	2	2	1	2	2	1	2
E5	CAI	1	2	2	1	1	2	1	2
E6	USO	2	1	1	1	2	2	2	1
E7	USO	2	1	1	1	2	2	2	1
E8	USO	2	1	1	1	2	2	2	1
E9	USO	2	1	1	1	2	1	2	1
E10	USO	2	2	1	1	2	2	2	1

Entrevistado	Tipo de entrevistado	A. Conhecimento da Vida Diária		
		A.2 Outra atividade exterior à Instituição	A.3 Interações diárias	A.4 Interações positivas
E1	CAI	4	3	3
E2	CAI	4	3	3
E3	CAI	3	3	3
E4	CAI	4	3	3
E5	CAI	4	3	3
E6	USO	4	3	3
E7	USO	4	3	3
E8	USO	3	3	3
E9	USO	3	3	3
E10	USO	3	3	3

Entrevistado	Tipo de entrevistado	B. Estilos de Comunicação e Interações							
		B.1 Diferenças entre o cenário a) e o cenário b)							
		B.1.1 Diferença no tom de voz	B.1.2 Utilizar diminutivos	B.1.3 Diferença na linguagem	B.1.4 Cenário b) inferioriza a pessoa	B.1.5 Cenário b) exclui a pessoa	B.1.6 Cenário a) inclui a pessoa na festa	B.1.7 Cenário b) é mais generoso	B.1.8 Cenário a) parece obrigar a pessoa a ir à mesa
E1	CAI	1	1	1	1	1	2	2	2
E2	CAI	2	2	1	1	2	2	2	2
E3	CAI	1	1	1	1	1	1	2	2
E4	CAI	2	2	1	2	2	2	1	1
E5	CAI	1	2	1	2	2	2	2	2
E6	USO	2	1	1	1	2	2	2	2
E7	USO	2	1	2	1	2	2	2	2
E8	USO	2	1	2	2	2	2	2	2
E9	USO	2	2	2	1	2	2	2	2
E10	USO	1	2	1	2	2	2	1	2

Entrevistado	Tipo de entrevistado	B. Estilos de Comunicação e Interações						
		B.1 Diferenças entre o cenário a) e o cenário b)						
		B.1.9 Cenário b) é impositivo	B.1.10 Cenário b) é exuberante	B.1.11 Cenário b) infantiliza	B.1.12 Cenário b) é depreciativo	B.1.13 Cenário b) transmite o sentimento de pena	B.1.14 Cenário b) estaria bem para uma pessoa incapacitada	B.1.15 Cenário b) estaria bem para uma pessoa incapacitada porém com alterações
E1	CAI	2	2	1	2	2	2	2
E2	CAI	2	2	2	2	1	1	2
E3	CAI	2	2	2	1	1	2	1
E4	CAI	2	2	2	2	2	2	2
E5	CAI	1	1	2	2	2	2	2
E6	USO	1	2	2	1	2	2	2
E7	USO	2	2	2	1	2	2	2
E8	USO	2	2	2	2	1	1	2
E9	USO	1	2	2	2	2	1	2
E10	USO	2	2	2	2	2	1	2

Entrevistado	Tipo de entrevistado	B. Estilos de Comunicação e Interações				
		B.2 Reações aos cenários				
		B.2.1 Reação ao cenário a)		B.2.2 Reação ao cenário b)		
		B.2.1.1 Reage com educação	B.2.1.2 Reage com agrado	B.2.2.1 Reage com agrado	B.2.2.2 Reage com educação mas não aceitava	B.2.2.3 Reage mal/ Não respondeu
E1	CAI	2	2	2	1	2
E2	CAI	1	1	2	2	2
E3	CAI	2	1	2	2	2
E4	CAI	2	1	1	2	2
E5	CAI	1	1	2	1	2
E6	USO	1	2	2	2	1
E7	USO	1	2	2	2	1
E8	USO	1	1	1	2	2
E9	USO	1	1	2	1	2
E10	USO	2	2	1	2	2

Entrevistado	Tipo de entrevistado	B. Estilos de Comunicação e Interações		
		B.3 Cenário preferido	B.4 Concordância com o cenário b)	B.5 Cenário b) é discriminatório
E1	CAI	6	4	3
E2	CAI	6	4	3
E3	CAI	6	4	3
E4	CAI	7	3	4
E5	CAI	6	3	4
E6	USO	6	4	3
E7	USO	6	4	3
E8	USO	6	3	4
E9	USO	6	4	4
E10	USO	7	3	4

Entrevistado	Tipo de entrevistado	B. Estilos de Comunicação e Interações		
		B.6 Sentimentos face ao cenário b)		
		B.6.1 Sentimento de invalidez	B.6.2 Sentimento de tristeza e mágoa	B.6.3 Sentimento de generosidade
E1	CAI	1	2	2
E2	CAI	1	1	2
E3	CAI	2	2	2
E4	CAI	2	2	1
E5	CAI	2	2	2
E6	USO	2	2	2
E7	USO	2	2	2
E8	USO	2	2	2
E9	USO	1	1	2
E10	USO	2	2	1

Entrevistado	Tipo de entrevistado	C. Representações do Envelhecimento						
		C.1 Ser Idoso						
		C.1.1 É saber viver e aceitar a idade	C.1.2 Não é ser coitadinho	C.1.3 É positivo	C.1.4 É negativo	C.1.5 É positivo quando não há incapacidades	C.1.6 É ter muita idade	C.1.7 É ter experiência
E1	CAI	1	1	1	2	2	2	2
E2	CAI	2	2	1	2	1	1	2
E3	CAI	2	1	1	2	2	2	1
E4	CAI	2	2	1	2	2	1	1
E5	CAI	2	2	2	1	2	1	2
E6	USO	1	2	1	2	2	1	1
E7	USO	2	2	1	2	1	2	2
E8	USO	2	2	1	2	1	1	1
E9	USO	1	2	1	2	2	1	2
E10	USO	2	2	1	2	1	1	2

Entrevistado	Tipo de entrevistado	C. Representações do Envelhecimento						
		C.1 Ser Idoso						
		C.1.8 Não é sinónimo de incapacidade	C.1.9 É estar sozinho	C.1.10 É já não ter vontade de viver	C.1.11 É não ficar agarrado ao passado	C.1.12 Vai para além da idade cronológica	C.1.13 É ver as capacidades físicas diminuídas	C.1.14 Associação à morte
E1	CAI	2	2	2	2	2	2	2
E2	CAI	2	2	2	2	1	2	2
E3	CAI	2	2	2	2	2	2	2
E4	CAI	1	2	2	2	1	1	1
E5	CAI	2	1	1	2	2	1	1
E6	USO	2	2	2	1	1	2	2
E7	USO	2	2	2	2	2	1	2
E8	USO	2	2	2	2	2	2	2
E9	USO	2	2	2	2	2	2	1
E10	USO	2	2	2	2	2	1	2

Entrevistado	Tipo de entrevistado	C. Representações do Envelhecimento			
		C.2 Visão da população sobre as pessoas idosas			
		C.2.1 Visão positiva	C.2.2 Visão negativa	C.2.3 Situações de discriminação face a uma visão negativa do envelhecimento	
				C.2.3.1 Sim	C.2.3.2 Não
E1	CAI	2	1	1	2
E2	CAI	2	1	1	2
E3	CAI	2	1	1	2
E4	CAI	2	1	1	2
E5	CAI	1	2	2	1
E6	USO	1	2	1	2
E7	USO	2	1	1	2
E8	USO	1	1	1	2
E9	USO	2	1	1	2
E10	USO	2	1	1	2

Entrevistado	Tipo de entrevistado	D. Intervenção no domínio do Idadismo						
		D.1 Intervenção para diminuir a discriminação face às pessoas idosas em Portugal						
		D.1.1 Educação Formal	D.1.2 Educação informal	D.1.3 Promover encontros intergeracionais	D.1.4 A pessoa idosa chamar a atenção da pessoa que discrimina	D.1.5 Saber colocarmo-nos no lugar da outra pessoa	D.1.6 Mudar o funcionamento dos lares de terceira idade	D.1.7 Não há nada a fazer
E1	CAI	2	1	2	2	1	2	1
E2	CAI	2	2	2	2	2	2	2
E3	CAI	2	1	2	2	2	2	2
E4	CAI	1	1	2	2	2	2	2
E5	CAI	2	2	2	2	2	2	1
E6	USO	2	2	2	2	2	2	2
E7	USO	1	2	1	2	2	2	2
E8	USO	2	1	2	1	2	2	2
E9	USO	1	1	2	2	1	2	2
E10	USO	2	2	2	2	2	1	2

Apêndice 10 - Dicionário de categorias

A. Conhecimento da Vida Diária

A.1 Dia-a-dia do entrevistado

A.1.1 Higiene pessoal

Exemplo 1: “ (...) o meu dia-à-dia em geral é levantar-me, fazer a higiene, ir ao duche e vestir-me, arrumar o meu quarto, tomar o pequeno-almoço, preparar o saco e vir para baixo. Venho para aqui (sala de trabalhos manuais), em geral quase todos os dias, só se eu tiver alguma volta a dar lá por fora é que não venho mas aviso”. (E1)

Exemplo 2: “Antes das 7 já tenho feito a barba, as necessidades de higiene, tomo duas vezes por semana banho, sábados e quartas-feiras, e chega muito bem e (...)”. (E5)

A.1.2 Atividades Domésticas

Exemplo 1: “No meu dia-à-dia faço a vida normal de casa, comida, limpeza da casa que não tenho ninguém (...)”. (E6)

Exemplo 2: “Levanto-me às 7:30h. Das 7:30 às 9:30h trato da casa e de mim e das minhas coisinhas”. (E3)

A.1.3 Atividades afetas à Instituição

Exemplo 1: “Depois venho aqui para o atelier até ao meio dia, almoço, vejo as notícias que é muito importante para mim, venho para aqui da parte de tarde outra vez (...)”. (E3)

Exemplo 2: “ (...) neste momento passo quase todos os dias, praticamente aqui de segunda a sexta (...) Estou na direção, além de aluno também estou na direção, estou de serviço para assegurar a rotação da secretaria. A minha vida é praticamente aqui”. (E7)

A.1.4 Tarefas pessoais no exterior

Exemplo 1: “Venho para aqui (sala de trabalhos manuais), em geral quase todos os dias, só se eu tiver alguma volta a dar lá por fora é que não venho mas aviso”. (E1)

Exemplo 2: “ (...) participo na eucaristia, sou leitora e sou ministra da comunhão. Ainda, quero sair mas dizem-me ainda que não”. (E3)

A.1.5 Caminhada

Exemplo 1: “De manhã vou sempre dar uma volta, de manhã. É o meu dia-à-dia. Desde que eu possa. Não posso andar muito mas também não posso deixar de andar”. (E2)

Exemplo 2: “Olhe, vou buscar o jornal para aqui tomo uma bicazinha... (...) Falo com os amigos, conhecimentos cá da terra que eu estou cá à 25 anos e entretanto venho para aqui outra vez, sento-me ali à espera que venha o meio dia, toca o badalo, vou almoçar (...)”. (E5)

A.1.6 Apoiar a família

Exemplo 1: “Tenho um irmão que tem um café, onde geralmente, quando é assim de verão, vou lá e ajudo uns bocadinhos”. (E2)

Exemplo 2: “Atualmente estou reformada mas ainda me mantenho uma parte no ativo, no que posso ajudar os meus filhos porque estão à frente da empresa e no que posso ajudá-los ajudo mas tenho também algum tempo disponível para mim”. (E9)

A.1.7 Ver televisão/ler as notícias

Exemplo 1: “ (...) olhe, vou buscar o jornal para aqui tomo uma bicazinha... (...)”.(E5)

Exemplo 2: “(...) depois vou para “casa” e à noite, à noite não faço muito, vou vendo televisão e fazendo palavras cruzadas”. (E3)

A.1.8 Tratar do jardim e da horta

Exemplo 1: “No meu dia-à-dia faço a vida normal de casa, comida, limpeza da casa que não tenho ninguém, e os outros tempos que me sobram, por exemplo, os dias que não tenho Universidade que é as segundas e as sextas e aos sábados, trato da horta e semeio as coisas (...)”. (E6)

Exemplo 2: “Venho um bocadinho para aqui todos os dias, todos os dias não, o resto passo o dia em casa a fazer a minha vida de casa, no quintal e pronto”. (E8)

A.2 Outra atividade exterior à Instituição

Exemplo 1: “Participo na Ourémviva. Na ginástica e na hidroginástica”. (E8)

Exemplo 2: “E aos fins-de-semana, temos lá uma associação, que não é uma associação que nós abrimos ao domingo para encontrarmo-nos, os jovens da 3ª Idade e para jogar as cartas”. (E10)

A.3 Interações diárias

Exemplo 1: “Por exemplo, se eu vou à rua e encontro pessoas conhecidas e se elas gostam de me falar e saber que eu estou bem e isso assim, eu também gosto de saber se elas estão bem (...).” (E1)

Exemplo 2: “gosto muito de ir à rua porque encontro os meus amigos, agente conversa, e pronto, é diferente”. (E2)

A.4 Interações positivas

Exemplo 1: “Toda agente me trata bem”. (E1)

Exemplo 2: “São sempre amigos, graças a Deus não tenho mais nada mas tenho amigos, o que é muito bom.” (E2)

B. Estilos de Comunicação e Interações

B.1 Diferenças entre o cenário a) e o cenário b)

B1.1 Diferença no tom de voz

Exemplo 1: “Usou outro tom”. (E1)

Exemplo 2: “Uma palavra não. É a maneira como está a falar comigo, num tom de voz que não havia razão de empregar esse tom de voz”. (E5)

B.1.2 Utilização de diminutivos

Exemplo 1: “Eu acho que uma pessoa que quer falar de uma festa não usa a (palavra) festazinha, porque a festazinha é uma coisa que põe de parte”. (E1)

Exemplo 2: “Não, numa festa destas eu evito, contornando isto. Portanto qualquer festazinha, aliás festazinhas não existem, porque isto é depreciativo para mim, festazinhas. Ou é festa ou é um almoço, lanche ou um convívio, etc.”. (E7)

B.1.3 Diferença na linguagem

Exemplo 1: “Linguagem e tom de voz e de abordagem em si”. (E3)

Exemplo 2: “Pronto, não é nada o meu género, chegar ao pé da pessoa e então... Este tipo de discurso, de linguagem”. (E6)

B.1.4 Cenário b) inferioriza a pessoa

Exemplo 1: “Para mim, prefiro o cenário a), porque o cenário b) diminui. Diminuir-me-ia, porque coitadinha, deixa-te estar aí já não podes mais”. (E3)

Exemplo 2: “Chega ali alguém, leva aquilo, quer dizer talvez a pessoa se vá sentir mais diminuída, se realmente não está”. (E9)

B.1.5 Cenário b) exclui a pessoa

Exemplo 1: “Eu acho que uma pessoa que quer falar de uma festa não usa a (palavra) festazinha, porque a festazinha é uma coisa que se põe de parte”. (E1)

Exemplo 2: “Enquanto este (cenário b)), portanto... ficas aí, ficas à parte de toda a sociedade, de toda a comunidade”. (E3)

B.1.6 Cenário a) inclui a pessoa na festa

Exemplo 1: “Sim, enquanto que este (cenário a)) introduz e não me diminui em nada, antes pelo contrário, me chama à comunidade”. (E3)

B.1.7 Cenário b) é mais generoso

Exemplo 1: “Para mim esta é mais generosa. Não digo mais humana, mas é mais generosa. Qualquer uma delas. São um bocadinho distintas uma da outra. Uma vai convidar e a outra não. Mais generosa a última”. (E4)

Exemplo 2: “Porque a pessoa aqui, talvez por falar mais devagar e depois disponibiliza-se logo para ir buscar alguma coisa, e isso às vezes é muito importante”. (E10)

B.1.8 Cenário a) parece obrigar a pessoa a ir à mesa

Exemplo 1: “A primeira estava quase a obrigar a ir para a mesa e a outra não”. (E4)

B.1.9 Cenário b) é impositivo

Exemplo 1: “Eu preferia sempre esta resposta (cenário a)) e não esta (cenário b)), porque esta pessoa estava a intrometer-se numa coisa que me estava a obrigar a fazer”. (E6)

Exemplo 2: “Vai ali oferece a comida, e a pessoa pode ir por ela própria”. (E9)

B.1.10 Cenário b) é exuberante

Exemplo 1: “Há uma exuberância, assim de... de... (...) Uma fala muito alta, acho que é uma ostentação que não havia necessidade, em relação ao convite que me estava a fazer”. (E5)

B.1.11 Cenário b) infantiliza

Exemplo 1: “Por exemplo, fominha eu nem sei se diria isso para um bebé pequenino, em segundo, uma festazinha é uma coisa que não se usa, pronto não condiz com o vocabulário que agente usa”. (E1)

B.1.12 Cenário b) é depreciativo

Exemplo 1: “Sentia que ela estava a fazer... que estava-se a sentir superior, a achar que eu era uma coisa insignificante que estava ali, foi isso que eu achei”. (E6)

Exemplo 2: “Não, acho que é depreciativo e é inferiorizar as pessoas”. (E7)

B.1.13 Cenário b) transmite o sentimento de pena

Exemplo 1: “Trata-me como uma coitadinha. Pronto, entende?” (E2)

Exemplo 2: “Pois esta pessoa está a ser um bocadinho delicada para mim, esta acho que esteja a ser muito piedosa (cenário b))”. (E8)

B.1.14 Cenário b) estaria bem para uma pessoa incapacitada

Exemplo 1: “Pois, aí... Realmente, se é uma pessoa que está mesmo já bastante debilitada...”. “Para mim, graças a Deus, ainda não será preciso, mas sim para alguma pessoa que não se possa deslocar”. (E2)

Exemplo 2: “Por exemplo se estivesse numa cadeira de rodas ou que não me pudesse deslocar facilmente acho que esta era muito bem-vinda. Mas na minha situação felizmente, esta também está boa, e gosto mais desta (cenário a)) na minha situação. Pronto, esta (cenário b)) sim senhora se fosse uma pessoa debilitada, com dificuldade em se deslocar aceitaria a segunda também”. (E8)

B.1.15 Cenário b) estaria bem para uma pessoa incapacitada porém com alterações

Exemplo 1: “Com a maneira de falar alto, o vagaroso não concordo, com a ação de ir ter com a pessoa e levar-lhe sabendo que não se pode dirigir à mesa aí esta bem, mas fá-lo-ia de uma outra maneira”. (E3)

B.2 Reações aos cenários

B.2.1 Reação ao cenário a)

B.2.1.1 Reagia com educação

Exemplo 1: “Mas em relação à primeira era: Olhe não tenho vontade, ou estou um bocadinho indisposto mas assim que me passe a indisposição eu aceito”. (E5)

Exemplo 2: “Dizia “não muito obrigado”, tanto na maneira de conversar tento sempre ser o mais educado, foi o que me ensinaram, o mais correto possível para não ofender ninguém”. (E7)

B.2.1.2 Reagia com agrado

Exemplo 1: “Acho um gesto muito útil e generoso, e sinto-me um bocadinho, desculpe o termo, vaidoso por receber esse convite”. (E4)

Exemplo 2: “Foi simpática, foi agradável é sempre agradável um convite”. (E8)

B.2.2 Reação ao cenário b)

B.2.2.1 Reagia com agrado

Exemplo 1: “O convite é mais alargado, quanto a mim o convite é mais alargado. Qualquer um deles para mim, ficava orgulhoso. É bom sinal para mim, reconhecerem e convidarem”. (E4)

Exemplo 2: “Talvez achasse o cenário b) mais próximo da pessoa. Se eu fiquei é por qualquer motivo e não estou à vontade e esta está a ajudar-me. Vai-me pôr as coisas à frente”. (E10)

B.2.2.2 Reagia com educação mas não aceitava

Exemplo 1: “Quanto ao resto, já tinha dito que essa não me dizia nada, quer dizer, com muito respeito dizia: Não, olhe não me apetece, estou doente, estou chateado e não aceitava, mas também não tratava mal a pessoa, não é?”. (E5)

Exemplo 2: “Nesta segunda (cenário b)) eu diria logo à pessoa que agradeço a sua força de vontade de me vir ajudar mas que ainda consigo ir à mesa, agradeço e muito obrigada”. (E9)

B.2.2.3 Reagia mal/ Não respondia

Exemplo 1: “Porque ela estava-se a intrometer. Queria-me logo trazer comer, coma. A esta nem respondia...”. (E6)

Exemplo 2: “Se calhar era capaz de dizer alguma coisa que eles não gostavam”. (E7)

B.3 Cenário preferido

Cenário a)

Exemplo 1: “Para mim, prefiro o cenário a) (...)”. (E3)

Exemplo 2: “Como esta (cenário a))”. (E7)

Cenário b)

Exemplo 1: “Para mim esta é mais generosa. Não digo mais humana, mas é mais generosa. Qualquer uma delas. São um bocadinho distintas uma da outra. Uma vai convidar e a outra não. Mais generosa a última”. (E4)

Exemplo 2: “Parece-me que preferia esta, que reagia melhor a esta (cenário b))”. (E10)

B.4 Concordância com o cenário b)

Sim

Exemplo 1: “Concordo, porque não me fez mal nenhum. Aceito, aceito”. (E5)

Exemplo 2: “Concordo, qualquer um deles foi agradável, sim senhora concordo”. (E8)

Não

Exemplo 1: “Não, às vezes tem de se ser um bocadinho mais leve, não se pode pegar tão pesado”. (E2)

Exemplo 2: “Não, não estou de acordo com essa pessoa, usar a fominha e deixe-se estar aí, a festazinha, e tenha cuidado para não cair, para mim ela estava a tratar-me como uma pessoa inválida (...)”. (E3)

B.5 Cenário b) é discriminatório

Sim

Exemplo 1: “Sim. Em parte em dizer deixe-se estar aí sentadinha, porque tenha cuidado pode cair”. (E1)

Exemplo 2: “Eu não penso, tenho a certeza que é discriminatório”. (E7)

Não

Exemplo 1: “Ah, não. Não noto aqui discriminação, acho que o tom de voz é que é um bocadinho... não próprio para um convite para beber um copo de vinho ou beber uma bebida e comer qualquer coisa”. (E5)

Exemplo 2: “Por mim pessoalmente, eu não sentia isso como uma forma de discriminação e se eu fizesse isto diretamente a uma pessoa fazia-o com boa intenção não o fazia para discriminar a pessoa”. (E8)

B.6 Sentimentos face ao cenário b)

B.6.1 Sentimento de invalidez

Exemplo 1: “Sentia-me uma pessoa inválida. Eu sentia-me inválida mas com uma festazinha e fominha...” (E1)

Exemplo 2: “Ficava a pensar: Oh meu Deus mas já consideram que estou assim tão mal? Entende menina Ana, não é?” (E2)

B.6.2 Sentimento de tristeza e mágoa

Exemplo 1: “Sim, sim. Porque claro, se fosse como eu já estive, de não me poder mexer, não poder andar, mas agora como já me levantei um bocadinho talvez ficasse assim triste. Não dizia nada mas ficava um bocadinho magoada”. (E2)

Exemplo 2: “Podem magoar a pessoa, podem magoar a pessoa”. (E9)

B.6.3 Sentimento de generosidade

Exemplo 1: “Para mim esta é mais generosa. Não digo mais humana, mas é mais generosa. Qualquer uma delas. São um bocadinho distintas uma da outra. Uma vai convidar e a outra não. Mais generosa a última”. (E4)

Exemplo 2: “Talvez achasse o cenário b) mais próximo da pessoa. Se eu fiquei é por qualquer motivo e não estou à vontade e esta está a ajudar-me. Vai-me pôr as coisas à frente”. (E10)

C. Representações do Envelhecimento

C.1 Ser idoso

C.1.1 É saber viver e aceitar a idade

Exemplo 1: “Então, ser uma pessoa idosa acho que é uma virtude, ser idosa acho que a pessoa que, quando sabe viver a idade e enquanto se pode viver, também há coisas que surpreendem os idosos que eles não estão à espera...”. (E1)

Exemplo 2: “Não, tem de aceitar a velhice, como tudo tem de ser aceite. Tanta gente já passou por aquela fase...”. “Olhe eu não sei se isso idoso, se é considerar idoso mesmo. Eu acho que a idade está na cabeça das pessoas. A cabeça das pessoas é que manda, porque pode ter 20 anos ser velho, e pode ter 70 como eu e ser jovem”. (E6)

C.1.2 Não é ser coitadinho

Exemplo 1: “Exatamente, mas eu acho que ser idoso é uma virtude para a pessoa, porque agente ser idoso não é desprezo nenhum”. (E1)

Exemplo 2: “Porque o idoso não é o coitadinho que está num lar ou noutra sítio qualquer ou sozinho em casa”. (E2)

C.1.3 É positivo

Exemplo 1: “Para mim ser idoso é uma mais-valia”. (E3)

Exemplo 2: “É bom chegar a esta idade. É muito positivo, é muito positivo. A idade em que eu estou, acho que seja positivo a idade em que estou e ainda estar com as faculdades com que estou”. (E8)

C.1.4 É negativo

Exemplo 1: “Não, tenho que dizer que não. Não há duvida nenhuma, e Deus que me perdoe mas... está a ver, estou sozinho, todos os meus familiares e amigos não... tenho muita admiração, tenho muita estima, que eu fui viajante 50 anos mais uns meses mas eu... quer dizer... epá a idade pesa e eu já não tenho vontade própria para... “ai eu gostava de viver até aos 100 anos!”. Eu não, isso é um absurdo”. (E5)

C.1.5 É positivo quando não há incapacidades

Exemplo 1: “É muito bonito ser uma pessoa idosa, muito bonito. De uma vez que agente não esteja ali acamado muito tempo nem em grande sofrimento, de resto acho que ser idoso que é muito bonito, muito bonito, só o pior é quando há sofrimento”. (E2)

Exemplo 2: “Tem as duas vertentes, mas se a parte física não falhar muito, se não falhar muito é mais positivo do que negativo”. (E7)

C.1.6 É ter muita idade

Exemplo 1: “Porque normalmente agente encara uma pessoa idosa por ter muita idade (...) Ser idoso é ter idade”. (E4)

Exemplo 2: “Para mim é ter tanta idade, Deus assim quer”. (E5)

C.1.7 É ter experiência

Exemplo 1: “É aquele que tem uma experiência de vida, que se lhe derem oportunidade partilha com os outros mais novos, e os dons que tem, que toda a idade tem os seus dons, os dons que tem o idoso ele é para partilhar para comunicar para... Olha eu faço assim, se quiserem fazer assim, façam”. (E3)

Exemplo 2: “É uma pessoa válida como... Mais que alguns de 18 ou 20 anos. Tem mais prática na vida e é mais desenvolvido”. (E4)

C.1.8 Não é sinónimo de incapacidade

Exemplo 1: “Para a juventude ser idoso é ter já uma certa idade, mas o ser idoso não quer dizer que esteja incapacitado”. (E4)

C.1.9 É estar sozinho

Exemplo 1: “Não há duvida nenhuma, e Deus que me perdoe mas... está a ver, estou sozinho, todos os meus familiares e amigos não...”. (E5)

C.1.10 É já não ter vontade de viver

Exemplo 1: “É próprio de quem nasce, se nasceu tem de morrer. E eu tenho esperado tanto que chegue a minha hora e ela não aparece e eu vou-me contentando com o desejo de Nosso Senhor”. (E5)

C.1.11 É não ficar agarrado ao passado

Exemplo 1: “Por um lado é uma vantagem, aliás eu acho que é vantajoso sobretudo desde que a pessoa se sinta bem e tenha saúde e que realmente não seja retrógrado, não esteja sempre a pensar no passado: “Ai quem me dera ser nova”. Não, tem de aceitar a velhice, como tudo tem de ser aceite. Tanta gente já passou por aquela fase...”(E6)

C.1.12 Vai para além da idade cronológica

Exemplo 1: Eu não sinto que estou velha. Novo é aquilo que agente cá tem cá dentro”.
(E2)

Exemplo 2: “Eu acho que a idade está na cabeça das pessoas. A cabeça das pessoas é que manda, porque pode ter 20 anos ser velho, e pode ter 70 como eu e ser jovem”. (E6)

C.1.13 É ver as capacidades físicas diminuídas

Exemplo 1: “Claro que pesa um bocadinho na idade, a nossa movimentação, às vezes a expressão falada, o olhar, o cansaço, tudo se conjuga para... agente desejar: “tomara Deus que me levasse”. Já não há vontade própria para fazer qualquer coisa de útil, não digo à sociedade mas aqui podia ser prestável mas não tenho vontade própria”. (E5)

Exemplo 2: “Tem as duas partes, as duas vertentes. A partir... quando se chega, aos 65 não notei, não notei, mas a partir dos 70 a parte física, a parte física nota-se que há uma diferença. Nós pensamos que ainda somos jovens ou menos... ou mais velhos, ou mais idosos e que podemos ainda fazer aquilo que fazíamos à 20 ou à 30 ou 40 anos e quando chegamos à conclusão que temos que ter muito juizinho porque já não conseguimos fazer aquilo que fazíamos à 30 ou 40 anos”. (E7)

C.1.14 Associação à morte

Exemplo 1: “(...) mas está sempre aqui aquela coisinha: “quem escapa de novo, não escapa de velho”. (E4)

Exemplo 2: “Idoso obviamente é chegar longe, vão enfraquecendo e vão morrendo”. (E9)

C.2 Visão da população sobre as pessoas idosas

C.2.1 Visão positiva

Exemplo 1: “Para mim não há nenhuma animosidade, que as pessoas que me conhecem me revejam assim... que a minha idade seja exorbitante, aceitam e até: Epá quem me dera ter a sua idade. É engraçado, não mostram animosidade (...) Têm, têm. As pessoas ficam um bocado assim: “Também gostava de ter essa idade”, não há dúvida de que é positiva”. (E5)

Exemplo 2: “Quer dizer... Talvez mais para o positivo. Porque eles vêm em nós umas pessoas que já tiveram experiência, com quem podem aprender, quer dizer, salvo raras exceções, não é, que também acontece o contrário, mas eu daria uma nota positiva”. (E6)

C.2.2 Visão negativa

Exemplo 1: “Tenho ideia de que é negativa. Eu tenho sentido isso na pele”. (E3)

Exemplo 2: “Não, não é uma imagem positiva, antes pelo contrário, “os velhos””. (E7)

C.2.3 Situações de discriminação face a uma visão negativa do envelhecimento

C.2.3.1 Sim

Exemplo 1: ”Ah pois podem. Por exemplo para uma festa, por exemplo, vamos arranjar uma comissão, podem convidar uma pessoa ou outra já de idade que tenha mais capacidade, mais cultura... Mas muitos só reconhecem a idade, não reconhecem as capacidades”. (E4)

Exemplo 2: “Pois é capaz de haver quem o faça e quem o pense. Eu penso que há de tudo. Primeiro de tudo não se deve discriminar mas haverá quem discrimine quem goze com os idosos, isso há. Fazem troça deles que os gozam”. (E9)

C.2.3.2 Não

Exemplo 1: “Não é discriminar, é... É um desabafo que por vezes cai mal. Não que seja aquilo... não é rancor, não é aversão. Desabafar: “O que é que este gajo anda aqui a fazer? Olha, já viram este gajo, não faz nada, não trabalha, anda a comer à conta...””. (E5)

D. Intervenção no domínio do Idadismo

D.1 Intervenção para diminuir a discriminação face às pessoas idosas

D.1.1 Educação Formal

Exemplo 1: “Eu costumo dizer que a criança quando vai para a escola, para a primeira classe, não é só a lição de moral que os pais lhe dão, a lição da escola também conta muito, mas os pais não podem deixar as crianças na escola e não se preocuparem. A educação vem desde o berço”. (E4)

Exemplo 2: “A educação já vem de casa dos pais e depois porque é que os professores também na escola, bem não é bem a parte dos professores, na catequese. Na catequese, porque às vezes não é só falar de Jesus Cristo. Dos valores, e do respeito mas grande parte vem de casa”. (E9)

D.1.2 Educação informal

Exemplo 1: “Eu tenho a impressão de que vem dos pais, da família, e depois também de... alguns ainda estão incluídos nalguns movimentos. Portanto, esses movimentos que deviam levar a... e sobretudo as famílias”. (E3)

Exemplo 2: “Isso há uma parte de casa, pronto os meus filhos eu sempre os ensinei desde pequeninos que não se goza ninguém que quem tem telhados de vidro não jogue pedra, isto era uma expressão dantes, e é uma coisa que sempre os ensinei desde pequeninos não gozar, sobretudo um aleijado, os garotos são mauzinhos... Eu acho que essa parte já vem de casa”. (E9)

D.1.3 Promover encontros intergeracionais

Exemplo 1: “Há uma coisa que era... Eu já ouvi alguém (não se percebe) começar a haver uma interação entre as escolas básicas e as universidades da terceira idade, era essencial”. (E7)

D.1.4 A pessoa idosa chamar a atenção da pessoa que discrimina

Exemplo 1: “Chamava aquelas pessoas à atenção: “Eu tenho esta idade e tu, se tratar a pessoa por tu, tu quando chegares à minha idade vais ver se gostas ou se não gostas de ouvir o que estás a dirigir hoje”. Não é? Acho que é chamar à atenção. O melhor é chamar a atenção para pôr as pessoas no papel de uma pessoa de mais idade. Lá chegarás”. (E8)

D.1.5 Saber colocarmo-nos no lugar da outra pessoa

Exemplo 1: “Os filhos a primeira coisa que têm de pensar é assim: “É para lá que eu caminho, e se é para lá que eu caminho, eu quero que os meus pais tenham aquilo que eu exijo um dia quando tiver a idade deles”. (E1)

Exemplo 2: “Por vezes fazem- se coisas inconscientemente que as pessoas não estão, eu digo esta frase muita vez, nós julgamo-nos todos uns aos outros, não temos o direito de o fazer mas todos o fazemos, inconscientemente nós o fazemos, mas se nós nos formos pôr no lugar da pessoa que estamos a julgar, já vamos julgar de outra forma, temos primeiro de nos pôr no lugar delas”. (E9)

D.1.6 Mudar o funcionamento dos lares de terceira idade

Exemplo 1: “Eu continuo a pensar que o fator mais importante é evitar os armazéns. Que os lares não se tornassem tanto num armazém de velharias. Pronto, que os lares tivessem um funcionamento diferente, para aqueles que podem, não é agora vai para lá um de cadeira de rodas ou está acamado... mas vai para lá gente, pronto que os filhos estão longe, por várias situações, mas ainda são bastante ativas mas deixaram a cabeça ir para baixo, e sabe que a cabeça quando vai para baixo devia haver um estímulo nesses lugares para puxar a cabeça para cima”. (E10)

D.1.7 Não há nada a fazer

Exemplo 1: “Sobre essas coisas onde eu quero chegar, que já percebeu com certeza, não há nada a fazer, aquilo são coisas que nascem com a pessoa”. (E1)

Exemplo 2: “É difícil de responder. Pela simples questão, é que eles já são homens. São pessoas já duma certa idade não é? Eu para mim os 50 não é nada nem os 60. Mas o que é que se vai fazer diga-me lá? Por vezes é uma falta de educação outra vez também é os estudos, muitos nem têm a escola, as primeiras letras. E agente fica assim a olhar: “Opa está calado que tu não sabes se chegas lá, aos 92 anos.” E agente contrabalança assim um bocadinho... e eles acabam, começam: “Epá estava a brincar.” É assim. O que é que vamos fazer? (...) Não. Não. Não vejo que seja uma ofensa”. (E5)

Anexos

Anexo 1 - Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia – Artigo 21.º

Artigo 21.º

Não discriminação

1. É proibida a discriminação em razão, designadamente, do sexo, raça, cor ou origem étnica ou social, características genéticas, língua, religião ou convicções, opiniões políticas ou outras, pertença a uma minoria nacional, riqueza, nascimento, deficiência, idade ou orientação sexual.

Anexo 2 - Constituição Portuguesa – Artigo 13.º

Artigo 13.º

Princípio da igualdade

1. Todos os cidadãos têm a mesma dignidade social e são iguais perante a lei.
2. Ninguém pode ser privilegiado, beneficiado, prejudicado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão de ascendência, sexo, raça, língua, território de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação económica, condição social ou orientação sexual.

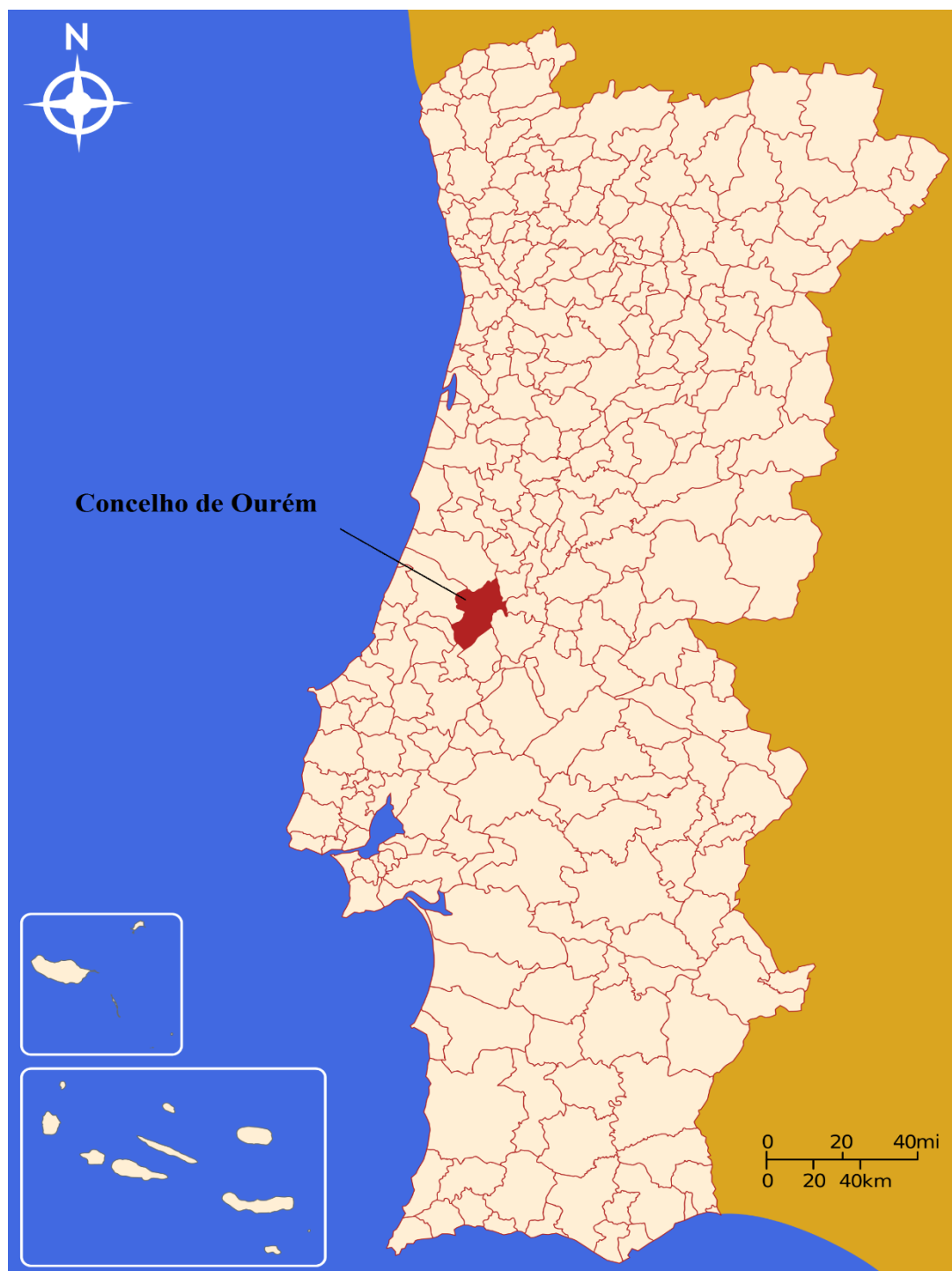
Anexo 3 - Princípios das Nações Unidas para as Pessoas Idosas – Princípio da Dignidade

Dignidade

17. Os idosos devem ter a possibilidade de viver com dignidade e segurança, sem serem explorados ou maltratados física ou mentalmente.

18. Os idosos devem ser tratados de forma justa, independentemente da sua idade, género, origem racial ou étnica, deficiência ou outra condição, e ser valorizados independentemente da sua contribuição económica.

Anexo 4 - Localização do Concelho de Ourém



Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/c/c3/LocalVilaNovaDeOurem.svg/2000px-LocalVilaNovaDeOurem.svg.png>

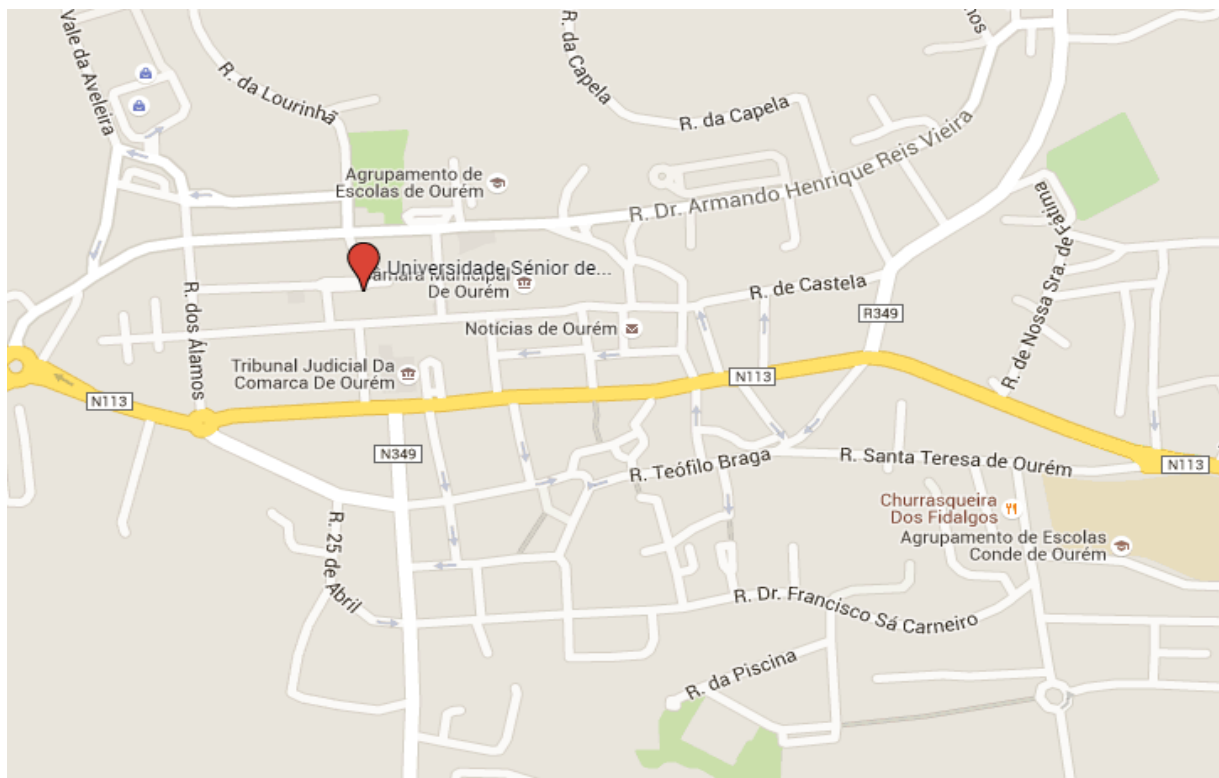
Anexo 5 - Localização e imagem do CAI

Fonte: Google Maps



Fonte: <http://bidaempresa.pt/uploads/empresas/413/0a9ad86fc185e057d827e38652a89dc392ae7472.jpg>

Anexo 6 – Localização e imagem da USO



Fonte: Google Maps



Fonte: https://1.bp.blogspot.com/-Vi_sNL9VOa4/Vr8zd6KzZdI/AAAAAAAAAAw/pJC_rEp2-Cw/s1600/fotos%2Bat%25C3%25A9%2B15-10-2015%2B001.JPG

Anexo 7 - Horário das aulas do ano letivo 2015-2016 USO

HORAS	SEGUNDA	TERÇA			QUARTA		QUINTA	SEXTA	
10H	Culinária (Prof. Emília Braçal) (10.30-12.00) (15 em 15)	História da Arte (Prof. José Sousa Dias)			Atividade Física (Prof. Suse) (10.30-11.15)		Inglês I (Prof. Célia) (10.15)	Espanhol (Prof. Ana Maria)	
11H		Danças Latino Americanas (Prof. José Sousa Dias)			Atividade Física (11.15-12.00)	Informática (Prof. Rui Ramos) (11.30)			
14H		Temas da Cultura Europeia (Prof. Manuel Castelão)			Oficina de Desenho (Prof. Luís Gonçalves)		Artes – Bordados (14h30) (Prof. Balbina)		
15H	História de Ourém (Prof. José N. Sousa) (15 em 15)	História de Portugal (Prof. Albuquerque)			Cuidados de Saúde (Dr. Joaquim) (15 em 15)	Psico-Educação e Desenvolvimento Pessoal (Dr.ª M.ª Helena Carço) (15 em 15)	Português (16h) (Prof. Arminda)	Xadrez (Prof. Câmara)	Pétanca (Prof. Leonel)
16H	Nutricionismo (Prof. Laura)	Inglês II (Prof. Teresa)			Cidadania (Prof. Sérgio Ribeiro)		Artes – Decorativas (Prof. Balbina) (16h30)	Informática (Prof.ª João Pereira)	
17H	Informática (Prof. José Alves)	Danças Criativas (Prof. Sandra)	Literatura Portuguesa Séc. XIX (Prof. Teresa)	Produção e Sanidade Animal (Prof. Castanheira)	Oficina de Leitura e Escrita (Prof. Sérgio Ribeiro)		História das Grandes Religiões (Prof. António R. Batista)		
18H	Música Popular e Instrumental (17.30) (15 em 15)	Danças Regionais (15 em 15)					Informática (Prof. José Lopes)		
19H							Declamação e Teatro (Prof. Jorge)		